

FRANKLIN CASCAES

O fantástico na Ilha
de Santa Catarina

O FANTÁSTICO NA ILHA DE
SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitora

Roselane Neckel

Vice-Reitora

Lúcia Helena Martins Pacheco

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

Fábio Lopes da Silva

Conselho Editorial

Fábio Lopes da Silva (Presidente)

Ana Lize Brancher

Andreia Guerini

Clélia Maria Lima de Mello e Campigotto

Fernando Jacques Althoff

Ida Mara Freire

João Luiz Dornelles Bastos

Luis Alberto Gómez

Marilda Aparecida de Oliveira Effting

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

editora@editora.ufsc.br

www.editora.ufsc.br

Franklin Cascaes

O FANTÁSTICO NA ILHA DE SANTA CATARINA

Estabelecimento do texto e
elaboração do glossário por
Oswaldo Antônio Furlan

1ª edição
2ª reimpressão

 editora **ufsc**

2015

© 2012 Universidade Federal de Santa Catarina

Coordenação editorial:

Paulo Roberto da Silva

Editoração:

Fernanda do Canto

Paulo Roberto da Silva

Capa:

Maria Lúcia Iaczynski

Revisão:

Letícia Tambosi

Desenhos do artista Franklin Joaquim Cascaes, pertencentes à “Coleção Elizabeth Pavan Cascaes” – Acervo do Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral/UFSC.

Ficha Catalográfica

(Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina)

C336f Cascaes, Franklin

O fantástico na Ilha de Santa Catarina / Franklin Cascaes.

– Florianópolis : Ed. da UFSC, 2015.

272 p. – (Col. Repertório)

1. Bruxismo. 2. Folclore – Santa Catarina. 3. Santa Catarina

– Folclore. I. Título.

CDU: 398.47(816.406.02:210.7)

ISBN 978-85-328-0607-9



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

br.creativecommons.org



SUMÁRIO

O texto, sua linguagem e o glossário – *Oswaldo*

Antônio Furlan 7

Narrativas

1	Eleição bruxólica.	21
2	Congresso bruxólico.	31
3	Balanço bruxólico.	43
4	Mulheres bruxas atacam cavalos	55
5	Baile de bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria.	67
6	Estado fadórico das mulheres bruxas	77
7	Vassoura bruxólica.	85
8	Orquestra selenita bruxólica.	89
9	Bruxas roubam lancha baleeira de um pescador . .	97
10	Lamparina e catuto em metamorfose	105
11	Bruxas atacam pescador	111
12	Bruxa rouba meio alqueire feito armadilha para apanhá-la	117
13	Bruxas gêmeas	125
14	Armadilha feita com pilão de chumbar café para apanhar bruxas	133
15	Balé de mulheres bruxas	149

16	Bruxa metamorfoseou o sapato do Sabiano	157
17	Bruxas metamorfoseadas em bois	169
18	Armadilhas para apanhar bruxas. Pais em vigília	179
19	As bruxas e o noivo	187
20	A bruxa mamãe.	197
21	Reumatismo bruxólico	205
22	Três bruxas viraram galinhas brancas	211
23	Madame bruxólica e o saci-pererê	217
24	Velha bruxa-chefe	225
	Glossário	229
	Anexo A	269
	Anexo B	271



O TEXTO, SUA LINGUAGEM E O GLOSSÁRIO

Oswaldo Antônio Furlan

Como se enquadram as 24 narrativas de Franklin Joaquim Cascaes no contexto dos estudos da linguagem popular açoriano-catarinense? Quais as características dessa linguagem nas 24 narrativas? Na presente versão, quais os critérios adotados pelo revisor para o estabelecimento do texto das narrativas e a elaboração do seu glossário?

1 AS NARRATIVAS DE CASCAES NO CONTEXTO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM POPULAR AÇORIANO-CATARINENSE

1) Os 6.071 imigrados do Arquipélago dos Açores e da Madeira para o Sul do Brasil entre 1748 e 1756 estabeleceram-se predominantemente na Ilha de Santa Catarina e em sua faixa litorânea continental fronteiriça, área na qual Franklin Cascaes coletou seus dados culturais.¹ Depois os imigrados e seus descendentes expandiram-se para toda a faixa litorânea central do estado. O contato, sobretudo via marítima, com gente de outras regiões do país, levou-os a abraçarem amplamente sua cultura. Mas, ainda hoje, os nativos dessa área apresentam traços culturais (em especial linguísticos) que são diferentes dos traços das regiões circunvizinhas e que devem ser creditados

¹ Contingente estabelecido por PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Lunardelli, 1983, p. 151.

aos açorianos. Os estudos científicos do falar açoriano-catarinense são recentes, incipientes e limitados quase só à faixa sociolinguística dos falantes pouco ou nada escolarizados.²

² Estudo pioneiro foi o de Oswaldo Antônio Furlan, cujas pesquisas foram relatadas em *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*, Ed. da UFSC, 1989, 241 p., bem como numa dezena de ensaios publicados por ele: **1) Na Europa:** a) Subsistência luso-açoriana no falar catarinense. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Angra do Heroísmo, Açores, Portugal, 1982, v. 40, p. 629-645. – b) Surpresas fônicas no açoriano (Portugal) e no açoriano-catarinense (Brasil). *Revue de Phonétique Appliquée*, Mons, Belgique, 1989, n. 91, 92, 93, p. 227-233. – c) Influência açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina. *Insulana*, Ponta Delgada, Açores, Portugal, v. 45, 1989. Sep. 1990, 32 p. – d) Atlas linguístico da Região Sul do Brasil permite corrigir verbetes de açorianismos nos dicionários. *Insulana*, Ponta Delgada, Açores, Portugal, v. 50, n. 2, p. 431-441, 1995. **2) No Brasil:** a) A questionada influência açoriana no Sul do Brasil. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUC/RS, v. 72, p. 84-96, jun. 1988. – b) Vertentes étnico-históricas do atual português dos catarinenses de ascendência luso-açoriana. In: SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS, 2., Florianópolis, UFSC, jul. 1987. *Anais...*, Florianópolis, UFSC, 1989, p. 74-95. – c) Influência açoriana no léxico de Santa Catarina (Brasil): nomes comuns, antropônimos e topônimos. *Anais do Museu de Antropologia*, UFSC, Florianópolis, n. 19, v. 87/88, 1992, p. 133-166. – d) Aspectos da influência açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina. In: PEREIRA, Cilene da Cunha. *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, p. 165-186. De interesse, pelo rigor científico, é a obra de Cleo Vilson Altenhofen et al. (Org.), *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS, Ed. da UFRGS e UFSC, volumes 1 e 2, 2011, respectivamente 505 e 954 p., cuja equipe este revisor integrou. Essa obra confirmou alguns dos traços linguísticos que este havia registrado no falar dos moradores da faixa litorânea de Santa Catarina, entre Laguna e Piçarras. Depois, uma dissertação de mestrado estudou a pronúncia deles; outra, suas formas de tratamento pessoal. Surgiram também dois minidicionários: o de Fernando Alexandre, *Dicionário da Ilha: falar & falares da Ilha de Santa Catarina*, Florianópolis, Ed. Cobra Coralina, 1994, 144 p.; e o de Isaque de Borba Corrêa, *Dicionário catarinense: tratado de dialetologia, falares e expressões idiomáticas...*, Florianópolis, Diário Catarinense e Editora Insular, 2000, 200 p.

2) Quais os fatores das referidas peculiaridades culturais açoriano-catarinenses? O principal de todos os fatores foi o isolamento sociocultural dos povoadores, que propiciou a preservação de traços culturais antigos, tanto continentais quanto ilhéus. Assim:

- a) para comunicar-se, os povoadores das nove ilhas do Arquipélago dos Açores, advindos desde 1439 de todos os quadrantes de Portugal continental e depois acrescidos de pequeno contingente de belgas, tiveram que vencer, via marítima, grandes distâncias entre elas e o continente;
- b) o povoamento do litoral da então Província de Santa Catarina foi iniciado em 1658 por isolados moradores da Vila de São Vicente, no litoral paulista, então ainda conservadores de antigos traços culturais de Portugal continental;
- c) era de apenas 4.197 o contingente dos habitantes da distante Província de Santa Catarina e, talvez, menos de mil deles na área da Ilha e do continente fronteiriço, quando a eles se acrescentaram os 6.071 açoriano-madeirenses de 1748-1756;
- d) a comunicação linguística entre falantes de comunidades diferentes sofreu as restrições inerentes às limitações dos meios de transporte e de comunicação de massa.

3) Qual a natureza da pesquisa de Franklin Cascaes? Ao longo de sua vida (1908-1983), antes, pois, do explosivo aumento demográfico e turístico do litoral catarinense, exerceu funções do cotidiano em pequenas comunidades dedicadas à pesca e à agricultura artesanal e sobressaiu como artífice de objetos pesqueiros, plasmador de imagens e desenhista, atividades que ele aprimorou como professor da Escola de Aprendizes de Artífices de Santa Catarina e como funcionário do Museu de Antropologia da UFSC. Por sete décadas, ele observou e

registrou os traços culturais (sociais, linguísticos, religiosos, fantasmagóricos, míticos...) da sociedade do seu ambiente social.

4) Que fatos culturais relata Cascaes nas 24 narrativas da presente coletânea? Nessas narrativas, escritas entre 1946 e 1975, reproduz traços do inconsciente popular na área da fantasmagoria, relatando casos dramáticos de crenças em boitatás, lobisomens, negrinho do pastoreio e saci-pererê, mas sobretudo em bruxas, a cujos malefícios os grupos sociais incultos de muitas gerações debitaram a agressividade de fenômenos naturais, deficiências na área da saúde e anomalias hereditárias. Para os relatos, Cascaes se vale amplamente de diálogos travados entre falantes analfabetos ou semialfabetizados do século XX. Ele se empenhou por reproduzir os principais traços típicos do falar dos açoriano-catarinenses então nascidos na Ilha: fonéticos, morfossintáticos e lexicossemânticos. Nesse gênero ele foi pioneiro e alcançou sucesso, como evidencia o significativo número de edições da obra.

5) Qual a metodologia e os recursos usados por Franklin Cascaes na coleta do material, na sua interpretação e na reprodução dos resultados? Nas narrativas desta coletânea ele nada revelou. Nelas, pelo menos não se valeu de recursos fonografemáticos que exorbitassem do âmbito do alfabeto da língua portuguesa; em especial, não revelou conhecer o Alfabeto Fonético Internacional. Como se pode verificar no Museu de Antropologia da UFSC, as narrativas ele as escreveu em folhas de numerosos cadernos, a lápis, com muitas rasuras e traços remissivos. Depois confiou o texto à digitação da secretária do museu, cuja leitura ouviu. Os textos a serem editados foram revistos por um aluno de Sociologia e por um consultor da Editora da UFSC, que não revelaram os critérios que adotaram para revisá-los. Por isso, hoje se torna difícil determinar qual dessas versões recebeu o aval final do autor e qual o grau de fidelidade da versão atual à intencionada por ele. Para novos

retoques, mais uma chance se perdeu em 2012, pelo fato de a consulta aos manuscritos originais conservados no Museu ter sido inviabilizada.

Os textos revelam que Cascaes foi observador atento da cultura popular de sua gente. Ele soube tratá-la com criatividade e esmero e produziu textos portadores de traços sociológicos, linguísticos e literários de grande interesse e capazes de cativar o leitor.

2 CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM POPULAR NAS 24 NARRATIVAS

Em mais de 50% da extensão dos textos das 24 narrativas escritas entre 1946 e 1975, o narrador Cascaes fez uso da variante padrão da língua portuguesa, com recurso abundante de termos técnicos de vertente grega, latina, árabe, bem como de línguas africanas e indígenas brasileiras. Nos outros quase 50%, ele buscou reproduzir o falar de populares não escolarizados da Ilha de Santa Catarina e da sua faixa litorânea continental fronteiriça, cujos traços característicos principais são estes:

1) Traços comuns a outros falares brasileiros, resultantes, quase todos, da tendência universal à economia de esforço do aparelho fonador no ato comunicativo:

- a) monotongação vocálica: *caxa* ‘caixa’; *quejo* ‘queijo’; *contê* ‘contei’; *Oropa* ‘Europa’; *otro* ‘outro’; *munto* ‘muito’; *colidade* ‘qualidade’; *maliça* ‘malícia’; *o, mo, to, so* ‘eu, meu, teu, seu’;
- b) supressão de fonemas: *pra* ‘para’; *pro* ‘para o’; *ofrecê* ‘oferecer’; *c’o* ‘com o’; *qu’o* ‘que eu’; *’tá* ‘estar’; *pra mo’de* ‘para modo de’;
- c) busca da sílaba aberta, terminada, pois, em vogal: *fazê* ‘fazer’; *drumi* ‘dormir’; *vremeio* ‘vermelho’; *vredade* ‘verdade’; *açucré* ‘açúcar’; *proque* ‘porque’; *mecê* ‘mercê’; *adimito* ‘admito’; *adevogado* ‘advogado’; *memo* ‘mesmo’; *fáripa* ‘farpa’;

- d) paroxítonização de proparoxítonas: *xicra* ‘xícara’; *cambra* ‘câmara’; *espírito* ‘espírito’; *ubre* ‘úbere’; *quilombro* ‘quilômetro’; *píla* ‘pílula’; *estamo* ‘estômago’;
- e) realização da palatal [λ], ortografada -lh-, como semivogal [j], iodização: *aio* ‘alho’; *aparvaiado* ‘aparvalhado’; *veiacó* ‘velhaco’, *veio* ‘velho’; *vasiia* ‘vailha’; *moia* ‘molha’; *orguio* ‘orgulho’;
- f) desnasalização das vogais e ditongos átonos finais de palavra: *tinha* ‘tinham’; *tivero* ‘tiveram’; *onte* ‘ontem’; *orfo* ‘órfão’;
- g) assimilação vocálica de várias espécies: *diente* ‘diante’; *tombém* ‘também’; *Sarafim* ‘Serafim’; *sará* ‘será’; *antão* ‘então’; *aminhê* < aminhá < ‘amanhã’; *tistimunha* ‘testemunha’; *istuque* ‘estruque’;
- h) dissimilação vocálica de várias espécies: *murrê* ‘morrer’; *qui nem* ‘que nem’; *sumana* ‘semana’;
- i) permuta entre /l/ e /r/ (lambdacismo e rotacização, respectivamente): *acarmá* ‘acalmar’; *discarço* ‘descalço’; *humirde* ‘humilde’; *sipurtura* ‘sepultura’;
- j) aplicação do morfema pluralizador apenas ao(s) primeiro(s) componente(s) do sintagma nominal: *nas reunião c’as inleição bruxólica*; *uns home rico*; *uns home tão bom*. Note-se bem que o traço sonoro do fonema inicial da palavra subsequente favorece a emissão do morfema pluralizador -s: *pras otras banda*.

2) Traços comuns a outros falares brasileiros, resultantes da tendência universal à necessidade de clareza para o falante fazer-se entender:

- a) realce, mediante nasalização, da sílaba inicial átona constituída de uma só vogal, precedida ou não de consoante: *ansim* ‘assim’; *inté* ‘até’; *inlegê* ‘eleger’; *inziste* ‘existe’; *inzemplo* ‘exemplo’; *inguale* ‘igual’; *vancê* ‘você’;

b) talvez a mesma razão explique a prótese da vogal *a*- em palavras iniciadas por /r/ ou /s/ seguidas de vogal átona: *arretirá* ‘retirar’; *arrespeitá* ‘respeitar’; *arrecebê* ‘receber’; *assupará* ‘separar’.

3) Traços a serem creditados à presença luso-açoriana no litoral catarinense:

a) pronúncia palatal [ʃ] e [ʒ] de /s/ e /z/ respectivamente em final de sílaba ante consoante oclusiva e ante pausa: [ˈfɨʒga] ‘fisga’; [ˈkuʃtu] ‘custo’; [ˈdɨʃ] ‘diz’; [ˈvɛʃ] ‘vês, vez’; [ˈmaʃ] ‘mas’; [muˈariʃ, kavaˈlariʃ, kaˈprinuʃ] ‘muares, cavaleiros, caprinos’ – com absorção do iode precedente à palatal: [ˈmaʃ] ‘mais’; [ˈrɛʃ] ‘réis’; [ˈsɛʃ] ‘seis’; [ˈdoʃ] ‘dois’; [aˈzuʃ] ‘azuis’ [poˈsiveʃ] ‘possíveis’;

b) a epêntese da sibilante grafada -s-, realizada como alveopalatal sonora, nas palavras *isgreja* por *igreja* e *isgual* por *igual*, ainda muito usuais na fala popular dos nativos açoriano-catarinenses, pode resultar da necessidade de o falante salientar a sílaba formada de uma só vogal átona, no caso *i*-, à semelhança do que ocorre com a nasalização dele em *inlustre* por *ilustre*, *inlegê* por *eleger*;

c) apoio paragógico de [i] – na fala atual parece predominar [e] – a oxítonos terminados em /l, r, s, z/, predominantemente ante pausa: *male* ‘mal’; *fele* ‘fel’; *sole* ‘sol’; *sule* ‘sul’; *azule* ‘azul’; – *mare* ‘mar’; *dore* ‘dor’; – *magi* ‘mas’; *fage* ‘faz’; *dige* ‘dize’;

d) formas de tratamento pessoal: nas narrativas predominam as reverenciais *o senhor, vossa mercê*:

i) *a licença, vossa mecê tem toda; vossa mecê acardita memo de vredade?; peço licença a vossa mecê; vossa mecê me adescurpe; si máli não le prigunto;*

ii) *Cumpadre Manuéli, a sua conversa ’tá munto certa, eu acardito munto no que o sinhôri diz da boca pra fora. Agora vô pidi licença pra vossa mecê. O sinhôri dexa eu passá o facão naquele mardito balanço?* (narrativa 3).

Mas, no tratamento de igual para igual, usa-se o pronome tu (tuteamento), com a forma verbal correspondente, fenômeno predominante hoje, como atesta o *shibolet*: *Se queres, queres; se não queres, dize*.

- i) – *E tu, primo Gabriéli, com' é que vági passando?*
– *Vô indo bem, vô indo bem, ansim como Deus é servido.*
– *Andas passiano pel' aí ou andas a negoço?*
– *Primo! Entra pra dentro, home* (narrativa 4).

ii) – *Esta tua ermã 'ta'í que ti diga* (narrativa 5).

4) Mas Cascaes:

- a) nem sequer aludiu: à pronúncia fricativa dorsovelar do /r/ múltiplo, como em *carro, roda, guelra, honra*; à rapidez de ritmo, resultante da forte tendência ao menor esforço prosódico e de concomitantes elisões; ao desenvolvimento de iode após consoante oclusiva subsequente ao ditongo formado de vogal e iode, como em [ˈgajtja] ‘gaita’; [ˈlejtje] ‘leite’; [ˈpejdju] ‘peido’; [ˈojtju] ‘oito’; [ˈmujtju] ‘muito’; à entonação ascendente das afirmações enfáticas: *oia! oia! oia!* ‘olha! olha! olha!’; a açorianismos lexicais, como *guexa* ‘égua, potranca’;
- b) não sinalizou a pronúncia palatoalveolar (chiada) do /S/ final de sílaba (*vespa, nesga, isca, físga*) ou ante pausa (*faz, vez, diz, luz, aves, possíveis*); senão de passagem, ao grafar com -x as palavras *muárix, cavalárix, caprínux*, ‘muares, cavaleares, caprinos’ (narrativa 4).

3 CRITÉRIOS ADOTADOS NO ESTABELECIMENTO DO TEXTO E NA ELABORAÇÃO DO GLOSSÁRIO

1) Em setembro de 1990, Gelci José Coelho, do Museu de Antropologia, me pediu que fizesse a revisão do 2º volume das

então ainda inéditas narrativas 13 a 24 do presente volume, tarefa que me levou à leitura das narrativas 1 a 12, editadas no 1º volume. No texto deste, publicado em 1979, 1983 e 1989, constatei que ocorreram não poucas incoerências e equívocos, que procurei evitar na revisão que dele fiz em 2003 a convite do diretor da Editora da UFSC, professor Alcides Buss. A revisão do 2º e do 1º volume (1990 e 2003, respectivamente), a fiz graciosamente e ainda sem a disponibilidade dos recursos de informatização depois divulgados. O caráter manual do trabalho de então, o intervalo de 13 anos que mediou a revisão das duas coletâneas e o empenho por fidelidade aos textos manuscritos não conseguiram evitar outras incoerências e imperfeições, que me propus evitar na presente versão.

2) Em novembro de 2011, o editor, referindo o projeto de enfeixar as duas coletâneas num só volume, convidou-me a fazer revisão delas, tarefa que se apresentou volumosa e árdua, sobretudo porque impunha:

- a) submeter o texto às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, do Decreto 6.583/2008, com implementação determinada para 2009-2012;
- b) buscar o máximo de coerência na expressão ortográfica das variantes fonéticas das dezenas de falantes nada escolarizados das narrativas e distingui-las nitidamente da variante padrão;
- c) otimizar o glossário, dando-lhe tratamento que satisfizesse às necessidades básicas do leitor do ensino médio.

3) A inviabilização do acesso a dados originais (gravações e/ou manuscritos) do texto das narrativas repetiu problemas antigos.

4) O princípio básico adotado, sobretudo para as passagens mais complexas, foi o de manter o máximo de fidelidade à versão original do autor, presumida nas edições mais antigas: de 1983,

para as narrativas 1 a 12; de 1992, para as narrativas 13 a 24. Mas procurou-se minimizar o grande volume de incoerências fonéticas e/ou gramaticais ocorrentes no limite de cada narrativa ou no discurso de cada personagem, para o que se adotaram estes princípios pontuais:

- a) distinguir entre a variante padrão, adotada, em geral, pelo autor-narrador, e a variante regional das personagens não escolarizadas, embora, no discurso, algumas destas façam incursões na variante culta;
- b) para minimizar as incoerências fonéticas e gramaticais, não fazer alterações senão no âmbito de uma mesma narrativa ou do discurso de cada personagem;
- c) registrar a supressão de fonemas entre palavras, visando resgatar os morfemas componentes delas, como em: *c'ó* 'com o'; *pra mo'de* 'para modo de'.

5) Relativamente à edição de 1983, das narrativas 1 a 12, eis os princípios ortográficos seguidos na presente versão:

- a) suprimiu-se o -h- usado no sistema ortográfico foneticista (séc. XII a XVI) para separar as vogais em hiato: *paia, foia, fio*, não *pahia, fohia, fhio* 'palha, folha, filho';
- b) na transcrição das formas populares, aplicaram-se as normas da acentuação gráfica vigentes para a variante padrão (*capitáli, mári, fêgi* 'capital, mar, fez') e buscou-se preservar, o quanto possível, os grafemas da forma padrão: *porsive*, não *porcive* 'possível'; *porcissão*, não *porcição* 'procissão'. Mas substituiu-se por -z- o grafema -x- subsequente a sílabas constituídas de simples vogal, nasalizada ou não: *inzemplo, inzato, inzistir, inzigi* 'exemplo, exato, existir, exigir';
- c) resgatou-se a estrutura morfológica vigente ao grafar 'em riba, que nem, pra mo'de' em vez de *inriba, quiném, pra móde*;

- d) substituiu-se a forma ditongada dialetal brasileira *nóis* por *nós* porque: a) esta é a forma típica e predominante do falar açoriano-catarinense; b) a fricativação palatoalveolar do /S/ final de sílaba absorve o iode precedente, conforme referido acima;
- e) manteve-se a forma *Noelo* por *Noé*, por constar num manuscrito.

6) Para a *Ilha de Santa Catarina* (de Alexandria), manteve-se o topônimo *Ilha de Nossa Senhora do Desterro*, embora o topônimo *Nossa Senhora do Desterro* tenha denominado, desde o seu descobrimento, apenas a capital do estado, denominação que foi substituída pela de *Florianópolis* em 1894. Razões para tal procedimento: a) esse topônimo religioso ocorre ao menos 12 vezes; b) ele exprime a crença do autor de que a padroeira da paróquia da catedral metropolitana – *Nossa Senhora do Desterro* para o Egito – protegeria a Ilha inteira; c) Cascaes certamente repudiava a substituição do secular nome da capital – de vertente bíblica e muito significativo para a tradição cristã do ilhéu – pelo nome de um militar que, por questões políticas, fez fuzilar, na Ilha de Anhatomirim, mais de cem ilustres desterrenses no final do século XIX; tanto é assim que o topônimo *Florianópolis* não aparece nenhuma vez nas 24 narrativas.

7) Para designar as narrativas fantasiosas dos ilhéus, o revisor não adotou o termo *história*, usado pelos historiadores para traduzir o conceito de ciência e narrativa metódica dos fatos notáveis da humanidade, mas *estória*, termo que não encontra restrições em Houaiss e consta no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia Brasileira de Letras e que verte do inglês *story* ‘narrativa, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir’. Ademais, por que a língua haveria de traduzir pelo mesmo lexema dois conceitos essencialmente diferentes?

Para os resultados desta revisão foram de grande valia sugestões decorrentes da leitura crítica da obra feita por Letícia Tambosi, revisora da EdUFSC, e a leitura crítica do texto introdutório e do glossário pelo professor Felício Wessling Margotti, Professor Titular do Departamento de Comunicação e Expressão da UFSC, pelo que merecem cordial agradecimento.



NARRATIVAS



Eleição bruxólica (1970)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 48,5 x 65,7 cm

Eleição bruxólica

[1955]

A imortal madame Tradição é, no meu entender, um monumento de belezas que o homem errante, habitante do globo terráqueo, guarda carinhosamente nos baús do seu pensamento e, na maioria das vezes, oferece por via oral aos descendentes, imortalizando-a.

A cultura popular dos povos é uma verdadeira joia preciosa. A Ilha de Santa Catarina é um autêntico e vivo relicário da cultura popular tradicional re florida. [Esta foi] colonizada, a partir do ano de 1748 [até 1756], por colonos açorianos que habitavam aquelas ilhotas que vivem bem lá em riba da careca do oceano, açoitados diariamente pelas ondas bravias encarneiradas do mar e pelas bocas infernais de vulcões seculares que vomitam fogo e gemem furor incontido sobre as pobres populações [do Arquipélago dos Açores]. Seu povo é mesclado, inteligente, audacioso, de espírito arguto e, sobretudo, religioso e arraigado em credices mitológicas.

Grande parte dos descendentes desse povo nobre e ordeiro habita a Ilha de Santa Catarina, [cuja capital foi chamada, até 1894] Nossa Senhora do Desterro, e [a faixa continental litorânea] do estado de Santa Catarina de Alexandria, onde vivem, em seu ambiente cultural, estórias como a que vou narrar.

• • •

Numa tarde de vento sul muito agitado, o Serafim Calimeiro encontrou-se com o Vicente Laureano, que estava sentado em riba de um banco de madeira, debaixo de um ipê coberto de flores amarelo-ouro, fazendo uma gaiola de cana-do-reino “pra mo’de vendê pro Chico da Venda” lá da Praia de Ponta das Canas.

– O Chico gosta munto de prindê passarinhos nas gaiola e me incumendô uma com arçapão farso, que é pra mo’de apanhá gaturame – comentou o Vicente Laureano.

Ambos eram moradores da Ponta do Rapa e viviam da pesca artesanal e, também, de pequena cultura de mandioca, feijão, milho e de outros mais.

– Vicênti, se não ’tás munto acupado, vambo dá um pulinho intê na casa do Antonho Diulindo? Ele me mandô um recado pelo Dedé da Maroca, pra mo’de que eu fosse intê na casa dele, que ele percisa munto falá cumigo.

O Vicente, quando recebeu o convite, imediatamente exclamou:

– Ah! so Sarafim! eu já sê o que que él... Tresantonte, ’tivero lá em casa dele uns home rico da cidade que viero à pricura de inleitiôri pra mo’de eles fazê inleição pra depotado de falação da Cambra da capitáli. Eu ’tava lá, so Sarafim, e assisti às cunversa deles c’as pessoa que aparicero lá em casa do Diulindo. Sinhôri! Eu nunca vi uns home tão bão qui nem aqueles. Paricio intê que tinha coração de pomba sem féli. Eles primitero intê fazê casa de tijolo pra um pudê de gente daqui, só proque acharo essas casa de parede de istuque munto fraca; primitero pra Inaça uma vaca que dá leite, croste, coaiada, nata, manteiga pura e queijo. Dissero que sai tudo prontinho de dentro do ubre da vaca, sem a gente percisá se incomodá. É só apará quando quisé, dentro de vasiias ou de balaios. Pra Nazara primitero galinha que bota ovo cru, cuzido, frito, com sáli, feito estrela, e com açucre, feito bolo. Sabe de uma cosa, so Sarafim, as galinha que eles primitero boto de dôs a

• • • •

três ovo por dia. Uns são amarelo, otros vremeio, azúli e muntas otras côri. Primitero pro mo ermão Luço pranta de parrera de toda culidade que dá uva em cacho e vinho já engarrafado, c'as garrafa pindurada nos baraço da parrera. Primitero pro Ofraso [Eufrásio] da prima Quintaniia cana que nasce já açucre e melado sem percisá passá na muenda e garapa no forno. Eles falaro que a gente corta a cana dentro de uma barrica e ela logo fica em melado e açucre. Pro Cristovo da Chiquinha primitero cana que já nasce cachaça. É só cortá ela dentro do barríli e pronto: a cachaça 'tá'í prontinha pra se bebê ela com todo grau que se percisa.

– So Vicênti – falou o Serafim –, eu intê 'tô cismado que vossa mecê 'tá me achando com cara de aparvaiado. Eu já 'tô um home veio, c'os cabelo da cabeça e c'a barba branca e não adimito cumigo essas brincadera de gabuliça que vancê 'tá querendo impingi pra mim.

– Quáli nada, so Sarafim! o [eu] sempre arrespeitê munto o sinhôri. Isso tudo qu'ó 'tô le contando, osvi pelos buraco adentro destes dôs osvido qu'a terra há de cumê eles um dia. O juro pro sinhôri, pela cruz do Sinhôri dos Passo do Hospitáli da Caridade, como tudo isso é vredade – disse o Vicente, tirando o chapéu que trazia na cabeça e jogando-o ao chão para selar a verdade dos fatos. Pra ma's falá a vredade, so Sarafim, eles primitero pro Demetro da Justina um carro qui nem o carro de boi, só que o deles tem quatro roda que anda sem sê puxado por animáli o empurrado por gente qui nem nós. Tombém falaro que o táli carro tem uma roda que é pra mo'de a mão dos home sigurá ela e dirigi ele quando cumeça a currê.

– Não me conta mági nada não, so Vicênti, qu'os miolo da minha cabeça tão quas'estorando de tanta maranduba qu'ó sinhôri 'tá perdendo tempo aí em sortá elas da boca pra fora. Isso, so Vicênti, intê parece cosa mandada pelo mafarrico, [pra] mo'de judiá c'a gente daqui deste sertão sem fim. Memo eu acho, sinhôri, que carro que anda sem boi só pode sê empurrado

pelo mafarrico. Isso não é cosa desta Terra não, sinhôri. Isso é mandraca.

Assim, os dois homens, conversando e discutindo pelo caminho, chegaram na casa do Antônio Deolindo, que ficava situada na encruzilhada que vai para a Cachoeira do Bom Jesus.

O Antônio Deolindo possuía muitas terras, engenhos de fabricar farinha de mandioca, açúcar e cachaça, muitos escravos e até um monjolo “pra mo’de” moer milho. Quando faziam festa de Santa Cruz no lugar, era na casa dele que o padre ficava para receber visitas, fazer refeições e pernoitar. Ele sabia ler e escrever um pouco, o que servia bem para o consumo da cultura da sua pequena comunidade, que ele controlava à sua moda e à sua vontade. As demais pessoas residentes por ali sabiam apenas desenhar as letras do nome. Quando chegaram na frente da casa do Deolindo, bateram palmas na porteira e logo foram atendidos por ele, que estava com a montaria pronta para dar umas voltas pelos sítios vizinhos, a fim de caçar votos para os seus amigos políticos que o haviam visitado e deixado com ele encomendas eleitoreiras.

– Entrem pra dentro, rapazes, qu’eu ’tô de saída, mági vô atindê vancês. Antão, como é que vão?

– Vambo bem – responderam os dois homens.

– E as vossas famiia, ’tão passando bem?

– Tão, so Diulindo, ’tão sim, sinhôri...

– Sim. Que dizê que ’tão todos com prefeita saúde e não ’tão percisando de nada?

– Graças a Deus, graças a Deus, não ’temo não, sinhôri...

– Pois é, rapazes, foi inté munto bão vancês tê vindo inté aqui. Como vancês já sabem, ’tivero aqui em casa, na sumana passada, c’o mo primo Deleco, uns ricaço da cidade que ando por aí à pricura de voto pra s’inlegê depotado da Cambra da cidade. Eles são uns home munto bão, se compadecero da pobreza de toda a gente deste lugári e primitero miorá a vida de todos nós. O mo

primo Deleco é um home munto inteligente. E andô lá pras otras banda das Oropa, estudando nos livro, pra ficá dotôri de falação. So Sarafim, ele já 'tá munto bem empregado, 'tá ganhando um pudê de dinheiro por mês. Essa gente ansim boa, so Sarafim, custo munto a aparecê por aqui pra mo'de vim bispá as cosa que nós sofremo. Agora, adespôs de tudo que eles primitero, nós temo que pricurá, por todo jeito, ajudá a inlegê eles pra Cambra dos Depotado da cidade. Eles são gente munto boa e primitero fazê de tudo pro povo do nosso lugári, adespôs de ganhá as inleção. Inté primitero anumiá o mo nome pra mo'de eu sê o inspetôri do quarterão do nosso lugári. Antão o sinhôri não acha isso uma grande cosa, so Sarafim, sê anumiado inspetôri de quarterão?

– Pro mo vê é, so Diulindo!

– O Vicênti 'tá'í do vosso lado, so Sarafim, de tistimunha, que pode falá a vredade da boca pra fora. Ele assistiu e osviu tudo aí junto c'o povo que apareceu aqui [pra] mo'de cunversá c'aqueles home de coração tão bão lá da cidade. Eles são home rico tão humirde, so Sarafim, que inté chegaro a bebê café com rosca, bebê cachaça nas mema vasiia qu'as pessoa daqui da roça usavo. O sinhôri só imagina uns home rico daqueles, cheio de sabença qui nem o mo primo Deleco, chegá inté a ofrecê cigarro do bão pra nossa gente daqui! Isso é tê o coração só pros pobre...

– So Antonho Diulindo, 'tá tudo munto bão, 'tá certo o que vossa mecê cunversô, eu acho – falou o Serafim –, e agora chegô a minha vêgi, e eu peço licença a vossa mecê pra mo'de fazê uma prigunta.

– Sim sinhôri, so Sarafim, a licença, vossa mecê tem toda.

– O sinhôri falô, no caminho, da vossa cunversa qu'ô Vicênti é tistimunha de osvido de tudo o que os home rico da cidade, mági o vosso primo dotôri, primitero pra um pudê de gente daqui. As cosa qu'ô Vicênti me contô que eles primitero aqui neste mundo não inzeste, e eu nunca memo osvi falá de táli cosa. O sinhôri, so Diulindo, não acha, cum'ê que eles vão dá

essas cosa que primitero pro povo se ganhá as inleção? Eu 'tô um home veio, mági de oitenta ano por riba das costa, e afirmo pro sinhôri, so Diulindo, que isso não passa de gabuliça deles pra mo'd'arranjá voto.

– Inzeste sim, so Sarafim, inzeste lá nas otras banda das Oropa – afirmou o Deolindo. Eles são home munto viajado e conhecedô das cosa das otras banda do mundo. Não são qui nem nós, que temo a enxada por lápi, a terra por livro e as pranta que botemo nela como letra que escrevemo. O sinhôri, so Sarafim, já osviu falá na táli barca de Noelo que encaiô im riba d'um morro, lá na otra banda da Terra?

– Já sim, sinhôri, já osvi falá.

– Pois é. Pra mo'de castigá os home mau, o Nosso Sinhôri mandô o Noelo i fazê uma barca munto grande e enchê ela c'os animáli e pranta da Terra, que Ele ia mandá um temporáli de chuva mo'de a água cobri o mundo. Adespôs de chovê quorenta dia e quorenta noite, a barca saiu boiando por riba das água e, quando elas baxaro, a táli barca encaiô im riba dum morro munto arto, lá pras banda das Oropa, onde o mo primo Deleco 'teve istudando. Enquanto o mundo 'tava cuberto de água, o Noelo ficô espiando pelos buraco das escotiiia e, quando a terra já 'tava seca, ele bispô que o Sóli mági a Lua já andavo de novo se namorando. Aí ele abriu a porta da barca, e a bicharada saiu por aí, tombém a se namorá e dá criação pra mo'de enchê o novo mundo que 'tava sendo parido. Como esses ricaço da cidade viajo munto por esse mundo afora, quem sabe se tombém eles foro lá im riba da careca do morro, onde o barco de Noelo 'tá encaiado, e viro lá essas cosa que primitero pro povo? Adicerto adespôs das inleção, eles vorto lá e compro essas cosa toda que primitero pro povo. Eles primitero, so Sarafim, e quem primete fica devendo, e quem deve e não paga fica veiacó. O sinhôri, so Sarafim, no dia das inleção arrebanha aquele povo de lá e traz eles aqui em casa pra mo'de votá. Nós precisemo munto de tudo aquilo que eles primitero

pra nós e pro povo. O mo primo Deleco, que é um home munto aletrado, jurô de pé cruzado, discarço, im riba da cruz de sino-saimão, que eles, adespôs de ganhá as inleção, vão mandá buscá tudo o que primitero pra dá pra nós, que é pra miorá a situação de pobreza do nosso povo daqui.

– So Diulindo, c’a primissão da vossa licença, eu vô me arretirá proque já ’tô ficando meio sorongo da cabeça, só pro via de osvi tanto arrolo que os home da cidade prantaro na sabença dos miolo da vossa cabeça.

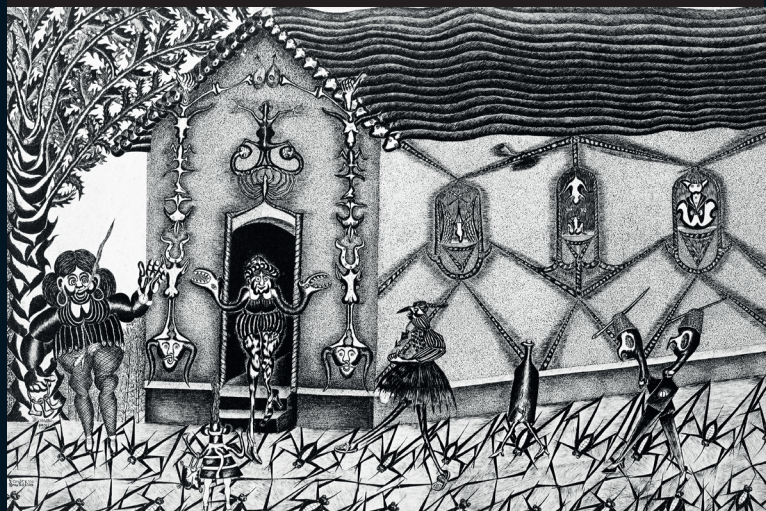
Durante a viagem de volta para casa, o Serafim analisou o alisamento garimpeiro e eleitoreiro do Deolindo e confessou para o colega que não conhecia, nem mesmo entendia o que era esse negócio “pra mo’de” criar deputados da Câmara da cidade.

– Vicênti, a minha bisavó Rosa contava pra nós que, lá nas Iia dos Açôri, de onde ela era naturáli, o povo acardita qu’o demonho, adespôs de arrebanhá um bando de muieres bruxa pra mo’de pirsigui a vivença das pessoa de um lugá, ele anumeia a mági veia pra mo’de sê chefe do bando delas. A bruxa veia arrecede um novelo infeitiçado com o podê da maliça dele, que é pra mo’de ela dirigi as suas fiada do bando bruxólico recém-formado. Quando a veia bruxa ’tá perto de murrê, o mandato dela tombém ’tá perto de se acabá. Daí as fiada do bando dela se apreparo pra mo’de disputá o novelo do mando qu’o tinioso entregô pra ela. Como ela percisa antão entregá o novelo do mando, fica gritando em disispero por aí: “Quem pega qu’o largo! Quem pega qu’o largo! Quem pega qu’o largo!” Daí antão – dizia a minha difunta bisavó – o bando se reúne numa incruziiada de caminho ou numa casa máli-assombrada ou numa gruta de pedra e trato de marcá uma inleção pra escolê entre elas a mági acoitada pra mo’de dirigi o bando adespôs da morte da veia bruxa-chefe. Elas presto juramento pra veia bruxa, que ganha o mando na inleção e vai guardá obidiença fiéli pro so chefe Luciféli. Entre elas – dizia a minha bisavó – inzeste munto ciúme e invéji e, por

isso, elas se separo em dôs grupo: o grupo das gangana, muié veia, e o otro grupo das derriça, do namoro. No dia marcado, todas elas comparece. A veia bruxa toma o novelo e vai pelos áris sortando fio e gritando: “Quem pega qu’o largo! Quem pega qu’o largo! Quem pega qu’o largo!” Muntas vez a veia bruxa, que ’tá munto acostumada no mando e que não qué largá ele, por amôri tombém grita: “Não pega qu’o não largo! Não pega qu’o não largo! Não pega qu’o não largo!” A bruxa que consigui recoiê maióri contidade de metro de fio pro so grupo sará, antão, a nova bruxa-chefe do bando. Daí em diante, a veia bruxa-chefe que perdeu o mando se acarma, perde o orguio do mando e vai morrê sossegada mordendo dente de aio do arrependimento dos máli que fez pros sos vivente, lá de dentro dos fogo das cardera dos inferno do demonho que foi o patrão dela. A nova bruxa que ganhô o mando é obrigada a cumprí tudo o que primiteu nas reunião das inleção bruxólica, fadórica, maléfica, mágica, cachinante e esconjurante: ajudá a pricurá criança [pra] mo’de empresá elas inté dá a sipurtura; ir nos pasto apanhá os cavalo e fazê eles galopá pelos áris e dá nó cego nos rabo e crina deles; dá nó nas fraldas das ropa dos pescadôri dentro dos rancho das canoa; separá casáli que são contra o mando bruxólico delas; dispená as galinha nos pulero; inliá os ispinhéli dos pescadôri pra vê eles infezados e um pudê de cosa mági. Eu te cunfesso por Deus, Vicênti, qu’a inleção que cunheço por osvi falá é essa aí que te contê a estória que assuntê da minha falecida bisavó. Se a estória desses ricaço da cidade é inguáli a esta aqui, so Diulindo que se arranje com eles, proque no dia de aminhê o povo vai falá máli dele, e ele vai ficá malivisto. No mági, so Vicênti, so Diulindo que se arranje c’os sos amigos ricaço da cidade que só vinhero aqui foi pra mo’de fazê primessa pros otro. Só da gruta da boca pra fora... Inté aminhê, Vicênti, qu’o vô pra casa passá um bocado de água quente nos pé que ’tão munto cansado, e adespôs vô me

jogá na cama pra mo'de drumi e sonhá c'as primessa capenga
qu'aqueles farromero vinhero fazê aqui no nosso lugári.

Eh! minha Ilha de Nossa Senhora do Desterro! são grandes
legados da cultura popular humana essas crenças espirituais
fantásticas que dão vidas simbólicas fictícias a seres invisíveis!



Congresso bruxólico (1970)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 61,3 x 93,4 cm

Congresso bruxólico

[1964]

O mundo da fantasia projeta o homem para dentro de regiões culturais inimagináveis do fantástico sobrenatural. É um mundo onde o pensamento humano tem poderes quase ilimitados para viver a beleza de sonhos invisíveis, alçados em asas de bandos de anjos que conseguem elevar-se aos páramos de mundos superiores a este em que nascemos, vivemos e morreremos.

A madame Estória, na sua sutil e nobre sabedoria secular, vive, dentro dos agudos escaninhos do intrincado pensamento humano, vidas fantásticas, biológicas e espirituais, lendárias e sedutoras, mágicas e fascinantes.

Do fascínio dessas vidas extraordinárias da sabedoria popular é que tomam o caminho os férteis pensamentos de seres humanos que outrora aceitaram transferir-se lá do coração sempre agitado do Atlântico para virem desbravar o sertão desconhecido das terras desta Ilha de Nossa Senhora do Desterro – título venerável conferido pelos homens à Virgem Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, por ela haver fugido para dentro dos sertões inóspitos do Egito, a fim de pôr a salvo a vida biológica do Filho de Deus, recolhendo-se a um lugarejo por muitos anos conhecido por *Matárius*.

Quantas e quantas vezes, só Deus sabe, reunidos em casas de parentes e vizinhos, [os imigrados açorianos] aqui comentaram, sentiram e sofreram mutuamente as saudades da pátria distante: saudades dos que tiveram como túmulo sepulcral as águas azuladas e revoltas do oceano e os que lá ficaram nas distâncias incomensuráveis do globo terrestre e dos tempos.

E, creio, muitas vezes entre tristezas e saudades, surgiam, com a esperança de dias melhores, a beleza, a fascinação e o encantamento das estórias contadas lá na terra distante [dos Açores, estórias] que, aqui também, achavam, era obrigação patriótica relembrar e plantar dentro da cultura dos seus descendentes.

[Os imigrados,] sentados sobre a soleira da porta, sobre pedras ou pelo chão do terreiro, recolhidos sob frondosas sombras de garapuvu e outras árvores nativas, saudados pelo cantar dos gaturamos, sabiás, bem-te-vis e outros muitos pássaros ilhéus, abriam o livro do pensamento açorita, em cujas páginas liam as estórias populares que trouxeram nas malas de suas bagagens culturais, para doarem aos seus herdeiros.

A saudade e a esperança, de mãos dadas, levaram os pensamentos espirituais dessa gente açorita para mundos de sabedoria elevada e, logo mais, os devolveram, eivados de fantasias e ilusões que metamorfoseiam corpos biológicos em monstros extraterrenos, vivendo e agindo as vidas espirituais de poderes quase ilimitados, morando em mundos quiméricos de todo pensamento do homem de argila humana crua.

• • •

E agora, subindo alto no terreno fértil da indagação, a Januária do Zeca [José] interpelou o Nicolau das Venturas.

• • • •

– Primo Nicolau, vossa mecê acardita memo de vredade naquelas estória que o nosso povo lá das Lia dos Açôri contavo pra nós como vredaderas?

– Ah sim! acardito de vredade sim, minha prima! E inté agora me veio uma delas, no bestunto da minha cabeça, que eu acho ela memo munto inzata. Como tu bem sabes e vancês todos que tão aqui me osvindo, aquelas Lia dos Açôri, de onde os nossos avós viero, foro sempre munto infestada por muié bruxa que robo embarcação pra mo’de fazê viage inté a Índia em quatro horas, dão nós nos rabos e crinas dos cavalo, chupo sangue de criancinha, intico c’as pessoa grande e pratico mil malas-arte.

– Isto é munta vredade – atalhou o velho Malaquias. Muntas desta cena eu já presenciê no tempo de moço lá no Faiale e tombém quando mo pai me levava pra mo’de i visitá mo avô lá na Lia Tercera.

– Vossa mecê, so Malaquia, tem munta rezão. É isso memo! – deu fala de aprovação para as tiradas do Malaquias o Nicolau das Venturas. A minha bisavó Mariana sempre contava pra nós que as muié que são bruxa faze voto de obidiença mágica pro ex-anjo Luciféli, ansim qui nem as frera faze voto de castidade pra Deus, Nosso Sinhôri. Ela falava que, pra cada lugári da Vila, ele anumeia uma bruxa que recebe um papéli em forma de novelo, pra mo’de ela sê chefe de um bando que deve organizá, com bruxa espirituáli e bruxa feita aqui na academia bruxólica da Terra. As bruxa-chefe são muié terrives que já nascero c’a sina de sê marvada e judiadera da vivença das pobre criatura que tão morando nesta terra, a mo’de meia alugada, sujeita a aceitá o bem e o máli por riba das costa em quarqué tempo e em quarqué hora. As bruxa que não são espirituáli são formada pela veia bruxa-chefe, numa reunião que ela marca e todas são obrigada a comparecê. Os lugári

prifirido pra táli reunião são as incruziiadas de caminho deserto, casa máli-assombrada, gruta de pedra, rancho de canoa de pescaria e otros. O táli papéli que a veia bruxa-chefe recebe do demonho, uns falo que é um novelo, mas com certeza aquilo não é sinão uma imbruiada dele pra mo'de caça as alma das pessoa deste mundo, que cai em pecado mortáli. Elas, de tempos em tempo, faze uma reunião só das bruxa que são chefe e dão o nome pra táli de reunião de congresso. Nas reunião semanáli comparece toda bruxa fiiada ao bando do lugári, mági, no congresso memo, só comparece as veia bruxa-chefe. Nas reunião semanáli quem dá as orde é a bruxa-chefe. E nos congresso quem dá as orde memo é o capeta, proque ele é o chefe de todas as caterva de muié que, quando nasce, já traz a sina e a malineza no sangue pra sê bruxa.

– So Nicolau – indagou o Sulpício do Quintino –, si máli não le prigunto, bruxa e feticera é a mema raça?

– So Sulpiço, a minha avó sempre conversava pra nós em casa que as bruxa são as muié malina que nascero c'a sina somente pra podê fazê o máli, enquanto que as feticera são as muié que só pricuro fazê o bem pros sos próximo. As muié feticera arreceito rumedo de tudo quonto é culidade de erva que curo as duença manada lá de riba do arto por Aquele que tem o comando de nós nas mão; rezo binzidura de poder ispirituáli munto forte, pra mo'de ataiá a maliça das semvregonhas e discaradas bruxa, quando ando empresando as nossa criancinha; aprepato brebe pra botá no piscoço das criança piquena e tombém de gente feita e faze mais um pudê de bem pra mo'de livrá os cristão das garra do máli. Essas muié e esses home que arrecebe o talento daquele lá de riba pra mo'de sê curandero passo um bucado máli na vida. Eles são ansim qui nem aqueles dotôri-cirurgião lá dos Açôri que não têm hora de pôr o pé no caminho quando são chamado pra mo'de curá os duente do corpo. Tanto fági sê

com sóli, chuva o vento, caminho ruim, a pé o a cavalo, pra gente arranjada o pra gente pobre, eles atende do memo jeito e c'a mema boa vontade. Quando curo a duença das pessoa, não cobro nada.

– So Nicolau, a minha fiia tresantonte apareceu lá em casa e falô pra nós que aqui pra dentro da Iia, em Santo Antonho, Cacupé, Lagoa, Rio Vremeio e mais lugá, apareceu uma suvandii munto grande de muieres bruxa atacando criança, cavalo e gente grande que inté dá dó – argumentou o João Martinho.

– É bem porsive, so João, é bem porsive – retrucou o Nicolau. Um dia, lá na roça, o mo tio Reduzino me contô que, quando o povo dos Açôri viero pra cá, um pudê de gente das otra banda já 'tavo inté cansado de andá pel'aqui, pelas terras da Iia de Nossa Senhora do Desterro. Ele inté falô que aquela gente negociavo c'os bugre que moravo aqui nesta Iia. E mági... os bugre inté trabaiavo na lavora mo'de eles levá tudo lá pras terra deles.

– So Nicolau, peço licença a vossa mecê pra mo'de dizê um arreparo – pediu o João Martinho.

– Sim sinhôri, so João. Vossa mecê tem ela – aceitou o Nicolau.

– Os bugre trabaiavo na lavora?

– Trabaiavo sim sinhôri, so João, trabaiavo! Veja o sinhôri que eles prantavo mandioca, batata, miio, cebola, feijão e muntas otras cosa. Fazio a coieta, e os home das otras bandas do mundo levavo tudo s'imbora pro povo cumê. Inté peixe iscalado com sáli preso, eles fazio pros home de fora.

– So Nicolau, eu osvi falá qu'os bugre ero uns bicho brabo, matavo os vivente que caío nos oio deles e cumio a carne muquecada com cinza.

– No mo fraco pensá, so João, não era tanto ansim não, proque uns fazendero de São Paulo vinho aqui, agarravo eles tudo pra mo’de trabaiá nas fazenda deles qui nem iscravo. Os coitado dos padres é quem pricuravo livrá eles da iscravidão, mas não consiguio. Munto ente d’o povo das Lia dos Açôri vim pra cá morá, munta água suja já tinha currido pel’aqui onde nós ’temo.

– Se é vredade que tanto povo das otras banda ’teve aqui ente do povo das Lia, antão deve tê dexado munta bruxa sorta aí por dentro desses mato sem fim, a dá criação a vida toda. O sinhôri não acha, so Nicolau? Oia, so Nicolau, minha gente, o povo que ’tá falando qu’as bruxa ando sorta pel’aí por um pudê de lugá tem munta rezão de vredade. O mo bisavô contava que, numa noite de sexta-fera, saiu ele, mági o pai, de canoa, pra mo’de fazê pescaria de tarrafa lá na Praia Braba. Eles moravo na Praia dos Inguilês. Dizia ele que tarrafiaro munto, apanharo um poco de peixe, puxaro a canoa pra praia e ficaro aguardando a junsante da maré que achavo mió, pra mo’de apanhá peixe. Enquanto esperavo as cosa, estendero a vela de pano da canoa na praia e se deitaro im riba dela. Lá pelas onze e meia da noite, se acordaro com um baruião munto forte que vinha de riba de uma pedra na Ponta da Feticera e o que viro era istarrecedôri – falava o mo bisavô. Atrás da Pedra da Feticera, viro uma casa qui nem chalé, toda coberta com cobra. Na porta do chalé, ’tava uma bruxa feia qui nem os sete pecado capitáli. Do lado dereito dela, perto dum coquero, ’tava otra bruxa feia qui nem noite iscura e que tinha no braço uma cosa qui nem rilógi de vê hora. Na frente delas, ’tava uma bruxa qui nem lamparina de pescaria, c’o pavio tão aceso qu’inté clareava tudo em vorta. Do lado esquerdo, viro uma bruxa vistida de ropa de muié rica da cidade; otra qui nem garrafa de cachaça, e otra ansim qui nem tisora de custura. E muntas otras ’tavo chegando

de fora. As parede do chalé 'tavo coberta, por fora, de bicho midonho de toda culidade que aqui não inzeste, e o chão do caminho do terrero 'tava todo coberto de aranha negra. O mo avô, mági o mo pai, quando avistaro aquele pudê de alma penada do otro mundo, dessas que hai munta aqui na lia, reunida naquele lugári ermo, passaro a vela da canoa que 'tava por baxo deles pra riba e trataro de se incoiê bem quietinho pra mo'de não sê visto pel'aquela chusma de fiias do Satanás, que 'tavo ali se reunindo em congresso pra mo'de tratá da desgraça das vida dos home que moro aqui nesta terra. De repente, as bruxa se retiraro pra dentro do chalé e só uma ficô em pé, perto da porta: era uma veia bruxa-chefe. Dizia o mo avô, a que ficô ali era pra mo'de arrecebê o chefe delas, o demonho, por quem elas 'tavo esperando. Ansim qu'elas se recoiero e fecharo a porta, um risco de fogo cortô o céu e um enorme murcego todo vremeio apoiô na frente do chalé e entrô pra dentro, junto c'a bruxa que 'tava do lado de fora da porta esperando ele. A porta se abriu e se fechô e tudo ficô assossegado. Elas não pirsiguiro o mo avô nem o mo pai proque eles carregavo no piscoço um brebe bento e, nos borso das carça, dente de aio vistido com a casca. Eles contavo que bem perto das hora morta – meia-noite – que eles calculavo pela posição do Cruzeiro do Súli, houve um estoro munto forte, ansim qui nem de rojão de foguete de festa, e tudo aquilo que 'tava ali se sumiu pelos ári em fumaça. Eles não tivero corage pra mo'de saí de debaxo da vela da canoa naquela hora e aguardaro o naiscê do dia. Cedo se alevantaro c'a luz do dia e foro arreconhecê o lugá que 'tava o chalé, mági nada viro, a não sê um bando de ave negra qui nem aribu que 'tavo avoando im riba do cacaruto do morro, fazendo vorteamento. O mo avô, adespôs que sintiu que tudo 'tava bem assossegado, chamô o mo pai, botaro a canoa pra baxo do mári e tocaro ela no remo a caminho de

casa. O mo avô, embora c'ô juízo da cabeça meio atarocado pelo que sofreu, na hora que 'tavo tomando café, s'alembro de fazê a conversa pro já difunto Herme, do Zé Epifano [Hermes do José Epifânio], que era um grande benzedôri e curandero que tinha vindo lá das Iia dos Açôri pra cá, pra esta Iia de Nossa Senhora do Disterro, ainda criança. Adespôs do café, discansô um poco, deu um pulinho inté lá na casa do benzedô e contô pra ele tudo o que se passô com ele mági o mo pai, nas unha daquelas discarada dos inferno. O benzedô, adespôs de osvi toda a conversa que mo avô fez pra ele, tirô da cintura uma faca de ponta, benzeu ele e falô ansim im riba das palavras da vredade:

– O sinhôri, mági o vosso fiio, tivero munta sorte de tê se escapado com vida das unha daquelas piranha, mula sem cabeça do tinioso. As arma que livraro vancês da sanha piçonhenta delas foro os brebe bento e os dentes d'áio vistido com casca que vancês carrego. As oração que foro dita por riba dos brebe ero munto virtuosas e, logo que elas quisero atacá vancês, a oração cortô o poder ispirituáli diabólico qu'elas carrego, e vancês foro salvo. Mo santo, aquele quadro que vossa mecê e vosso fiio viro é a provocação mági bem engendrada que o demonho botô aqui nesta Terra pra mo'de combatê o podê de Nosso Sinhôri. Aquele ajuntamento de muié medonha e de cosa horrive que vancês viro é um congresso das veia bruxa-chefe de bando com o misaravo anjo Luciféli, que virô demonho proque andô fazendo das suas lá im riba do céu. De tempos em tempo, ele se reúne com as veia bruxa-chefe em lugá ermo, que é pra mo'd'elas prestá conta de tudo que ele ordenô qu'elas fazesse aqui na Terra em favôri dos máli que ele alumenta contra as alma das criatura que veve de bem com Deus. Aquelas discarada bruxa-chefe tão amarrada no cabresto dele e as otra fiiada que formo o bando do lugári 'tão amarrada no cabresto das veia bruxa-chefe. Na reunião qu'ô

tinhoso toma parte, como aquela que vancês viro, só as veia bruxa-chefe é que pode entrá; as fiiadas que formo o bando, não. Aquilo era congresso diabólico que vancês viro. Ali as veia bruxa-chefe recebe as orde pra mo'de levá pras suas fiiada do bando cumpri à risca.

– So Herme, antão, si máli não le prigunto, o ajuntamento dessas mandraca c’o tinhoso é ansim memo qui nem esses congresso qu’os home grande da cidade faze de tempos em tempo, pra mo'de dá conta dos negoço deles, não é inzato? – priguntô o mo avô.

– É inzato, so Cornelo, é munto inzato memo – respondeu o velho feiticeiro.

– Eu guardê um pudê de enredia no casco da minha cabeça desde onte, so Herme, pra mo'de priguntá pra vossa mecê. As muié que são bruxa pode dexá a má sina que elas carrego na alma quando bem intendê, ou não pode?

– Pode, so Cornelo, pode, mági é que elas se acostumo a vivê numa vida que só pode praticá a maliça pros otro vivente e andá pindongando fora de casa. Como o sinhôri sabe, hai dôs partido no mundo pros home escoiê: o do bem, que é de Deus, e o do máli, que é do Satanás. Nós, que semo do bem e em favôri do bem, escoiemo o partido de Deus. Foi a nossa vontade que ansim quis; mas elas, que são do partido do máli, escoiero o do Satanás e gostaro. É ansim qui nem as pessoa que escoiero o viço de fumá. Elas sabe que fumá fági máli pros figo, pra guela, pro coração, pros bofe, pro sangue, pros nervo e pra um pudê de cosa mági. E memo ansim, dexá de fumá, não dexo, proque o viço é a provocação que vem do reino do malino.

– 'Tá munto bem, 'tô munto agardecido por vossa resposta, so Herme, mági o [eu] sempre osvi falá que o Nosso Sinhôri, quando andô pelo mundo, dexô um aviso pros home: “Livra-te dos ári, qu’eu te livrarê dos máli.”

Fala a Estória popular ilhoa que mulheres bruxas, chefes de bandos comunitários bruxólicos, se reúnem, de tempos em tempos, em lugares ermos, “pra mo’de” tratarem da organização e continuação da vida fictícia de suas sinas diabólicas através dos séculos e também pra prestarem obediência ao seu chefe inferneiro, o foguista, fogoso e gostoso ex-anjo Lúcifer.

Os olhos da imaginação popular do homem de argila humana crua, desde os mais remotos tempos da sua aparição sobre esta bola de suposições variadas e variantes, [bola] que anda girando por aí, embrulhada em invólucro de éter e de outras mais variedades supostas, conseguiram criar fantasias incríveis e gostosas de serem vividas espiritualmente, quando o verdadeiro e palpável mundo atormenta.

Dentro desse turbilhão de sacrifícios que hoje enfrentamos, amordaçados por uma sociedade avara de riquezas, orgulho, sacrifícios e incertezas, reviver um pouco dessas fantasias bruxólicas que estou pondo em vida cultural é, creio, um tanto quanto agradável e aceitável.

Afirma a madame Estória que, nesses congressos bruxólicos, as filiadas de bandos comunitários não comparecem, pois, segundo as fantasias, só as chefes têm acesso aos gabinetes rubros do ex-anjo Lúcifer.

Nesse casarão, com telhado de víboras e terreiro atapetado de aranhas – que o desenho mostra –, vemos a presidente do congresso na porta, ladeada pela sua secretária, recebendo suas colegas que já estão chegando de várias comunidades bruxólicas imaginárias da Terra. Essa casa teria existido junto à Pedra da Feiticeira, na Ponta da Feiticeira da Praia Braba, na Ilha de Santa Catarina, de muito bom acordo com a cultura popular açoriana, e, conseqüentemente, da desterrense.

É rica, bela, admirável e invejada a imaginação popular dos teus habitantes, descendentes de açorianos, ó minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria!



Sem título (1970)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 94,8 x 64,2 cm

Balanço bruxólico

[1950]

Já ouvi contar, ao pé do fogo, nas cozinhas de chão batido, em noites estreladas dos rigorosos invernos de outrora, lindas estórias com relação às proezas fadóricas das famosas bruxas da Ilha de Nossa Senhora do Desterro. Assim começa a imaginação fértil do caboclo açorita a dar vazão à sua filosofia natural, sem enfeites e arranjos teológicos.

♦ ♦ ♦

O compadre Manuel Pereira subiu o Morro da Lagoa da Conceição da Ilha de Nossa Senhora do Desterro e, com seus filhos, derrubou um pedaço da mata virgem, queimou-a e acoivou o terreno “pra mo’de” plantar rama de mandioca – a *mani-oka* dos nossos índios.

Na face da mata, [pai e filhos] pouparam a vida de uma grande árvore que possuía um grosso cipó enrolado em si, o qual, ao alcançar as ramagens, deixara cair um seio de formato oblongo, que oferecia às vistas humanas um gostoso balanço natural.

Ao pé da grande árvore derrubaram e deitaram outra árvore oca, conhecida como *tanheiro*. Muitas pedras, autênticos monumentos graníticos ilhéus, também moravam ali. Junto das

árvores, o seu Manuel e os filhos aproveitavam as sombras e, debaixo, faziam comida em panelas de barro e as guardavam ali, juntamente com a ferramenta que usavam no trabalho da lavoura, de sol nascente a sol poente. De uns dias pra frente, quando, cedinho, retornavam ao trabalho roceiro, lá chegando, observavam que as ferramentas e louças deixadas na véspera em lugar certo apareciam sempre dispersas. Também, de manhã, quando lá chegavam, sentiam cheiro de querosene que saía de dentro do vazado do tronco do tanheiro. Desconfiados de que aquela contínua provocação não era praticada por homens de argila crua, que são pobres inquilinos desta Terra, passaram a vigiar, com muita cautela supersticiosa, a roça, que começara a se tornar mal-assombrada.

Os parentes, vizinhos e conhecidos, após terem ouvido a estória contada por seu Manuel Pereira e seus filhos, foram unânimes em afirmar, categoricamente, que aquilo era trabalho de deboche de velhas bruxas que vivem poisadas por riba de velhas figueiras. Assim, numa noite de sexta-feira, no dia 13 de agosto daquele ano já tão distante, que passou por riba das costas rugosas desta Terra pendurada nos calcanhares calejados do céu azul, tiveram a desdita de constatarem, *in loco*, um dos quadros mais sinistros urdidos por mulheres bruxas, que vivem na Terra somente para maltratar a vida do coitado bicho-homem, que não faz mal a ninguém nem a nada do que o cerca.

Era um quadro tétrico. Viram várias lamparinas metamorfoseadas em seres com formas humanas, dançando surungamente. As árvores mostravam suas raízes metamorfoseadas em patas de vários animais, inclusive as de homens. No balanço do cipó da grande figueira balouçava-se cinicamente uma bruxa metamorfoseada em roda de carro de bois e em partes do próprio boi. Dentro das ramagens da velha figueira, outros elementos metamorfoseados também se achavam presentes, inclusive uma coruja com o observador

filosófico, caboclo ilhéu. As pedras apresentavam atitudes de exorcismo e piedade.

Apavorados por verem tanta maldade terráquea contra o coitado homem de argila crua que não faz mal a nada, como já lembrei, meteram a viola no saco do desespero e mandaram-se para casa. Durante todo o tempo, depois que viram o mundo objetivo do sobrenatural em ação demoníaca, fadórica e bruxólica, não mais pensaram em outra coisa. No dia seguinte, toda a Lagoa de Nossa Senhora da Conceição teve conhecimento dos fatos, porém contados com força de detalhes crespos e, às vezes, até meio eriçados por pessoas que gostam de colocar a vida dos entes hidroprotocarbonados acima das nuvens enrugadas da poeira humana. Famílias que possuíam crianças trataram de chamar benzedoras e benzedores para exorcizarem-nas; colocaram rosários feitos com nove dentes de alho vestidos, enfiados em linhas vermelhas, e pendurados no pescoço delas; espalharam cisco de três marés e mostarda embaixo dos berços de criancinhas tenras; acenderam velas bentas na Sexta-feira Santa nos quartos de dormir delas e depois rezaram o Creio em Deus Pai por riba dos berços de trás pra frente; taparam todos os buracos das fechaduras das portas com cera virgem de abelhas; queimaram palha benta do Domingo de Ramos dentro de casa, fizeram cruz com cana-do-reino, também recolhida na Sexta-feira Santa, antes de o sol ser parido, e as colocaram entre caibros e ripas do teto da casa; colocaram atrás das portas, em vasos, alecrim e arruda; sobre todos os portais espalharam cinza do borralho e, atrás de cada porta, com tinta preta, desenharam uma cruz de sino-saimão.

Seu Manuel Pereira tinha um compadre de quem batizou o filho mais velho e que morava lá pras bandas da Costa da Lagoa. Seu compadre era um homem que não tolerava, de jeito nenhum, os procedimentos satânicos das mulheres bruxas. Quando, lá na terra dele, a notícia correu célere nas manchetes bucais da

população irrisória do lugar, ele montou no seu cavalo alazão e veio até a casa do seu compadre Manuel “pra mo’de” saber com precisão da veracidade de tal notícia bruxólica que chegou “inté” o buraco dos seus ouvidos, pegou o martelo da bigorna dele e malhou com toda a sua força alarmadora.

Depois da indagação que ele jogou por riba do seu compadre, a resposta veio afirmativa com juros e tresjuros, isto é, como verdade verdadeira, bruxolicamente indagada e afirmada.

– Ué! e o que foi que tu fazeste, mo cumpadre Manuéli? Capaz inté, home de Deus, que tu ainda botaste trato nos miolo da cabeça pra mo’de favorecê a vida mundana dessa caterva de muié mula sem cabeça que não têm um poco de vregonha na cara e que veve em riba desta bola de barro só pra mo’de consumi a vida dos so simiiante.

– Bão, cumpadre Zeferino – respondeu o Manuel Pereira –, isso tudo que vancê acabô de dizê da boca pra fora não é bem ansim não. Mo difunto pai, que Deus tenha ele lá, que eu não ’tô chamando ele aqui, sempre dizia pra nós que cardo de galinha magra e costela não fage máli a ninhum cristão que sofre do estamo. E ainda mais, cumpadre Zeferino: tudo foi Deus quem fêgi; o home, senhôri, não faz nada, nem um grãozinho de areia. É tudo obra Dele. Ele fêgi o home de barro vremeio, preto e amarelo; água doce e sargada; fêgi o Sóli quente e vremeio e a Lua branca e fria; fêgi o mári das trumenta na Lua e fêgi o mári do oceano na Terra; fêgi o Saturno c’os dedo cheio de anéli lá im riba da sombraceia do céu e fêgi a Terra carregada de ginga cá embaxo dele; fêgi o Caminho de Santiago nas mata vrige e pantanosa da Via Lata e fêgi o caminho das Índia nas barbas do oceano da Terra; fêgi a Lua redonda e as estrela pontuda. Todos os dia, na hora em que o Sóli nasce, a Lua acode o parto da Terra; e, quando ele morre, as estrela velo ele.

– Cumpadre Manuéli, eu vim inté aqui na vossa casa pra mo’de vancês me levá lá im riba do roçado. Eu tenho

munta vuntade de vê de perto o táli balanço daquelas canaia desavregonhada mula sem cabeça que são enganaderas dos marido com os propios cumpadre. Oia, cumpadre Manuéli, não é à toa que no céu da boca delas nasce um dente canino.

Depois de muitas conversas e contraconversas, os dois homens subiram o morro e, ao chegarem à margem da roça, o Zeferino, logo de imediato, pôs os olhos em riba do balanço bruxólico, que, por sinal, era muito convidativo para um ensaio físico e, também, para descanso após um dia de trabalho muito cansativo.

– Cumpadre Manuéli – falou o Zeferino –, vossa mecê me adescurpe, mas que tombém o sinhôri 'tá pecando contra si memo, lá isso 'tá. Antão, home de Deus, pra mo'de que já não passaste o facão naquele marvado cipó que se sujeita pr'uma espécie de gente tão infanda qui nem essa súcia de muié bruxa canaia que veve obedecendo às orde do Satanás?

– Oia, cumpadre Zeferino, eu sô um home que aprindi a arrespeitá as cosa de lá de riba do arto e tombém as de cá de baxo. Eu sô produto cá da Terra: enquanto 'tô vivo, mexo com tudo e vejo tudo. Quando mo corpo murrê, aí sim, não pertenço mági a esta Terra e tenho que ir-s'imbora mo'de apresentá conta certa do que figi cá embaxo. Os antigo contavo que, uns minutos antes do home murrê, ele arrecebe a visita dum anjo que presenteia ele com um par de asa e uma camisola branca, que é pra mo'de, quando o corpo dele assubi pra riba do céu, não se apresentá em pelo na presença dos porteros celestiáli nem dos enfermero purgatoriano ou limboriano. Daí o sinhôri tira uma amostra de que a cosa não é tão simpres como nós matutemo dentro desta cuia de coité chamada de cabeça e cheia de semente faiada. Na ocasião que figi derrubada da mata, não dexê, não sinhôri, de notá qu'ó seio daquele cipó tomou aquela forma de balanço por mão de vivente da Terra. Mági o que é qu'eu podia fazê, sinhôri? Mexê com cosa que não são da Terra não é porsive não!

Eu arrespeitê, intê o dia de hoje, que nós 'temo vivendo, este balanço e nele eu não toco.

– Cumpadre Manuéli, a sua conversa 'tá munto certa, eu acardito munto no que o sinhôri diz da boca pra fora, como intê, tombém, arrespeito munto. Agora vô pidi licença pra vossa mecê. O sinhôri dexa eu passá o facão naquele mardito balanço?

E assim procedeu. Tirou o facão da bainha e, com um corte certo, atingiu o centro do cipó que formava o balanço, sob os olhares esguelhudos do seu cumpadre Manuel Pereira e dos seus dois filhos, inclusive um que era o seu afilhado. Após o corte fatídico e impensado, as feridas abertas nas extremidades do cipó, em vez de soltarem seiva, soltaram faíscas de fogo bem vermelhas, assim como sangue de pessoas que possuem todos os glóbulos encarnados, intactos, flutuando divinamente em riba do oceano da saúde sem câncer e sem cansaço físico. O Manuel Pereira ficou assustadíssimo, rubro como lacre, tremendo que nem vara verde, mas falou:

– 'Tá vendo, so cumpadre Zeferino, isso não é cosa da Terra cipó sortá fogo qui nem esse que quema as roça das nossa coivara, não é memo? Nós 'temo vendo que não é cosa da Terra.

– Quáli nada, sinhôri – retrucou o Zeferino –, este cipó deve sê é parente dos boitatá das mata deste brejão da Lagoa da Conceição.

– Antão, cumpadre Zeferino, o sinhôri acha que boitatá é cosa desta Terra que nós vivemo?

– Cumpadre Manuéli – tornou o Zeferino –, o serviço 'tá feito, eu vô pidi licença a vossa mecê pra mo'de descê, proque dexê o mo cavalo amarrado na cerca na frente da vossa casa, pra banda de fora da rua.

– 'Tá munto bem, cumpadre Zeferino, licença o sinhôri tem, mas eu e os mo rapaze vamo cová terra mo'de prantá rama de mandioca, que já temo ela cortada desde tresantonte.

– Bão, intê logo, cumpadre Manuéli.

– Inté logo, cumpadre Zeferino.

O Zeferino meteu o facão na bainha e tocou o pé no caminho de volta para a casa do compadre, a fim de apanhar a sua montaria, que havia deixado amarrada na cerca.

Ao se aproximar de uma cerca que protegia as roças do seu compadre, ele precisou, para passar, retirar uma vara da porteira. Quando o fez, caiu desmaiado na terra, sem que por ali perto houvesse a presença de alguém para socorrê-lo.

Ao pôr do sol, quando o Manuel mais os filhos voltaram para casa, após um dia de estafante serviço roceiro, feito com uma enxada meio cotoca e meio mal encavada, depararam com o Zeferino esticado no chão, que nem um gambá surrado, com os pés, as mãos e a cara crivados de manchas roxas como amora madura. Tal coisa havia sido praticada pelas bruxas que frequentavam dentro da noite os deleites fadóricos do balanço natural da roça do Manuel Pereira. Por riba das pontas dos moirões da cerca, havia corujas pousadas e, de vez em quando, a presença de grandes morcegos voando em disparadas frenéticas, em rasgos de rasga-mortalha, num desafio ao poder efêmero do homem de argila humana.

O Manuel, ajudado pelos filhos, ajuntou o Zeferino e colocou-o dentro do carro de bois que estava guiando da roça, com um pouco de lenha, e assim desceu ribanceira abaixo como Deus era servido e o carro de bois sacudido. Tiraram os chapéus da cabeça, colocaram-nos nas pontas dos fueiros do carro, persignaram-se e passaram a rezar a oração das treze verdades até em casa, que era para afugentar aquelas almas sem teto espiritual que foram assenhorear-se do balanço natural da roça somente para judiar da fraqueza humana argilosa deles.

E assim chegaram em casa, a trancos e barrancos, com o Zeferino desmaiado e sem fala, que nem um boneco de cera virgem. Depois de contarem o ocorrido aos familiares e vizinhos, resolveram chamar a médica de sítio, benzedeira-curandeira, a

sinhá Marculina do Joronço [Gerôncio]. Ela era uma benzedeira de fama ilhoa e conhecedora profunda e afundada dos negócios invisíveis lá de riba do alto, e ela mesma dizia ter comunicação com os outros planetas adiantados e superadiantados. A Marculina, na hora em que foi chamada, estava lavando os lençóis de pano de algodão, e – segundo ela falou – eles estavam sendo usados na cama de dormir havia mais de dez meses: questão de economia de sabão e puição. Quando ela recebeu o chamado, atirou as roupas na pedra do lavador, calçou as chinelas, enleou o xale negro por riba da cabeça, foi ao quintal e recolheu galhos de arruda, de alecrim, de alfazema, meteu-os dentro de uma cesta de folhas de taboa que estava pendurada num caibro da casa, junto com as ferramentas cirúrgicas milagreiras que ela usava, e plantou os pés no caminho.

Quando chegou na casa do Manuel Pereira, ele tratou de introduzi-la no quarto onde o Zeferino se encontrava esticado em riba de uma esteira, bem de remolho. Ela agachou-se, levou as costas das mãos nas faces do Zeferino, crivadas de autênticas petéquias ilhoas fadóricas, apalpou-lhe os pés “pra mo’de” sentir-lhe o grau de temperatura, deu-lhe um pedilúvio com água, cachaça, sal e vinagre, desatou-lhe os cordões das pernas das cerolas “pra mo’de” retirar-lhe a poeira com o choque. Meio cansada, levantou-se, indagou a ocorrência dos fatos e diagnosticou: “É empresamento por vingança bruxólica cipoadamente balançada.”

Recomendou em seguida aos familiares de Manuel Pereira: “Abro todas as porta e jinela, se coloque todos no centro da casa, ou na rua, que vô exorcizá esse tureba que andô brigando a facão c’as cosa espirituáli dos otro praneta. Mos santo fio, as muié bruxa que atacaro o Zeferino lá de baxo da portera são espirituáli e não formada aqui nas academia desta Terra. São de planetas adiantado que tão por riba de nós. Nos oio das minha oração, eu vejo elas toda mitida no coro dele, me espiando, ansim memo

qui nem caranguejo do buraco do banhado espiando a presença do bicho-home. E digo mági pra vancês: a situação dele é munto grave, tanto do corpo quanto d'arma. Eu não garanto a cura dele não, mos fio! Mági não custa nada exprimentá, não é vredade?"

Ela abriu a cesta, apanhou os ramos das ervas e as ferramentas cirúrgicas milagreiras que estavam consigo e deu início à operação rezadeira:

“Treze raio tem o Sóli
treze raio tem a Lua,
sarta diabo pro inferno
qu'esta alma não é tua.
Tosca marosca,
rabo de rosca,
vassora na tua mão,
reio na tua bunda
e aguião nos teus pé.
Por riba do silvado
e por baxo do teiado!
São Pedro, São Paulo e São Fontista
por riba da casa, São João Batista.
Bruxa tatarabruxa,
tu não me entres nesta casa
nem nesta comarca toda,
por todos os santos dos santos.
Amém!”

A velha terminou a oração milagreira bocejando tanto que até dava dó de se ver, mas o Zeferino, nem conta nem caso. Não tugia nem mugia. Diante do caso tão sinistro que se apresentou, a benzedeira chamou o Manuel Pereira e pediu-lhe que fosse arranjar um punhado de folhas de pessegueiro, erva-de-bicho e um pouco de mostarda. Ela tomou as folhas e a mostarda, socou-as e misturou-as com sabão virgem derretido, para obter um

emplastro, que colocou nas solas e raízes das plantas dos pés do Zeferino. Nada de resultado satisfatório, pois o Zeferino não reclamou, nem queimou, nem sequer calejou. Diante do fracasso, ela tentou novo assalto contra o reino da bruxaria. Apanhou um monte de algodão, colocou fogo e o queimou nas fossas minéricas nasais do Zeferino. Nada! O Zeferino não cheirava, não lambia, não grunhia, nem piscava, nem, tampouco, mordia. Nova tentativa. Mandou botar uma brasa viva dentro de um pouco de água, abriu a boca do Zeferino e despejou uma colherada pela goela abaixo. Porém, sem resultado, pois o Zeferino não reclamou nem de queimadura nem de friagem.

A mulher do Manuel apresentou-lhe água benta recolhida na Sexta-feira Santa, antes de o sol ser parido. Ela tomou um instrumento cirúrgico vegetal, molhou-o na água benta e deu início a mais uma operação cirúrgica espiritual: benzer o Zeferino contra o pesadelo. Persignou-se e começou a oração da benzedura:

“Pai Nosso, João Cantero,
bem me disse São Mateus
que eu andasse onde quisesse
que medo eu não tivesse
nem da sombra, nem da lomba,
nem daquela mais pesada,
que tem as palma das mão furada
e as unha entravada.
Amém!”

Terminou a oração, mas o Zeferino não via, não ria e não grunhia. Desanimada já um tanto, por haver esgotado todo o manancial precioso da sua medicina curandeira espiritual, tratou de descansar um pouco em riba de uma cama marquesa que estava no canto da sala. Nesse meio tempo, a boca da noite veio, engoliu e triturou todo aquele dia tão fatídico para ela.

Num repente, quando se aproximavam as horas mortas daquela noite, o Zeferino acordou do seu sono bruxólico e começou a dar gritos meio lancinantes. Todos o acudiram enquanto ele gritava em altos brados: “Tô no balanço! ’Tô no balanço! ’Tô no balanço, lá im riba do morro!...”

Todas as pessoas da casa atenderam, muito curiosas, às palavras dele e correram para espiar a árvore do balanço lá no morro. De fato, viram surgir, sobre aquela mata, um fogaréu que parecia estar queimando tudo o que lá se encontrava.

Eis o resultado de tudo: o Zeferino não havia pago o aluguel da obediência para com a Terra e, por isso, ela mandou a Libitina servir-lhe a taça do despejo com o néctar da morte. É bem possível que o Zeferino tenha viajado para o Báratro, na barca de Caronte, pela lagoa Estige, comandado pela Abeona, na direção do rio Letes, lá nos confins infernais dos poderes quase ilimitados do gostosão ex-anjo Lúcifer.



Bruxa dando nós na crina e rabo de cavalos (1973)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 49,4 x 68,3 cm

Mulheres bruxas atacam cavalos

[1951]

Foi do pensamento divinatório e fantástico do homem de argila crua que o mundo irreal superior ganhou vida biológica e teológica fictícia entre seus habitantes. Entre esses mundos de visões de estórias exóticas que o espírito quase superior do homem criou, vive a crença de que mulheres metamorfoseadas em vida bruxólica alcançam poderes sobrenaturais que obrigam cavalos a deixarem suas pastagens terrenas e a galoparem por estradas e campos espaciais aéreos, onde elas fazem tranças nos rabos e crinas deles, com nós quase indessatáveis e os deixam sangrando, somente para verem perturbados seus donos.

• • •

– Vitorino, munto bãos-dia e que Deus 'teje em tua casa e c'a tua famiia toda! – Foi assim que o Gabriel Machado cumprimentou o seu primo Vitorino.

– E tu, primo Gabriéli, com' é que vági passando?

– Vô indo bem, vô indo bem, ansim como Deus é servido.

– Andas passiendo pel'aí ou andas a negoço?

– Eh! um poco passiendo e um poco trabaiano.

– Primo! Entra pra dentro, home, pra mo'd'a gente cunversá um poco. Dixa a tua montaria aí, que eu vô chamá a Lolinha pra mo' de sortá ela no pasto.

• • • •

O primo Vitorino, do Berto, morava perto da Lagoa do Jacaré do Rio Tavares, e o Gabriel, no caminho do Rio Vermelho.

– Primo Gabriéli, fazeste munta farinha este ano?

– Fígi sim, primo Viturino. Acho inté que levê munta ventage sobre o pessoáli do mo lugári. Num pedacinho de terra de quatrocentos metro quadrado, eu arranquê mandioca que produziu trezentos alqueire de farinha.

– Mas, primo Gabriéli, isso que tu ’tás falando aí foi milagre?

– Vredade sim, primo Viturino. Acho memo que foi milagre e vô te contá com’ê que assucedeu o caso. A minha muié, a Filipa, foi fazê uma visita pra famiia dela lá no rio das Capivara e eles falaro pra ela que pel’ái andavo uns padre visitando as capela dos lugári e que binziam rama de mandioca, cana-de-açúcri e otras pranta, pra mo’de invitá oio grosso de invéji e praga de otros bicho que come as nossa pranta, que são as furniga-carregadera, cafanhoto, gervão e otros mági. Na minha roça, todo dia, de tardinha, eu recoía foia de inhame, de mangue e otras erva e butava na cabeça do carrero das furniga pra mo’de invitá qu’elas entrasse na roça e devastasse a mandioca que ’tava ainda piquena. Pra enxotá os cafanhoto, a gente pegava gaio de pau e batia nos lugá que eles ’tavo apoiado, mági os miserave poisavo logo adiente e continuavo cumendo o que quirio. Pra invitá qu’o gervão entrasse na roça e que numa só noite devorasse tudo o que ’tava prantado, a gente cavava valas em vorta da roça e eles antão pulavo dentro delas e não saíu nunca mági. Tinha vala que ficava cheia de gervão inté a boca. A gente matava munta contidade, mági munto deles consiguio entrá na roça, proque passavo por riba das vala que ’tavo cheia deles e davu um grande prijuízo pra gente e naquele ano se sofria os horrôri da misera, por farta de farinha pra podê se alumentá. O oio grosso que botavo por riba das costa da gente quando as pranta aparecio munto viçosa, isso antão nem se fala: tinha roça que adispôs qu’o oio grosso de invéji poisava por riba dela aparecia

toda quemada, como se geada tivesse caído por riba das pranta, Viturino! Quando a Filipa chegô em casa, a premera cosa que ela falô foi na táli binzidura milagrosa dos padre que andavo pel'ái pela Iia. Eu, no principio, não pus assunto na cunversa dela não, primo Viturino, mági, bem de tardinha, eu peguê uma garrafa de comprá crosena e fui inté na buodega do Zé Valente, pra mo'de enchê ela. Quando cheguê na venda, a cunversa era só em vorta da nutiça de que os táli padre vinho pra capela do Rio Vremeio na sexta-feira daquela sumana pra mo'de atendê o povo neste assunto: binzê cruz de rama de mandioca, de cana e de pau. Essas cruz, adispôs de binzida, ero fencada no chão, no meio das roça, como uma defesa espirituáli, mandada por Deus pra mo'de velá pelas pranta da nossa lavora. Na discussão que osvi na buodega, uns dizio que aquilo era bobage, proque, se a pranta não crescia, era por via de que a terra 'tava fraca; otros falavo que era pra mo'd'os oio ruim de munta gente priguiçosa que não trabaio, mági que veve botando pitafe nas cosa dos otro e xingando elas de um pudê de muntas otras misura. Como o primo sabe, eu não sô home chegado a ficá cunversando c'a barriga encostada em barcão de venda c'os fundiios das carça grudado em riba de caxão de crosena marca Jacaré. Sempre guardê munta quizila pra essas cosa proque num dá certo! Peguê a garrafa da crosena, infié o dedo no cordão que 'tá amarrado no gargalo dela, sodê a todos que ficaro com meu boa-noite e fui pra casa matutá o assunto. Chamê a Filipa na varanda, sentemo no banco da mesa e fumo cunversá sobre as cosa que 'tavo se passando pra mo'de a táli nutiça das binzidura dos padre. Cunversemo ansim:

– “Filipa, sará que é perciso a gente levá as rama toda de mandioca e cana que vai prantá, pra mo'd'o padre binzê elas lá na isgreja? É perciso, Filipa?

– Não! Não é ansim, home de Deus Pai, não é ansim! Pelo que o sê [eu sei], cada pessoa leva dôs pau de rama de mandioca

em cruz, um pedaço de cana-de-açúcri, tombém em cruz, e um punhado de feção e de miio, se quisé levá.

– Filipa, eu vô levá, além das cruz, uns pedaço de rama e de cana assuparado [separados], que é pra mo'de, quando a gente fô fazê a prantação, cardeá [encordoar] as rama benta picada c'as otra que ficô em casa. Na hora da mistura, toda rama picada ganha a santa virtude da binzidura proque foi misturada. Tombém nas otra cosa se faz o memo procedê. Vem cá, Filipa, tu achas memo que 'tás falando o certo e 'tás concordando c'a minha opinião de levá, além das cruz, uns pedaço pra mo'de cardeá?

– 'Tô sim, Gabriéli, 'tô. E sabes, Gabriéli, o encarregado da igreja 'teve na casa da tia Filisbina e falô pra ela que os padre não cobro nada pela santa binzidura. Ele disse que a gente dá o que quisé. Os táli padre tombém benze as roça, a gente e as casa, e pra isso é só a gente pricurá eles."

Eu, primo Viturino, adispôs de osvi essas cunversa toda da Filipa, arresorvi, no dia marcado, levá rama de mandioca, cana-de-açúcri, feção e miio pro padre binzê. Na hora de prantá, piquê as rama binzida e misturê os pedaço c'as rama que ficô em casa; piquê a cana e misturê os pedaço c'as cana que ficô em casa; misturê o feção binzido c'os não binzido; e c'o miio fígi o memo; preparê a terra sem botá instrume e prantê tudo. Primo, acardita, proque é vredade o que vô te dizê: as prantinha, quando botaro o oio de dentro das cova pra fora, foi memo pra mo'de crescê com sustança. Dentro de três mês, as rama da mandioca já 'tavo com mági de metro de artura e com grossura do pulso do braço de um home; as cana, nesse memo tempo, já 'tavo com mági de dôs metro de artura e c'a grossura duma garrafa de litro; os pés de miio dero de sete soca pra riba e os pés de feção dero três quilo de grão bem pesado. O aio qu'a Filipa prantô adispôs de binzê, de cada cabeça qu'ela prantô coieu uma resta que pesô sete quilos e meio. Foi pena, sabes, primo Viturino, qu'as cabeça d'aio dela nascero rindo, proque, naquele dia das prantação, ela

'tava munto alegre. As pessoa deve escoiê o dia pra prantá aio quando 'tivê arrenegada, proque se ri quando 'tivê prantando, toda cabeça d'aio tombém nasce rindo.

– Antão qué dizê qu'ô mô primo Gabriéli ganhô um dinherão c'a lavora do ano passado? Deu intê pra tirá o pé da misera, hem, primo?

– Deu sim, primo Viturino, deu munto bem. Mági, no ano seguinte, mo santo primo, as pranta viraro a incuiê qui nem biacu que perde o inchume. Nunca mági prestaro. A Filipa, antão, me falô em boca miúda e tem munta rezão: “Oia, Viturino, isso foi um ar de quebrânti que botaro por riba das nossas costa, e as pranta largaro o podê ispirituáli da santa binzidura do padre e dero pra mo'de se sumi.” Adispôs desse contratempo, primo, eu arresorvi largá a mão da lavora e saí pel'aí a pomberá. Cumprê uma carroça do fio do difunto Pedro Fulanês e agora vim intê aqui pra mo'de vê se cunsigo cumprá um cavalo que seje bão de montaria e de carroça.

– Ih! primo Gabriéli! quando tu falasse em cavalo, eu fiquei c'os cabelo da cabeça em pé. Se eu 'tivesse de chapéu na cabeça, ele tinha saído avuando pelos ári qui nem aribu.

– Ué!... pra mo'de quê, primo Viturino?

– Primo Gabriéli, tu nem sabes o que é que 'tá se passando aqui neste lugári, home de Deus! Dá intê pra mo'de mitê medo no home mági corajoso que inzeste. Diente dessas cosa toda, eu vô te priguntá uma: tu 'tás bem privinido c'as cosa lá de riba do arto, primo Gabriéli?

– Eu acho que 'tô sim, primo Viturino. Tenho no piscoço um brebe que foi da mãe da minha bisavó, um punhado de mustarda e nove dente de aio vistido com casca, guardado no borso, e uma faca de ponta na cintura. Mági, primo, 'tá acuntecendo arguma cosa de máli pel'aqui?

– 'Tá sim, primo Gabriéli, 'tá. Eu vô te contá tudo, que é pra mo'de tu ti privini, Gabriéli. Duns tempo pra cá, começô a

aparecê neste lugá um bando de muieres bruxa que é um deus nos acuda. Quági todo nosso gado 'tá duente; galinha que drome em pulero de arvoredado aminhece morta; os cavalo ando, de noite, galopando aí pelos ári qui nem locos e, de minhê nos pasto, c'as crina e c'os rabo cheio de nó, que quági não se pode desatá, e, ainda por riba de tudo, sangrando. Os gado fico inté meio maluco, e as galinha morre sem um pingo de sangue dentro do corpo. Elas chupo as galinha no dedo mindinho e os gado e os cavalo em quarqué parte do corpo deles. Rapaz, a judiaria qu'elas pratico c'as criança daqui deste lugá mete dó inté no coração dum home malifazejo. Essa praga de muieres bruxa que sortaro em riba do nosso lugári nunca se constô neste mundo cosa iguáli.

– Sim, primo Viturino, e vancês não 'tão fazendo nada pra mo' de acabá com elas?

– 'Temo sim, primo Gabriéli, 'temo. O povo garrô pra mo' de acindê vela pro São Pastorinho nos pasto, nos amarradôri e nos curráli, onde se recoie eles pra dromi. O povo desta Iia de Nossa Senhora do Disterro sempre teve munta fé e admiração ao São Pastorinho e o invoca sempre que há pirigo de vida nos gado muáris, cavaláris, caprinos³ e os otro. Já chamemo mági de sete binzidô e binzidera, mági quáli nada; estas muieres bruxa que tão pirsiguindo nós aqui têm podê ispirituáli munto mági forte que as reza e as oração das binzidura deles. Lá na casa da Marcelina do Lando aprepararo uma armadiia com um baú de foia de flandre; na casa da Marciana do Zé Morato aprepararo uma armadiia com meio alqueire; na casa do Luciano da Metela aprepararo

³ Os nativos da Ilha têm pronunciado como alveopalatais (chiados) o fonemas sibilantes /s/ e /z/ finais de sílaba ante consoante (ex. *isca*, *fisga*) ou pausa (*qués*, *diz*). Esse fenômeno é que Cascaes quis registrar ao grafar esses três termos com -x: *muárix*, *cavalárix*, *caprinox*. Cascaes se valeu do grafema -x para expressar o som que o Alfabeto Fonético Internacional expressa pelos grafemas [ʃ], surdo, e [ʒ], sonoro. Ante paragoge vocálica, Cascaes grafou a sibilante palatalizada pelo grafema -g-: *mági*, *fage*, *pôgi* 'mais, faz, pois'.

uma armadiia com a cerola dele em cruz, virada pelo avesso; na casa da Bastiana do Pedro Simão aprepararo uma armadiia com cozimento de ervas que têm a santa virtude contra elas. Mági não tivero nenhum arresurtado. Não pegaro nenhuma bruxa em todas as armadiia que fizeram. Nós, primo Gabriéli, 'temo inté munto assustado com isso tudo e não sabemo mági o que vamo fazê. Mo primo, o povo de hoje 'tá munto discrente e hirege das cosa que o Nosso Sinhôri insinô pra mo'de a gente se comandá no bem, quando andô aqui neste mundo que nós vivemo. Oh! primo! tão falando aí inté que o Reimundo Perna-Forte foi à capitáli e vortô contando pro povo daqui que as muié rica da cidade 'tão cortando os cabelo ansim qui nem nós home. 'Tão tombém pintando os lado das cara e os beço com tinta vremeia tirada dos papéli de côri que faze flôri pra grinarda de botá no çumitero no dia de finado. E mági: o fio mági veio do Jacinto da Ludovica foi tirado pra mo'de servi no exerço. Quando vortô de lá, não vistia mági cerola por debaxo das carça e por riba das vregonha dele. Sabes o que é qui os home 'tão usando lá na cidade, primo Gabriéli, por debaxo das carça, em vez de cerola? 'Tão usando uma carça curta qui nem as de muié; e o fio da Ludovica chama o apelido daquilo de cureca. Primo Gabriéli, as pessoa daqui, quando subero da nutiça da táli cureca, dero pra ir na casa do Jacinto, só pra mo'de bispá se era vredade memo essas táli nutiça. A Ludovica, pra mo'de se livrá das prigunta do pessoáli daqui, tratô de istindê, no varáli da rua, duas cosa daquela pro povo vê como era vredade. Primo, eu tombém fui vê e eu te digo mági: nós 'temo memo é no fim do mundo! O que eu vi nem te conto... É uma cosa qui nem carça de muié, que máli pode cubri as vregonha da frente de um rapazola de dez ano. Agora tu imagina só, primo: cubri as vregonha do dono dela qui é um home de vinte dôs ano, c'o corpo todo cuberto de pelo qui nem esses macaco qui ando aí trepado por riba dos arvoredos. Antão memo é qui eu não acardito que cubra. O sem-vregonha

do rapaz já andô falando por aí que vai usá aquilo pro povo vê e só por riba das vregonha da frente e de trás, sem as carça. Se ele fosse mo fio, eu dava nele uma surra de aguiada de chamá boi na frente do carro inté lanhá as carne dele, pra mo'de a mãe lavá com água de sáli.

– Mági, primo Viturino, antão tu achas qu'o rapági vai fazê isso memo?

– Vai sim, vai fazê e, se duvidá, faz memo nas barba da cara do pai. Pois o bandaio já teve a petulança de chegá a dizê inté qui este povo daqui são uma cambada de matuto e que o pessoáli daqui falo tudo enrado. Diz que não sabemo se visti e que só cumemo pirão de farinha de mandioca com peixe assado na foia da bananera e que ele não qué casá com moça daqui, proque elas têm pitiúme de massa azeda e só uso trança e coque na cabeça. Agora tu vês, rapaz, que castigo nós 'temo arrecebendo até da boca dos fios do proprio lugári, que não têm um poco de inducação no pensamento e na boca. E pra mo'de vê se essa praga que caiu im riba de nós alivia, o povo fez uma porcissão com o São Sabastião da Alexandra do Maneca, que já tem mági de trezentos anos de vida, um poco nos Açôri e um poco nesta Iia do Disterro. Foi a bisavó da Alexandra que troxe ele lá das Iia dos Açôri, quando veio pra cá. O santo é munto veio e arrespeitado por todo mundo daqui. Já fêgi um pudê de milagre e já ganhô um muntão de primessa. Eu, primo Gabriéli, já 'tô c'o coró da pele do corpo arrepiado ente de te contá o que ele disse quando o santo 'tava passando lá no caminho do Mato de Dentro em porcissão.

– O que foi, primo Viturino? O que foi que ele disse?

– Ficô incostado na cerca da frente da casa do pai mági uns discarado daqui inguáli a ele e, quando a porcissão passô, garrô pra ri e fazê chacota. Chegô inté a dizê da boca pra fora que aquilo era um buneco de barro que 'tava sendo embaçado por quatro matuto inguinorante e capiongo, que não têm o que fazê

em casa; antão, pra mo'de se intretê, ando carregando santo de barro nas costa.

– Primo Viturino, adispôs da porcissão, as diabrura das muié bruxa não abrandaro?

– Como havera de abrandá, primo Gabriéli, se o santo foi xingado na hora que 'tava passando revista nas cosa que tão acutecendo pra mo'de podê pidi pra Deus rogação por nós?

No exato momento em que os dois primos comentavam, com muita elevação espiritual, os fatos que estavam acontecendo no lugar, bateram palmas no terreiro e eles atenderam uma mulher, a Faustina do Zenóbio, junto com uma filha, que estavam voltando da casa da sinhá Maria Chica, uma benzedeira muito famosa, moradora do Canto da Lagoa.

– Bãos dia pra vancês e que Deus 'teja na vossa casa, so Viturino!

– Antão, anda passiano?

– Quáli nada, sinhôri, ando é me incomodando e pricurando ricurso pra mo'de vê se consigo abrandá a praga de bruxa que caiu im riba de nós qui nem aribu morto de fome. Vô contá pra vancês a desgraça que 'tá acontecendo aqui neste lugári.

– A sinhora qué tomá um cafezinho pra mo'de acarmá os nervo?

– Quero sim, so Viturino, quero!

– Joaquina! aprepara um café aí pra sinhá Fostina mági a fia dela, que chegaro aqui em casa – falou o Vitorino para a sua mulher.

– Como eu ia contá pra vancês, mos santo, esta chusma discarada de bruxa tem feito um verdadero inferno lá em casa. Na sumana passada, o Zé Nóbi [Zenóbio] comprô uma pareia de cavalo gatiado do munto bunito pra mo'de trabaiá na carroça dele e um otro cavalo malacara pro Delinho tombém trabaiá na carretinha dele. Se o [eu] contá pra vancês os caso que tão acontecendo lá em casa, vancês não vão acarditá de jeito ninhum.

De noite a gente vê os cavalo correndo pelos ári nos pasto qui nem uns loco, numa disparada sem fim. De minhẽ eles aparece c'a crina e c'os rabo cheio de nó que não se consegue disatá e c'õ coró sangrando. O mági importante, vô contá pra vancês agora. Ontonte o Zé Nóbi pegô um saco, montô no cavalo malacara do fio e foi inté lá nas companha da Armação de Sant'Ana, pra mo'de cumprá uns peixe pra escalá e ansim tê peixe no resto da sumana. Diz ele que, quando chegô aqui por perto da isgreja do São Sabastião do Campeche, ele osviu um baruião por riba da cabeça, ansim qui nem uma cosa que ia voando munto ligera. Parô o cavalo da montaria e, quando oiô pra riba do céu, viu o cavalo gatiado dele galopando pelos ári, pirsiguido por um pudê de bicho, ansim qui nem murcego de mato vrige e daqueles bem grandão. Vancês se alembro que, há muntos ano passado, lá naquela praia da tia Rita Maria apareceu um apareio voadô chamado loprano, guiado por dôs home?

– Eu osvi falá nisso – respondeu o Vitorino.

– Pos oiem, mos fios! O cavalo gatiado do Zé Nóbi 'tava avuando igualzinho qui nem o loprano qu'õ falê. Eu mi alembre disso pro mo'de que o mo difunto pai falava pra nós essas cosa em casa. Ele arrematava a cunversa e dizia: “Aquilo, mos fios, é astuça do demonho, que apreparô aqueles apareio pra mo'de matá as criatura nos ári.” E contava: “Os home que dirigio aquilo ero manobrado pelo demonho e, quando saíro daqui, caíro numa lagoa lá pras otras banda do Rio Grande do Súli. O apareio era astuça do demonho, e os home que dirigio ele tinha que sê da mema camariia dele, qui nem as muié bruxa são.” Pra mim, so Viturino, e o sinhôri aí, que ainda não sê a vossa graça, essa murcegada toda que apariceu aí são muié bruxa em traje de demonho. Ninguém me tira isso da cabeça. O murcego é da mema famiia do demonho. O mo difunto pai sempre dizia isso. Eu, so Viturino, esconjuro esses bicho o dia intero, como tombém esconjuro aquele sovina do fio da Ludovica, que veve

a xingá o pessoáli daqui com apilido e que inté memo chegô a tê a petulança de escarnecê do São Sabastião, que andava em porcissão no andôri, e tombém dos home que carregava ele. Aquele é um sem-vregonha discarado que inté já tem chegado a botá as vregonha à mostra na frente dos oio do pai, da mãe, dos ermão e de todo mundo. Esse pecado todo que ele botô no nosso lugári, agora nós é que temo que pagá por ele.

– Eh! minha fia! pelo pecadô paga o justo! – falou o Vitorino.

• • •

Linda Ilha de Santa Catarina, és tão linda, bela e tão admirada que até os cavalos que habitam o teu solo galopam pelos espaços siderais dos teus céus, pilotados por encantos bruxólicos, enlevados por músicas deslumbrantes e divinatórias.



Baile de bruxas (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 54,3 x 71,8 cm

Baile de bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria

[1952]

“Jovina, minha fia:

Hôji di madrugada, na cama, falê pro to pai que, daqui a poco mági, eu vô lá em casa da tua tia Modesta, pra mo’de cunversá cum ela a respeito dos terreno e da casa de engenho de farinha que ela qué vindê” – falou a Luísa do Manuel Perpétuo para sua filha mais velha. “Adispôs que tu arrumá a casa, lavá i istendê as ropa, pega a armofada i trata de acabá o triio de renda, pra mo’de entregá ele pr’aquela muié da cidade que fêgi incumenda nesta sumana, tresantonte. Quando o to pai vortá da pescaria, serve o cumê pra ele, que ’tá nas panela im riba do fugão. Isquenta o insupado de camarão que ’tá na panela grande, bota no prato e dá pra ele. Dá tombém o café que ’tá na chicolatera. Adispôs, isquenta a água na chilera, bota a farinha na farinhera i arruma tudo im riba da mesa, pra mo’de ele cumê. Quando os tos ermão piqueno se alevantá, bota água na gamela pra eles lavá a cara, dá as ropa limpa que ’tão pindurada nos prego da parede do quarto pra eles visti, dá café com batata cuzida pra eles cumê i manda eles ire pra iscola. Si a Virgilina do Antonho Pé de Chumbo vinhé apriguntá pra ti onde é que fui, arresponde que não sabes. Aquela veia inzonera só veve de oio grosso grelado

nas pessoas qui nem eu, que só cuida da sua vida e da sua família. Jovina, tu não sai daí de casa pra mo'de ires cunversá c'as fia dela. Quando eu vortá e, se subé que tu 'tivesse lá na casa delas, eu dô uma surra com uma vara de marmelero passada no fogo. Tu sabes munto bem qu'aquelas três muié fico o dia todo dando de mamá pras solera das jinela da frente da casa, só pra mo'de bispá tudo o que se passa na rua, e adispôs andá pindongando mixirico nas vizinhança. Isto, minha fia, é um mal inzembro pras otras moça do lugári. Oia, Jovina, toma cuidado cum elas que, pra mim, elas são é bruxa. Bruxa, minha fia, só faz parte daquilo que o demonho manda.”

A Luísa morava no Cacupé; a irmã dela, na Ponta do Sambaqui de Santo Antônio de Lisboa. Depois de recomendar mil vezes que a filha cumprisse à risca todas as recomendações, botou um xale na cabeça, calçou as chinelas de couro, segurou as alças de uma cesta de taboa e partiu rumo à Ponta do Sambaqui. Quando chegou em Santo Antônio de Lisboa, na Praia das Flores, sentiu-se um pouco meio cansada e procurou a casa de uma parente para descansar um pouco e tomar um gole de café corrido ou acompanhado, caso lhe fosse oferecido.

Os parentes receberam Luísa com muita amabilidade, trocaram muita conversa e fatos acontecidos entre os extremos dos tempos que não se viam, viveram saudades, profetizaram futuros e, quando já estavam com os aros das rodas dos carrinhos maxilares gastos pelo bate-boca, a Luísa levantou-se, pediu licença, despediu-se e deu os pés às areias e buracos do caminho de barro que precisava enfrentar.

Ela, quando menos esperava, bem na volta do caminho do Sambaqui, deparou-se com a velha Virgilina, descalça, usando um vestido de riscado de fazenda tecida em tear doméstico e com a cabeça envolta num xale franjado, também tecido em tear doméstico, mas seus trajés estavam muito encardidos. Cumprimentaram-se, aparelharam-se, ligaram

os aparelhos linguarudos da falação e os dos captadores “ultra tu soubeste?”

Um pouco adiante, a Luísa entrou na casa da irmã, e a velha continuou a viagem, pois a Ponta da Luz era o seu destino.

– Selvero! Selvero! Corre aqui, home de Deus, e vem vê quem ’tá chegando aí! Entra, minha ermã, que sodade qu’o’tava de ti, minha fia!

– Deus ’teja com vancês todo – desejou a Luísa para os parentes.

– Ai! que bom, minha ermã, tu tê aparecido por aqui! – exclamou a Modesta do Silvério, meio angustiada.

– Ó minha cunhada Luísa, como vás? – indagou o Silvério.

– A gente, mo fio, vai indo ansim como Deus Nosso Sinhôri é servido!

– O te marido e os tes fios ’tão bãos? – reprisou o Silvério.

– ’Tão sim, tão tudo di saúde, c’a graça di Deus! – brindou a Luísa.

– E vancês pel’aqui, com’ é que vão?

– Minha cunhada! Não vamo nada bão não! Temo aí um casáli de fio duente. Queremo vindê tudo o que temo neste lugári pra mo’de ir-s’imbora pra bem longe daqui.

– ’Tá acuntecendo arguma cosa munto grave cum vancês?

– Não ’tá não, já acunteceu, minha cunhada, e vô cuntá. Si tu acarditares, ’tá certo, e, se não acarditares, é a mema cosa. Não faz deferença na nossa amizade. Há uns dôs mês passado, o Selverinho e a Modestinha – eles são um casáli de gemos, como tu sabes – começaro a ficá duente c’a pele do corpo crivada de murdidias que inté sangrava, c’as mão e c’os pé cruzado, os bago dos oio munto arregalado e chorando sempre sem pará, e, ainda por riba, com uma sortura munto

grande por baxo. Esta tua ermã 'tá'í que ti diga. Fizemo tudo quanto foi remedo que ensinaro, mági nada adientô. Um dia, de minhẽ cedo, que 'tava de [vento] nordeste, tomê a canoa, suspindi a vela pra riba e me toquê pra cidade. Puxê a canoa pra riba da praia do mercado, onde 'tão as banca de vindê peixe, e fui à pricura de uma butica pra mo'de consurtá um buticaro de lá. Lá numa rua que nem sê o nome, encontrê uma. Entrê, tirê o chapéu da cabeça, sodê um home meio veio que 'tava pelo lado de dentro do barcão e priguntê pra ele quem era o buticaro daquela butica. "Sô eu memo, respondeu; o sinhôri percisa de arguma cosa?" – me priguntô. "Perciso sim, sinhôri, perciso." E fui dizendo pra ele: "Eu 'tô com dôs fiios munto duente; já fiz de tudo, mági eles não mioraro." Daí ele me priguntô os máli das duença e a idade deles. Cuntê tudinho de vêgi pra ele. Adispôs que ele osviu tudo, me priguntô se, na cama das criança, aparicio uns bicho chato qui nem carrapato miúdo, que morde a gente e dexa uma marca vremeia na pele do corpo e que veve sempre iscondido nas fresta da madeira da cama. Eu arrespondi pra ele que nunca tinha visto táli aparença em dia de minha vida.

– Como é o nome do táli bicho, Selvero? – perguntou a Luísa.

– Oia, Luísa, o nome do táli bicho chato que ele falô, eu não m'alembro, mági [penso] a mo'de que ele se chama *porçobejo*. Adespôs de consurtá, ele s'arretirô lá pra dentro da butica, demorô um pudê de tempo e, quando vortô, troxe um papéli cheio de letra de tinta que 'tá 'í guardado e um montão de rumedo. "Moço", falô o buticaro pra mim, "esse rumedo que 'tá nesta lata é pomada pra mo'de esfregá no corpo das criança, pra sará as firida; nesta caxinha tem uma porção de cúpila que é pra mo'de dá três pur dia, pra matá a sortura. Neste vidro tem fortificante pra mo'de dá uma coierinha adispôs da cumida, três vez por dia." "Quáli é o resguardo na

cumida delas, so buticaro?” – priguntê. Ele arrespondeu: “Na cumida não percisa resguardo não, sinhôri. O sinhôri fági o seguinte: mande a vossa muié dá banho no corpo das criança com água morna duas vêgi por dia e trocá a ropa suja tombém. Não dê chucha pra mo’de as criança chupá e bote na cama delas sempre lançóli, manta e fronha limpa. Se é ansim como o sinhôri me falô, as vossa criança ’tão munto máli da saúde.”

“’Tão, so buticaro, ’tão. ’Tão inté bem máli memo. ’Tão só na pele e no osso.” Adespôs paguê os rumedo pra ele, embarquê na canoa e me toquê de vorta pra casa. Contê as estora das limpeza que ele falô pra Modesta e tratemo de dá os rumedo pras criança. Resurtado não houve. Foi memo do que chuvê no moiado. Foi só memo pra mo’de a gente gastá o dinheiro que se ganha cavando a terra c’as enxada, derramando o suôri o dia intero qui nem um canguero dos otro. Inté, minha cunhada, foi munto pióri. A tua ermã fêgi um pudê de primessa pro santo da isgreja de Santo Antonho. Chegô inté a primitê pra mandá fazê dôs anjo de massa pra dá pro Divino Isprito Santo no dia da festa d’Ele, pra mo’de sê arrematados e entregá o dinheiro pra Ele. E ansim tudo ia pra diente sem cura nenhuma pras duas criança, que cada dia mági se tornavo em isqueleto, quando, sem a gente isperá, varô por aqui a Rita Sisina, que andava pricurando uns terreno com casa e engenho, pra mo’de comprá pro fiio dela que ia se casá por aqueles dia. Cunversa vai, cunversa vem, e a Rita falô em comprá tudo o que nós temo. Eu antão consurtê a Modesta pra mo’de sabê se ela ainda concordava em vendê, como nós tinha combinado num dia desses passado. Adespôs de munto cunversá, entremo num acordo pra mo’de dá a palavra de firmeza só adespôs do resurtado da duença das criança. Daí ofrecemo cumida pra Rita. Mas ente d’ela se assentá na mesa, pidiu licença pra mo’de dá uma ispiadela nos dôs enfremado. A muié, quando viu os dôs enfremo daquele jeito qu’eles ’tavo, ficô apavorada

de medo e gritô: “Mo Deus do céu! Estes dôs inocente ’tão embruxado!” Chamô a Modesta mági eu e aconseliô pra nós que o [eu] fosse lá no Morro dos Ratone buscá a sinhá Maria Gamboa pra mo’de tratá das criança, qu’ela é uma muié benzedera munto famosa. Nós aceitemo o conseio da Rita e, no dia seguinte, quando os galo começaro a miudá, botê os cavalo na carroça e fui à pricura dela. A muié aceitô o mo pidido e, lá pelas três hora da tarde, nós ’tava chegando aqui em casa. Ela troxe, numa cesta de taboa, um pudê de materiáli pra usá na binzidura. Luísa, quando a binzidera botô o pé na porta pra dentro desta casa, os dôs inocente garraro num berrero tão arto que dava memo dó de se osvi. Eu fico inté arrepiado dos cabelo do corpo, quando falo disso. A binzidera entrô no quarto, abriu as ropa dos inocente, arreparô bem as peteleca que ’tavo por riba das pele dos corpo deles, tirô um Sinhôri Crucificado da cesta, bejô ele, tirô as tamanca dos pé e botô elas pra debaxo dos berço dos duente. Adespôs mandô abri as porta e as jinela da casa e binzeu eles. Luísa! A muié, quando cumeçô a binzidura, entrô num desassossego tão grande que eu inté fiquê intimidado. A muié chegava na jinela do quarto, oiava pro mári; ia nos canto da casa, ispiava pro chão; oiava pra riba do teiado da casa, dava vorta pelo terreno e entrava na casa, resmungando sozinha sempre, dizendo um pudê de palavra qui nem essas que os pessoáli lá das otras banda falo. Adespôs se assentô im riba da caixa de guardá ropa e garrô pra mo’de fumá cigarro de paia de miio. A gente ficô tudo assustado c’aquela situação dela. De repente, ela s’alevantô de riba da caixa, chamô eu e a Modesta lá dentro do quarto e falô: “As vossas criança ’tão atacada pelo terrive máli do bruxedo e acho memo que elas ’tão munto chuchada. Por poco memo é que vancês já não perdero elas. Mági agora não vai tê mági pirigo, proqu’eu já cortê o sortilejo dessas farsante discarada mula sem cabeça, que tão aí assentada no canto do quarto

da vossa casa incuiidinhas qui nem cachorro moiado. Eu sê munto bem que vancês não 'tão vendo elas, mági elas 'tão ali de oio bem escancarado, oiando pra mim e pra vancês, mortas de medo. Essa caterva de muieres discarada, sem um pingo de vregonha na porca da cara, essas candonguera que passo aqui im riba deste mundo, só fazendo máli pros sos semelhante. D'agora pra diente, as vossas criança vão drumi assussegada proque essas bruxa zabanera que 'tão aí atirada pelo chão, qui nem bicho peçonhento, nunca mági vão botá as mão suja de veneno por riba do corpo daqueles dôs inocente, pra mo'de trazê os máli dos inferno pra eles. A virtude poderosa da oração da minha binzidura cortô o podê da petulança do fado delas de arto a baxo. Muié bruxa, so Selvero, cumigo não tem assunto pra cunversá. Pra mim, no mo fraco pensá, o curpado d'as muié ficá bruxa são os marido e os pai delas, que dexo elas andá o dia todo pindongando nas casa dos vizinho e dos parente, fazendo fofoca. D'agora pra frente, eu garanto pra vossa mecê, so Selvero, que a bonança vai morá nesta casa por munto tempo. Esta noite eu vô passá com vancês e di minhê eu quero ir-m'imbora pra casa, proque eu tenho uma roça de miiio e de feção pra mo'de capiná. O tempo anda agora bão de sóli, e é munto bão pro mato capinado murrê."

Tudo medido e combinado, a Modesta tomou uma esteira de taboa, estendeu-a no assoalho da sala e, com ela, preparou uma cama para a sinhá Maria Gamboa dormir. O Silvério ficou muito feliz com a melhora que as crianças ganharam com a benzedura da curandeira e, para agradar-lhe e agradecer-lhe, resolveu dar umas tarrafadas no mar raso, para apanhar um pouco de peixe e oferecê-los a ela. Antes de sair, ele tomou um pouco de café, vestiu as roupas próprias para a pescaria e depois voltou em casa para apanhar a tarrafa de tucum, própria para a pesca da tainha, que estava pendurada na ramada de uma figueira perto de casa e que tinha sido colocada ali para secar. Quando ele

estava aproximadamente a uns trinta metros da figueira, notou que sobre ela caiu um clarão como os que antecedem os trovões e, com espanto, ele viu, dentro de sua tarrafa, uma caterva de mulheres nuas, dançando fandango bruxólico, acompanhadas por uma orquestra de sons tão estridentes que ele foi obrigado a levar os dedos fura-bolos nos ouvidos e tapá-los. O coitado ficou atordoado, correu para casa, chamou a Modesta, pediu que ela não acendesse luz, mas que chamasse a benzedeira, a quem em seguida narrou a aparição do quadro dantesco que havia presenciado dentro de sua tarrafa de pescaria.

A benzedeira pôs a mão na cabeça e exclamou: “Ah! mo Deus! m’isquici de quemá paia de aio dentro do quarto dos inocente, pra mo’de cortá de vez o podê do fado delas!”

A Modesta lembrou-se, na ocasião, que tinha umas réstias de alho na cozinha. Correu até lá rapidamente, colocou-as dentro de um prato de barro e entregou-o para a benzedeira.

A benzedeira, logo que tocou fogo nas palhas do alho, tomou o Crucificado na mão direita e, juntamente com o casal, dirigiu-se ao local em que estava a tarrafa de pescaria do Silvério, transformada em salão de clube de dança, arrastapé bruxólico.

Quando os três chegaram perto da tarrafa e puderam observar bem melhor, o que viram foi até de espantar: um frade de barro daqueles tradicionais malcriados, confeccionados nas olarias de cerâmica da Ponta de Baixo do município de São José.

Nuas como Eva antes de comer a fruta proibida, achavam-se ali a Virgilina do Antonho Pé de Chumbo mais as três filhas. Assim ficou confirmado, pela benzedeira e pelo casal, que aquelas quatro atrevidas mulheres bruxas eram quem estava tomando o sangue das suas inocentes criancinhas.

Razão tinha a Luísa quando saiu de casa e recomendou à filha que não tomasse contato com elas, pois a desconfiança de que elas eram bruxas não lhe saía da cabeça, hora nenhuma.

♦ ♦ ♦

Eh! minha Ilha de Santa Catarina, até os instrumentos de pesca, usados no mar que te banha, vivem visões de mundos fantásticos que se firmam em pedras preciosas sobrenaturais, incrustadas na coroa da cultura da tua estória popular!

♦ ♦ ♦ ♦



Estado fadórico das bruxas (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 50,8 x 62,4 cm

Estado fadórico das mulheres bruxas

[1954]

A madame Estória conversa nos ouvidos, sempre ávidos de novidades extraterrenas, sobre fantasias mágicas que as mulheres bruxas desempenham na sua vida fadórica, através de um misterioso talento que o galã anjo Lúcifer lhes oferece.

O demônio – afirma ela – é o vigor mental e o gênio tutelar dos mundos do irreal. Por isso, só a ele, e a mais ninguém, as bruxas devem obediência original no desempenho de suas tarefas sombrias e malignas. Elas, para entrarem em transe fadórico-metamórfico, despem as roupas na presença da sua chefe e as guardam em lugares reservados, para depois apresentarem-se nuas a ela, no lugar onde devem praticar as suas diabólicas estrepolias seculares. Se o objetivo for chuparem o sangue de uma inocente criancinha para satisfazerem os seus apetites infernais, elas enfileiram-se em frente à porta de determinada casa para a visita macabra, onde, junto ao buraco da fechadura, recebem o vaso do unto sem sal que a velha bruxa-chefe lhes apresenta. Com ele, ali mesmo elas untam os corpos nus e, unissonamente, conjuram o efeito psicológico da lei mágica do encanto para a transmutação dos seus corpos biológicos físicos para entrarem num transe espiritual maléfico, invocando em altos brados a

seguinte fórmula mágica: “Por debaixo do telhado e por riba do silvado, já vamos com mil diabos.”

Elas, no momento exato em que desejam a metamorfose, recebem automaticamente o seu efeito umbrático. Perdem a forma do corpo biológico físico humano e ganham, na retina dos olhos dos pensamentos humanos, formas monstruosas e, em fantasias lendárias, vão viver a vida bruxólica.

Na Terra, o homem as vê, com seus olhos sobrenaturais, metamorfoseadas em ninfas undívagas, chupando o sangue de inocentes criancinhas, andando por sobre ondas encasteladas do mar, judiando de pescadores quando tarrafeiam ou recolhem seus espinhéis de pescaria. Elas vivem vida hematófaga ilusória, encantando cavalos, transformando-os em monstros hipópteros, obrigando-os a galoparem pelos campos quiméricos para poderem dar-lhes nós nos rabos e crinas e vida altívaga quimérica nos espaços siderais. O homem também as vê tomando banho de areia aluvial selenita, nos mares tormentosos da Lua, sem maiôs nem qualquer outra espécie de inconvenientes tapumes terráqueos, e vivendo vida fictícia de vigaristas e concubinas alipotentes, lá para as alturas, bem mais longe de mundos outros. Também as vê roubando pedras preciosas dos famosos anéis de Saturno, depois de tê-lo embriagado sexualmente dentro do Caminho de Santiago, e vivendo vida nubívaga ilusória, voando nos espaços siderais, metamorfoseadas em discos voadores manobrados por impulsos sexuais, para tirarem *in loco* a prova da coragem viril dos pilotos que comandam os aparelhos aéreos.

• • •

Certa ocasião, uma criança de oito meses de idade, filha de um pescador e lavrador da Ilha de Nossa Senhora do Desterro, morador do Saco Grande, o Eliseu da Tuta, apareceu doente da noite para o dia.

• • • •

Num pealo, os pais viram a criancinha definhar-se que nem carne de peixe escalado que fica muito tempo ao sol. Assustados com o progresso incontrolável da doença que se instalara no organismo da criança e que resistia à ação terapêutica de todos os medicamentos empregados, resolveram consultar um benzedor que morava lá no caminho do Pantanal.

O benzedor curandeiro – o velho Quintino Pagajá – era uma pessoa muito dinheirista e não era capaz de fazer nenhum favor pra ninguém, sem antes receber pagamentos em dinheiro. Costumava cobrar adiantado, [por] algumas horas, o trabalho que prestava. Se não confiava, também não trabalhava.

O Eliseu montou num guinilha e partiu para a casa do Pagajá. Contou a estória da doença da criança para o médico benzedor e ajustaram o trabalho por dez tostões.

– So Iliseu, eu acostumo cobrá adientada as cunsurta. Não faço trabaio de cura fiado pra ninguém, nem de graça! Como o sinhôri munto bem sabe, pra mo’de aprindê as binzidura da minha reza, gastê um pudê de tempo e cansê o juízo dos miolo da cabeça. Pra aprindê a dá rumedo de boca abaxo, cristéli, esfregação, fazê sanapismo e muntos otro, tombém, gastê tempo e juízo da cabeça.

– So Quintino, agora aqui eu não tenho o dinheiro, mági lá em casa eu pego ele pro sinhôri sem farta.

O Eliseu havia vendido uma cabra muito boa de leite para uma sua comadre, que morava lá no Morro das Pedras de Santo Antônio e prometera, sem falta, trazer-lhe o dinheiro, no dia daquela manhã que ele fora solicitar ao velho benzedor que viesse curar a doença do seu filhinho. Justamente contava com a presença desse dinheiro em casa na hora em que chegasse para assim poder pagar a consulta do velho benzedor. Porém, em casa, o dinheiro ainda não chegara, e o Eliseu se viu em maus lençóis...

– So Iliseu, o sinhôri me adiscurpe, mági, sem o dinheiro entregue aqui nesta hora, eu não vô à vossa casa não, sinhôri.

Memo, pra le falá a vredade, eu 'tô com um eito de mandioca nova pra mo'de capiná sem farta e sem demora. O tempo 'tá de sóli e eu perciso apreveitá ele. Nos dia de hoje, um home jornalero 'tá cobrando um darrés por dia, de sóli parido a sóli murrido, pra mo'de trabaiaí no cabo da enxada. E não é seco não, sinhôri! Eles inzige como reforço, ente de ire pra roça: armoço às nove hora da minhẽ, janta ao meio-dia, café de tarde e ceia de noite. Sem arrecebê dinheiro, eles não trabaio não, sinhôri, e a gente, pra tê dinheiro na mão, pra mo'de pagá eles, é obrigado trabaiaí; e vai daí a rezão qu'eu não posso ire na vossa casa, fazê cunsurta a fiado.

– So Quintino, pelo amôri de Deus Nosso Sinhôri, não faça isso! Vá curá o mo finho, que eu pago vancê. Eu juro pela cruz qu'o Sinhôri dos Passo do Hospitáli carrega nas costa. Por favôri, não dexê a criança murrê por causa do táli miserave dinheiro, que inté já chegô a cumprá a vida da criatura mági santa que veio a este mundo, só pra mo'de sarvá os home das desgraça. So Quintino, si eu não tivé dinheiro em casa e não consigui arranjá, entrego este mo cavalo que 'ta aí na vossa porta por conta da cunsurta. Eu só peço é qu'o sinhôri vá lá em casa e cure o mo pobre finho, que já 'tá entre a vida e a morte. Ainda onte, à boca da noite, quando a gente 'tava tratando dele, dando rumedo de chá, o rasga-mortaia passô por riba do teiado da minha casa por umas sete vez; uma coruja, dando sináli de agoro, tombém passô.

– So Iliseu, eu nunca tratê ninhum duente de graça. Nem a minha propra mãe eu tratê, quanto mági os estranho, que não são pra mim água nem sáli.

– Mági, so Quintino, o sinhôri pode tomá conta desde já do mo cavalo como sendo seu, por conta do nosso trato. Eu só peço, pelo amôri de Deus, é pro sinhôri chegá inté lá em casa e dexá eu ire muntado nele.

– So Iliseu, eu vô inté na vossa casa pra mo'de servi vancê, mági não é lá com munta vuntade não, sinhôri.

O velho montou num cavalo malacara muito magro que possuía, mostrando uma cara que mais parecia um bruxo azucrinado do que cara de gente, e os dois partiram rumo ao Saco Grande, debaixo de um sol abrasador. Quando chegaram em casa, o Eliseu chamou a mulher e contou-lhe a estória da usura do velho, e ambos saíram quase de casa em casa, para ver se caçavam dez tostões, nem que fosse pelo amor de Deus. Infelizmente, só conseguiram cinco tostões com um tio do Eliseu.

O Eliseu apresentou, muito acanhadamente, os cinco tostões para o benzedor. Ele os aceitou, mas ficou resmungando uma porção de blasfêmias à boca pequena.

– So Iliseu, eu só vô arrecebê os vosso cinco tostão pra mo’de sê delicado, mági o vosso cavalo como resto do pagamento eu não aceito, proque ele é munto matungo e eu não vô achá ninguém que dê nem um darrés por ele. Trato é trato, e trato tem que se cumpri. O mo trabaio de cunsurta compreto custa dez tostão, mági o sinhôri só pôde me pagá a metade dele. Eu antão só vô rezá a binzidura pela metade tombém.

O Quintino entrou no quarto do enfermo, fez umas medidas com uns galhos de alecrim molhado em água benta sobre o corpo esquelético da criança e retirou-se sem falar com ninguém, nem mesmo para despedir-se. Naquela mesma noite, lá pelas vinte e três horas e meia, o Eliseu ouviu vozes de mulheres gargalhando sarcasticamente no terreiro da frente da sua casa. Preparou o espírito, que já estava meio conturbado pelos contratemplos que o haviam atingido frontalmente, e resolveu sair pela porta dos fundos. Dirigiu-se até em frente da casa, de onde calculou estar o som das cascalhantes gargalhadas. O quadro sinistro que suas vistas humanas toparam ver era horrivelmente estarrecedor: várias mulheres nuas; uma já com a metade do corpo para dentro do buraco da fechadura da sua casa; uma velha monstruosa, com um vaso na mão direita; e o demônio sentado em riba da gaiola do seu sabiá, que ele havia esquecido na rua.

A velha bruxa-chefe portava um cachimbo na boca, de onde uma espessa nuvem negra saía e entrava pelas frestas da janela, poluindo satanicamente o recinto do quarto, onde estava a sua criança tão enferma.

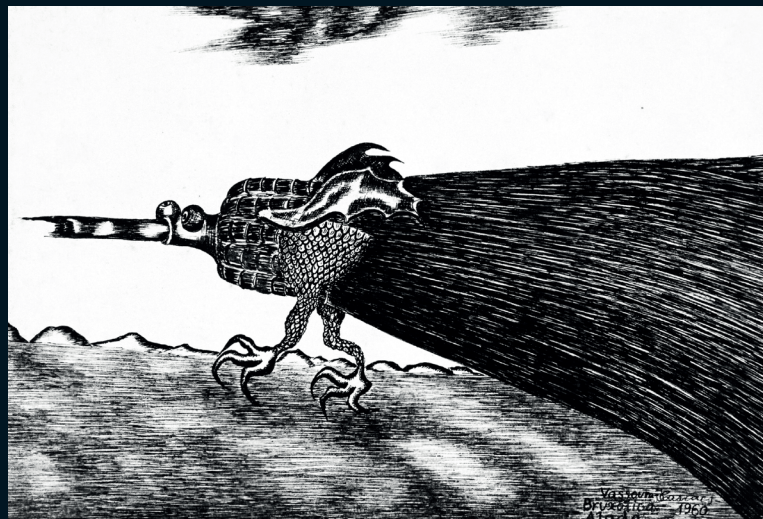
Seus cabelos se eriçaram, suas pernas quase fraquejaram, mas, mesmo assim, ainda reuniu um pouco das forças físicas que lhe restavam e voltou para dentro de casa. Quando colocou o pé na soleira da porta da cozinha para entrar, encontrou-se com sua mulher, que, em prantos, lhe deu a fatídica notícia de que a criancinha acabara de falecer. Desesperado pela notícia que recebera da morte de seu filhinho, passou a mão numa foice que estava num canto da cozinha e saiu pronto para decepar a cabeça do demônio, que estava sentado em riba da gaiola do sabiá, e também daquelas bruacas descaradas e sem-vergonha bruxas, mulas sem cabeça, que estavam dando cobertura bruxólica a ele. Mas, quando chegou no local onde estava formado o cenário diabólico, tudo era silêncio. Mas seu sabiá estava morto e depenado, caído no fundo da gaiola.

– “É a dureza da vredade” – falou consigo mesmo. “É ela vistida com o manto reáli!” E lembrou-se: “Um dia eu tive uma namorada que era uma moça pobre, órfã de mãe. Eu não tinha a menor ideia de me casá cum ela. Só pensava memo em arrancá as vrigindade dela e adespôs dá o fora. No memo tempo, namorava esta que é hoje minha propra muié de cama e mesa. O trato firme de casamento era só cum ela. Por munto tempo, a moça órfã rejeitô as minha proposta mintirosa. Mági, como ‘água mole em pedra dura, tanto bate inté que fura’, um dia ela se entregô pra mim uma vez, mági otra e mági otra; inté que ficô pra ganhá fio. No dia em que ela me falô que ia sê mãe, eu fugi pra casa, arumê as ropa num saco e fui pelo mundo afora. Fugi das mão da justiça dos home, mági fui caçado, na vorta do caminho da minha vida, pela justiça de Deus, que tarda mági não faia. O pai dela, quando sobe [soubel] que ela ’tava pra ganhá familiia, botô a

coitada pra rua de casa. Ela foi pra casa da madrinha, que recoiou ela por uns dia, inté que ela fosse se empregá lá na cidade, na casa duma famiia de gente rica. Quando ela ganhô a famiia, os dono da casa não quisero a criança. Ela, antão, com o dinheiro que ganhava no emprego, pagava uma muié pra mo'de criá o fio. Como o dinheiro que ganhava era munto poco, arresorveu caí na vida, pra mo'de mantê mió a criança, usando a vida triste de muié decaída. Adespôs, apanhô duença da rua, foi pro Hospitáli da Caridade e, dentro duma sumana, murreu. Foi o resurtado do mo procedimento bestiáli: a morte duma moça que quiria sê mãe honestamente e o abandono d'uma criança inocente que 'tá pagando pelo crími sociáli que não cumiteu para a táli madama sociedade, que quági sempre protege o criminoso e condena a propra vítima. Agora, eu já sê que comecê a pagá o crími que praticô e que mo fim sará qui nem o do sabiá: preso numa cadeia pra mo'de murrê nu c'os fogo do inferno me quemando a alma interinha.”

• • •

Querida Ilha de Nossa Senhora do Desterro, a madame Estória Popular, que veio nos camarotes culturais junto com os ilhéus açorianos e madeirenses que te colonizaram, legou aos descendentes deles potências divinatórias do saber humano quimérico.



Vassoura bruxólica alada (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 26 x 30,8 cm

Vassoura bruxólica

[1946]

Sempre foi crença do povo hospitaleiro desta Ilha dos famosos bois de mamão que, na Sexta-feira Santa, não se deve tomar instrumentos de trabalho para usá-los, seja para qual finalidade for. É também costume tradicional dos descendentes de colonos açorianos, na Sexta-feira Santa, a partir de zero hora, banharem-se nas ondas do mar, levando consigo animais domésticos, para se purificarem e protegerem de todos os males do corpo físico e espiritual. As águas colhidas nessa hora servem para todo tipo de cura.

É a fé de tempos longínquos, aliada à superstição, ao medo e ao amor pela conservação do corpo físico, na cura dos males que atacam o homem, em franca vivência espiritual e física com o seu Deus.

As forças atuantes de práticas religiosas freiam os instintos animalescos do homem, encaminhando-o espiritualmente para viver com bons modos junto com Deus, com a cultura, na sociedade e consequentemente com o seu próximo.

Entretanto, sempre aparecem, nos meandros desses cenários fantásticos, e outros moderados, pessoas que se arrojam contra os poderes divinos, maltratando esses

conjuntos de sociedades freadoras, veículos insubstituíveis de abrandamento dos sofrimentos que martirizam e açoitam a criatura humana.

Um caso de desrespeito espiritual aconteceu há muitos anos passados, lá pras bandas do sul da Ilha de Santa Catarina.

A Maria Vivina, moradora da Praia dos Naufragados, fez uma aposta com a Carriça, de que, na Sexta-feira Santa daquele ano, ela tomaria uma vassoura e, com a mesma, varreria o quintal de sua casa e, certeza tinha, nada lhe aconteceria de extraordinário. Apostaram um par de tamancos contra uma botina. E firmaram a promessa da aposta, casando-a.

Na Sexta-feira Santa daquele ano, de manhã cedo, ela chamou a Carriça, apanhou uma vassoura e foi varrer o quintal “pra mo’de” mostrar a sua coragem contra o poder da fé guardada por seus ancestrais e também para cumprir a promessa da aposta.

Quando a Vivina deu a primeira varredela, a vassoura soltou-se de suas mãos como um relâmpago, metamorfoseou-se em bruxa, ganhou altura sobre o Morro do Ribeirão da Ilha e desapareceu, num repente, no espaço sideral das alturas incomensuráveis da quiméria.

A Maria Vivina caiu de joelhos no terreiro, rezou, pediu perdão aos céus pelo ato impensado que havia cometido contra as ordens divinas e chorou copiosamente. A Carriça abraçou-se com ela e ambas choraram e sentiram o amargo do néctar da desobediência humana.

Nenhuma das duas era bruxa, porque a vassoura, que é um instrumento de montaria de bruxas, foi sozinha viajar pelo espaço sideral.

Oh! minha querida Ilha de Santa Catarina de Alexandria, és a graciosa sereia que repousa sobre brancas areias de cômoros errantes, sambaquis seculares, banhada pelas ondas acasteladas

do oceano, perfumada pela brisa acariciante dos ventos e enxugada com as toalhas felpudas dos raios solares que beijam calorosamente teu corpo mitológico!



Orquestra selenita bruxólica (1961)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 54,3 x 72,4 cm

Orquestra selenita bruxólica

[1970]

Em todas as épocas, os estoriadores que se preocuparam em conhecer as riquezas culturais da sabedoria popular sempre dispensaram muitas vantagens aladas, quiméricas, quase ilimitadas aos poderes originais mágicos das diabólicas mulheres bruxas que, para eles, praticaram, neste mundo mutatório, verdadeiras obras extra-humanas em favor dos ministérios infernais do reino maligno do anjo Lúcifer. Para esses estoriadores mitológicos seculares, que imaginam e criam mundos enlevados de mágicas teologais e outras, não causou nenhum espanto ilusório-psicológico ao homem de argila terráquea a presença [de seres] que saltam por riba dos mares, campos e florestas de poeiras lunares, na própria Lua, apoiados no seu peso-pena da gravidade espacial. Nem [lhes] causará espanto quando, ao irem a Marte, Vênus e a outros siderais planetas, a madame Tecnologia resolver oferecer-lhes ocasião para tais aventuras, que a sabedoria popular já atribuía, desde a infância dos séculos, aos poderes espirituais fantásticos vividos pelos deuses mitológicos.

Os estoriadores criam, em seus pensamentos humanos, deuses míticos aéreos, impulsionados com o combustível da ilusão e do sobrenatural quimérico, pilotados por inteligências

superfabulosas, que habitam mundos fascinantes, invejados pelo seu próprio criador.

Dos milhares de mundos da fabulosa criatividade humana – segundo eles –, todos possuem leis físicas ultrassobrenaturais mágicas. Tais leis são tão aperfeiçoadas, simbolicamente, que quase fogem ao alcance dos pensamentos dos humanos que as vivem. São leis que regem os mundos quiméricos extraterrenos, que têm o poder maravilhoso de criar vidas biológicas fantasiosas, metamorfósicas e de transmutações físicas quase ilimitadas.

A crença popular investe de poderes espirituais e ilusórios essas vidas miríficas extraterrenas: as bruxas alimentam-se do sangue de criança, de cavalos ou de galinhas e outros animais; separam casais matrimoniados e casais noivados; saem desta velha Terra caduca e percorrem léguas de distâncias espaciais inimagináveis, em frações de segundo; evitam ser apanhadas em armadilhas montadas com rezas, benzeduras e exorcismo. Com a força dos poderes sobrenaturais, desligam a vida biológica do corpo físico sem perdê-la e a ligam numa vida metamórfica de um espiritual corpo bruxólico, durante o tempo necessário para viver e desempenhar atividades diabólicas em favor do reino do seu chefe e senhor, o ex-galã celestino anjo Lúcifer.

Para provar que a vovó madame Ciência Popular ilhoa é verdadeiramente rica de humanos agraciados por Deus com pensamentos sobre-humanos fantásticos, seguiremos o drama que um suposto pescador do Retiro da Lagoa da Conceição viveu simbolicamente, ali, numa noite, montado em riba dos penhascos das pedras da Ponta das Garças – hoje Praia da Joaquina.

Em anos bem afastados das excursões e viagens aeroespaciais humanas, nosso pescador, protegido pela guarda de seu vira-lata e seu caniço, contou uma musicada estória aérea, à qual ele assistiu ficticiamente.

A madame Estória Popular narra, quando se encontra descansada, que lá no Retiro da Lagoa da Conceição residiu um famoso pescador ilhéu conhecido como Geraldo sem Medo. Ele, durante o dia, trabalhava na roça, de sol bebê a sol ancião, e, desde a noite criança até quando bastante envelhecida, ficava pescando de caniço, montado em riba das pedras da Ponta das Garças, que hoje chamam de Ponta do Retiro. O pescador Geraldo sem Medo estava sempre acompanhado pelo seu cão.

Apenas dois ranchos de canoa e uma casa de estuque gozavam as delícias e as belezas naturais daquele recanto, que cheirava a exuberância florestal e a algas marinhas. As águas do seu mar e praia eram livres de imundícies quaisquer. O ar era higienicamente respirável, próprio para os aparelhos respiratórios humanos, e o pescado, abundante.

O Geraldo, numa noite muito escura, até mesmo desaconselhável para enfrentar os caminhos que percorreu até chegar aos costões, viu-se corajosamente sentado em riba de um cabeço de pedra, caniço em punho, pescando no mar revolto de ondas acasteladas, envoltas em lençóis de fosforescência rubra que nem larvas de vulcão, atirando-se furiosamente contra o seu pedestal protetor.

Ele, embora meio maltratado pelo desafio dos perigos que o rondavam, continuou pescando, até que, de repente, levantou os olhos para bispar o mar alto, onde deparou com uma onda de muitos quilômetros de comprimento, levantando-se, agigantando-se, vermelha como sangue, pronta para atirar-se contra tudo o que pela frente pudesse impedir-lhe o triunfo dantesco.

Sentindo a iminência do perigo aproximar-se, ele tomou o caniço, chamou o seu cão. Os três foram se colocar bem em riba do cocuruto do morro, bem a salvo. Então, ele viu a onda dirigir-se calmamente contra as pedras do costão, desde a Ponta das

Garças até a Ponta do Gravatá, osculando-as carinhosamente, como um namorado matuto que pela primeira vez consegue beijar a sua deusa, muito acanhadamente.

“Bem!” – pensou com sua coragem, pois o nome Geraldo significa duro na lança e experimentado combatente –, “o mar tornou-se manso e agora já posso retornar ao meu trono de trabalho.” Agachou-se para apanhar o caniço que estava atirado pelo chão; quando se levantou, deparou com um clarão, que atingiu todo o costão onde ele se achava; seus olhos atônitos viram um quadro bellissimo, que o levou a pensar consigo: “Jamais olhos humanos viram uma coisa dessas.”

Viu, flutuando sobre a superfície fosforescente daquele pedaço de mar ilhéu, uma elevação terráquea com um rochedo meio estranho nos fundos, que parecia estar próximo da curvatura da Terra. Um pouco afastada dos rochedos, descortinava-se uma planície esverdeada; sobre o chão dela estavam sentadas e recostadas, sobre corujas, várias mulheres de formas exóticas, tocando instrumentos musicais. Os instrumentos musicais usados pelo conjunto folclórico bruxólico eram: violão, bandolim, gaita e pandeiro. As seresteiras se achavam dispostas em círculo; um pouco afastado delas, dançando, estava o galã inferneiro, o anjo Lúcifer.

Enquanto Lúcifer se rebojava, uma bruxa tentava coroá-lo com uma ferradura de cavalo. Bem próximo dos rochedos, estava colocado o trono real diabólico do anjo Lúcifer, encimado por um pássaro esquisito, porém quimericamente delicado.

Os sons musicais que se desprendiam dos instrumentos que elas executavam eram harmoniosos e enchiam de perfumes sensuais a atmosfera ambiental, que se entrosava com a virgindade natural da paisagem praieira ilhoa, que, até nos dias daqueles tempos idos, não havia conhecido a pedante e indesejável madame Poluição, nem sua árvore genealógica.

Geraldo, embriagado pelo cheiro vigoroso das algas marinhas e pela sonoridade da música bruxólica, caiu em êxtase transitório: seu espírito vagueou por mundos irrealis e lá recolheu mensagens verbais, explicando a razão da presença daquele cenário fantástico naquele local ermo.

Tratava-se de um conjunto bruxólico orquestral diabólico, terminando o último ensaio para organizarem uma festa nas montanhas do planetoide Eros, para recepcionarem arduamente os astronautas terráqueos, quando lá aparecerem em viagens espaciais.

A madame Lua foi convidada a assistir e opinar se foi bom ou se foi mau o ensaio de suas pupilas bruxas. Ela compareceu maquiladamente. Nova e lunaticamente enfatizou que estava ótimo o resultado musical.

Também o ruivo e soberbo míster Sol foi bruxolicamente convidado, mas fez-se representar pelas ardentias marinhas. As velhas bruxas selenitas badalaram quimericamente nos túneis dos ouvidos dos infernos que o Sol havia falado calorosamente, aos seus quentes ministros espaciais fictos, que ele não acreditava em resultados milagreiros de santos caboclos lunáticos transformados em musicais folclóricos.

Marte, o astro cabeludo, Vênus e Saturno foram bruxolicamente convidados, mas não compareceram. Ainda por cima, como deboche cascalhante, enviaram seus secretários particulares, os hexápteros, ao Caminho de Santiago para recrutarem, a qualquer preço vil, as estrelinhas de última grandeza que moravam por lá para irem representá-los. Segundo as mesmas velhas bruxas selenitas, frequentadoras de gabinetes de rubros ministérios luciferianos, assim como o Sol, também os outros astros não acreditavam que prata lunática fizesse fé de valor folclórico bruxólico.

Passados alguns meses – continua narrando o espírito vadiador do Geraldo sem Medo –, depois da aparição do quadro

fantástico sobre as águas fosforescentes do mar sulino desta Ilha de Nossa Senhora do Desterro, sete astronautas míticos partiram em missão espacial lá do Campo de Pouso do Campeche, na referida Ilha, para explorarem ficticiamente as terras cobiçadas pelo homem de argila crua e magra, na coitada da Lua, que, de vez em quando, fica às escuras, por falta de energia ilusória das usinas escaldantes do Sol.

Quando eles começaram a sobrevoar as montanhas do planetoide Eros, a máquina terráquea do seu aparelho voador sofreu pane de encantamento bruxólico selenita. Reconhecendo que a viagem espacial ali naquele momento se tornara impraticável e impossível de continuação, trataram imediatamente de erosizar num campo esverdeado, junto a um grande rochedo de pedras meio exóticas do planetoide Eros.

Eles, quando saíram do aparelho avariado, foram recebidos carinhosamente por uma sumanta de mulheres bruxas selenitas e, em seguida, foram apresentados ao anjo Lúcifer, que, sentado em seu trono de rei diabólico, empunhava o cetro que enfeixa em si todos os poderes do Mal que domina nossa Terra enfermeira e capenga.

Depois das apresentações deles ao Lúcifer, as festanças folclórico-bruxólico-selenitas tiveram início; até hoje, elas continuam vivendo vidas quiméricas em mundos fantásticos do sobrenatural humano.

Eros – afirmou a mensagem verbal ao espírito vagueador do Geraldo – é o deus do amor. As bruxas selenitas não podiam encontrar outro campo mais próprio do que o do Eros para atuarem com seus cantos e estranhos encantos. Ele sempre foi malvisto em toda a esfera espacial, em muitos poderosos planetas, por ser um grande galã notívago, conquistador de estrelas flamipotentes.

Geraldo sem Medo, quando acordou do sono letárgico, achou-se deitado no chão, ao lado do seu cão, por riba do caniço de pescaria.

Visões e transmutações corpóreas bruxuleantes caminham de mãos dadas, nas estórias fantásticas criadas pela cultura popular do teu povo hospitaleiro, rico de talentos divinatórios, ó minha namorada Ilha!



As bruxas roubam a lancha baleeira de um pescador da Ilha de Santa Catarina (sem data)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 52,5 x 71 cm

Bruxas roubam lancha baleeira de um pescador

[1975]

Segundo me contou um narrador de estórias de assombração, na Costa da Lagoa da Conceição morava, em anos que já vão longe de nós, um pescador que possuía várias embarcações para os serviços de pesca, entre as quais uma lancha baleeira. Tibúrcio era o nome do pescador. Era um homem muito trabalhador e cuidadoso. Tratava com carinho suas embarcações e equipamentos de pesca e mantinha sempre fechado a chave o rancho onde guardava a lancha baleeira.

Na manhã de uma sexta-feira, quando ele, acompanhado pelos seus camaradas, se dirigiu ao rancho a fim de retirar as embarcações para ir à pescaria, encontrou a lancha molhada e com muita areia de praia espalhada sobre o fundo, o que causou grande surpresa a toda a tripulação, pois, na véspera, ao recolherem-na ao interior do rancho, haviam-na deixado enxuta e limpa.

Eles, comentando e analisando o fato, chegaram à conclusão de que a maré daquela noite havia sido alta e, por essa razão, não puderam encontrar nenhuma pegada na praia. Não havia vestígio para afirmarem que alguém haveria retirado do rancho a lancha, mesmo porque as portas estavam fechadas a chave,

que se encontrava em poder de seu dono. Por via das dúvidas, daquele dia em diante, o pescador passou a observar com muita atenção o estado da embarcação nas manhãs de sexta-feira. Obteve resposta para seu matutamento e desconfiança quando, de manhã, ao abrir o rancho para vistoriar sua embarcação, a encontrou molhada e muito suja de areia.

Toda a tripulação, sabedora que era de que, naquele ano e na Lagoa da Conceição, as endiabradas e perigosas mulheres bruxas vinham desenvolvendo grandes atividades diabólicas contra as inocentes criancinhas da comunidade, chupando-lhes o sangue até dá-las à sepultura, zombando sarcasticamente das fortes rezas e bem urdidadas armadilhas que se preparavam para apanhá-las, foi unânime em concordar com a desconfiança do velho pescador: aquele serviço só poderia ser obra das temíveis mulheres bruxas.

Tibúrcio, homem intrépido que era, acostumado a enfrentar diariamente fortes tempestades, fome, sede, frio e outras sensações em sua árdua profissão de pescador artesanal, não titubeou em enfrentar mais um estranho caso que o destino lhe colocou frente a frente, como um desafio à sua coragem de indomável homem do mar. Sempre respeitou as coisas do outro mundo, nunca tocou nelas, nem de leve, com escárnio ou zombaria e, também, nunca duvidou da sua existência e atividades aqui neste mundo de sofrimentos e tribulações várias.

Matutando, teve, certo dia, a ideia de traçar um plano bem urdido para poder certificar-se verdadeiramente se, de fato, eram as terríveis mulheres bruxas as autoras responsáveis por aqueles embustes que tanto o preocupavam. Traçou o seguinte plano, tecnicamente muito louvável: colocou uma tramela na porta da gaiuta da lancha, pela parte de dentro; ao entardecer de uma sexta-feira, meteu-se dentro dela, fechou a porta por dentro com a tramela e aguardou o resultado dos acontecimentos.

Passados apenas alguns minutos, ele ouviu vozes estranhas de mulheres dentro do rancho e viu quando a porta foi aberta e a sua lancha arrastada para o mar, sobre as estivas que ele usava. Na porta da gaiuta ele havia feito pequeno furo, de onde espiou e viu um quadro horrível e descomunal, nunca imaginado por ele, nem por alguma criatura humana. Viu, dentro de sua lancha, uma catrefa de mulheres nuas, de fisionomias horrendas, corpos disformes e esqueléticos, mãos com unhas pontiagudas, enfim, um quadro dantesco, sinistro e demoníaco.

A mulher bruxa que ocupou o lugar de patrão sobre o castelo de popa da lancha apresentava o corpo coberto de escamas negras e eriçadas, assim como unhas das mãos e dos pés feitas de lanças e espadas. Os cabelos eram muito compridos e caíam pela popa da lancha, espalhando-se sobre o mar, deixando, no seu rastro, um fogo de ardentia, de comprimento incalculável. Dos olhos, chamejavam dois fachos de luz, que clareavam a frente da embarcação a grande distância. Cada banco da lancha estava ocupado por um monstro bruxólico que manejava o remo de voga. Quando iniciaram a viagem mar adentro, a misteriosa e agressiva velha bruxa-chefe, que estava comandando a lancha, soltava gritos lancinantes enfurecidos. Pronunciando palavras de alerta às suas comandadas, denunciava que, dentro da embarcação, havia a presença de um corpo humano em estado natural: “Esta embarcação está cheirando a sangue real!”

A bruxa que estava sentada no banco da popa da lancha junto da gaiuta, onde o pescador estava escondido, era comadre e prima dele. Ela sabia da presença dele ali, através do faro fadórico sobrenatural. Para protegê-lo, todas as vezes que a temível bruxa-patrão esbravejava “está cheirando a sangue real esta embarcação”, ela respondia com todo o vigor bruxólico para as suas colegas de sina demoníaca: “Remem, suas éguas! Que cada remada avance uma légua, pois o galo branco já cacarejou, o amarelo já miudou e o preto não demora a cantar.”

Essa advertência significava que as colegas deviam esforçar-se para chegar ao lugar de destino e retornar sem serem molestadas pelo canto do galo preto, que significava, para a sina delas, o desencanto total. E assim, vencendo léguas por segundo em cada remada que davam, aportaram no lugar que haviam escolhido para levarem a cabo as suas sinistras diabruras e, dentro de pouco tempo, retornarem à lancha e viajarem em direção ao porto de saída. Assim, cumprindo à risca os projetos em questão, muito bem arquitetados, porque os planos bruxólicos são autênticos, ao chegarem à praia, desembarcaram, puxaram a lancha até meia-maré e desapareceram.

O pescador, de dentro de seu esconderijo, observou com toda a atenção e cuidado os movimentos delas, embora não lhes conhecesse o linguajar. Verificando que estava livre de qualquer cilada por parte delas, abriu a porta da gaiuta, saltou de dentro da lancha, pôs olho de observação em volta do local e, com muita cautela, colocou um punhado de areia daquela praia dentro do bolso, colheu um ramo de rosas de um jardim de uma casa próxima dali e, rapidamente, recolheu-se ao seu esconderijo. Nem era passada uma fração de segundos, as endiabradas se apossaram novamente da lancha, ocupando seus devidos lugares, e a soltaram mar afora.

Durante toda a viagem de ida e volta, a bruxa-chefe advertia insistentemente as suas comandadas de que ela tinha plena certeza bruxólica de que, dentro daquela embarcação, havia presença de sangue real. A comadre do pescador, a bruxa que sabia da sua presença lá dentro da gaiuta, acompanhou a saída dele lá na praia onde desembarcaram e viu quando ele apanhou a areia e as flores. Durante toda a viagem de volta, quando a sua chefe esbravejava contra a presença de sangue real, ela a interrompia com muita segurança e habilidade: “Remem, suas éguas! Que cada remada avance uma légua, pois os galos brancos e os amarelos já cantaram e os pretos amiudaram.”

E assim, com esses argumentos, ela defendeu o seu compadre e parente das unhas daquelas terríveis mulheres bruxas, mesmo porque também não podiam perder tempo à procura do sangue do pescador que se achava dentro da gaiuta. Ela sabia muito bem que, se elas fossem colhidas em estado fadórico pelo canto do galo preto, se desencantariam dentro da lancha, em pleno mar, e o pescador reconheceria todas quando apresentassem a sua nudez humana. Por isso, continuaram a viagem esbravejando, remando, desafiando a velocidade do tempo, até que chegaram ao porto de partida na Ilha de Santa Catarina, na Lagoa da Conceição.

Desembarcaram, abriram o rancho, recolheram a lancha dentro dele e, num pealo, desapareceram dos olhos do pescador.

O pescador, logo que se viu livre delas, apanhou a areia e as rosas que havia recolhido no porto aonde elas o levaram e retirou-se para sua casa. No dia seguinte, ele tomou a areia e as rosas e passou a mostrá-las a toda a gente da comunidade, na intenção de descobrir se alguém adivinharia ou acertaria a procedência delas ou sua terra de origem. Não encontrou pessoa alguma que conseguisse dar opinião aproximada, pois nem ele mesmo era capaz de calcular onde esteve, levado pelas bruxas.

Certo dia, quando ele menos esperava, a bruxa, sua comadre, apareceu em casa do pescador para visitar o afilhado. Ela mantinha amizade muito forte e íntima com uma de suas filhas, a Gracinha, que era moça casadoira e muito religiosa. Conversa vai e conversa vem, ele chegou até a comentar com ela o fato desagradável que com ele acontecera e que muito o impressionara: “Comadre, eu estive num lugar muito longe, dentro da noite, e, às apalpadelas, dentro da escuridão, consegui recolher um punhado de areia e umas rosas, porém desconheço o lugar de sua origem. Já as mostrei a muita gente, mas ninguém, assim como nem eu mesmo, consegui identificá-las.” Quando ela colocou os olhos por riba da areia e das rosas, suas faces

enrubesceram, seus olhos se esgazearam e sua fala emudeceu. Recuperando-se, ela afirmou: “Compadre, a terra de origem deste punhado de areia e deste ramalhete de rosas é a Índia. Eu aprendi, na minha escola de iniciação à bruxaria, que, lá nos Açores, na terra dos nossos antepassados, as bruxas também costumavam roubar embarcações e fazer estas viagens extraordinárias entre as Ilhas e a Índia, em escassos minutos marcados pelos relógios do tempo. Também aqui as mulheres continuadoras dos elementos diabólicos do reino de Satanás, cujas chefes enfeixam em suas mãos os poderes emanados dele, praticam as mesmas peripécias. Eu, compadre, afirmo-lhe, com convicção certa, que as suas vidas, naqueles momentos, estiveram guardadas no repositório das minhas mãos. A bruxa-chefe, que comandava a embarcação, tinha plena certeza da presença real de sangue humano dentro da lancha e, de vez em quando, ela chamava a atenção de suas comandadas para que investigassem onde estava o elemento que o possuía. Mas eu as ameaçava com a proximidade do canto do galo preto, porque, antes do canto dele, nós temos que colocar os nossos encantos bruxólicos dentro do vaso de unto com banha sem sal que a nossa bruxa-chefe mantém sob sua guarda. Hoje o senhor vai saber, com precisão, que, dentro da sua embarcação, fazendo aquela viagem bruxólica entre a Ilha de Santa Catarina e a Índia, estavam as mulheres bruxas mais respeitáveis, misteriosas, prepotentes e malignas que vivem no reino rubro do ex-anjo Lúcifer. Se o senhor não foi trucidado por elas, agradeça à minha presença na sua lancha, metamorfoseada em bruxa, sentada no banco de popa na frente da gaiuta, onde se achava escondido.” Ela declarou-se bruxa para o compadre e acusou-se de estar chupando o sangue do filho dele, seu próprio afilhado de batismo, e denunciou todas as demais, inclusive a chefe do bando que encetara aquela viagem.

O velho pescador ficou atarantado e, num repente, correu à cozinha, apanhou um rabo de tatu que estava no fumeiro, deu-

lhe uma boa surra de repreensão por riba do corpo e aplicou sal e pimenta nas pisaduras do desencanto, por causa do desespero que ele via no amargor do empresamento do seu filhinho.

“Muitas vezes” – pensou consigo mesmo o audaz pescador – “escutei conversas em ajuntamento de pessoas, no inverno, aquecendo-se ao pé do fogo de fogão de trempo de ferro, em cozinhas de assoalho de chão batido, de que as mulheres bruxas açorianas eram temidas pelo povo das Ilhas, devido às práticas de suas malas-artes. Depois da tremenda refrega demoníaca que ganhei, sem atinar por que carga de pecado cometido, de uma coisa tenho plena certeza: quem me defendeu das unhas carniceiras daquelas megeras éguas foi o meu brebe milagroso, que carrego sobre o peito, desde o tempo da minha bisavó Lucrecia, que era uma exímia benzedeira-curandeira e que fez parte das levas de colonos que viajaram amontoados dentro de porões fétidos de barcos veleiros, na santa esperança de se radicarem aqui nesta Ilha de Santa Catarina e viverem melhores dias na santa paz do Senhor, já que a sua terra natal só podia oferecer-lhes misérias econômicas.”



Lamparina e catuto em metamorfose (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 54,5 x 73,2 cm

Lamparina e catuto em metamorfose

[1960]

O Custódio Damião era um pescador que, nos tempos memoráveis de antanho, residia na bela Praia do Matadeiro da Armação de Sant’Ana do Pântano do Sul.

Certa ocasião, ele sugeriu aos seus camaradas redeiros fazerem uma pescaria nos mares da Lagoinha de Leste. Equipou sua canoa bordada com todos os apetrechos necessários e partiram para lá. Chegaram àquela praia por volta das nove horas da noite, embicaram a canoa, desembarcaram e, junto da relva praieira, acenderam um fogo “pra mo’de” ferver a água e fazer um café cabeludo na chocolateira de folha de flandres, para tomá-lo com beiju e rosca de massa que haviam levado. Ao pé do fogo, conversa veio, conversa foi, até que o assunto chegou ao mundo sobrenatural da bruxaria.

Um dos camaradas, o chumbeiro da rede, Fernando Pé de Marreco, pôs-se a destratar a triste sina das coitadas mulheres bruxas e a organização diabólica do seu reino bruxólico. No desenrolar do destrate contra as bruxas pelo Pé de Marreco, alguns pedaços de pedra começaram a cair por riba do local onde ele se achava e, de repente, à beira do mar houve um forte estrondo, assim como o de um forte trovão. [Os camaradas,] pensando que era tempestade de vento que estava chegando, apressaram-se em acudir a canoa, que apenas estava embicada na pancada da maré.

Para surpresa de todos, a canoa não estava na praia, mas sim fora, no mar, a uns cinquenta metros de distância deles, ocupada por entes fantásticos de mundos desconhecidos por nós.

A lanterna, o catuto e o leme da canoa estavam metamorfoseados, pescando com a rede solta ao mar, com a tralha do chumbo virada por riba das tralhas das cortiças. As águas do mar estavam encapeladas e peixes boiavam sobre a superfície, atirando gargalhadas estridentes como o som metálico dos pratos usados em bandas musicais.

O Custódio Damião ficou possesso de raiva contra a atitude deselegante do Fernando Pé de Marreco e o repreendeu com palavras incisivas, lembrando-o de que cada ser vivo habita e vive o ambiente do mundo para o qual Deus o criou. E acrescentou que as mulheres que vieram a este mundo com a triste sina, marcadas por Deus para viverem o mundo fantasmagórico da bruxaria, a elas não lhes cabe a culpa. A culpa cabe, sim, aos pais das crianças que ganharam sete filhas, sem que, no intervalo das partições, houvesse a presença de um macho. Isso quer dizer que não tomaram as providências necessárias contra a sina fadórica a que a sétima criança menina estava exposta. Pois a primeira providência a ser tomada seria de que a mais velha batizasse a mais moça e lhe desse o nome de Benta.

O Pé de Marreco, depois de ter ouvido muito atentamente a descompostura do Custódio Damião, tratou de responder ao assunto em questão, com muita simplicidade e firmeza:

– So Damião, o sinhôri é o patrão da lancha e é um home munto veio, mági do que eu. Sabe lê e o [eu] num sê. Além disso, graças a Deus, criô todos os fio que a vossa muié pariu. O sinhôri, no mo fraco modo de vê as cosa, é um home munto filiz aqui neste mundo. Oh, so Damião, 'tô apareiado com a Venança da Crispina. Num mi casê ainda pur farta de dinheiro. Cada ano, a sem-vregonha pare um fio meu. Veja o sinhôri que ela já ganhô dez fio e num criô nenhum. Todos eles, logo que agarro os sete mê, começo a aparecê cum mancha roxa pelo corpo, despôs disintiria, pé e mão cruzado e choro fino e sem ficá quietos, que

inté mete dó, inté memo na bruxa que anda chupando o sangue deles. Não acha o sinhôri, antão, qu’o tenho bastante rezão pra mo’de distratá essas égua sem-vregonha discarada, que atiraro pedra im riba de nós e, ainda por cima, robaro a vossa lancha? Se o que acuntece cumigo ’tá acuntecendo com o sinhôri, cosa que num desejo pra ninguém neste mundo, o sinhôri haverá memo de se revortá contra as infama mulas sem cabeça do diabo.

– Por favôri, num fale mági ansim, proque, quanto mági tu distratares elas, mági elas vão ajudiá de nós, pra mo’de se vingá da tua xingação – preveniu o assustado Damião.

Todos os cinco camaradas da baleeira estavam apavorados com a presença do cenário dantesco que estava dentro da lancha, balançando-se sobre as ondas crespas e algodoadas num mar infernal, por causa da xingação aguda, picante e ultrajante que partia da boca do Pé de Marreco.

Felizmente, para a alegria, sorte e coragem de todos, havia, na tripulação dos assustados pescadores, um camarada de nome Pedro Quintino, que era um homem que gozava de inatas e autênticas virtudes curandeiristas e que, após ter escutado, com muito cuidado bruxólico, a lenga-lenga entre o Damião e o Pé de Marreco, interveio na discussão e afirmou-se entre os dois litigantes.

– Vancês, mos rapaze, vão me dá licença pra mo’de o [eu] acabá cum essas vossas arenga. O vô fazê a minha obrigação na presença de vancês, que é a de desmascará o podê diabólico dessas égua que robaro a lancha, pra mo’de fazê estrapolias e desafiá o podê santo das santa benzidura.

Pediu que todos os camaradas pescadores da lancha dessem um nó na fralda das camisas e as vestissem pelo avesso. Também pediu que tirassem os tamancos dos pés e os empilhassem um por riba do outro. Agachou-se, traçou nas areias da praia, com uma faca de ponta aguda, uma cruz do signo de salomão e ordenou que todos os camaradas redeiros ali presentes se plantassem sobre a cruz desenhada na areia. Santarrou-se, foi até a pancada da

maré, rezou a famosa e atuante oração contra o reino infernal da bruxaria e a coroou com um Creio em Deus Pai rezado de trás pra frente. Persignou-se quando terminou o trabalho espiritual, porém não obteve o resultado esperado, que era o da quebra do encanto bruxólico e, conseqüentemente, do quadro sinistro e fantasmagórico que se fazia presente dentro da lancha, balançando-se sobre as ondas acasteladas e barrentas, varridas por rajadas de ventos uivantes, como o latir de milhares de cães ferozes, embravecidos. Atemorizou-se e titubeou. Porém um outro camarada da tripulação sabia rezar com muita sabedoria a oração das treze verdades e, só em pensar na oração, o temporal sinistro bruxólico tratou de amainar-se. O cenário dantesco e aterrador se desfez de dentro da lancha baleeira. A ventania amainou-se como que por encanto. A lancha, trazida pela maré, embicou na praia com uma caterva de mulheres bruxas desencantadas dentro dela, assustadas e envergonhadas, porque estavam nuas e seriam reconhecidas pelos tripulantes naturais da embarcação. As primeiras a serem identificadas foram: a mulher e a sogra do Pé de Marreco; Demétria, uma velha fingida que se fazia passar por uma médica curandeira de expressão muito atuante contra o reino da bruxaria; uma mulher muito gorda, cujo corpo se parecia mais com um salame vestido do que com uma pessoa de carne e osso, cópia da mãe Eva, cópia que até hoje tem sido fielmente observada pelos séculos, mas ninguém conseguiu enjambrar outro modelo para atualizá-la. A Demétria era tia-avó do Pedro Quintino; a bruxa gorda era a sobrinha do Damião.

As redes usadas naqueles tempos de antanho, tempo bastante afastado desde a colonização [1748-1756], eram confeccionadas com fibras de gravatá, de tucunzeiro e de imbirauçu. Os homens, quando viram as mulheres nuas dentro da lancha, ficaram atarantados, pois, em minutos frescos, elas haviam perdido o poder do estado fadórico-bruxólico, cortado de alto a baixo pelo poder da lâmina espiritual da oração das treze verdades.

Graciano da Ribeira, o mais idoso dos camaradas, apresentou-se com muito respeito para guardar a nudez delas, e o fez colocando as

quatro mulheres nuas sentadas no fundo da lancha, envoltas na rede, com as pernas para debaixo dela, abrigando as partes vergonhosas, protegendo-as contra os olhares apetitosos dos outros camaradas.

Lá nos Açores, as ancestrais delas solicitavam: “Dá-me cá esse dedal!” E, se não fossem servidas, costumavam praguejar com as seguintes palavras: “Vai-te com o diabo!” Essas palavras eram comuns e obrigatórias nas bocas deseducadas da mulher e da sogra do Pé de Marreco.

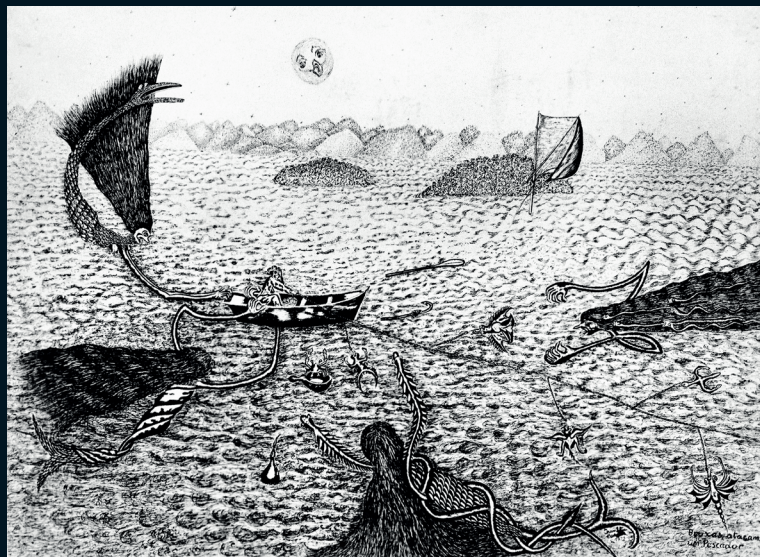
O coitado do Marreco, quando viu a mulher e a sogra despidas do excomungado véu da bruxaria, transformadas em gente de argila humana crua, desenvolveu uma ideia pelos rendados piques do cérebro: que a própria mulher e a sogra eram as bruxas que matavam os filhos dele.

– Imaginem só a minha sobrinha com aquela gordura toda que nem uma baleia fantasiada de bruxa, santo Deus! – exclamou o Damião.

– Rapaz, e a tia Demetra, aquela veia mitida a curandera!... que veia farsa, aquela minha tia, oxa homes de Deus!

Cabisbaixos e revoltados, tomaram a lancha e avançaram mar afora na direção do porto do Matadeiro. A noite já ia avançando em horas. Chegaram com a lancha no porto, embicaram-na, soltaram as ex-bruxas na praia e ficaram resmungando contra a maldita sina delas aqui neste mundo. No dia seguinte, a madame Notícia Fofoqueira bateu de porta em porta das casas das poucas famílias que existiam na comunidade, e as ex-bruxas, temendo a revolta contra elas, guardaram-se por algum tempo e esperaram que as fofocas serenassem, para tratarem da sua defesa entre os conhecidos.

“Quatro bruxa expursa do reno di Satã num fági farta nenhuma” – afirmou a velha Celina do Peri, quando soube dos fatos acontecidos lá na Lagoinha de Leste. E continuou: “A minha avó Sabiana falava qui um numbro di calora qui deseja sê iniciada em bruxaria é sêmpri avançado e constânti. Isso é tanto nas Iias com’ê aqui, onde ’temo vivendo, nesta Iia com o sagrado nome de Nossa Senhora do Disterro.”



Bruxas atacam um pescador (1973)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 49,1 x 68 cm

Bruxas atacam pescador

[1973]

Um narrador de estórias fantásticas contou-me que o Deolindo, um pescador artesanal, possuía uma filhinha de dez meses de idade, muito bonita e robusta. Certo dia, numa sexta-feira, o casal recebeu a visita de uma prima, que morava num sítio bastante longe de sua casa.

Dedela, chamava-se a mulher. Era solteirona e não tolerava qualquer gracejo enfeitado com pétalas amorosas dirigido a ela. Mascava rapé feito com folhas de fumo-brabo, torrado na frigideira de torrar café e pilado num pilão de malandro. Os dilatadores das asas do nariz não possuíam qualquer espécie de pena, mas sim uma camada de pelo tão grosso e espesso que até se tornava difícil, para qualquer tesoura comum, desbastá-los. No céu da boca, entre estratosfera e atmosfera límbica, ela possuía um dentão em forma de lua quarto crescente, razão pela qual ela não topava qualquer gracejo, grosso ou delicado, “pra mo’de” não mostrar o dentão-lua, ornamento bruxólico celestial de sua boca. Fumava cachimbo feito com canudo de bambu. Carregava-o com fumo de corda, bem forte. Expelia a fumaça do cachimbo pelos ouvidos, narinas e boca. Quando a fumaça do cachimbo começava a sair pelos buracos dos ouvidos, os martelos deles entravam em ação nicotiniana e davam batidas

violentas nos tímpanos, que se escutavam até de muito longe. Não dispensava o uso do facão na bainha, preso à cintura. Só calçava tamancos de cepo pesado; não apreciava olhar galos nem, muito menos, ouvir seu cantarolar; para evitá-los, andava com os buracos dos ouvidos arrolhados com mechas de algodão. Da existência de alho, arruda, mostarda e cisco das três marés, não gostava nem de ouvir falar. Era uma bruxa autêntica, dentro da vida da sua comunidade bruxólica.

Passados dois dias após a sua visita indesejada na casa de seus parentes, no caso o pescador, a menina dele apareceu com o corpo crivado de manchas roxas, forte diarreia, trazendo as mãos e os pés sempre cruzados.

Seu Deolindo, o pai da criança, após haver dialogado com a mulher, resolveu procurar o doutor da cidade, para saber do que é que a criança estava sofrendo. Aconteceu que a vizinha do casal, a sinhá Simplícia, chegou na ocasião do diálogo e, como não podia deixar de ser, apresentou o seu palpite clínico bruxólico:

– So Diulindo, vancê me adescurpe, mági eu quero pidi licença sua e da sua muié pra mo'de dá o mo parecê neste caso. Pelo qu'eu sê, o sinhôri vai gastá o seu tempo e dinheiro pra mo'de chegá inté na Vila Capitáli pra pidi consurta do dotôri de lá. Ele vai arreceitá rumedo de butica pro mo'de que ele não tem cunhecimento desta duença que a sua fiia 'tá sofrendo. Eu vô usá de franqueza cum vancês. A duença desta criança é empresamento, e isto não é duença pra dotôri da cidade curá. Só se cura c'as palavra que o Nosso Sinhôri insinô quando andô aqui pela Terra. Memo ansim, é perciso que a pessoa tenha a virtude de usá as palavra dele. Senão, não adienta nada. O sinhôri tome um cavalo e vá inté a Fraguesia da Lagoa e traga aqui, pra mo'de curá a sua fiia, a Chica do Mané Pedro Maré Seca. Aquela sim, como binzidera, arrecebeu toda graça do podê das palavra santa da santa binzidura que Deus dexô cá na Terra. Vá, so Diulindo, vá, num preca tempo!

Seu Deolindo, após ter tomado conselho com a sua mulher, arreou seu cavalo zarollo numa charrete e partiu para a Freguesia da Lagoa. Quando chegou no terreiro da casa da sinhá Chica benzedeira, ela estava recolhendo um lençol com polvilho de mandioca que havia colocado ao sol para secar. Seu Deolindo morava na Ponta do Sambaqui, no norte da Ilha, tendo chegado na casa da benzedeira muito cansado. A velha atendeu, ofereceu-lhe uma caneca de café torrado em casa com beiju e, logo em seguida, partiram.

Quando seu Deolindo chegou em casa com a benzedeira, o sol já estava se recolhendo por detrás da montanha do dia, para mais um seu sono secular, notívago. A benzedeira foi recebida com muita deferência pelos presentes, que logo a encaminharam para o quarto onde se achava a criança embruxada.

Ao entrar no quarto, a benzedeira avistou, acorçada num canto, a bruxa que estava empresando a criança. Sinhá Chica iniciou imediatamente um desafio contra o poder bruxólico.

– Ah! antão ’tás aí assentada no canto da casa, sua discarada! Cumigo tu não tiras farinha não, sua mula sem cabeça! Eu, c’as minhas santas palavra, vô currê cuntigo desta casa pra sempre. Vô te jogá no fundo do mári sargado, onde o boi preto não berra, nem criança de peito chora.

Enquanto a sinhá Chica benzedeira retirava de dentro de sua cesta de folha de taboa os aparelhos cirúrgicos espirituais, lançou essa ameaça contra a bruxa, que se achava ali propositadamente com a ideia macabra de sugar, mais uma vez, o sangue da inocente criancinha, já às portas da morte. As pessoas presentes apenas escutavam as palavras de desafio da benzedeira dirigidas à megera bruxa.

Sinhá Chica possuía, sim, o privilégio congênito de ver a bruxa assim mesmo como a descrevi: fumando cachimbo de canudo de bambu, calçada de tamancos, facão na cintura,

soltando fumaça pela boca, narinas, ouvidos e por todos os poros da pele do seu corpo fadórico.

Sinhá Chica tomou um dente de alho com casca, que colocou na boca, um rosário de bagas pretas, que pendurou no pescoço, e, com ramos de arruda, junto com uma cruz de prata, deu início à operação espiritual contra os ataques bruxólicos desferidos pela mulher demoníaca contra a inocente criancinha de argila humana.

A bruxa não resistiu ao efeito cirúrgico espiritual da benzedura e ganhou rumo direto aos castelos vermelhos do seu chefe, Lúcifer, a fim de científicá-lo do ocorrido. Depois de terminar o trabalho cirúrgico espiritual, tudo voltou à santa paz dentro daquela casa, onde todos se reconciliaram com a vitória curandeirística da sinhá Chica. Ela garantiu a cura da criança, alcançada através da sua madame Medicina Espiritual. Pela manhã daquele dia, seu Deolindo havia colocado um espinhel de pescaria no mar, com iscas de camarão, para apanhar corvinas, bem ao lado leste das ilhotas Ratones. Não pôde recolhê-lo no período da tarde, porque sua filhinha ficou mal de saúde e ele teve que procurar recursos espirituais médicos. Como tudo estava serenado, graças ao milagre milagreiro da sinhá Chica, ele pediu licença aos presentes, tomou a canoa [de] borda lisa e fez-se ao mar na direção onde seu espinhel de trezentos anzóis se achava pescando.

A Lua sorria poeira cósmica lá no céu, com toda a sua brancura – hoje desvirginada – na direção em que ele ofereceu sua vela de canoa ao vento para enfuná-la e alcançar o objetivo pesqueiro. Quando avistou o primeiro catuto velador do espinhel, ferrou a vela e começou a recolhê-lo. O mar estava sereno; eram aproximadamente vinte e duas horas e trinta minutos. Porém, quando ele alcançou o espinhel, sua canoa foi sacudida por um terrível temporal de vento, acompanhado por uma turma de mulheres bruxas metamorfoseadas em sereias, que flutuavam

sobre o mar. Elas o atacaram impiedosamente, jogando ao mar toda a palamenta de pesca que estava na canoa, numa atitude de escárnio contra a ação da benzedura que curou sua filhinha.

Os peixes que estavam ferrados nos anzóis, elas os transformaram em monstros exóticos. Seu Deolindo sabia que as mulheres bruxas têm horror à cruz de sino-saimão, pelo que pensou em desenhar uma cruz no fundo da canoa. Bastou pensar na cruz, notou que elas haviam deixado de levantar a canoa de sobre as ondas do mar e se retiraram para longe. Só a muito custo físico, ele conseguiu recolher o espinhel e alcançar um remo que boiava perto dele, para poder acionar a canoa na direção da praia.

Quando remava, sentia que as megeras bruxas mergulhavam por debaixo da canoa que nem cardume de botos em gozo de férias marítimas. Após chegar à praia, embicou a canoa – pois já era aproximadamente meia-noite –, apanhou um pedaço de pau, desenhou a cruz de sino-saimão na areia e colocou-se em cima dela.

Atraídas pelo efeito milagroso da cruz, as bruxas passaram a trilhá-la em volta e a gargalharem cnicamente, com deboches luciferinos. Quando deu meia-noite nos relógios da Terra, elas perderam o estado fadórico e se apresentaram nuas na frente de Deolindo. Este, ao fitá-las, reconheceu sua prima que o havia visitado, mais três mulheres da comunidade.

Pediram-lhe perdão de tudo o que haviam praticado e foram apanhar suas roupas, que haviam escondido nas tocas das pedras daquela praia, antes de praticarem as palavras de encanto fadórico.

Daquela hora em diante, elas perderam o poder do fado e nunca mais buliram com sangue de crianças inocentes desta Terra, onde já impera bastante o mal.

Assim, mais uma vez, a medicina espiritual milagreira natural da sinhá Chica do Pedro Maré Seca triunfou contra os poderes avermelhados do anjo Lúcifer.



Bruxa rouba armadilha (1969)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 54,1 x 36,9 cm

Bruxa rouba meio alqueire feito armadilha para apanhá-la

[1949]

A Melânia, depois de um mês de casada com o Isidoro dos Anjos, ganhou um bebê muito bonito, que meteu olho de inveja na comunidade deles.

Em boca miúda, o povo virou a falar muito e a comentar o caso por vários dias, pela razão de a Melânia haver casado de véu e grinalda, como uma Maria muito virgem, lá na frente dos altares da Igreja de São João do Rio Vermelho, da Ilha de Nossa Senhora do Desterro, porém já desvirginada.

– 'Tás vendo, minha santa? Ela cumeteu um pecado mortáli contra a vrigindade, e bão sará se o Nosso Sinhôri, lá de riba, no seu mando, castigá ela cá embaxo pro mo'da disobidiença. Isto inté é um mau inzemplo pras otra rapariga do lugári, que vão sabê de tudo o que se passô – comentava a Joana do Pedro para a Romara do Julico. Romara, ela era uma moça tão assossegada: o pai trazia ela ali no rabo do oio, não dançava nos bálies que se fazia no lugári. 'Tava sempre vigiada pelos ermão piqueno, que não largavo ela. Não saía de noite. Antão, como é que isso acunteceu, minha fia?

– Oia, muié de Deus, isto aqui tem um pudê de rezão munto forte, e eu já vô contá tudinho pelo miúdo pra ti osvi. Sabes quem

foi a curpada daquilo tudo, Joana? Foi a veia Canda Mandioca, a propra avó dela.

– Como ansim, muié de Deus? Me conta logo essas trabuzana do diabo, minha santa!

– Como tu sabes, tod’as tarde de sabo e de dumingo, eles io passeá lá na casa da veia Canda Mandioca. Que Deus me perdoe e não me chame pra tistimunha, mas qu’aquela veia é uma bruxa munto discarada, lá isto é inzato.

– Oh! muié! que impropéro é este que ’tás sortando de dentro da tua boca pra fora neste mundo que já ’tá tão enxovaiado por tanta mardade humana?

– Não é impropéro não, minha fia. É vredade e daquelas vredadera memo. Te afirmo. As vizinha da Canda me contaro que, quando o casáli de namorado chegavo lá em casa dela, ela aproveitava eles pra mo’de tomá conta da casa, enquanto ela ia lá na ribera lavá ropa ou ia no mato apanhá lenha. Os dois ficavo sozinho sentado no banco da sala, c’os braço um por riba das costa do otro. Fogo perto de porva não dá certo: quema. Da sala pro quarto da veia era um pulinho, e do quarto pra cama, pra mo’de fazê bandaiera, foi um pialo.

– Oh! muié de Deus! antão foi ansim? Eu inté quági que não ’tô acarditando munto.

– Que acardites ou que não acardites, mas a vredade sempre boia por riba da água da mintira. Minha fia, eu toda vida osvi falá, e por gente munto séria, que aquela veia é uma bruxa munto megera e suja. Ela veve o dia todo fumando cigarro de paia qui nem home; os dedo das mão dela ando tão amarelo qui nem açafrão; pra mo’de penteá os cabelo da cabeça, que inté parece fáripa, ela dá um banho de azeite de mamona neles; anda sempre de facão enfiado na cintura e já chegô inté a usá as carça do difunto Zé Fuluca, o coitado do marido dela. Pra te incurtá a cunversa, a marvada da veia faz aparência qui nem a do tinhososo. Logo, minha fia, como se vê pelas cosa que acuntecero, a curpada d’a neta casá de [vestido] balão, sem vrigindade, qui é obrigação

pra mo' de uma moça tê quando se casa de véu e grinarda, foi ela e somente ela. E te digo mági uma cosa: a veia tem um pitiúme de bode que não hai cristão que possa pará perto dela.

– Minha fiia, a nossa cunversa já 'tá munto adientada, 'tá munto boa, eu sê, mas eu perciso ir pra casa mo' de vê lenha, recoiê as ropa do pasto e buscá água no poço. O meu pessoáli saiu todo de casa, e eu ficou sozinha, mais Deus. Antão, inté logo, Joana.

– Inté aminhê, Romara.

Como as fogueiras carreiam mais fogo para abrir claridade entre a escuridão quando são bem alimentadas por muita lenha, assim foi também a falação do caso da moça que se casou com a sua capela desvirginada. Dentro de poucos dias, a falação esvaiu-se em fumaça, que os ventos e o tempo se encarregaram de sumi-la.

Isidoro dos Anjos, o noivo, trabalhava na pesca lá pras bandas do Rio Grande do Sul e veio à Ilha de Santa Catarina somente para casar-se, mas, logo após uns cinco dias de lua de melado ou de açúcar, retornou ao seu trabalho.

Ao cabo de um mês de casada, a Melânia sentiu-se mal, e o pai dela correu a chamar uma parteira para atendê-la em casa. A parteira, auxiliada pela velha Canda Mandioca, lá pelas tantas horas da noite já adiantadas, depois de fazerem fricção na barriga da Melânia com banha de enxúndia de galinha e com banha de gambá, e de haverem colocado uma bolsa, que a gambá usa para gerar os filhos, sobre a barriga da parturiente, e insistindo muito para que ela fizesse força “pra mo'd'o bebê ganhá a luz deste mundo”, apararam uma menina muito linda que recebeu o nome de Constância. Cortaram-lhe o cordão umbilical com uma tesoura de costura e aplicaram-lhe, em cima do corte, cinza de folha de taboa queimada. A Melânia ficou trinta dias passando a caldo de galinha e mais sessenta de um resguardo que não podia receber visita ou fazer qualquer brincadeira com o deus Cupido. “Muié parida deve cumê cardo de galinha durante o resguardo” – diziam as velhas comadres daqueles tempos. Sim! Resguardo de

trinta dias obrigatórios. Assim, os dias passaram-se sem serem perturbados por riba das coisas deste nosso surpreendente e intrincado mundo maliçado dos glóbulos vermelhos pela impertinência satânica das guerras frias.

Como a bonança é sempre apanhada de surpresa pelos galopes traiçoeiros das tempestades do mal, assim também, de repente, um boato muito desagradável pousou sobre o espírito pacato do povo de Rio Vermelho, onde o casal pecador morava. E, célere, a má notícia invadiu casa por casa.

– Joana, sabes de uma cosa? A rapariga da Melana ’tá embruxada!

– Não é porsive, muié de Deus!

– É sim, e ’tá passando munto máli. Gumita tudo o que cai no estamo; inté o propro leite que mama na mãe, não goza. Chora dia e noite c’as mão e c’os pé cruzado qui nem cipó de boca de balaio. Tem uma sortura que inté se parece com água de barrela que escorre da tina de lavá ropa. Oia, minha fia, eu inté vô te dizê mági: a Prudença me falô qu’a menina ’tá tão parecida com a veia Canda qui é uma dó de se vê.

– Muié, donde foi que tu sobesse de tantas cunversa da vivença mardosa dos otro?

– Do povo do nosso lugári que ’tão falando a bocas escancarada. E te digo mági: a bisavó dela é a bruxa que ’tá pirsiguindo ela. Tu não acarditaste, eu sê, como não acarditas no que cunversê cuntigo num otro dia passado. Mági que tu vági vê o que ’tô te dizendo da boca pra fora, é vredade, é munto inzato.

O avô da criança, enquanto o pai estava no Rio Grande do Sul, trabalhando na pesca, aconselhado por parentes e conhecidos, montou a cavalo e foi lá no Morro do Muquém chamar a sinhá Cesária, uma médica curandeira muito procurada para tratar de coisas do reino do mal e da sabedoria bruxólica demoníaca que cura. Porém, muito dinherista. A sinhá Cesária examinou a criança e diagnosticou embruxamento, praticado por uma parente da vítima.

– So Bileco, eu curo a duença da vossa neta, mas vô cobrá seiscentos réis.

O Bileco aceitou e foi pegar o dinheiro que estava guardado dentro de uma gaveta da mesinha da sala. Infelizmente, só encontrou trezentos réis. Entregou a importância para ela e prometeu levar o resto no dia seguinte.

– So Bileco, eu não faço visita fiado, nem recebo pagamento pelo trabaio que faço pela metade. Mági como a vossa criança 'tá munto máli, eu vô fazê o trabaio, tombém pela metade, proque pelo menos a criança fica mági aliviada.

A velha rezou pela metade a oração contra o poder fantástico da bruxaria, sobre o corpo da criança; armou um meio alqueire na casa do engenho de farinha, como se arma arapuça, para apanhar a bruxa. Mas rezou o Creio em Deus Pai dentro dele somente pela metade, como também a vela benta que usou debaixo da armadilha, partiu-a pelo meio. A Cesária sabia, de há muito, que o Bileco era o mais famoso e discutido cabo de guerra que lutava, de braços erguidos, em favor da velhacaria e trapaçaria, aqui nesta Ilha de Nossa Senhora do Desterro. Ora, sim! Era muito justo que as orações rezadas pela metade pouco ou nenhum poder atuante tivessem em seu corpo espiritual para combater os poderes terríveis do reino do mal, que são, espiritualmente, poderosos em forças ocultas. A velha terminou o trabalho meio zangada, despediu-se das pessoas da casa, botou o xale franjado por riba das costas e mandou-se a caminho de casa, pensando na certeza de que Bileco, velhaco como era, nunca lhe pagaria o resto do ajuste pela consulta curandeirista, o que, por via das dúvidas, lhe havia dado razão para cortar o trabalho pela metade e que, nem por isso, havia ganho arrependimento.

De fato, a Joana tinha carroçadas de razões em afirmar para a Romara que a Canda Mandioca era uma autêntica bruxa muito descarada e que, para piorar a sorte da criança empresada, ela havia assistido a todo o desacerto que aconteceu entre o Bileco, seu avô, e a benzedeira dinheirista Cesária.

Dentro das tintas negras da noite, a megera bruxa Canda não perdeu tempo para levar a cabo as suas conhecidas estripulias diabólicas. Despiu as roupas que usava e as escondeu dentro de uma toca de pedra, passou unto sem sal no corpo magro e sujo para obter uma vida metamorfoseada bruxolicamente e tratou de formar um corpo diabólico com a armadilha e com peças do engenho de fabricar farinha de mandioca, que pertencia ao Bileco, e armou-se da seguinte maneira: lançou mão de dois canzís da canga da almajarra do pião grande do engenho de farinha e, com eles, enjambrou as pernas; com um fuso de prensa do mesmo engenho, formou o tronco e o busto; tomou o meio alqueire – feito armadilha –, enfiou-o no busto. A cabeça e os braços, copiou-os da benzedeira Cesária. Segurou a vela benta acesa na mão direita e mandou-se, com todos os diabos, à procura de suas companheiras de sina bruxólica, para mostrar-lhes, de corpo presente, a vitória de sua façanha obtida sobre uma benzedeira que rezou somente pela metade a benzedura, por falta de pagamento monetário.

Infelizmente, ó bruxo dinheiro, enfeixas nas tuas mãos fragilíssimas [fragílimas] o domínio absoluto sobre o homem de argila humana, o animal – segundo dizem – mais perfeito da criação de Deus, Nosso Senhor onipotente e onisciente desta bola de barro que flutua no espaço sideral, embrulhada num invólucro conhecido como gravidade-força.

Quando o monstro bruxólico atingiu o caminho do Capivari, encontrou-se com três colegas bruxas que estavam paradas numa volta de caminho, prontas para darem trotes no primeiro incauto que por ali passasse.

Mas, como, as mais das vezes, tudo nesta Terra acontece quando a gente menos espera, o Fabilício da Santa, que estava de volta para casa, junto com um menino de dez anos de idade, depois de uma pescaria de tarrafa a vau na pancada da maré da Praia dos Ingleses, foi surpreendido com um quadro bruxólico horrível, de cujo centro faiscava fogo, acompanhado por gargalhadas e vozes de

mulheres que pareciam embriagadas. Tal cena foi presenciada no caminho do Capivari, um pouco além da capela de Santa Catarina.

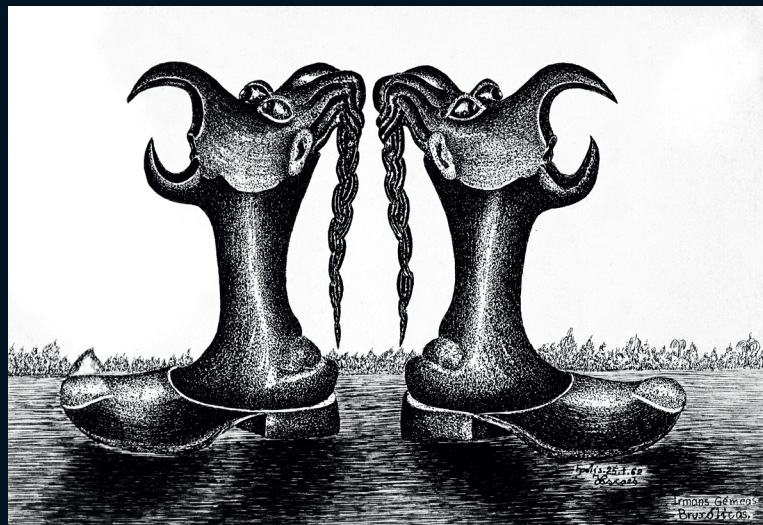
O Fabilício lançou mão, imediatamente, de uma faca de ponta que carregava na cintura, agachou-se, desenhou na terra a famosa cruz do sino-saimão e, com o menino, fincou as plantas dos pés por riba dela. Foi um santo remédio contra o poder diabólico que aquelas bruxas megeras e sabujas estavam usando ali naquele momento contra a vivência do pobre animal humano. As gotas de remédios mágicos se desprenderam das seis pontas da cruz conhecida como cruz do sino-saimão – signo de salomão – e atingiram mortalmente o poder espiritual maléfico do fado bruxólico das atrevidas mulheres bruxas bem no centro do seu comando.

No bando sinistro estava a velha Canda Mandioca, que, momentos antes, aparecera ali metamorfoseada com a armadilha de meio alqueire que roubara do engenho de farinha do Bileco e que estava preparada pela sinhá Cesária, a benzedeira dinheirista que havia rezado a oração do Creio em Deus Pai pela metade, fazendo com que o poder espiritual dele fosse cortado.

Razão tinha a Romara em afirmar para a Joana que a Canda era bruxa e depois em afirmar, ainda, que era ela quem estava empresando sua própria bisneta.

O Fabilício passou uma boa descompostura nas mulheres ex-bruxas que estavam na presença dele com as vergonhas expostas – a da Canda já estava bastante adiantada em anos –, recomendou-lhes que cada uma procurasse sua casa e que, daquele dia pra frente, tratassem de cuidar de seus deveres e não mais procurassem as traições mortíferas contra pobres e indefesas criancinhas, que, neste mundo tumultuado, ainda representam o coração incomensurável do Criador.

Ilha de Nossa Senhora do Desterro, para mim nenhuma região do globo foi tão bem aquinhoadada com a sabedoria da cultura bruxólica como tu foste. Cada pedra, cada árvore, cada praia que forma o teu corpo geográfico vive um mundo estranho de sabedoria cultural e espiritual mágico muito elevado.



Irmãs gêmeas bruxólicas (1962)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 25 x 36,8 cm

Bruxas gêmeas

[1950]

O senhor Rosalino Oliveira gostava muito de contar estórias de assombrações e outras. Certa ocasião, estávamos sentados na linda Praia de Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina, quando ele se lembrou da estória a que dei o título [em epígrafe]. E começou:

Meus pais contavam que, no Saquinho, existiu um casal que ganhou como presente do trabalho sexual oito filhas, sem nenhum varão entremeado. Depois do nascimento da sexta filha, nasceram duas gêmeas. O casal ficou muito preocupado com a dádiva lá de riba do alto, isto porque sabiam de antemão que, ao nascer a sétima filha de um casal de gente de argila humana, a mais velha tem obrigação espiritual de batizar a mais moça, para afugentar o triste fado bruxólico que ela recebe naturalmente ao nascer neste mundo de Nosso Senhor, como também os pais devem aplicar-lhe o nome de Benta. Meio confusos e apavorados com a presença do caso bruxólico natural que sabiam envolver suas duas filhas, a sétima e a oitava, gêmeas, resolveram consultar a sinhá Candinha Miringa, velha e tradicional médica benzedeira e curandeira lá das bandas do Sertão do Peri, “pra mo’de” tomar conselhos e ouvir suas sábias e firmes palavras com relação às coisas do mundo dos deuses ocultos.

– Sim, sinhá Candinha – falou seu Manoel Braseiro, o pai das gêmeas –, eu confio muito na senhora e sempre ouvi falar que o seu saber espiritual com relação às coisas do outro mundo é verdadeiro e consolador. Por tal expressão, saída pelas portas da minha boca para fora, dirigida à senhora, eu suplico-lhe que me diga como devo agir na presença deste presente que tanto me fustiga a alma e o corpo físico. Veja, sinhá Candinha, o sétimo parto de minha mulher resultou em duas filhas gêmeas; eu tomo conselho e pergunto pra senhora qual o nome que devo dar a estas duas gêmeas e quem das irmãs delas deve batizá-las.

Sinhá Candinha, depois de ouvir a queixa fadórica do seu Manoel Braseiro, tomou um crucifixo de prata, benzeu-se com ele e entrou em estado extranatural, transcendente, e depois respondeu ao seu Manoel com prescrição médico-curandeira precisa:

– Seu Mané, o meu conselho diagnosticante médico-curandeiro é o seguinte: para a menina que nasceu em sétimo lugar, o senhor deve colocar o nome de Benta, e a sua filha mais velha deve batizá-la. A que nasceu em oitavo lugar, a sua segunda filha deve batizá-la e colocar o nome de Santa. Se o senhor tomar o meu conselho, não vai haver perigo de que uma das duas ou mesmo as duas venham a se tornar verdadeiras e autênticas bruxas espirituais maléficas.

Depois de ouvir o diagnóstico bruxólico taxante da benzedeira, seu Manoel passou a cercar as duas gêmeas de cuidados máximos. Mas uma coisa de suma importância havia acontecido com as meninas, que a benzedeira não diagnosticou: depois do parto, a velha parteira, a sinhá Custódia do Chico Pelego, não marcou qual tinha sido a primeira a nascer, no caso a sétima que havia vindo ao mundo; daí a grande dúvida do senhor Braseiro: saber com verdade verdadeira qual das duas nasceu em sétimo lugar. Diante do frontispício meio alto da questão, seu

Manoel Braseiro voltou à carga de indagação bruxólica para a sinhá Candinha.

– Muito bem, sinhá Candinha, eu não sei, nem a minha comadre parteira também, qual foi das duas gêmeas que nasceu em sétimo lugar. Daí eu estar a matutar em qual delas eu vou colocar o nome de Benta. Eu vou pedir um grande favor fadórico para vossa mecê: vamos reunir as duas meninas, uma ao lado da outra, e vossa mecê então faz o favor de aplicar o seu raio x fadórico-curandeiro por riba da cara delas e dar pra mim o seu diagnóstico curandeirista fadórico.

Sinhá Candinha, apesar de ser uma grande médica curandeirista, bezendeira formada com distinção distintíssima nas honradas e famosas academias rubras do ex-rei Lúcyfer, sentiu ser pequeníssima sua fama diante de um problema que, para a medicina feiticeirista luciferiana, era muito emaranhado.

– Seu Mané, eu ’tô meia ataroucada da cabeça na frente desse turbilhão de dúvidas que o senhor ’tá me acarcanhando. O senhor me dá licença um instante, qu’eu vô ter uma conversa com o meu chefe, Lúcyfer, pra mo’de sabê quáli é a opinião dele com respeito a este caso tão delicado a ser resolvido pela minha alta ciência curandeirista rubra.

Logo após o encontro satânico-bruxólico, sinhá Candinha confirmou o resultado diagnosticante belzebuano. Minha candidata a bruxa é a Santa. Lúcyfer sabia muito certo que a Benta era a candidata, mas como o diabo mente como diabo, mentiu para a sinhá Candinha, que não era lá muito simpática para ele porque andava sempre agarrada com medalhas de santos, cruzeiros e crucifixos.

– É, so Mané Braseiro, agora eu já posso afirmá com precisão precisa que a Santa será a futura bruxa espiritual – falou sinhá Candinha. Agora o senhor já pode tomá todas as providências curandeirista pra invitá o mal futuro.

As meninas foram crescendo, vestindo roupas iguais e com os mesmos costumes e modos sempre observados. Interessante: Benta não gostava de padre, não ouvia missa, nem rezava as orações domésticas costumeiras. Era muito refratária às coisas religiosas que a família observava.

Certa ocasião, uma criança de seis meses de um casal morador da Costa de Dentro apareceu doente, com muitas manchas roxas pelo corpo, diarreia, mãos e braços cruzados. Andaram visitando os médicos da cidade, mas o resultado foi nulo, pois, apesar dos remédios fortes da botica que eles receitavam, a doença andava quilometricamente. A criança já não tinha mais carne em riba de si. Estava na pele e no osso somente.

Porém, um dia, a conselho da madrinha da criança, seu pai, o Jorgino Gargalão, foi ao encontro de uma benzedeira muito famosa, que morava lá pras bandas da Lagoinha do Leste.

- Bom dia, sinhá Timota, Deus 'teja em vossa casa.
- Bons dia, so Jorgino. O que é que trouxe vossa mecê aqui?
- Um caso de duença na família.

– Ué!... O senhor, um moço novo, e já 'tá na luta com essas discaradas sem-vergonha dessas mula sem cabeça que vieram a este mundo só pra mo'de sacrificar os cristãos que rolam nele? Não precisa não o senhor falar nada! Eu já sei de tudo o que está se passando.

Sinhá Timótea mandou o Jorgino entrar e foi num quarto escuro da casa se arrumar, “mo'de” ir atender a criança empresada. Vestiu uma calça comprida, uma anágua muito engomada, uma saia de baeta de lâ vermelha, uma saia de merinó, uma de fustão, calçou umas tamancas novas, um xale franjado por riba da cabeça e, dentro duma cesta retangular da folha de tabua, colocou toda a ferramenta cirúrgico-curandeirista. Partiram com muita pressa e, logo após uma hora de boas pernadas viajeiras, sinhá Timótea estava junto do berço tosco da criança maltratada pela caterva de

mulheres bruxas que tanto cometem contra tenras e inocentes criancinhas nesta terra do meu Deus, segura por anjinhos bochechudos malcriados, com cordões de atração oxigênica, que, às vezes, quando eles se descuidam, ela sofre estremelicos vulcânicos com enjoos sambísticos e vômitos seculares.

– Bem, so Jorgino, eu ’tô vendo aqui, no caso do seu filhinho, uma urdidura muito difícil de disenleá pro mo’de que se trata de um caso de bruxa espiritual muito ativa e protegida satanicamente. So Jorgino, uma coisa eu vô afirmá pra vossa mecê: há muitos anos eu me tornei benzedeira e curandeira sem nenhum fracasso inté o dia de hoje. O sinhôri não se assuste, mas eu acho a sua criança muito máli. Ela ’tá toda mordida pela sem-vergonha da bruxa e já ’tá com pouco sangue no corpo. Já foi quási todo chupado. ’Tá assim qui nem poço no tempo de verão, quási secando a água.

– Sinhá Timota, eu sô um homem muito corajoso e trabaiadô. Nunca fiz máli pra ninguém. Sô muito religioso e cumpro toda minha obrigação com os santo, que ’tão nesta Terra pra mo’de salvá nós dos máli que ela nos ameaça. Arrespeito muito a louvação deles; peço a bênção pro padre; tiro o meu chapéu quando passo em frente das igreja; dou esmolos pros pobre; ajudo com dinheiro e muitas outras coisa as festa dos santo; ’tô sempre mandando benzê a minha casa, os animáli e a família. Adespois de tudo isso, sinhá Timota, não sei mais o que fazê pra andá no caminho certo por riba desta Terra, que faz o homem tão fraco pra inzigi um montão de sacrifício das carne dele. Eu vô tratá um grande segredo com a senhora e tenho certeza que ele vai sê guardado. A bruxa que ’tá aniquilando a minha criancinha é a fia do Mané Brasileiro, que mora lá im riba no Sertão do Poço Seco. São duas gêmeas: uma tem o nome de Benta e a otra de Santa. Pra mim, sinhá Timota – que Deus me perdoe! –, é a Benta que é bruxa miserável que qué matá o meu fiinho.

– 'Tá bem, 'tá bem, so Jorgino. Eu já vô começá a cuidá da saúde de sua criancinha e vô também le mostrá a megera bruxa que 'tá maltratando ela.

A benzedeira abriu a cesta da ferramenta cirúrgica bruxólica e espalhou-a por riba da mesinha que estava no quarto da criança. Tomou um prato com água, benzeu-a e colocou dentro dela três dentes de alho esmagados, dando dela uma colherinha para a criança beber; abriu uma tesoura em cruz; espalhou mostarda pelo chão sob o berço tosco da criança; e começou a operação bruxólica rezadeira:

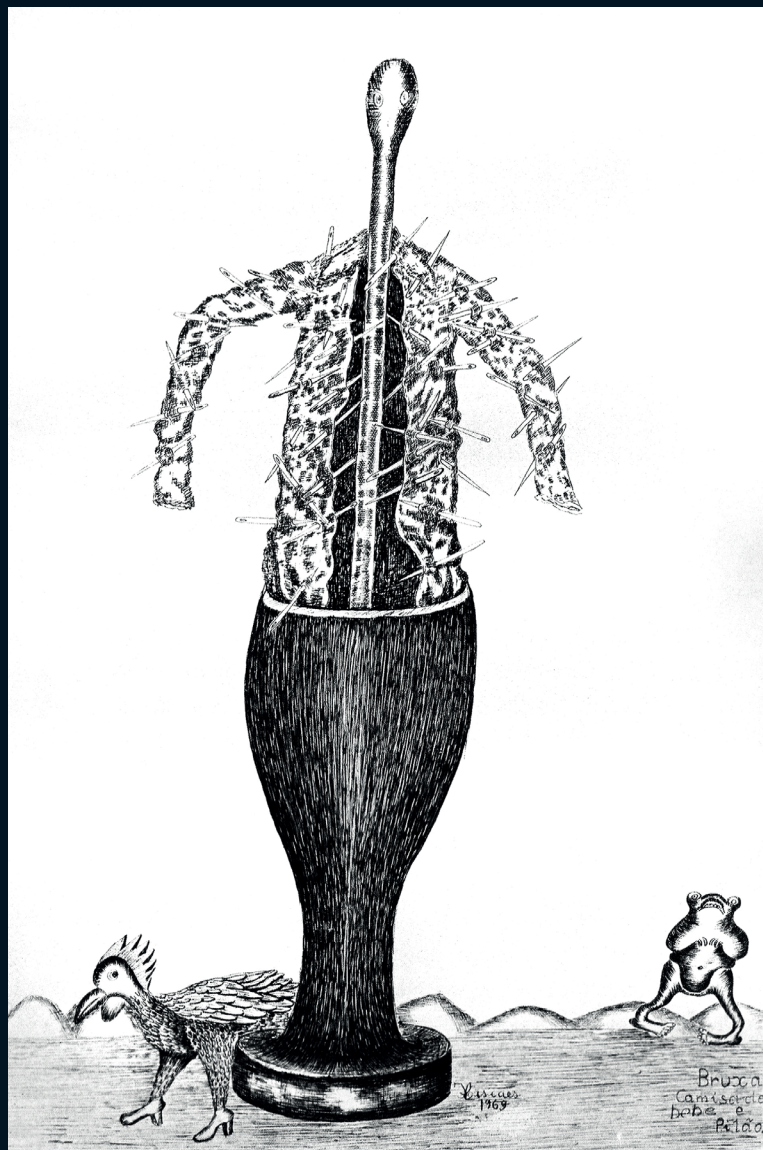
“Bruxa, tatarabruxa, rabo de rosca, relho na tua bunda e agulhão nos teus pé e freio na tua boca. Esta criança que aqui 'tá é fio de Deus, e tu és mula sem cabeça do capeta. Eu vô cobrir ela c'as palavra e com o sangue que caiu aos pés da cruz de Nosso Senhor. O sangue que tu robaste dela, ela vai ganhá aquele que Cristo derramô; e a saúde, ela vai ganhá c'as palavras que Cristo falô: 'Eu gosto das crianças'. Agora, sua desavregonhada, sua mula sem cabeça, sua curuba do diabo, eu quero te vê nuazinha sem fado, sentada ali im riba daquela caixa de guardá ropa. Eu quero mostrá pra ti e pro teu capeta qu'as palavra da santa benzedura, ninguém pode contra elas. O teu senhor capeta enganou a benzedeira, a sinhá Candinha, pro mo'de que ela facilitô e rezô o Credo da frente pra trás, mas a mim nunca.”

A bruxa obedeceu a todas as ordens da benzedeira e, com muito medo, com os nervos bruxólicos por riba da flor da pele curiscando, sentou-se em riba da caixa, chorando. “Agora fica aí, qu'eu vô chamar os pai desta criança, pro mo'de eles te conhecê.”

O Jorgino mais a muié dele, a Gita, logo que arrearam o bago dos olhos na cara bruxólica da ex-bruxa, viram a Benta do Mané Braseiro nuazinha, em carne e osso, de argila humana crua, quase morta de susto.

– Antão hem, sua sem-vregonha, discarada, 'tavas quási matando o meu fiinho. Si não fosse a sinhá Timota pissuí a benzedura forte que pissui, ela acabava morrendo, judiada por ti.

Sinhá Timótea, depois de repreender a Benta, jogou um pouco de água benta por debaixo da roupa dela, para que houvesse o milagre do descolamento espiritual. Ela estava colada no tampo da caixa pelo efeito milagreiro. Portanto, provou que a Benta foi quem nasceu em sétimo lugar.



Bruxa camisa de bebê e pilão (1969)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 47,7 x 31,1 cm

Armadilha feita com pilão de chumbar café para apanhar bruxas

[1952]

O Zé do Bento Crisanto era um moço pescador, morador da Praia dos Morretes, em Canasvieiras, na Ilha de Nossa Senhora do Desterro. Ele era proprietário de duas canoas bordadas ou de borda alta e de uma canoa de borda lisa e, também, de várias redes de pescaria confeccionadas com fios de fibras de gravatá, usadas naqueles tempos de antanho. Todas as três canoas dele eram confeccionadas de um pau só, cavado, de madeira de garapuvu vermelho. O garapuvu é madeira leve, própria para construção naval artesanal e integrante das espécies das árvores que compõem a rica e variadíssima flora brasileira, hoje infelizmente pouco protegidas pelas autoridades que têm a distinta obrigação social, técnico-ambiental, de protegê-las contra a ganância desenfreada de ricos depredadores.

Na primavera, o nosso nativo garapuvu ou garapubu deixa o verde-limão de sua espessa folhagem e orna-se de flores amarelas cor de ouro e, no verão, suas ramadas são tomadas por bandos de cigarras que sugam a sua preciosa seiva para alimentarem-se e, em troca, lhe oferecem grandiosos

concertos musicais, com seus hinos divinais, extraídos de seus fretenires naturais, para saudarem o alvorecer, o entardecer e o anoitecer dos dias ilhéus. Quando a lua surge por detrás das curvaturas da terra e clareia os montes desta Ilha mais bela do globo, elas a recebem com seus cânticos musicais naturais e mantêm, dentro da noite enluarada por toda a Ilha, o fretenir musical dos seus repertórios maviosos numa saudação saudável ao criador desta terra tão bela e tão maltratada pelo homem de argila, também obra dele – o Criador.

Homem trabalhador, Zé do Bento Crisanto não fumava, nem tomava bebidas com presença alcoólica, como também não tomava parte em bandos de jovens farristas que saíam de casa à boca da noite e só retornavam ao lar depois de terem saciado sua sede de embriaguez e outros hábitos condenados, porém alimentados pela famigerada e megera madame Sociedade de Antanho.

Exibindo, assim, qualidades naturais e sociais tão invejadas, muitas mães de família de sua comunidade o desejavam para desposar suas filhas casadoiras, que, na maioria das vezes, por falta de um bom partido, se recolham ao claustro da desilusão, “pra mo’de” vestir santo de pau oco.

Entre as mães fás dele, existia uma, moradora de Praia Comprida de Santo Antônio, que vinha a ser contraparente do pai dele e possuía uma filha mais avançada em anos e que fora noiva quatro vezes sem ganhar chance de ser levada aos pés do altar, para receber a bênção matrimonial.

Precisando realizar uns negócios cá no sul da Ilha, o pai dele, o Bento Crisanto, certo dia montou seu cavalo sabino e ganhou o restingão na direção da Praia Comprida, “pra mo’de” de ver se trocava uma vaca que havia desmamado o terneiro e estava novamente coberta por um touro muito bonito do seu vizinho, havia três meses. O negócio saiu-lhe muito bem e, como lhe sobrou tempo bastante naquela tarde, procurou a casa de uns

parentes pra tomar café e, mesmo, para levar notícias deles para a família. Apeou-se do seu cavalo, bateu palmas no terreiro da casa e foi recebido pela sua prima, a Lina Besuga, que o acolheu com toda a amabilidade e hospitalidade ilhoa.

Na hora da refeição, dentro dos labirintos urdidos e enleados e de tantas conversas sacadas do seu bucho de pescada, a Lina Besuga rasgou o véu da ideia que guardava muito bem alimentada com relação a um arranjo casamenteiro entre a sua filha Nica e o moço Zé Crisanto. O Bento não recebeu com nenhuma simpatia parentesca, nos liços do seu tear cerebrino, a trama da armadilha montada pela Lina para cassar a liberdade celibatária do seu filho Zé, que já ia maduro em anos, de idade quarentona. Depois de ouvi-la, ensarilhou as armas do não aceitamento e fez pontaria certa nas armadilhas dela.

– Prima Lina, eu vim inté aqui na Praia Cumprida foi só pra mo’de vê se trocava a vaca maiada da minha muié por uma outra que ’teje dando leite já de uns dois mês pra dienté. A rezão disso é que a minha fia ganhô um minino e ela não tem leite no peito pra mo’de amamentá ele. Eu tenho uma outra vaca que pariu há uns vinte dia, mas é que o leite ainda ’tá munto novo – ’tá em croste – e faz male pros intestino da criança; como tu sabes munto bem, não se deve dá leite novo pra criança de pocos mês de vida. É um veneno! Minha santa prima, esta foi a rezão – te confesso mais uma vez – que me troxe inté aqui, mas nunca pra mo’de entabulá casamento pro meu fio Zé c’a tua fia. Ele é um home feito, ’tá berando pelos corenta ano de idade, e eu não vô dá confiança pra ele, mo’de falá nessas cosa de casamento. Fio meu tem que tirá o chapéu e tomá a minha mão, mo’de pidi a santa bênção; nunca cunsinti que fumasse cigarro na minha frente, nem falasse nessas cosas de namoro. Se ele arranjá namoro c’arguma moça e pidi cunsintimento pra mo’de se casá, antão ’tá tudo munto certo.

A gente, então, no caso, pricura sondá as posse, as manzela e todas as mais cosa da vida da moça que ele pensa enlegê pra sê sua muié pra toda vida. Memo, prima, eu intendo que uma moça, pra mo'de se casá, deve sabe custurá, cuzinhá, trabaiá na roça, nos engenho de farinha e de açúcar, que é pra mo'de podê ajudá o seu marido por todos os dia e por toda vida que ficarem juntos aqui neste mundo do Nosso Sinhôri.

Se a gente achá que ela tem as culidade que vale a pena, então sim, a gente cunversa com ele e faz vê o jogo difícil de acertá que é o táli casamento. Casamento e mortaiá, minha rica prima, é só no céu que se taia.

– Primo Bento, a minha fia – não é porque é minha fia não – mas ela sabe fazê de tudo. É uma muié munto trabaiadera, limpa, sabe lê munto bem, faz renda de toda culidade, sabe cuzinhá cumida munto boa, sabe fazê doce, trabaiá na roça com o pai e os ermão, sabe entabulá cunversa munto certa cum esses dotore de falação da Vila Capitáli que às vez varo por aqui à pricura de voto de enleção, com o intendente Fridulino. O Fridulino não sabe lê e fala munto máli, ansim qui nem eu. Então ele vem aqui me pedi mo'de eu dexá ela tratá com os dotô de falação as cosa da enleção. Uns ricaço da cidade que 'tivero aqui em casa otro dia inté me falaro que era munto bem acertado pras criança daqui ela sê professora deles. Ela só carrega consigo um pitafe que eu, inté o dia de hoje, não achei conformação: é d'ela não gostá de frequentá a isgreja. Eu acho, no meu fraco pensá, que foi pro mo'de que, em certa ocasião, apareceu por aqui um padre que gostô munto dela. Este povo daqui tem munta inveje dela e, por isso, dero pra mo'de batê língua ferina nela e no padre.

Meu primo Bento, oiado de inveje é a cosa mais triste que o Nosso Sinhôri botô neste seu mundo que gastô sete dia pr'acabá.

Se ela já não se casô memo, primo, é proque os home que ela arranjo não prestavo, são uns traste de vagabundo sem um pingo de vregonha na porca da cara suja, e tombém por causa do máli de inveje que botaro por riba do corpo da alma dela.

– Prima, a vossa cunversa 'tá munto boa, mas [vossa mecê] me dê a vossa licença, que eu perciso viajá cedo, pra mo'de passá ali na fraguisia de Sant'Antonho, proque a ferradura da pata esquerda do meu cavalo caiu. Vô inté a ferraria do Leocado pra vê se ele faz o serviço na pata do animáli. Memo proque eu fiz negoço c'a vaca do Biduca da Donga lá no caminho dos Ratone e perciso arrastá ela, mais a bezerra, inté a porta da minha casa, que não é tão perto ansim. Minha santa, inté otro dia, e lembrança dexo pra todos vancês.

– Boa viagem, primo Bento, lembrança pra tua muié e tombém pro Zé.

O Bento montou o cavalo sabino e partiu na direção da oficina do ferreiro:

– Bãos dia, seo Leocado, como vai passando vossa mecê?

– Ansim qui nem veio, mas vô indo bem, mo santo! Vô sempre trabaiando c'a graça de Deus, Nosso Sinhôri, so Bento.

– So Leocado, eu vim inté aqui pra mo'de vê se o sinhôri pode ferrá a pata esquerda do meu cavalo: ele já 'tá mancando e eu perciso viajá inté a casa hoje.

– Posso sim, sinhôri, posso!... Antão, so Bento, si máli não le prigunto, o sinhôri já anda há muito tempo aqui por essas banda?

– Não, sinhôri, não. Chegê onte de tardinha e poisê na casa da minha prima Lina Besuga.

– Ela não le falô do caso que acunteceu com a fia dela?

– É... falô sim, munto por alto da verdade, qu'a moça não teve sorte c'os noivo qu'arranjô pra mo'de se casá.

– Não foi sorte não, so Bento, foi discaramento que ela usô pros coitado dos noivo, sinhôri. Na vez deste derradero, antão, é que a cosa foi feia. A danada da moça chegô intê a namorá um padre ansim com cara de não sê padre, mas que apareceu por aqui negociando cadera de ouro no céu pra quem quisesse comprá e ocupá ela quando morresse. Já chegaro intê a falá, em boca apertada, que ela é bruxa e que muiê de padre é mula sem cabeça. Além desse pecado tão feio, sinhôri, ela fez muntos otros que deu o que falá sumanas inteira.

E o ferreiro, dando vazão no descarregamento dos sacos cheios de mexericos que boiavam no céu da boca popular da sua comunidade, foi calçando o cavalo com o sapato de ferro, que, mais tarde, se tornaria, depois de usado e solto por aí, um poderoso amuleto contra quebrantos e olhados maus, para quem o usasse amarrado no pescoço ou, mesmo, preso na soleira da porta da casa.

O Bento recebeu o cavalo calçado, pagou a importância em dinheiro que o ferreiro cobrou pelo trabalho e partiu. Ao anoitecer, chegou em casa com uma vaca e uma bezerra de quatro meses, já um tanto estropiadas. Descansou um pouco, a mulher serviu-lhe a ceia e, durante a refeição, comentou o caso da filha da prima para a mulher, na presença do filho.

O Zé ouviu a conversa com muito interesse e garrou pra pensar na moça que ele não conhecia, mas que o pai havia achado muito bonita, embora eivada de mil e um defeitos. Depois da ceia, lavou os pés na gamela com água e sabão, enxugou-os na borda da mesma, calçou as tamancas e dirigiu-se para a cama.

Durante a noite, o Zé virou a pensar que estava ficando velho, sem uma companheira para ajudá-lo a carregar a cruz

pesada da vivença do dia a dia nesta terra onde o homem é mero sonhador de ilusões fantasmagóricas.

– Defeitos, quem não tem? – matutou o Zé com os lençóis e a fronha do seu travesseiro de macela. E argumentou consigo mesmo: – Os defeito que Nosso Sinhôri deu pros home foro feito pra mo’de sê corrigido. Eu tenho defeitos e todo mundo tombém tem. Bobage! por causa de defeitos qu’os otro condena, mas que tombém têm tantos qui nem os qu’eu tenho, não vô dexá de pricurá essa moça, mo’de falá pra ela em casamento e casá logo, sem muita demora.

No dia seguinte de manhã, o Zé chamou o pai e a mãe e adiantou-lhes que seu pensamento não se desgarrou mais da pessoa da moça de quem o pai havia falado e que a sua vontade era procurá-la para propor-lhe casamento.

O pai não concordou bem com a ideia dele, mas, em todos os casos, um homem maduro sabe muito certo como deve proceder diante do perigo que o ameaça.

A mãe achou certa a ideia dele e aprovou em parte.

O mesmo cavalo sabino com que o pai havia feito a viagem até Santo Antônio, ele o usou como montaria também e procurou a casa da parenta dele na Praia Comprida. Foi muito bem recebido por todos, principalmente pela Lina Besuga, que, há muito, vinha sonhando tê-lo como seu futuro genro. Na hora do café posto, de conversa em conversa, a Besuga colocou a isca do casamento na armadilha que havia enlizado na urdideira do seu pensamento e atçou o Zé para que a aceitasse. O Zé nem pestanejou, pois o motivo que o trouxera até aquela casa [não] era senão o interesse pela mula sem cabeça, como a havia xingado deste apelido o velho ferreiro, para oferecer-lhe casamento certo.

Aceitou a isca, gostou, caiu na armadilha do Santo Antônio, e o casamento realizou-se “num pialo”. Foram morar numa casa na Praia de Canasvieiras.

Como, às vezes, acontece com os casais que deixam a lua de mel para a própria lua, eles, nos primeiros dias de casados, aprontaram uma rusga muito forte por causa dos temperos que a Nica colocava na comida.

O Zé era louco por comida temperada à base de alho, mas a Nica nem queria sentir o cheiro dele, quanto mais comê-lo como tempero ou de outro jeito. Daí pra frente, as brigas se tornaram rotina entre os dois, mas, mesmo assim, enleados no cipoal das discórdias constantes e discussões humilhantes, encomendaram um bebê, que enfrentou com coragem invencível, no ventre da mãe, os pontapés e socos que o pai atirava contra ela. Aos nove meses e dois dias, numa linda noite de lua maquiada, ele deixou-se cair nas mãos calejadas da sinhá Delonça, uma preta parteira aparadeira, para servir de vítima a duas pessoas que se uniram pelos laços sagrados do matrimônio, para depois viverem o maldito e infando império do mal.

– A criança é dita e escrita a cara do pai – afirmavam as velhas comadres que a viam e a parteira que a aparou.

– Quáli nada, sinhora, não é não! – respondia a Nica, indignada, babando cólera e maldição para a pessoa que a informava. Se algum dia eu achá que o meu fio é parecido com aquele sabujo, cara de boi sonso, eu darê um jeito pra mo'de sumi ele.

A criança, até uns sete meses, foi se criando bem, sem novidade com relação a problemas de saúde, mas daí por diante, começou a dar sinal de enfraquecimento físico, chorava durante toda a noite, conservava cruzados as mãos e os pés, muita diarreia e, além de todo esse sofrimento, seu corpo apresentava-se coberto de manchas roxas. Quanto mais ela crescia, mais se tornava parecida com o pai, causa esta que provocava na Nica, sua própria mãe, ódio mortal contra a inocente criaturinha. As pessoas da comunidade que tomaram conhecimento de que a criança estava definhando sem que o pai pudesse socorrê-la –

pois a mãe não permitia – procuraram a Nica e aconselharam-na a tratar do inocente, pois “ele não tem culpa dos arrufos malcriados de vocês” – falavam.

– Quáli nada! Não aceito conseio de ninguém; o fio é meu e eu faço dele o que bem intendê, fiquem sabendo desde já. Eu só penso em vê ele morto, que é pra mo’de judiá da cara do sem-vregonha do pai dele.

A notícia de que a Nica queria matar o filho ganhou corpo de sensacionalismo, meteu o pé no caminho e passou a visitar casa por casa, fincando morada de espanto no cérebro de cada pessoa que a acatava como inquilina.

A madrinha de batismo da criança era meio entendida das doenças do mundo bruxólico e, quando recebeu a visita da notícia andeja, convidou a sinhá Delonça para ir com ela fazer uma visita à criança e, muito principalmente, para ganharem certeza da verdade dos comentários que andavam de casa em casa, de boca em boca e de ouvido em ouvido.

A Nica as aceitou muito bem e até as convidou pra mo’de elas entrarem no quarto do enfermo. Porém alertou-as de que não falassem em remédios de espécie qualquer para o guri, que ela não aceitaria. As comadres, quando depararam com o corpo da criança embrulhado em roupas sujas e fedorentas e já quase sem vida biológica, entreolharam-se e diagnosticaram, com precisão curandeirista em boca escancarada na vastidão ilimitada dos seus pensamentos humanos: a doença do guri é empresamento. E agora como vai ser? – pensou cada uma delas na alcova dos seus silêncios. A mãe não aceita benzeduras, nem remédios na presença da criança, nem para a criança. Retiraram-se cabisbaixas, pensativas e muito preocupadas pela sorte trágica da infeliz criancinha, que estava pagando um preço muito alto por pecados que não havia cometido.

Num repente, dentro das luminosidades dos faróis dos seus pensamentos, a madrinha da vítima ganhou uma ideia muito

louvável e acertada: preparar uma armadilha com a primeira camisinha que a criança havia vestido e que estava guardada dentro de um baú de folhas na casa da mãe do Zé.

– Certo, vamos! – bradou a sinhá Delonça, a madrinha parteira do embruxado. – Oia, muié, lá em casa eu tenho um pilão.

Apressadamente apanharam a camisinha da criança na casa da avó, crivaram-na de agulhas, colocaram um pouco de alho no fundo do pilão, junto com a roupinha e, com muita fé, rezaram o Creio em Deus dentro dele. Com a mão do mesmo pilão, passaram a machucar levemente a roupinha da vítima. O efeito psicológico plantado na mente das pessoas é a de que as armadilhas para apanhar bruxas surtem efeito real. Isto afirma a presença do sobrenatural na vida do homem de argila humana crua. Suas fantasias ganham vida fictícia, quase biológica. Elas acreditam que as agulhas que penetram nas paredes do pilão, forçadas pelas batidas que as pessoas dão, atingem ao longe as carnes da mulher bruxa que está perseguindo a criança, dona da roupinha. Humanizando realmente o fato em si, através da percepção do instinto humano – no caso a bruxa já perdeu o estado fadórico-bruxólico e voltou a ser criatura humana –, a mulher corre na direção onde estão praticando o ato espiritual contra a má sina bruxólica dela e, em altos brados, pede por Deus e todos os seus amigos santos para que deixem de praticá-lo e declara publicamente: “Toda a carne de meu corpo físico está sendo maltratada por espetadelas lancinantes de agulhas que o dilaceram. Não aguento mais o tormento que me está fazendo sucumbir.”

Pois, muito bem, quando as comadres haviam praticado umas dez pancadas sobre a camisinha da criança embruxada, a Nica, mãe da criança, apareceu em prantos, descabelada, atormentada, acusando-se de que as mesmas penetrações

que as agulhas praticaram na parede do pilão, suas carnes foram também atingidas horrivelmente lá ao longe onde ela se encontrava.

– Parem de bater sobre a camisinha do meu fio, proque sinão eu morro com a carne do meu corpo toda perfurada pelas aguias.

As mulheres deixaram de praticar o ato mágico do curandeirismo vitorioso e, com o coração tomado de alegria e espanto, procuraram atender à ex-bruxa Nica, que, em pelo, se conservava inerte perante a presença triunfal do bem contra o mal.

– Minhas cumadre, eu fui uma bruxa de deleites e apetites infernais. Tornê-me bruxa desde o dia em que pricurê conquistar o amor sexual de um padre munto bunito e elegante que apareceu lá no meu lugá pra mo'de ensiná religião. O danado do home ficô possesso de ódio contra mim e me excomungô. Daquele dia por diente, eu fui pricurada por uma muié munto feia, magra, de nariz arrebicado, munto suja, zaroia, moradera lá na Praia do Fogo, perto do Sambaqui, que me convidô pra mo'de sê bruxa. Ela falô pra mim qu'ô tihoso 'teve na casa dela e expricô pra ela que o padre tinha me excomungado. Ele contô pra veia bruxa-chefe que 'tava pertinho de nós e osviu tudinho e ficô muito contente c'ô zelo daquele padre. Eu, que já 'tava perdida pela boca do padre, aceitê o convite da veia e, no dia e hora marcada, compareci e passê a fazê parte do bando bruxólico lá de Santo Antonio. Não escoía home pra mo'de namorá – não pra me casá, que eu não queria – mas só pra mo'de judiá da cara deles. Fiquê noiva quatro vez, mas não dê prazo pra nenhum deles me levá no pé do altá, mo'de fazê casamento e, assim, fui judiando deles quanto quis e de toda a maneira, inté que, um dia, apareceu lá em casa aquele táli do fiio do Bento Crisanto, parente da minha mãe, dizendo que queria casá comigo proque ele sabia

das minhas boa culidade de moça casadora. Quando o triste apertô a minha mão, eu senti um calafrio que pircorreu a espinhela do meu corpo de arto a baxo. Daquele dia em diente, eu perdi munto do encantamento bruxólico num abri e fechá d'olhos, sem sabê quáli tinha sido a rezão das coisa. Depois de casada com ele já fazia munto tempo, o meu fiio já 'tava com sete mês, eu disconfiê que o causadô daquilo tudo foi um brebe munto grande e sujo que ele trazia pindurado no piscoço e não tirava. Dê trato aos miolos pra mo'de achá um jeito de tomá aquela coisa nas mãos pra mo'de bispá o que era. Passados uns dia, ele percisô quemá um roçado que fez pra mo'de prantá feção. Quando vortô do trabaio, 'tava com o corpo munto sujo e antão tirô a camisa e o brebe pra mo'de lavá o piscoço na gamela dos pés. De repente, bem ante d'ele tê enxugado o piscoço, aparecero uns home chamando ele a toda pressa pra mo'de corrê atrás dum boi do campo que 'tava sorto lá pros lados da Praia da Ponta Grossa. O miserave era loco por essas coisa de andá correndo atrás de boi brabo sorto e, na fúria de se mandá, se esqueceu do brebe im riba da solera da jinela da cozinha. Num pialo, peguê o brebe, abri ele pra mo'de vê o que é que tinha dentro. Achê foia de arruda, de alecrim, pedaço de chifre de boi preto, esporão de galo preto, barro de çumitero, osso de difunto, flô de xaxim e uma figa de guiné. Garrê aquilo tudo e taquê no fogo. Quando aquilo tudo pegô fogo e sortô fumaça, eu ganhê novo encanto e saí qui nem uma loca avuando pelos are. Adiente de mim uma voz roquenha saía de dentro daquele mundo de fumaça e gritava: "Vamo com todos os diabo, por debaixo dos telhado e por riba do silvado." Saí na direção do súli da Ilha e, logo que cheguê na frente da capitáli, vi um navio no porto e uns barco piqueno que 'tavo carregando os home rico daqui, que vinho de vorta lá das otra banda do Brasili, munto bem impitecados. Im riba de um trapiche de maderá, 'tava uma banda musicáli, só pra

mo' de arrecebê eles, e um bando de home malivistido jogavo tanto do fuguete pra riba pro ar pra mo' de sodá a chegada deles, que eu inté fiquei surda. De repente oiê e vi c'os oios bruxólicos, ali por riba do Morro do Cambirela, um pudê de nuvem munto branca que 'tavo tapando a cara dele. Num pialo, dê um pulinho lá no Cambirela, apanhê uns pedaço delas, tapê os buraco dos osvido e vortê. Quando cheguê im riba do navio, vi cinco lancha cheia de home rico da Vila Capitáli, bem impitecados, de cartola preta, fraque preto, carça preta bem apertadinha no meio das perna, camisa do peito rendado bem engomado, gravata-barboleta, sapato buziguim vistido com polaina e, ainda, de cerola por baxo de tudo e por riba do ma's. Minhas comadre, quando as lancha que carregavo eles já 'tavo uns cem metro perto do trapiche onde 'tava a banda musicáli, eu invoquê o podê malino do encanto e pedi pra ele chamá um pampero de vento súli com ma's de 200 quilombro por vez. O vento chegô com onda de trinta metro de artura, subiu por riba do trapiche, encheu de água os cano dos instrumento dos muscos e não dexô inxuto ninguém e nem um só foguete. E todo mundo, bem moiadinho qui nem pinto nuéli, tratô de se escapá lá bem pra riba pra perto da matriz. Eu, quando vi aquela barafunda toda, tratê de socorrê os home rico que 'tavo tudo aboiando por riba da cabeça das onda do mári qui nem pedaço de madeira, sem rumo e sem experiença. Botavo uns pra dentro da lancha e otros pra fora; viravo uma lancha e desviravo otra, inté que fiquei com pena da fraqueza deles e arresorvi mandá o vento ir-s'imbora e acarmê o mári.

Minha fia, o que eu vi na praia, dava inté dó de se vê. Um pudê deles 'tavo nuzinho qui nem bebê quando nasce, c'as vergonha de fazê má-criação e as de ir aos pés no mato de fora. Uns quatro ou cinco 'tavo ainda de ceroula, acradito memo que foi proque as muieres deles pregaro os botão dela bem pregado. Uma coisa eu ia me esquecendo de contá pra vancês: quando eu

fui pegá uma nuvem lá no Cambirela pra mo'de tapá os osvido, pra não osvi o tiroteio do fuguetório que atormentava as cabeça dos vivente e até memo dos demonho qui nem eu fui, de uma coisa eu não m'esqueci: corri nas torre da isgreja, cortê os cordão dos badalo dos sino e embruiê eles com argodão das nuve que tirê do chapéu do Cambirela, pra mo'de acabá tombém com aquela outra baruiera de badalação.

Minhas cumadre, o sacristão, quando subiu as iscada das torre da isgreja mo'de badalá, os home rico que chegaro e não conseguiro [fazê-lo badalar] ficaro possesso de raiva e passaro a distratá quem praticô a façanha, com xingação e praguejamento apunhalante. O praguejamento deles foi ansim qui nem gotas de água benta que caíro por riba do meu encanto meio molhado e enfraquecido. Quando eu cumecê a senti a quebra do encanto pro mo'das praga deles, tratê de currê pra casa.

Agora 'tô aqui na presença de vancês feita gente de carne e de osso, mas com as mardade de todos os outros bicho dentro do coração, assim qui nem vancês duas tombém, minhas cumadre.

– Uma coisa agora eu tenho coragem e certeza pra mo'de contá pra vancês, cumadre Delonga – falou a madrinha da criança, a Duarda do Simão Carço, depois de ter ouvido as proezas da Nica. Quando nós comecemos a socá a camisinha do minino, eu vi, com estes dois oios que a terra há de cumê, uma galinha munto diferente das nossa que 'tão no terrero da casa e um sapo bem estufado perto dela, juntos do pilão. Minha santa, credo em cruz! Vrige Maria! que Deus me perdoe! – e deu três pancadas na boca com a mão esquerda. Pra mim, a galinha era a Nica; e o sapo, o danado do tinhoso, que andava atrás dela. Se não me faia a memora, a galinha 'tava de tamanca e o sapo tinha pé de gente qui nem nós e 'tava inté c'as unha munto cumprida.

É, so Bento Crisanto, rezão tinha o ferrero quando falô pro sinhôri qu'a Nica era mula sem cabeça, pro mo'de que tinha namorado o padre – argumentou a Duarda do Simão Carço.

Minha querida Ilha do Desterro, o real e o irreal encontram em ti vida fictícia harmoniosa e criadora.



Balé de mulheres bruxas (1962)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 35,3 x 52,9 cm

Balé de mulheres bruxas

[1953]

Os intelectuais anônimos populares dos séculos passados usaram os seus vigores mentais com delicadeza e sabedoria para criar mundos fantásticos de ficções biológicas e espirituais divinatórias. Entre estes, criaram um mundo fabuloso, onde crianças humanas gêmeas nascem com a predestinação de receberem um talento demoníaco, que lhes dá o direito de viverem vida bruxólica, intensivamente quimérica, quando quiserem e onde quiserem, tanto por cima da ginga da Terra, quanto por dentro dos espaços siderais e dos celestiais.

As bruxas, segundo afirmam os criadores de mundos fantásticos, são criaturas humanas que têm poder espiritual satânico de se metamorfosear através de ordens lendárias e de encantamentos quiméricos sobrenaturais. A mulher que recebe o talento espiritual ao nascer ou, depois, pela vida afora, através dos olhos esguelhos da bruxa-chefe, compromete-se a cumprir todas as ordens que a chefe do seu bando comunitário lhe apresentar em reuniões semanais, [ordens] que significam: chupar sangue de crianças até dar-lhes a sepultura, atacar cavalos e pessoas indefesas, depenar galinhas e mais estripulias supostamente terríficas, malignas e atroz.

Perseguindo esses grandes legados da lavra cultural da ficção humana, compreendi que, no mundo bruxólico de

encantamentos míticos, onde se atribui o mal porque o demônio é o seu gênio tutelar, deve haver também, como em nosso mundo real conturbado e enfermiço, momentos para lazeres fictícios.

Muitas vezes ouvi contar que, num baile muito animado, num suposto lugar da nossa velha Terra, o garotão anjo Lúcifer comprou ingresso e entrou no salão para dançar. Segundo dizem, ele é fisicamente o homem mais bonito da criação humana e, por tal razão, provocou apetite sexual no amor carnal de todas as mulheres que estavam se divertindo no tal baile Pega-Fogo. Ele dançou com todas as moças que se achavam presentes no salão e, por ser muito bonito, ótimo dançarino e muito disputado pelas mulheres ali presentes, causou grande descontentamento entre os homens, que não o viram com bons bofes.

E a madame Mexerica conversa que, sentada num dos cantos do salão do famoso baile Pega-Fogo, encontrava-se uma trempe formada por três velhas que, naqueles dias do passado, costumavam amanhecer sentadas em noitadas de bailes, cochilando, de olho grelado no comportamento das filhas, com relação aos seus namorados. “Nada de dar oportunidades para a cegonha fazer ninhos clandestinos”, tal era a ordem severa que as moças recebiam em casa, assoprada pela madame Sociedade da Época. A infeliz que ousasse aceitar o ninho clandestino da cegonha por riba da virgindade era expulsa de casa com todos os vigores ultrajantes das leis patriarcais em voga.

Quando três mulheres se encontram e formam uma trempe, duas conversam as novidades circulantes e uma fica mais afastada a atender o que está se passando em volta delas e das outras. Foi isso que aconteceu no baile em que o Satanás estava dançando animadamente rubro, com entusiasmo inferneiro.

Enquanto duas pernas da trempe se entretinham em fofocas diversas, a que estava mais afastada olhou do alto para baixo no físico do garotão cobiçado e notou que os pés dele eram redondos, iguaizinhos aos pés dos patos. Ela não teve dúvida. Chamou a atenção das outras duas velhas e, quando o moço Lúcifer passou

dançando perto delas, unissonamente elas gritaram: “Este home que ’tá dançando aí tem pé de pato!”

Quando Lúcifer ouviu em coro as vozes das três velhas, provocou, dentro do salão Pega-Fogo, um estrondo que nem estampido de trovoada baixa. Queimou enxofre em abundância e desapareceu nos feéricos encantos das fantasias humanas.

A madame Mexerica afirma que, se uma pessoa ficar de quatro e olhar por baixo da barriga do corpo para dentro de um salão onde estão dançando, verá o garotão Lúcifer entre a turma de dançarinos se divertindo a valer.

Até bem poucos anos, os padres da Igreja Católica Romana não admitiam que clubes de danças ou bailes domésticos funcionassem em estabelecimentos de suas paróquias. Creio que uma das razões deva ser a de que eles acreditavam, como nós outros, que o moço Lúcifer se misturava com os fiéis para aproveitar a ocasião de atijar, na memória dos dançarinos, oportunidades pecaminosas.

Ora, se o moço Lúcifer é assim tão apaixonado por bailes, é lógico, acredito, que as suas comandadas de bandos comunitários bruxólicos também o sejam.

E assim, conversando com a inteligência humana, a madame Estória narrou-lhe que, em certa ocasião, uma caterva de mulheres se reuniu. Tomaram o estado fadórico-bruxólico pela invocação das palavras do encantamento quimérico e foram na casa do Patrício da Eva Cana-Verde chupar o sangue do filhinho deles, que estava com seis meses de idade.

O Patrício morava no Itacorubi e, de vez em quando, dava um pulinho até a capital, para fazer seus negócios, pois arrumava sua vida trabalhando de pombeiro. Gostava muito de conversar e contar vantagens altas, tão altas que nem a altura do Morro do Padre Doutor, da Lagoa da Conceição. Não gostava de ouvir falar nas proezas que as mulheres bruxas esparramam por aí pelas comunidades, às pamparras, quando se acham tomadas pelo poder do encantamento fadórico fantástico. Se alguém por acaso tocasse

de leve no assunto bruxólico, ele irritava-se e debulhava toda a sua raiva desmedida contra as coitadas que, ao nascerem, recebem o talento da predestinação de viver nesta terra maluquinha, praticando o mal diabólico quimérico, e afirmava para toda gente que com ele mantinha conversa sobre o encantamento:

“Quando o mo fiinho nasceu, eu chamê uma binzidera curandera do Sertão e mandê que ela fazesse tudo quanto é rumedo que hai pra protegê ele contra a petulança dessas canaias bruxa que ando por aí incomodando as vidas das pissoa que só cuida do trabaio e das suas obrigação, ansim qui nem eu. Adispôs fui intê na cidade e troquê três santo de quadro – pogi santo num se compra, a gente tem que trocá ele pelo dinheiro – e troxe eles pra pindurá na parede. Prantê cinco pé de guiné em cruz por volta da casa. Um ficô na frente, otro na porta do lado direito, um do lado esquerdo e dôs nos fundo; pintê atrági das porta e jinela cum tinta preta a cruz de sino-saimão e colôquê vaso com alecrim e arruda nos canto da casa. Pra cada pissoa da minha famiia, mandê fazê um brebe pra mo’de pindurá no piscoço. Fiz a armadiia cumpreta pra invitá de que as discarada mula sem cabeça podesse pirsigui minha criança.”

Acontece que ele era uma dessas pessoas que não ligam para aprender a conhecer as coisas e as leis dos ministérios rubros do anjo Lúcifer e, portanto, achou, nos seus cálculos ignorantes, que as baterias que enxotam diabos já montados por ele, acompanhadas pelos seus exorcismos, estavam integrais. Qual nada! A velha feiticeira benzedeira esqueceu-se de montar muitas outras baterias exorcistas, justamente as que dão o tiro mais certo no alvo das mandragas.

As mulheres bruxas, afirma a cultura popular fantástica, possuem inteligência ficta agudíssima, que usam em todas as ocasiões precisas para atingir o orgulho, a pretensão desmedida e canhota do pobre homem de barro branco, vermeho, amarelo e preto não cozidos.

Por essas e muitas razões umbráticas, elas vivem às turras com benzedores, curandeiros, exorcistas e outros, desde o dia

em que o Adão derrubou, com o machado da desobediência, a primeira árvore frutífera das matas do paraíso mítico e com ela acendeu o fogo do pecado original nos mundos quiméricos.

Afirmam as comadres trempeiras que o peixe morre pela boca. O tal barrete que as velhas trempeiras têm por hábito demoníaco costurar com as agulhas vampirescas das suas línguas de pontas finíssimas, com a linha do mexerico sorrateiro e corimbático, na fazenda do ouvir dizer – que Deus me perdoe! – serviu justinho na enfatuada cabeça do Patrício da Eva Cana-Verde, que pagou muito caro pelo desdém que tem pelas coisas quiméricas do sobrenatural.

E continua a madame Estória:

Numa sexta-feira, depois do meio-dia, o Patrício montou no seu cavalo tranquilo – cavalo estradeiro, que anda bem –, equipado com os serões, e dirigiu-se ao Saco Grande para comprar galinhas e ovos, pois havia recebido uma encomenda bastante grande de um freguês seu, que morava na cidade, na rua da Tranqueira, atual rua General Bittencourt. Comprou as galinhas e os ovos encomendados e, de lá, dirigiu-se até a cidade para servir o seu freguês. Recebeu o dinheiro e deu de volta para casa, onde calculou que devia chegar lá pelas onze horas e meia da noite.

Pela viagem, tudo transcorria muito bem, mas, quando Patrício chegou no meio do caminho das Três Pontes, perto do cemitério recém-nascido da capital, que na época estava com apenas dois aninhos de existência, deparou-se com um quadro hipotético e tenebroso, onde ele viu, com seus olhos de homem linguarudo e pretensioso, uma catervagem de mulheres bruxas em grupos de três, dançando na ponta dos pés que nem fuso de roca em volta do Lúcifer.

O demônio estava sentado no meio delas e tocava um bandolim, do qual saía um som poluidor, que invadia os aresãos dos arredores e, em torno do grupo, muitas aves de rapina completavam o quadro macabro, como se fossem molduras. Estacou seu cavalo, tirou o brebe do pescoço, persignou-se com ele e, dentro de instantes, notou que o quadro sobrenatural

fantástico se havia dissolvido na aragem fresca do vento norte, que soprava calmo por riba da crista dos manguezais da Trindade.

Reuniu um resto de coragem humana que ainda lhe sobrava e ordenou ao seu cavalo que continuasse a viagem a caminho de casa. Passou em frente às cercas de arame farpado que protegiam as raras sepulturas ali existentes no cemitério do Itacorubi, hoje São Francisco de Assis, sem ser importunado nem por uma coruja errante noturna. Quando chegou perto de sua casa, bastante abatido, notou que havia janelas abertas, luzes acesas e a presença de vizinhos.

Apeou do seu animal e correu lépido para receber notícias do que estava se passando ali, naquelas horas mortas da noite. Sua mãe veio ao seu encontro e o pôs ciente de que, às dez horas da noite, a criança garrou num berreiro que era uma compaixão; de que o seu corpinho inocente apareceu crivado de manchas roxas que nem mordeduras de bichos; de que o Torquato foi procurar uma benzedeira, pois os quadros dos santos caíram todos no chão; de que os vidros deles partiram-se; e de que os vasos com arruda e alecrim se sumiram, como também as plantas de guiné plantadas em volta da casa.

O Torquato do Mané Isidoro foi correndo na casa da sinhá Ciserina e trouxe-a para benzer a criança e fazer remédios caseiros, pois ela era conhecida no Itacorubi como a mais famosa doutora curandeira do seu tempo, talvez até mais perita na arte do exorcismo do que o padre doutor, da Lagoa da Conceição.

A sinhá Ciserina entrou no quarto do enfermo, tirou as tamancas dos pés, persignou-se com um crucifixo de prata que trouxe enfeixado na mão esquerda e, num repente, exclamou para os presentes e para o pai da vítima:

– É máli de embruxamento a duença desta criança, e ela 'tá currendo pirigo di vida.

Chamou a mãe do Patrício e informou-lhe:

– Vosso fio, sinhá Gracinda, é munto linguarudo. Ele tem munta quizila das muires que viero a esta terra do mo Deus c'a triste sina por riba da ginga das costa pra mo'de sê bruxa. Ele

veve por aí em todos os lugares a desafiar os poderes delas que vêm lá dos porões do inferno pra elas usá aqui na terra contra a nossa alma. Nós temo que se defendê contra elas é c'as santa palavra da santa binzadura, e não com xingação, como ele usa.

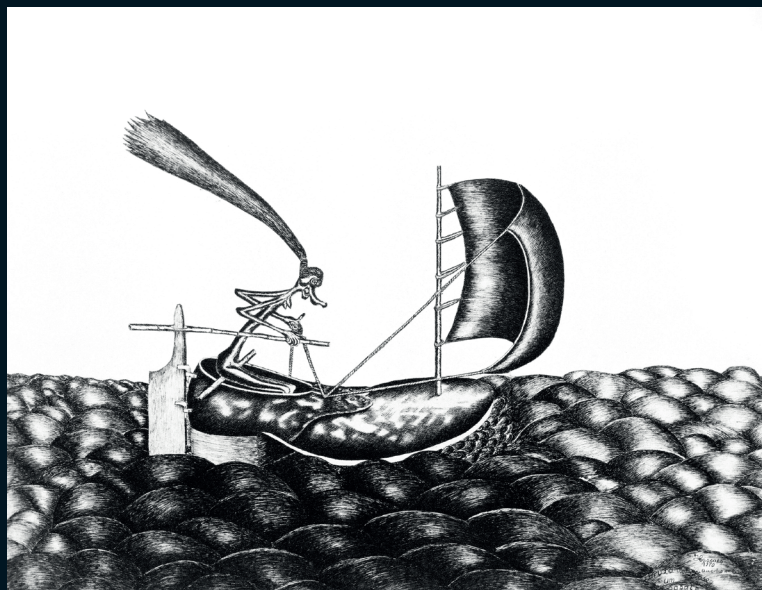
No exato momento em que a benzedeira fez o comentário para a mãe dele, o seu pensamento captou e trouxe para sua lembrança a presença viva das rusgas que ele sempre manteve ativas contra os poderes das leis quiméricas dos gabinetes rubros do reino do anjo Lúcifer.

Reconheceu, exatamente, que as bruxas burlaram os poderes exorcistas das benzeduras, orações e armadilhas e que judiaram, à vontade, da inocência de seu pobre filhinho, só porque ele as vivia atacando e aos seus mundos fantasmais. Pensou com as rédeas do seu cavalo: foi para comemorarem a vitória demoníaca contra os meus distratos que elas se juntaram com o anjo Lúcifer e aprontaram aquela dança macabra entre as Três Pontes da reta do caminho do cemitério, para provarem a ele que elas são mesmo autênticas representantes do mal aqui nesta Terra.

Ele nunca havia visto aquela espécie de dança aqui na Ilha do Desterro, mas sempre ouviu falar que, lá nas outras bandas das orelhas do mundo, as mulheres dançam nas pontinhas dos pés, assim que nem o pião dança com o ferrão em riba da unha do dedo polegar dos humanos, sem cair, e lembrou-se: o nome daquela dança é balé.

Que pena, ó minha mui querida Ilha de Nossa Senhora do Desterro! O homem que vive este século vinte está obcecado pelo deus inferior, que o está conduzindo por caminhos tão tortuosos, que me foge à imaginação poder comentar a direção certa da sua desaconselhável caminhada.

Mesmo assim, ainda há lugar no pensamento humano para criar mitologicamente o acontecimento ilusório de um balé de mulheres bruxas com o galã anjo Lúcifer, entre as Três Pontes do mesmo caminho, atualmente Avenida da Saudade, com os pés protegidos por sapatilhas de ilusões para não machucarem o chão abençoado do teu solo sedutor.



Bruxa metamorfoseia um sapato (1970)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 54,2 x 71,8 cm

Bruxa metamorfoseou o sapato do Sabiano

[1954]

Nas distantes eras da colonização açoriana da Ilha de Santa Catarina, morava na Praia de Canasvieiras, atualmente Ponta das Canas, um pescador conhecido como Sabiano do Miguéli da Lola.

Naqueles tempos de antanho, a “Vila Capitáli” recebia a ligação de suas comunidades por via marítima, através de canoas de borda falsa e de borda lisa, confeccionadas de um pau só, cavadas a enxó ou a fogo, como usavam os índios. Também usavam, muito raramente, fazer as viagens com as lanchas baleiras. Por via terrestre usavam cargueiros com gado cavalar, equipados com serões tecidos de taquaruçu, taquaras e taquari, ou com os nossos queridos e tradicionais cantadores sertanejos, os carros de bois. Para levarem a efeito uma viagem marítima de Canasvieiras à “Vila Capitáli”, era preciso esperar tempo bom. As velas brancas – tecidas com pano de algodão – de suas embarcações em direção à Vila do Desterro, só as ofereciam ao vento nordeste ou no-noroeste, dentro das frias madrugadas de inverno ou em gostosas manhãs de verão com temperatura amena. Para retornarem ao lugar de destino, esperavam a chegada do vento sul. Praticavam a viagem de volta costeando a

fralda marinha da Ilha com a embarcação de velas enfunadas ou, na maioria das vezes, a remos de voga e, também, empurrando-a com verga de bambu ou madeira. Viajar pelos carreiros tortuosos, íngremes e pantanosos, com carros de bois ou com cargueiros, era quase impraticável e, até certo ponto, desanimador. O uso das conduções que mencionei, adotadas por nossos saudosos antepassados, tanto para passeio quanto para negócios, exigia sacrifícios quase insuportáveis para as populações praijeiras ou interioranas desta Ilha, que oferecia maravilhas naturais para eles, mas exigia, de quem a desbravava, coragem hercúlea e quase sobrenatural.

Quando, nos lares, havia saúde para os pobres colonos açoritas, tudo se desenrolava às mil maravilhas, mas, quando a madame Doença afugentava a madame Saúde e fincava seu pé esdrúxulo dentro da casa dos coitados, com as suas malas indesejáveis cheias de planos traiçoeiros, só Deus, se fosse servido, e a fé nos poderes milagrosos dos santos de suas devoções é que podiam salvá-los de tais situações desagradáveis, que vêm açoitando o pobre homem de argila humana crua desde a infância dos séculos.

Nesses tempos longínquos, na “Vila Capitáli” nem havia doutores de dar remédios. As boticas eram pobres e o atendimento era feito por boticários que, na maioria das vezes, mal sabiam soletrar o bê-á-bá. Ora, em situações de desespero, com relação a doenças que atacavam e corroíam o organismo humano até dá-lo à morte, o jeito mesmo era recorrer a Deus e aos santos e, conseqüentemente, aos benzedores curandeiristas que existiam e ainda existem entre as populações como figuras mitológicas respeitadas e, às vezes, muito xingadas, porém sempre procuradas em ocasiões de desespero e desesperança como a única estrela de salvação.

Os curandeiros substituíam os doutores das vilas e cidades, vivendo o espírito curandeirista e espiritualista de seus

antepassados, receitavam e ainda receitam verbalmente plantas medicinais, extraíndo, através de um processo de cozimento ou de infusão, princípios medicamentais. Usavam, e ainda usam, aplicações em forma de cataplasmas ou de sinapismo de seivas, folhas ou frutos para atalhar o avanço das moléstias que, até nos dias em que vivemos, atacam e destroem os organismos químicos que mantêm a vida nos corpos de argila humana crua. Quando bispavam que as doenças que atendiam eram males espirituais de inveja, de quebranto e muitos outros, recorriam às virtudes de poderosas benzeduras, que aprenderam com os mais velhos e respeitados curandeiros vindos nas levas de colonos, seus ascendentes, lá das Ilhas dos Açores, “pra mo’de” viverem nesta terra abençoada, acolhedora e fantástica.

Do espírito da sabedoria desse mundo quimérico e fantástico, vou contar um caso que aconteceu com um casal e o seu filhinho de dez meses de idade, lá dentro dos dias de um passado já muito longínquo.

Certa manhã, depois do café, o Sabiano da Lola encheu-se de coragem e falou para o Miguéli, seu pai, que estava com vontade de casar-se. Argumentou que estava com trinta e dois anos de idade e que seus cabelos e barbas já haviam começado a pintar-se de branco.

– Mo pai, eu perciso arrumá uma companhera que substitua o trabaio que faz pra mim a minha veia mãe. Ela já ’tá munto cansada de trabaiaí. Não só pra discansá a minha veia mãe é que eu perciso me casá, mas é tombém pra mo’de arranjá uma muié pra me ajudá a carregá a cruz do sacrifício que nós todo carreguemo em riba desta terra que cria a gente e adespôs come a carne. Mo pai, um burro sozinho puxa munto bem a carga, mas dôs junto puxo munto mági miió.

Antes da conversa que ele fez com o pai, já andava de namoro com a Aquilina e não soube explicar como, numa noite muito escura em que foram acompanhar um terno de reis que

andava alegrando a comunidade com seus cânticos natalinos, eles perderam a cabeça e modelaram um bebê de argila – um menino – dentro de umas macegas de mato, na beira de uma roça de mandioca do pai da moça. Eles eram pessoas criadas no sítio, dentro de um forte regime patriarcal; por isso, de questões sexuais nada entendiam de prático, apenas tinham ouvido falar. Ambos se conservaram virgens até aquele momento em que a mestra natureza colocou adiante dos seus olhos atônitos as lições e as ações que deviam conhecer e cumprir.

Acharam o trabalho sexual muito interessante e apetitoso e, daquele momento pra frente, aproveitavam para deleitar-se no coito carnal todas as ocasiões que se apresentavam favoráveis. O tempo foi passando, passando e, num dia de manhã cedo, quando o Sabiano havia voltado da pesca, a Aquilina apareceu na praia e comunicou-lhe que o bebê que haviam encomendado na presença da lua e das estrelas, tendo como abrigo a relva que os defendia dos olhares de alguns vigilantes noturnos, já estava esculpado numa forma ovariana do ateliê materno, pronto para ser retirado, lavado, vestido e mostrado para as famílias deles e as comadres da paróquia, que, há tempo, vinham dando trato no bucho de pescada que elas guardam na despensa do estômago.

O Sabiano ouviu toda a estória da Aquilina, resultado dos vários encontros sexuais que teve com ela, e depois matutou com seus espinhéis de pesca:

“Vejam só, mos amigos espinhéis, em que situação difícil o mo cinzéli assanhado me dexô. Entrô no salão materno do ateliê da Aquilina e, sem eu querê, modelô um bebê de argila numa das forma da coleção dela e não me avisô nada. Eu bem que avisê pra ele que, naquele ateliê de fazê escultura de argila humana, o miiô modo memo é cunversá na porta e não entrá pra dentro como fez o mo cinzéli. No mo fraco pensá, eu sempre imaginê que, pra mó d’a gente botá uma escultura do bebê numa forma maternáli, era perciso usá o cinzéli um pudê de vez por sumana.

Mági quáli nada, eu 'tava munto enrado. Não é pro mo'de não casá qu'eu 'tô matutando esse pudê de arrenegação não. E agora o jeito que tenho que pricurá, pra mo'de me safá bem, é me casá.”

– Aquilina, minha santa – bradou o Sabiano –, isto que 'tás dizendo da boca pra fora é inzato memo?

– É, mo fio, é inzato. A minha mãe 'tava discunfiada e, hoje bem cedo, ela me miteu em cunfissão e eu cunfissê tudinho, proque ela me primitiu dá uma surra e me jogá pra fora de casa. O mo pai ainda não sabe de nada e nem discunfiô, mas a mãe disse que ele me acaba com pancada quando sobé. Sabiano, eu garrê pra pensá que o miió memo pra gente se defendê da surra que a mãe me primitiu e da má língua do povo é fugi ou casá, seja de que jeito fô.

“Visti Aquilina de noiva – pensou Salviano – pra mo'd'a gente se casá no padre, não é mági possive. O padre não vai aceitá a preposta do casamento, e o povo vai virá a falá do pecado mortáli que nós cumitemo contra a castidade um do outro sem ante tê se apresentado puro na frente do altári dos santo que 'tão na isgreja mo'de ajudá a salvá as alma de cada um de nós. A coisa que mági medo eu tenho é de murrê e ganhá o inferno. Ainda há poucos dia, um padre falô, lá na casa do tio Romarino, que o cristão que cumitê pecado mortáli terá a sua alma quemada lá no fogo do inferno, ansim memo qui nem a lenha que nós quememo no nosso fugão pra mo'de cuzinhá a cumida. Fica em cinza pra toda vida. Eu, desde o dia que osvi a táli cunversa, garrê medo inté de saí de casa de noite. Pos bem, se eu falá c'o juiz de paz pra mo'de me casá, ele logo vai priguntá se eu já falê c'o padre. Outra cosa, o padre, pra mo'de fazê o casamento, nós ente temo que fazê a cunfissão do pecado que cumetemo contra a vrigindade lá nas macega da mandioca por um pudê de vez. Isto aí, pra mim é uma vregonha. Eu nunca na minha vida – e já 'tô com trinta e dois ano de idade – nunca tinha entrado com o mo cinzéli em nenhum ateliê de muié deste mundo. Pra mim,

aquilo que aconteceu naquela noite comigo e com o mo cinzéli foi um rasgo de tentação que me apanhò. Eu fui sempre um home que, quando osvía falá nessas coisa vregonhosa qu’a gente traz munto bem iscundida por debaxo das ropa e nem quas’sempre oia pra elas, ficava vremeio qui nem pano de baeta incarnado. Eu só posso pensá memo, como já disse, que foi máli de tentação. Nunca arregacê as perna das carça e das cirola arriba do joeio e nem nunca saí pra mo’de ir aos pé na presença de ninguém. Pra mim, essas coisa das vregonha que a gente tem agarrado no corpo e munto bem cuberto com a ropa é memo pra sê munto bem arrespeitado. São cosa que Nosso Sinhôri fez no corpo da muié e do home, mági mandô que elas guardasse e só usasse eles quando fosse munto perciso. Foi pro mo’ dessas coisa que o nosso pai Adão mági a Eva foro enxotado lá do paraíso. Eles não sobero obedecê pra mo’de guardá a vregonha que o Nosso Sinhôri deu pra eles e proibiu de usá inté que Ele desse orde. Creio inté memo agora que eles fizeram qui nem eu e a Aquilina: pricuraro roça que tinha bastante macega, e o Adão mandô o cinzéli de fazê escultura entrá no ateliê da Eva, e daí começô a prissiguição contra o home na terra. Bem, agora rumedo não tem mági. Eu vô convidá a Aquilina pra mo’de fugi hoje de noite e, adespôs que ela pari o fio, a gente pricura um jeito de se casá.”

Combinaram, lá na praia mesmo, as aventuras da fuga, logo ao anoitecer daquele dia. O Sabiano lembrou-se de falar com uma velha que morava lá perto do “pinguéli” do morro do caminho que vai para a Praia Braba. A tal velha era lá do continente e morava sozinha mais Deus numa casa de duas janelas de frente, com paredes barreadas, assoalho de chão batido e teto palhado. A velha mascava fumo de corda e era meio benzedeira, meio parteira e trabalhava de enxada nas roças dos vizinhos como jornaleira. Apanhava café, raspava mandioca e praticava mil e um trabalhos diversos e também “estrapolias”. Era conhecida como a Maria da Terra Firme. E assim, lá pelas cinco horas da

tarde, o Sabiano calçou as tamancas e foi até lá no morro “pra mo’de” conversar com ela sobre o suposto acolhimento que ela talvez lhe pudesse dar. A Maria da Terra Firme acedeu ao pedido do Sabiano, porém advertiu-o: “Só aceito por uns dia, proque eu não ’tô mági acostumada a osvi barui de gente nova que tão se amando na cama. Eu já ’tô meia veia e não ’tô mági pra assuntá essas coisa que eu já fiz e cum certeza incumudê um pudê de gente.”

Lá pelas tantas, o Sabiano saiu da casa dos pais de mansinho com uma pequena trouxa, encontrou-se com a Aquilina, que também o esperava trouxada e entrouxada, e, ocupando a condução dos tamancos nos pés, rumaram rápido para a casa da Maria da Terra Firme. Apenas levaram cada um seu par de tamancas nos pés e uma trouxinha nos braços. A Maria da Terra Firme, quando os viu, apiedou-se daquela situação miserável deles e então ofereceu-lhes uma esteira de taboa, dois ramos de manta de retalhos e um saco com marcela para usarem-no como travesseiro. No dia seguinte, a velha ofereceu-lhes um pouco de café, servido numas tigelas de barro que ela retirou de dentro de uma caixa de madeira, onde estavam guardadas. Durante a engulção do café, a velha alertou a Aquilina de que ela a estava notando com o balão muito cheio de fumaça do amor do Sabiano e que, calculava, o bebê não demoraria a vir por aí. E advertiu: “Minha santa, trata de arranjá agasaio notra casa proque os mos osvido não pode mági tolerá choro de rapaz piqueno.”

A Aquilina escutou tudo em silêncio, mais o Sabiano. O que fazer, se haviam pecado contra a castidade antes de se casarem? “É... o jeito memo é purgá os pecado aqui, na casa desta veia, que ’tá me parecendo sê uma bruxa do demonho” – pensou a Aquilina.

No dia seguinte, ao anoitecer, a Aquilina sentiu as dores do parto. Horas mais tarde, deitada na esteira da velha Maria, o Sabiano viu, de olhos esbugalhados, um lindo bebê exigindo

uma vaga na vivência mirabolante deste oceano de lágrimas e desilusões. Quando a Maria chegou de fora, já encontrou a criança sobre a esteira, ligada pelo cordão umbilical da sua mãe, pois os pais não tiveram coragem ou experiência pra cortá-lo. A Maria cortou o cordão umbilical da criança, deu-lhe um banho numa gamela de lavar os pés e a entregou para a Aquilina.

A criança foi crescendo e os pais foram tratando de se arranjar como podiam. Passados uns tempos, o Sabiano conseguiu uma casa e mudaram-se. Quando a criança estava com oito meses, apareceu doente. A Aquilina fez tudo quanto foi remédio que os vizinhos e os parentes ensinaram, mas sempre com resultados negativos. A avó da criança, a mãe da Aquilina, quando soube que o seu neto estava passando muito mal, foi visitá-lo, acompanhada pela Engrácia, sua comadre querida. Logo que a Aquilina mostrou o filho para elas, esquelético e com a pele do corpo crivada de manchas roxas, imediatamente uma tirou a palavra de dentro da boca da outra e exclamaram: “Coitadinho, ’tá embruxado!”

Apanharam uns dentes de alho, fizeram um rosário e colocaram no pescoço do embruxado; deram-lhe um pouquinho de água benta apanhada na Sexta-feira Santa antes do sol parido; rezaram por riba do corpo dele uma oração contra bruxas.

– Cumadre Ingraça – comentou a avó da criança –, eu não fiz nenhum voto de sabê que o mo fiio Sabiano ’teve morando na casa da Maria da Terra Firme. Muié de Deus, aquela veia farpela é vista, no mo fraco pensá, como uma bruxa munto discarada e astuta. Tudo o que ela faz tem parte c’o demonho. Pra afirmá as minha palavra, basta só a gente pô arreparo que os home que ando pela rua tarde da noite incontro cum ela sempre sozinha qui nem um bicho do mato acuado pelos cachorro.

– Cumadre Aniana, minha santa, eu acradito munto nas vredade que saíro da tua boca pra fora. Oia, cumadre, acradita no que vô te dizê: desde o premero dia que botê estes mos oio,

que a terra vai cumê, em riba da pessoa da Maria da Terra Firme, não me enganê não! O que ela é mesmo, minha cumadre, é o que tu já disseste: uma bruxa munto discarada e sem-vregonha.

No exato momento em que a Engrácia acabava de crismar a Maria da Terra Firme como sendo uma bruxa discarada, ela bateu na porta da casa e pediu licença para entrar, pois desejava ver a criança doente. Aniana, a avó da criança doente, atendeu-a e mandou-a entrar.

– Antão, sinhá Aniana, como vai passando o vosso neto?

– Mali, munto máli, minha fia, o pobrezinho 'tá é sendo aperseguido por uma chusma de muieres bruxa, munto das sem-vregonha e discarada, que 'tão morando nesse lugá. Eu, se fosse otoridade, mandava prindê essas mula sem cabeça, amarrá elas nua numa foguera e mandá chicotiá o coró delas inté vê o sangue se sortá. Essas canaias, bandaias não passo é de sê umas égua do demonho. É com ele que essas canaias se afino pra mo'de só fazê o máli pros inocente que têm a desdita de nascer neste mundo, onde só se passa trabaio.

– Sinhá Aniana, eu acho que a sinhora não deve de distratá as cosa que pretence ao otro mundo com tanta palavra de ofensa. Cada um nasce com sua sina pra mo'de cumpri, mági não tem curpa de nada que fági de máli.

– Maria, a tua cunversa 'tá munto máli enjambrada, pra mo'de difendê essas égua do diabo qui tão chupando o sangue do minino do mo fio. Aquilina, chama o Sabiano aqui que eu vô mandá ele lá na Praia dos Inguilês pra mo'de consurtá o Joca do Adão. O Joca é o maió benzedô que cunheço contra essas bruxa do diabo que 'tão por aí só dando trato nos miolo da cabeça mo'de praticá o máli pros otros vivente.

A Aquilina abriu a caixa de madeira de guardar a roupa, apanhou uma calça de riscado pé trocado, uma camisa de listrado cocada e uma ceroula de pano de algodão branco, deu-as para o Sabiano vestir, para ir lá nos Ingleses consultar o curandeiro

benzedor, a mandado da mãe dela. Lavaram um vidro branco bem lavado e deram para o Sabiano trazer remédio pro guri. Quando a Aquilina foi apanhar os sapatos do Sabiano, que estavam pendurados nos caibros da varanda, só encontrou o do pé direito. Pensando que aquilo fosse brincadeira de mau gosto que um seu cumpadre costumava fazer, não se incomodou com o caso e resolveu ir descalço, que achava mesmo muito mais cômodo. Meteu um cruzado no bolso para gastar na viagem, enfiou o chapéu de palha na cabeça e sentou as plantas dos pés no caminho em direção à Praia dos Ingleses.

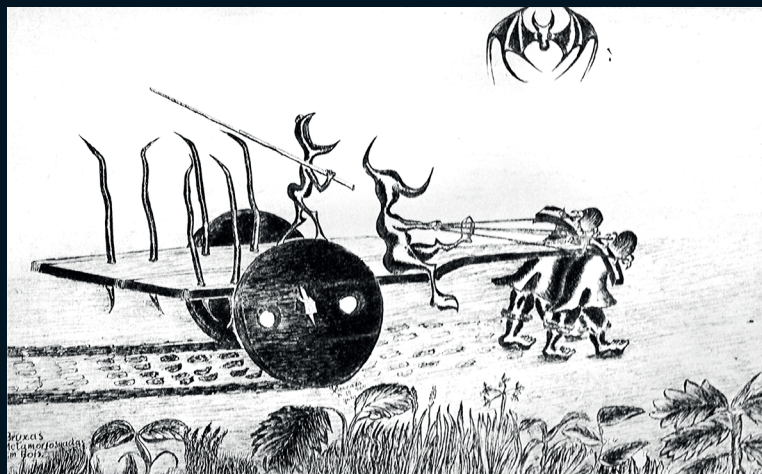
A velha Maria, depois de ouvir tantos impropérios da boca da Aniana contra o reino satânico bruxólico, retirou-se sem dizer palavras, bastante enfurecida, e prometeu vinganças.

O Sabiano consultou o médico curandeiro, recebeu o remédio e deu os pés para os quilômetros de caminho que precisava vencer para chegar em casa. E caminhando de volta para casa pela pancada da maré, o Sabiano deparou com uma espécie de embarcação muito exótica velejando com uma vela de pano bem enfunada, comandada por uma mulher esquisita, que se dirigiu para onde ele estava passando. Como jamais havia conhecido um tipo de embarcação daquele feitio, firmou a vista com precisão e deparou com um quadro estarrecedor: a Maria da Terra Firme metamorfoseada em bruxa, de comandante-nauta dentro do sapato dele, de vela alçada aos ventos, viajando calmamente nos mares da Praia dos Ingleses. O Sabiano reconheceu a Maria e o seu sapato e, apavorado, voltou para a casa do benzedor e comunicou-lhe o fato.

– So Sabiano, falou o benzedor, a Maria é a bruxa que ’tava empresando o vosso fio. Na hora que o sinhôri ’tava se apreparando pra mo’de vir me consurtá, ela robô o vosso sapato, fez um furo em riba do bico dele, enfiô o mastro com a vela da vossa canoa, encantô ele num barco e foi debochá com a vossa pessoa quando ’tava passando pela praia. O sinhôri fique ciente

de que eu cortê a sina do fado dela pra toda vida. Agora pode ir discansado pra casa cuidá de criá o vosso fiinho, da vossa muié e da sua vida. Só uma cosa eu não vô consegui consertá. É o buraco que ela fez no bico do vosso sapato pra mo'de enfiá o mastro. Ela enguliu o pedaço que cortô.

Ó minha querida Ilha de Santa Catarina, foram anos e anos que passaram sobre ti nas asas do sobrenatural que convidaram o povo que te habita para armazenar tanta sabedoria cultural milenar.



Bruxas metamorfoseadas em bois (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 30,3 x 47,3 cm

Bruxas metamorfoseadas em bois

[1954]

O Policarpo Estevo possuía, para seu trabalho de lavoura, um carro de bois muito bem feito e duas juntas de bois, uma malhada e outra rosilha, domados para carro e engenho. Na época da colonização da Ilha de Santa Catarina pelos açorianos, 1748-1756, já um pouco avançado em anos, o carro de bois era o veículo que servia para o transporte de casamentos, batizados, passeios, mudanças, enterros e também para transporte de mandioca, cana-de-açúcar e lenha para os engenhos de fabricar farinha de mandioca, açúcar, bem como para os alambiques.

Certa manhã de sol ilhéu muito claro, bateram palmas no terreiro da casa do Estevo, que ficava na Ponta das Pedras, atualmente Morro das Pedras, parte sul da Ilha de Santa Catarina.

Estevo atendeu prontamente. Era o Zé João Santa Cruz, morador da Vargem do Queitaninho, um famoso médico curandeiro que era natural de antanho na Ilha de Santa Catarina e que pensava em mudar-se para a Ponta das Pedras.

O Zé João nasceu numa Sexta-feira Santa às 18 horas do dia, sob as vistas vigilantes da parteira aparadeira, a sinhá Larica, da Praia Mole.

A madame Estória Popular previne que, quando uma criança nasce na Sexta-feira Santa, se deve apanhar um grilo verde, colocá-lo dentro da mão esquerda dela e apertá-la até o bichinho morrer. Este cuidado, a parteira Larica cumpriu, e o Zé João tornou-se o maior médico curandeiro milagreiro da Vila do Desterro.

Certa feita, ele havia tomado parte numa conversa ao pé do fogo de trempe. Então, entre outras coisas de assombração, falou-se que, na Ponta das Pedras, no meio daquele aglomerado de pedras miúdas que fica entre a Praia das Areias e a Praia do Mandu – uma delas se destaca em altura e é conhecida como Pedra da Feiticeira –, bandos de mulheres bruxas metamorfoseadas em ardentes fachos de fogo dançantes se divertiam e ainda se divertem a valer, após terminarem as “estrapolias” que praticavam nas comunidades nas sextas-feiras às desoras.

O Zé João, grande batalhador que era contra o reino da bruxaria e suas filiações, não podia, de forma alguma, deixar de oferecer combate sem quartel àquelas mulas sem cabeça, petulantes e descaradas, que vinham judiando dos adultos e das inocentes criancinhas indefesas da Ponta das Pedras, pois o que ouvira da boca dos comentaristas era simplesmente aterrorizador. Retirou-se, pensou calmamente no caso, entrou em êxtase captador de ultramundos e voltou ao ambiente onde as pessoas estavam reunidas comentando os acontecimentos e afirmou para todos, com voz cortante e ameaçadora: “Combaterei uma por uma, sem trégua nem légua!” E pensou: “Pra que eu pratique tal ato piedoso em defesa das pessoas deste lugá, preciso ter certeza da verdade verdadeira dos fatos que osvi através dos buracos dos mos osvidos.”

Na casa do Policarpo, entre as conversas importantes que o Zé João teve com ele, a mais importante foi aquela que se realizou ao pé da trempe, onde ele ouviu falar das atividades

bruxólicas ali praticadas por mulheres de poderes diabólicos muito chegadas ao reino de Lúcifer.

O Policarpo afirmou-lhe, com precisão incisiva, que a conversa que ele ouvira lá no Retiro da Lagoa da Conceição era crivada só de verdades verdadeiras das estórias ilhoas, assim como as das Ilhas dos Açores, aqui também conhecidas.

Depois de um gole de café tomado na porta, justamente onde ele estava sentado em riba do portal da mesma, pois não quis entrar porque estava fazendo muito calor, ocorreu-lhe um pensamento de alugar uma casa ali na Ponta das Pedras e mudar-se para lá com a família. O Policarpo prontamente cedeu à vontade dele e falou-lhe que tinha uma casa de moradia junto a um engenho de farinha, bem ao lado da saída do caminho velho, na Lagoa do Peri. Firmaram o negócio, e o Zé João deixou-o apalavrado com sete fios de sua barba como reféns documentários e partiu de volta para a sua casa lá na Vargem do Queitaninho, no norte da Ilha. Naqueles tempos memoráveis do início de nossa colonização açoriana, os homens arrancavam um dos fios de sua barba e o davam como documento em troca de casas, gêneros, animais etc.

Quando chegou em casa, após um descanso entre goles de café e indagação da família das coisas cá do sul da Ilha, o Zé João adiantou-se:

– Penso em mudar-me pra lá, pois já dexê uma casa apalavrada e assinada com fios da minha barba.

A família concordou e tratou de preparar o espírito para levar a cabo a mudança. Alguns dias depois de seu regresso lá daquelas bandas do sul da Ilha, ele recebeu a visita de um cavalheiro bem apessoado com uma montaria muito bem organizada, que o procurou para curar uma filha de 16 anos, que estava sendo vítima passiva de um encosto espiritual meio confuso. O Zé convidou o homem para entrar no seu consultório

curandeirista, apanhou um banco de madeira, ofereceu para seu cliente sentar-se e colocou-se de prontidão para ouvi-lo.

– Antão, mo sinhôri – indagou o Zé João –, o que é que faz aqui por esta banda da Vargem do Queitaninho?

O seu cliente respondeu:

– Me dissero que o sinhô é um dos maió médico curanderista de antanho que mora aqui im riba das terra da Ilha de Santa Catarina. Como eu tenho necessidade de pricurá uma pessoa qui nem o sinhô, que é munto intindido das coisa dos otros mundo, eu pricurê viajá inté aqui pra mo’de consurtá vossa mecê. So Zé João, eu tenho uma fiia de dazasseis ano que ’tá sendo aperseguida por um máli munto istranho. Toda noite ela iscuta a voz dum isprito esfomeado que chama ela pro mato. Só ela osve a voz e sabe o que é que ele qué, mági não pode contá pra ninguém sinão ele mata ela. Sinhô! Duns tempo pra cá, ela anda meia desquarada, c’as perna e barriga inchada e munto pensativa. Eu ’tive falando pra minha muié que os isprito e encosto de agora ’tão ficando munto otoritaro, pos inté proíbe a gente, que é pai, de acompanhá as fiia que eles ’tão usando como veículo povoadô.

O Zé João escutou as lamúrias povoadoras do cliente com muito carinho e apanhou um cigarro papa-terra que estava guardado atrás da orelha, acendeu, colocou na boca para receber a atuação da vontade inspiradora do vago simpático, apanhou um punhal de prata que estava junto da sua ferramenta cirúrgica antibruxólica, benzeu o cliente no peito e nas costas, bocejou demais devido à força do malvado encanto de olhado que ele carregava e diagnosticou com exatidão exata:

– Mo sinhôri, o esprito que chama sua fiia no mato é pai de seu neto, que vai chegá na sua casa por estes dia. Ele ’tá viajando há nove meis e uns dôs o treis dia e, a quarqué hora ele bate na

porta de seu vovô. Trate de arranjá um padre pra mo' de casá a sua fia, pra que o so neto não encontre o pai chamado morando no mato ainda, desde o dia em que ele ganhô viage fetal pra adespôs engajá neste mundo estrambólico.

O homem achou o Zé João um grande adivinho, embora meio envergonhado pela clareza dos fatos expostos, mas despediu-se muito agradecido. Como o tal homem morasse na Ponta das Pedras, Zé João aproveitou a oportunidade para pedir-lhe que ele transmitisse um recado ao Policarpo pra que viesse na Vargem do Queitaninho buscar-lhe a mudança para a Ponta das Pedras. Um detalhe, porém: ele esqueceu-se de pedir ao homem avisar ao Policarpo que não fizesse a viagem durante a noite, para evitar aborrecimentos bruxólicos.

O Policarpo recebeu o recado do Zé João com muito carinho, chamou o Cipriano da Muca, jungiram os bois à canga do carro e, às sete horas da noite, partiram rumo à Vargem do Queitaninho. O Policarpo pôs-se de chamador na frente dos bois, calçado de tamancas e com uma agulhada muito comprida sobre o ombro, enquanto que o Cipriano, também de agulhada em punho, se pôs de gajeiro atrás do carro. Entraram pelo caminho do Mato de Dentro, Lagoa do Jacaré, viajando sem novidades; porém, logo que começaram a descer o Morro do Badejo, avistaram uma porção de chamas de fogo boiando nos ares, as quais se deslocavam na direção deles. De repente, aquele mundo de fogo se jogou dentro do carro de bois. Num repente, o chamador e o gajeiro acharam-se metamorfoseados em bois, orelhas furadas, uma corda amarrada em cada furo e jungidos à canga. Os bois dentro do mesmo carro, guiando-os como se fossem criaturas de argila humana crua com cérebro e tudo. Isso significou os fabulosos poderes do mal: o Policarpo e o Cipriano, o chamador e o gajeiro, metamorfoseados em bois, e os bois, metamorfoseados em Policarpo e Cipriano,

através do poder quase ilimitado de mulheres bruxas, que enfeixam, na sina de seus poderes diabólicos, as leis rubras do reino de Satanás.

Depois de as chamas haverem judiado muito deles por caminhos tortuosos, buracos, subidas de morros, abandonaramos lá na única praia da Lagoa da Conceição, hoje sepultada com barro, asfalto e lajotas, com quatorze sepulturas com cruzes de coqueiros. Ali o Policarpo e o Cipriano perderam o encanto accidental, e os bois também, sentados na areia da ex-praia única da Lagoa da Conceição. Entreolharam-se, benzeram-se, rezaram o Creio em Deus; embora muito abatidos física e moralmente, tomaram depois o caminho do Canto da Lagoa e mandaram-se para casa.

Ao chegarem em casa, bateram na porta e avisaram à pessoa que os atendeu que não acendesse luzes e que aguardasse um pouquinho a razão [do aviso], pois logo em seguida a comentariam.

É crença popular que, quando se é atingido por assombrações e se consegue fugir dos seus poderes mortíferos, ao procurar abrigo, o alojador não deve receber a vítima com luzes acesas.

Durante a noite, eles tiveram pesadelos horríveis e, até certo ponto, difíceis de criaturas humanas os analisar. Enquanto eles sofriam essas horríveis torturas em suas casas aqui na Ponta das Pedras, o Zé João, lá na Vargem do Queitaninho, também não foi dispensado. Durante a noite, o bando de megeras mulheres bruxas pintaram o judas por riba da casa dele e das matas, com os animais que berravam, cães que latiam e uivavam, galos que cacarejavam, cavalos que relinchavam, sapos que coaxavam, rasga-mortalhas que voavam e deixavam no ar rasgos de agoiros predizendo a presença da morte.

A casa do Zé João, nem a família dele, nem nada do que lhe pertencia foi atingido pela vingança bruxólica das

megeiras bruxas que, ele bem sabia e tinha conhecido, estavam infestando a Ponta das Pedras. Dormiu descansado e, no dia seguinte, montou o cavalo e partiu para a casa do Policarpo. Ora, é lógico, curandeiro nato que era, espiritualmente ele tomou conhecimento, durante a noite, de tudo o que se havia passado sobre sua casa e com os dois amigos, o Policarpo e o Cipriano.

O Zé João sabia, ora se sabia, e tinha plena certeza de que as megeiras estavam preparando uma cilada para derrotá-lo. Isto porque sua bisavó, há muitos anos, o havia avisado, pois quando ela ainda era bruxa, tomou parte de uma reunião bruxólica nos rochedos da Ponta das Garças, Praia da Joaquina, que foi convocada especialmente para tratar do seu prestígio curandeiro aqui no Desterro.

A velha havia sido uma autêntica bruxa, em parte nos Açores e em parte aqui na Ilha, pois ela se mudou para cá com aproximadamente vinte anos de idade. Ela, para sua felicidade, foi apanhada numa armadilha feita com um baú de folha de flandres e uma vela benta na Sexta-feira Santa, ocasião em que perdeu a triste sina do fado.

Vamos ao caso:

O Zé João, urrando que nem leão ferido, apareceu na casa do Policarpo. Cada uma das vítimas apresentou suas queixas contra os fatos acontecidos e juraram vingar-se das megeiras.

O Zé João, ao anoitecer, apanhou um pouco de mostarda e colocou-a no bolso da calça; na boca colocou um dente de alho vestido com a casca e partiu, muito seguro, para junto da Pedra da Feiticeira da Ponta das Pedras.

Num repente, quando ele se aproximou da pedra e a olhou de frente, notou que ela ficou coberta de chamas e luzes de várias cores e formas do mundo objetivo das coisas que fandangueavam,

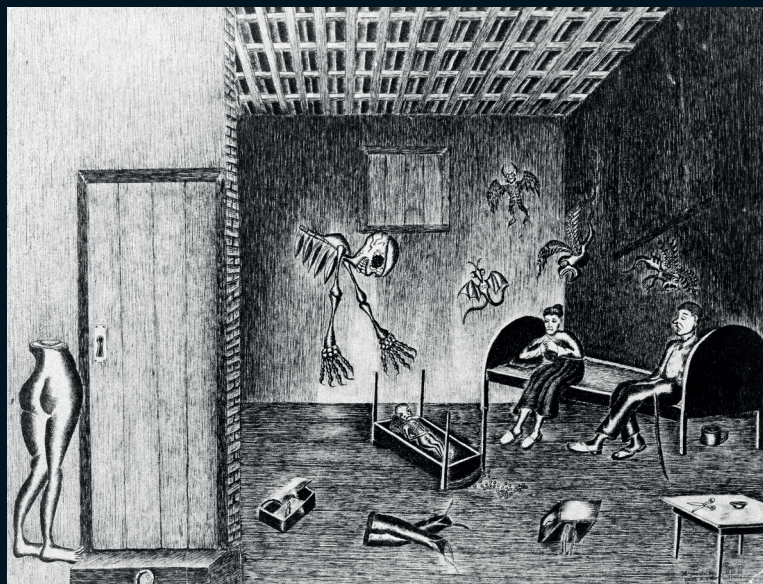
cachimbavam, uivavam, latiam, lancinavam, gargalhavam, debochando da presença dele ali.

A princípio o Zé João se acovardou com o quadro sinistro e aterrorizador aos seus olhos humanos, embora de um curandeiro de alta capacidade espiritual, protegido pelas virtudes milagrosas curandeiristas naturais ganhas de sua madrinha parteira aparadeira, através do sacrifício e morte de um inocente grilo verde. Antes de iniciar o combate para enfrentar, corpo a corpo, a luta contra o poder das chamas diabólicas do inferno que se haviam colocado em riba da pedra da Ponta da Feiticeira, ele pensou sete vezes por onde devia iniciar. Sim! Recuperando as forças físicas “num pialo”, meteu a mão no bolso da calça, apanhou as mostardas e atirou-as contra o fogaréu bruxólico, que, num abrir e fechar d’olhos, se extinguiu rapidamente. E o que aconteceu? O resultado foi o de um bando de mulheres nuas enfeitando as pedras pequenas onde ele se achava e pedindo-lhe clemência e proteção, à moda ilhoa. Entre o bando das ex-bruxas, estava uma que havia sido namorada do Policarpo e, depois, noiva durante sete anos.

O Policarpo tinha dado uma gola nela numa Festa do Divino [Espírito Santo] da Freguesia do Ribeirão. Ela já era bruxa quando foi namorada dele, porém ele não sabia nem desconfiava. Devido à gola dada por ele, ela procurou vingar-se e o fez justamente na ocasião em que ele mais o Cipriano se dirigiram à Vargem do Queitaninho para apanharem a mudança do Zé João para a Ponta das Pedras, atualmente Morro das Pedras. Ela sabia, e isso ela comunicou para a sua chefe, que o Policarpo estava interessadíssimo em trazer o Zé João cá pro sul da Ilha, com a finalidade exclusiva de dar-lhe combate.

Com o alcance desta vitória, o Zé João firmou-se no conceito das comunidades ilhoas desterrenses com o título de o maior médico curandeiro até então acontecido aqui nesta Ilha [já denominada] de Lurumirim, Los Perdidos, dos Patos, de Nossa

Senhora do Desterro, de Santa Catarina de Alexandria e dos
muitos discutidos casos e incomparáveis ocassos raros.



Armadilha para apanhar bruxas, e pais em vigília (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 48,8 x 65,3 cm

Armadilhas para apanhar bruxas. Pais em vigília

[1960]

O João Sossego e sua mulher, a Loca Tecedeira, tiveram a infelicidade de ver o seu filhinho sendo embruxado por bruxas muito protegidas do Reino do Mal. Eles sabiam que, há muito tempo, em certas noites tempestuosas, elas vinham infestando as copas das figueiras da Ilha, fantasiadas de luzes bruxuleantes.

Certo dia, eles ficaram assustados com a marcha célere da doença que atacou a criança. Aconselhados por parentes, tomaram uma canoa de pescaria e se dirigiram para a Vila do Desterro. Desembarcaram ali onde estava o defunto [trapiche e pavilhão] Miramar, que “a mo’de gente foi sepultado ali mesmo há uns tempos atrás, pra plantá em riba dele capim de pasto. Dali subiram à pracinha para consultar o farmacêutico da Vila Capitáli, que era muito entendido de duença de criança e que arreceitava munto bem remedo de dá de boca abaixo.”

O farmacêutico examinou a criança e “arreceitou umas pila branca redonda e grande qui nem vintém de cobre, mo’de dá de boca abaixo, e uma lata com banha amarela, pra mo’de passá nas mancha roxa que a criança apresentava pelo corpo.”

Eles desconfiavam, porém não tinham certeza, que se tratava de mordidas de bruxa [dadas] pra chupar-lhe o sangue.

Na volta, quando vieram apanhar a canoa para viajar e chegaram perto do Miramar, sentiram necessidade de ir aos pés, mas não sabiam onde procurar lugar para fazer as necessidades, que eles aprenderam desde crianças a praticar isso muito escondidos dos olhos alheios. No sítio deles, estas coisas são praticadas no mato, e a limpeza do tubo descarregador é feita com folhas de mato. Mas acontece que eles ficaram parados matutando como deviam proceder. De repente, surgiu de dentro de uma casinha amarela muito bonita, que – Deus me perdoe! – tem a forma de uma igreja, abotoando a braguilha da calça, um homem muito gordo.

O João, que já estava quas', quas'..., arriscou uma pergunta pra riba do homem gordo:

– Moço, se male não le pregunto, esta casinha amarela que 'tá ali é pra mo'd'os vivente ir os pés dentro dela?

– É sim, senhor...

– É só pra home ou tombém pras muieres?

– É pra todos – respondeu o homem gordo. E o João voltou a indagar:

– Os home pode entrá junto c'as muieres?

– Depende... – respondeu o homem gordo.

– Loca, muié de Deus! Vamos entrá correndo nesta casinha amarela, qu'eu já 'tô vendo tudo demolido caindo em riba dos pés.

Entraram juntos, satisfizeram as necessidades fisiológicas, tomaram a canoa e se mandaram para casa, pois moravam nas margens do Rio Tavares, ali pelo Morro da Cachoeira. Em casa, junto aos familiares, deram o remédio de boca abaixo para a criança e besuntaram o corpo dela todo com a banha amarela que o farmacêutico havia receitado.

Assim como as demais pessoas que conheciam a criança, também eles tiveram muita esperança nos remédios que o farmacêutico havia receitado, mas, afinal, o resultado foi negativo. Acontece, porém, as mais das vezes, que as velhas comadres andam frequentando chás e mais chás, quase sempre em qualquer xícara, donde chupam o conteúdo e carregam o bestunto com fofocas. Uma das velhas frequentadeiras de chás, a sinhá Bidica, da Ponta do Cantagalo, do Pântano do Sul, que andava em visita pelos arredores do porto do Rio Tavares ou do Mané Agostinho, por acaso soube que a criança do João Sossego e da Loca Tecedeira estava doente.

Como as velhas chazeiras precisam ter sempre o seu repertório em dia para as fofocas diárias, a bruxa pôs o xale por riba das costas e se mandou para lá.

Depois de muitos abraços, três boquinhas e de como vais pra ver como é que ficas, a bruxa chazeira sinhá Bidica desejou lançar uma vista d'olhos por riba da infelicidade da criança. Entrou no quarto, tirou um cigarro de palha de milho que trazia num dos bolsos do vestido, pediu um tição de fogo para a Loca, sentou-se num banco tosco, cruzou as pernas, acendeu o papa-terra, mergulhou uma ponta para dentro do céu da boca e passou a soltar baforadas tanto pela boca quanto pelos buracos dos ouvidos e pelas chaminés do nariz.

A Loca sabia que a Bidica era chazeira famosa e que não perdia chá em casa de ninguém, fosse onde fosse ou porque fosse, ainda à hora que fosse.

– Sinhá Bidica – perguntou a Loca –, a sinhora qué aceitá um cafezinho torrado em casa com cuscuz, broa, beiju ou rosca? Nós não usemo açúcar refinado, só usemo memo é açúcar feito em casa. Não sei si a sinhora gosta.

Prontamente a bruxa Bidica estava com a resposta quentinha dentro da forma da língua chazeira.

– Munto obrigada, Loca, café, eu não aceito. Aceito sim, com munto gosto, um mata-bicho, que é pra mo’de temperá miio do gosto do fumo do mo cigarro papa-terra.

Terminada essa conversa entre as duas, a Bidica apressou-se em diagnosticar, com precisão meio achincalhante, a doença que ela estava vendo no corpo físico esquelético do filho do João Sossego.

– Pois é, minha fia! Eu acho que a duença da tua criança é duença que dá nos fios da gente rica da cidade, que têm munto dinheiro pra mo’de gastá e, por isso, antão, trata de pricurá os farmacêti, que são gente que sabe lê munto bem em livros e jornáli. Sabes, Loca, eu perciso ir-m’arretirando; inté otro dia, e quando quisés aparecê na minha casa, podes ir.

Depois que a bruxa chazeira se retirou, apareceu a sinhá Dorvala, que andava procurando uma galinha choca pra mo’de deitar ovos.

– É, tenho sim, senhora, tenho inté três.

Conversa vai, conversa vem, a Loca falou pra Dorvala que seu filhinho estava passando muito mal. E a mulher manifestou vontade de espiar a criança; porém, assim que ela pousou os olhos em cima do enfermo, bocejou, traçou o sinal da cruz no peito e exclamou com muita piedade e espanto:

– Minha fia! A duença da tua criança é embruxamento. Ela ’tá sendo embruxada por bruxa de poder espirituáli munto conceituado nos salão rubro do anjo Lúçifer.

Bocejou novamente e, ao abrir a boca, traçou dentro dela o sinal da cruz e exclamou:

– Minha fia, nesse instante, os mos oio posero fé de desconfiança em riba das costa daquela muié que acabô de dexá o terrero da tua casa. Aquela muié, minha fia, é uma das bruxa chazera mági perigosa que povoa o mundo fantástico da mixiricagem em riba do chão desta lia. Queres aceitá um

conseio meu? Chama o João Sossego e manda que ele vá lá no Morro do Assopra e fale com a veia Chica do Zé Jacá, que é a mági famosa binzidera que eu cunheço, pra vim inté aqui tratá do teu fiinho.

O João Sossego imediatamente tomou um carro de bois e rumou para a casa da benzedeira. A Chica do Zé Jacá há muito que andava às turras e caturras com as mulheres bruxas da Ilha, principalmente as chazeiras que, já naqueles tempos de antanho, vinham desafiando o poder real e espiritual das benzeduras das benzedeiros e benzedores.

No momento em que João bateu na porta da casa da Chica, ela o atendeu e o chamou lá nos fundos da casa, onde estava preparando uma barrela com folhas de trombeta, piteira e cinzas de borralho para clarear a roupa lavada. Assim que o João chegou perto dela e lhe atirou o usado “bons dia, Deus ’teja na vossa casa”, ela imediatamente se virou para ele e falou:

– O sinhôri nem percisa falá. Já sê o que o sinhô veio fazê aqui. Tresantonte, ’teve na vossa casa a Bidica, a mági terrive bruxa que hoje pisa as terra desta lia. A duença do so fiinho é empresamento feito por ela. O sinhôri não ’tá vendo, mági ela ’tá sentada ali em riba daquele tronco de madera qu’o mo marido, o Zé Jacá, troxe do mato pra mo’de fazê um pião de engenho. O sinhôri entra pra casa, que eu já vô inté o so fiio duente.

Afiou as ferramentas cirúrgicas num alguidar com água e sabão, meteu-as num velho cesto de taboa, amarrou um lenço vermelho na cabeça pra evitar as molhaduras do sereno, calçou as tamancas, deixou recomendações ao Zé Jacá e pôs os pés na poeira da estrada. Quando chegou ali por riba dos Morretes, a Lua já vinha se libertando de trás da curvatura da Terra, bancando a sestrosa num desafio espacial à estrela-d’alva meio dengosa, pra ver qual das duas é a melhor da capueragem.

Ao chegar na casa do doente, ela se dirigiu ao seu quarto de dormir, colocou-lhe a mão espalmada na testa para avaliar o grau de febre bruxólica e fez benzeduras por riba dele com galhos de alecrim, apanhados na Sexta-feira Santa, antes de o sol nascer, e também defumou o berço com fumaça de alfazema, colocada dentro de um vaso de barro sobre brasas vivas. Passados uns sete minutos, ela adivinhou nas espirais que a fumaça do defumador desenhava nos céus do ambiente do quarto da criança e diagnosticou com precisão curandeirista exata: “A ação diabólica de muieres espirituáli do reino do anjo Luciféli, cum poderes quase ilimitado, é o que vejo aqui neste recinto.”

Em seguida [a Chica] chamou o João e a mulher dele e recomendou-lhes o seguinte remédio captador e anulador:

– Tomem uma cerola do João e a ponham em cruz perto do berço do duente; tombém um baú de foia semiaberto com uma vela benta na Sexta-feira Santa, acesa dentro; um meio alqueire, tombém com uma vela benta na Sexta-feira Santa acesa debaixo dele, armando-o qui nem arapuca; uma tesora aberta em cruz, um prato com água benta e nove dentes de aio dentro d’água; um punhado de mostarda em vorta e cisco das três maré formando uma cruz na entrada da porta da casa.

Recomendou que o João e a Loca ficassem de vigília para apanhar a bruxa quando ela se desencantasse perante o poder quase absoluto das armadilhas.

A bruxa que naquela noite foi designada para atacar o menino do João era uma caloura que havia ingressado no bando sinistro havia pouco. Ao invocar o poder do encanto por debaixo do telhado e por cima do silvado, ela lembrou-se de uma santa cruz que existia fincada sobre o pedestal de tijolos na frente de sua casa.

Por essa razão, ela teve parte do corpo tomada pelo poder do encanto e parte não. Sendo ela o elemento principal que

devia atacar a criança naquela noite, mesmo pela razão de ter-se lembrado da santa cruz, o poder diabólico foi estrangulado perante as velas bentas e a oração que sinhá Chica havia saludado.

Minha Ilha de Santa Catarina, se os teus treze fortes, fortalezas e fortins não tivessem desaparecido, os turistas teriam muitas belezas técnicas, históricas, tradicionais pra te reviver, assistindo a bruxas a usarem-nos para darem tiros nas armadilhas e nas benzedeadas que empregam o poder da benzedura contra elas.



**Velha bruxa entregando poderes diabólicos
para as suas clientes (1960)**

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 33,5 x 52,5 cm

As bruxas e o noivo

[1964]

Esta estória, que recriei, foi contada dentro de um rancho de canoas na Praia do Jurerê, pelo pescador Amaro, numa das vezes que eu estive consertando malhas de redes de pescaria com eles.

Viveu naquelas redondezas, há muitos anos, um moço muito feio, com o nome de Frumenço da Leocada. Era tão feio, mas tão feio, que lhe custou encontrar uma deusa que o aceitasse como esposo. Todas as mulheres o rejeitavam e até fugiam de conversar com ele ou, até mesmo, olhá-lo. Ele sentia-se muito triste, pois nem os rapazes do seu lugar o queriam como companheiro de passeio. Havia uns ditos à boca pequena de que ele era lobisomem, e bocas sujas diziam até que ele era boitatá. Os donos de pescaria não o aceitavam para trabalhar no puxamento de redes de arrastar, pescar com espinhéis ou tarrafas porque viam na feiura dele um mal de azar que podia atrapalhar no exercício das suas profissões. Nem no trabalho roceiro o coitado era aceito.

A mãe dele vivia xingando toda gente que guardava tais preconceitos físicos e qualidades maldosas sobrenaturais contra o filho.

Mas, como tudo o que, nesta vida enfadonha, tem o seu dia, ele também foi aquinhoado com o seu.

A Leocada era mãe descolada e tinha um irmão que há muitos anos havia ido embora pelos aí à procura de encontrar um meio de ganhar o pão de cada dia com menos penúria e mais fartura, porque o que ganhava na pesca nunca dava para cobrir as despesas necessárias para a alimentação da família.

É verdade que a mulher ajudava muito, cuidando da roça de mandioca, feijão, batata, aipim, milho e mais alguns outros serviços que prestava aos vizinhos que moravam muito distantes da casa dele. Ela sempre era chamada para raspar mandioca, peneirar massa de mandioca e fornear. Raspava uma carrada de mandioca e ganhava duzentos réis; forneava uma carrada de mandioca pra ganhar duzentos réis. É verdade que sempre ganhava um pouco de farinha, beijus, lá uma vez por outra um pedaço de carne de porco, uma morcilha, um pouco da banha quando ajudava a matar porco e a desmanchá-lo.

Seu marido, casado há dez anos e já com três filhos, porque a riqueza que Deus dá aos pobres são os filhos, sempre pensou em colocá-los na escola, mas não podia porque só em Santo Antônio é que havia uma escola. Ele não sabia ler nem escrever, como também a mulher não sabia.

Num lugar longe aí pra fora, ele conseguiu um emprego e levou a família.

Havia uns dez anos ou mais que ele não retornara à sua terra natal, embora a saudade o convidasse todos os dias e com insistência. Quando conseguiu arranjar um pouco de dinheiro de economias feitas ajudado pela mulher, voltou a rever a sua terra, pois havia deixado a sua casa e um pouco da terra aos cuidados da Leocada e do sobrinho, que já era crescido quando ele foi embora.

Depois de muitas conversas e contraconversas, ficou combinado que o Frumenço iria embora com ele, pois lá ganharia um emprego com facilidade para manter-se e ajudar a Leocada. O rapaz aceitou a proposta do tio; embora contra a vontade da mãe, partiram.

Lá na terra alheia foi feliz, pois até ganhou dinheiro que deu para comprar uma casa. E daí já pensara em casamento enquanto estava moço porque sabia que era feio, e feio e velho, falava para os seus botões, é rejeitado por toda mulher casadoira.

Pelas festas de São João, um colega de trabalho dele convidou-o para ir assistir a uma alumiação do santo citado, que ficava a uns dois quilômetros de distância da casa dele. Aceitou o convite e foram até lá.

Como a nossa vida tem seus caprichos de surpresas guardadas para a ocasião certa e precisa, ele encontrou-se com uma velha com duas filhas que estavam assistindo à alumiação e que puxaram conversa com ele.

Elas indagaram o nome dele, onde morava e trabalhava, se era casado e outros ditos. Ele também indagou tudinho da vida delas, os nomes – que até o colega dele, que sabia ler e escrever, anotou num pedaço de papel que trazia no bolso do paletó – onde moravam e mais mimos. Depois ele falou pra elas que possuía uma casa e pensava em se casar breve, pois morava com o tio e achava que o estava incomodando.

Embora ele houvesse notado nas duas moças um comportamento muito desajustado, uns corpos meio disformes, com ombros muito largos e quadris estreitos, um buço de furar manta de tear manual, fala rouquenha, os buracos do nariz entupidos de cabelo grosso, simpatizou muito com uma que usava o chamador de Maria e que era conhecida pelo povo do lugar como Maria Quebra Pinico. A

outra era conhecida como Rosa de Catacumba, e a velha, como Rafaela Pé de Ganso.

O povo do lugar não mantinha qualquer afeição pelas três mulheres, que até quase não tinham contato com as pessoas da vizinhança.

Moravam numa casa de três janelas de frente e que ficava bem na beira do caminho. Quase que passavam o dia inteiro empoleiradas nas janelas com as vergonhas atiradas em cima da soleira, dando de mamar às descomposturas que recebiam das pessoas que escarneciam na sua passagem por ali.

Algumas pessoas iam ao inspetor delegado do quartelão apresentar queixa contra as atitudes deseducadas delas. A autoridade atendia à queixa, mas relaxava. Sim, porque ele, inspetor delegado, sabia que elas eram bruxas e com mulheres bruxas não se brinca nem de pata-cega.

O homem possuía três crianças pequenas, em cujo pescoço ele mantinha um brebe com nove dentes de alho vestidos com cascas, um brebe de pano vermelho e uma figa de guiné contra a ação bruxólica delas; vasos com arruda, comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge e imbé, em todos os compartimentos da sua casa.

Se elas, quando conversaram com o Frumenço, o escarneceram, isto eu não afirmo, porque quem ama fica cego, e o amor cego não enxerga.

Era muito difícil elas dialogarem com as pessoas e não lhes ofereciam oportunidade, porque viviam sempre com as cancelas da bocarrona escancaradas, que nem porta de taverna, rindo e debochando de tudo e de todos.

Na volta para casa, o Frumenço revelou ao colega que estava apaixonado pela Maria e que iria pensar em pedi-la em casamento.

O colega, que já conhecia um pouco da vida pregressa delas, pôs o Frumenço a par de tudo, até do apelido da Maria.

O feio, apaixonado, não pensava em outra coisa a não ser na Maria. No trabalho, nas refeições, no sono enfim, estava preso na gaiola de cana da Maria. Pensou em remeter-lhe uma carta, depois um bilhete, em ir na casa dela e apresentar-se como namorado. E assim pensando, veio-lhe a ideia de mandar o coração de pão por Deus para ela.

Acertou cem por cento na loteria. A tia sabia fazer coração de pão por Deus muito bem feito; logo ele pediu-lhe que fizesse um. Comprou um envelope, colocou o coração de pão por Deus dentro com uma dedicatória toda especial para ela:

Lá vai o meu coração
Nas asas de um tico-tico
Pra pedir o pão por Deus
À Maria Quebra Pinico.

Chamou um garoto, encomendou-lhe a entrega da carta com o coração e recomendou-lhe que esperasse pela resposta.

As três mulheres ficaram possesas, principalmente a velha, que achou o Frumenço o diabo mais feio que apareceu neste mundo tresloucado, maduro e azedo, depois que um conhecido leu a dedicatória que o atrevido mandou para a filha, escrita no coração de pão por Deus.

A velha chamou o garoto entregador da carta, pediu-lhe dizer ao apaixonado que voltasse à casa delas, que seria bem recebido, porque a Maria se havia agradado muito dele, para ser seu futuro marido. Não mandou resposta escrita porque nenhuma das três bruxas sabia ler nem escrever.

Dentro daquela noite, a velha urdiu um plano diabólico bem engendrado, que apresentou ao Lúcifer. Ele aprovou, e elas o colocaram em ação. Combinaram que, no dia seguinte, quando o feio apaixonado voltasse, o receberiam com muita gentileza bruxólica, para que a Maria Quebra Pinico enjambrasse um

noivado simbólico com ele, porque assim ela poderia vingar-se do apelido feio com que ele a tratou quando lhe enviou o coração de pão por Deus.

O Frumenço preparou-se bem, tomou o primeiro banho corporal de toda a sua vida no tanque de lavar roupa, pôs, por riba do esqueleto, camisa, ceroula, calça, paletó e sapatos novos, untou bem os cabelos com brilhantina, areou os dentes com carvão moído, engraxou os sapatos com carvão e banha de porco, raspou a barba e se mandou para a casa das bruxas.

Elas o receberam na janela e não o convidaram para entrar. Enquanto a Maria Quebra Pinico dialogava com ele, a Rafaela Pé de Ganso e a Rosa de Catacumba estavam sentadas no assoalho da casa, debaixo das janelas, que estavam abertas, escutando o diálogo entre o feio e a Quebra Pinico.

– Pos é! – falava a Quebra Pinico para o Frumenço. Eu me agradê munto de ti pra mo’de sês mo marido. Si quês aceitá, eu quero tombém, pro mo’de que a minha mãi acha que eu e a Rosa já ’temo no ponto certo de arrumá marido pra vivê sem as custa dela. Eu te acho um rapaz munto alegre e bunito. Home ansim qui nem tu não é quarquê moça casadoira que cunsegue arrumá. Nós três gustemo munto, mas munto memo, do bilhete de pão por Deus que tu mandaste pra mim. Eu não mandê tu entrá pra dentro de casa proque aqui, neste lugá, não é usuáli fazê isso. Este povo daqui são munto arreparadô da vivença dos otro. Só pricuro memo é de fazê o máli pro seu próximo.

– Maria! – falou o Frumenço – Eu já tenho casa c’a mobiiia toda dentro; agora só farta memo é a muié, mo’de compretá o resto. A casa é minha memo; custô o meu suóri no trabaio do dia a dia. Por isso eu quero arrumá uma muié que seja bem trabaiadera, boazinha, que não viva pindungando na casa dos vizinho, que saba fazê o cumê, lavá ropa suja, fazê sabão em

casa, custurá, trabaiá na roça. Enfim, que saba ajudá o marido. É isso memo.

Depois de muito conversar sobre o casório, despediu-se da Quebra Pinico e foi-se embora.

A Rosa de Catacumba e a velha Rafaela Pé de Ganso não apareceram, mas escutaram perfeitamente o diálogo que a Quebra Pinico alimentou com o Frumenço, que até chegaram a firmar noivado entre os dois.

– Bem, agora sim – falou a velha para as duas filhas – o mo plano que arquitetê foi confrimado e aprovado pelo nosso chefe, o Bode Cheiroso. Amanhã o feio vai drumi na casa dele. Nós vambo pidi o encanto pelo avesso: em vez de sê por riba do silvado é por debaxo; em vez de sê por debaxo do teiado, é por riba.

(Isso significa o seguinte: quando as bruxas vão se encantar, isto é, pedir o estado de metamorfose ao capeta, elas pronunciam em coro as seguintes palavras: por cima dos silvados e por debaixo dos telhados, vamos com mil diabos. Voar por cima dos silvados significa alcançar alturas incomensuráveis, países distantes em frações de segundos, judiar de animais e homens, praticar todas e quaisquer espécies de estrepolias que engrandeçam o reino do mal. Voar por debaixo dos telhados significa ganhar poderes diabólicos para chupar o sangue de crianças inocentes e persegui-las até dá-las à sepultura, entrar pelos buracos de fechaduras de portas de casa de família, invadir os quartos, abusar das armadilhas exorcizadas que lhes preparam para apanhá-las e escarnecer dos poderes espirituais, das benzeduras, brebes e outros.)

– Daí nós poisemo im riba do teiado, quebre mo teia e joguemo os caco por riba dele; inchemo os pote de mijo; sujemo dentro das vasiia de botá cumê; espaiemo sujidade de bicho de

tudo que é culidade dentro da casa, dentro do poço d'ele tirá água pra bebê; esvaziemo as marcela dos trabicero, tiremo o capim do corchão e joguemo no terreno dele; arranquemo todas as pranta do quintáli e da roça e garremo pra casa ente do galo preto cantá, proque já 'temo vingada do distrate que ele mandô pra ti naquele biiete sem-vregonha.

(O canto do galo preto e na hora certa é sinal de firmeza e, portanto, anula o fado bruxólico no momento em que o galo o manda para o éter.)

Mas aconteceu que o Frumênço acordou no exato momento em que elas iam se retirar. Ficou impressionado com o barulho que elas estavam fazendo em riba do telhado da casa e, como pensou em assombração, colocou na boca, atravessada, uma faca de ponta. Não houve dúvidas: fulminou o estado fadólico, e as três mulheres se desencantaram.

Abriu a porta e deparou com um quadro estarrecedor em riba da casa dele: três mulheres nuas com as vergonhas expostas à natureza, uma já gasta pelo consumo que o defunto marido efetuou nela – a velha – e as outras duas à espera de consumidores, a Maria e a Rosa.

O Frumênço apanhou uma escada que estava encostada numa laranjeira – nem se lembrou que estava em trajes menores, camisa e ceroula de pano de algodão – e colocou no beirado do telhado para elas descerem.

As três cobriram as duas vergonhas de cima com o cabelo, que usavam comprido, e a debaixo, com as mãos espalmadas, assim que nem a nossa mãe Eva deve ter feito no paraíso quando passava por perto do Adão, antes de a maçã entrar em pânico gerador.

O Frumênço estava beirando os trinta anos e nunca havia posto os olhos em riba de um corpo humano feminino. Nem naquela noite, pois elas se cobriram!

Elas estavam vingadas e o noivado desmanchado.

É isso mesmo, quem joga pedra no telhado da casa de vizinho fica sujeito a ter o seu quebrado.



Bruxa dos tempos (1961)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 33,8 x 25,9 cm

A bruxa mamãe

[1964]

A Isidora Fumadeira até que não era uma moça muito feia nem deseducada. Gostava muito de fumar cigarros papa-terra feitos com fumo forte, picado a facão, esfarelado entre os dedos e envolto numa mortalha da palha de espiga de milho bem alisada. Também tinha o hábito de mascar fumo e cheirar rapé. Não gostava de usar roupas femininas, e o prazer dela era vestir as roupas do irmão mais velho.

O pai e a mãe viviam o dia inteiro xingando-a, mas ela retrucava com cautela à preocupação deles.

A vizinhança também tomava parte na xingação, embora à boca pequena, para não ofender o pai dela, que era o garimpeiro político, intendente do lugar e que, certa ocasião, havia sido honrado com o cargo elevado de inspetor do quarteirão.

Imaginem só: ela era tão feminina ou feminista, que não usava calcinha para esconder as vergonhas de baixo: usava ceroula de pano americano de algodão bem grosseiro. Quando ganhou os dezoito anos, recebeu de presente da mãe natureza um bigode bem preto e cerrado e bastante cabelo nas pernas e nos braços.

Os moços da sua comunidade não gostavam de namorar com ela, pela razão de ser muito autoritária e mandona.

Quando já estava com idade de vinte anos, apareceu de passagem pelo lugar dela um moço viajante carregando no ombro um saco com roupas, à procura de trabalho na qualidade de jornaleiro. Foi informado, por pessoas estranhas a ela, que o pai dela andava à procura de alguém que quisesse trabalhar na lavoura com ele.

Bateu na casa dela e foi atendido pelo velho, que prontamente aceitou a proposta do rapaz e o contratou.

Devido à convivência diária com ela, o rapaz foi simpatizando com a sua pessoa, embora achasse estranho seu modo de trajar e comportar-se. Pensou em entrar em contato franco com ela e falar-lhe em namoro, porém recuava diante das suas atitudes estrambólicas e maroteiras. Ela parece ser machona – pensou – mas tem os peitos muito salientes!

Certa manhã em que ela fora levar um lanche lá na roça onde ele estava trabalhando, as coisas aconteceram normalmente.

Romualdo era o nome do rapaz. Ele veio do interior do estado à procura de trabalho aqui na Ilha porque a mãe falecera e o pai mandou os filhos por aí, a procurar as suas vidas porque ele iria se casar em breve.

Aquela casa seria um bom abrigo para ele, se não fosse a aparência mal olhada da moça, da qual estava se acostumando a gostar.

Julgava-se um ser muito infeliz sem mãe e sem lar.

Quando sair daqui, tenho que bater outra vez em outra porta, pois está me parecendo ser esta a sina que recebi neste mundo. A Isidora seria um bom partido para mim, se não fossem as baldas ruins que a acompanham. É educada, não é feia, é trabalhadeira, mas...

A moça, quando chegou na roça com o lanche, imediatamente revelou a sua paixão por ele. O rapaz também se confessou apaixonado por ela, mas ficou muito nervoso e quase

não conseguiu explicar o que estava se passando em volta do seu eu atribulado.

Dali as coisas começaram a ser urdidadas e, no fim, aconteceu casamento. Do casamento resultou o aparecimento de duas meninas gêmeas só.

A Isidora nunca abandonou a sua indumentária exótica, para grande preocupação do marido, que vivia o dia a dia labutando e pensando que aquela situação caminhava para um fim negativo.

Depois do nascimento das meninas, ela passou a manter um tratamento meio torto para com as carícias geradoras de crianças, praticadas por ele. Passou a dormir separada do marido e a manter relações de amizade com outras mulheres, também de atitudes duvidosas.

“Ah! Como é triste perder a mãe na idade que a gente precisa dos carinhos dela!” – pensava o Romualdo com os dias que passavam. “Esta mulher me enganou. Não, ela não me enganou. Eu é que me agarrei nela para amenizar a situação penosa que o meu pai me colocou na vida de adolescente.”

Assim transcorreram os anos sem que ele conseguisse convencer a mulher de que ela devia agir de outra maneira e não daquela de que sempre agiu.

Quando as meninas alcançaram sete anos, as coisas pioraram ainda mais. Ela saía a pindongar pelas casas dos vizinhos e até mais longe e regressava sempre muito tarde para casa, acompanhada de desculpas defeituosas que nem o seu procedimento achavascado.

Numa ocasião, as duas meninas estavam com ela na varanda, sentadas em volta da mesa, ceando. Num repente, as crianças a viram nua com um vidro na mão, de onde tirava uma banha e lambuzava pelo corpo. Notaram que ela desapareceu “num pialo” por um buraco do gradil da parede barreada da casa.

Muito assustadas e chorando, as crianças contaram o fato ao pai, que a procurou por toda a casa, mas nem vestígio dela encontrou.

– Pai, a nossa mãe criou asas que nem as do morcego e saiu voando embora.

O Romualdo tomou as duas crianças e levou-as para a casa dos avós e, angustiado, narrou-lhes o drama que elas viveram com a mãe tresloucada.

Recorreram a uma velha benzedeira muito versada na cura de males bruxólicos, que morava no Morro do Enforcado, perto do Rio Tavares. Ele, mais os sogros, moravam perto da Lagoa do Jacaré, no caminho do Rio Tavares. Ela chamava-se Sebastiana Virissa e tinha um poder danado de conhecer as manhas e as “estrapolias” que as mulheres bruxas sabem urdir com muita precisão diabólica contra as pessoas que lhes caem nas unhas bodosas.

– So Remuado – falou a velha benzedeira –, a vosa muié ’tá’í perto de vancê, incuiidinha qui nem cachorro moiado da chuva. Ela, mo fio, é bruxa desde a hora que nasceu inté este momento e ’tá’í perto de vancê, acorada. O sinhôri, ente de casá cum ela, já sabia munto bem de todos os pitafe salvage que ela carregava cunsigo pra mo’de inticá c’a vida dos otro. Ela butô o sinhôri a drumi no chão na istera; não obedecia às suas palavra de conseio nem de zanga; não parava em casa pra mo’de fazê o cumê pro sinhôri e pras vossas fia. Quando o sinhôri vortava da roça é que acendia o fogo, esquentava a água e fazia o cumê pras vossas fia. Um pudê de vez ela chegava em casa e cumia aquilo qu’o sinhôri tinha cozinhado. Também, o sinhôri sabe munto bem que ela nunca teve nenhum amôri pelas fia nem por vossa mecê. Esta noite passada, ela chegô em casa às quatro hora da minhêzinha. O sinhôri pricurô as ropa dela quando as minina fizeram a reclamação que ela tinha se sumido, mas não achô. Sabe onde ela tinha botado? Numa toiça de bananera, lá longe nos fundos da casa do pai. Sabe pro que o sinhôri nunca viu ela vortá

do fado? Proque botô dentro do seu trabicero um poco de cabelo de anjinho que murreu. O sinhôri pode se acordá pra atendê o que se passa, mas nunca pra vê ela chegá do fado triste de muié bruxa machorra. Otra coisa: o sinhôri pensa que 'tá vendo ela na cama, mas ela não 'tá não, proque o que o sinhôri viu foi um buneco de pano que ela fez e escondeu debaxo dos lançóli e das manta pra mo'd'o sinhôri pensá que ela 'tá drumindo ali. Sabe pro que ela ficô fora de casa intê de minhêzinha? Proque, ente da meia-noite, ela dexô o fado e, ma's as otra companhera, ficô por aí pindungando à toa. Daqui a poco mais, eu vô mostrá pro sinhôri a sua muié e ma's as otra companhera dela. Elas andaro pro munto longe daqui à pricura de criancinha tenra mo'de chupá o sangue delas. Ela vai cunfessá tudinho de máli que praticô pra mo'd'estragá a vossa vida, já tão atrapaiada, que andava ente de encontrá cum ela. Agora que o sinhôri já 'tá sabidôri de tudo, eu vô fazê a minha armadiia, mo'de apanhá elas c'a boca na butija do fado. O sinhôri faça favôri, mo'de discarçá as vossa tamanca e ponhá elas na rua e ficá em pé no meio da casa, qu'eu vô cumeçá o meu trabaio espirituáli, pra mo'de mostrá a vredade que saiu da minha boca pra fora.

A velha colocou um vaso com um pé de arruda num canto da casa, deu-lhe três pancadas com a mão esquerda para despertar o cheiro no ambiente misterioso e começou um exorcismo com palavras meio arresadas na direção do Romualdo, que, naquelas alturas, já estava meio acabriolado de tanto ouvir coisas que são parte dos outros mundos. Nervoso como estava, passou a sentir um cheiro de “pitiúme” de bode magro asqueroso.

A benzedeira, com uma faca de ponta na mão direita e um Senhor crucificado na outra, tanto bocejava quanto espirrava.

Impressionado, o rapaz achou que o “pitiúme” de bode asqueroso saía da boca da velha quando bocejava e espirrava ao mesmo tempo. Ereto que nem poste de luz da CELESC [Centrais Elétricas de Santa Catarina], que só se parte ou cai quando ganha

uma batida leve de um automóvel embriagado pelo álcool que usa no motor, não tugia, não mugia, não tossia e nem via.

A velha, quando notou que os carrinhos da cara estavam perdendo as rodas, o assoalho, os pés e os braços, resolveu parar com a pajelança. Persignou-se, dirigiu-se para o canto da casa e fez a chamada nominal das mulheres bruxas que haviam perdido o estado fadólico para a força potente e cortante da benzedura dela.

– Isidora Fumadera.

– 'Tô aqui!

– Quitera Pangulina dos Santo.

– 'Tô aqui!

– Micaça das Cinco Lua.

– 'Tô aqui!

– Besuga Zorela da Ponte.

– 'Tô aqui!

– Olara Miliana.

– Não 'tá!

– A Olara não 'tá? Si ela é que é a chefe do bando de vancês!?

– Não, sinhora, sinhá Sabastiana. Ela 'tava im riba duma pedra munto arta, dispindo as ropa e, quando foi tirá a carça pra mo' de ficá nua, escorregô e gritô pela Vrige Maria, si perdeu o encanto e vortô pra casa.

Depois de bem ouvir o relato bruxólico, a velha benzedeira deu três tapinhas com a mão esquerda no pé de arruda que estava no vaso e ordenou, em nome do seu poderio curandeirista, que a bruxa-chefe daquele bando sinistro, a Olara Miliana, se apresentasse dentro de poucos minutos na presença de todos. Não tardou e ela apareceu com o braço esquerdo amparado numa tipoia.

– Suas discarada sem-vregonha; vancês não têm um pingo de vregonha na porca da cara, suas mulas sem cabeça. Vancês dexaro os seus fiio, os marido, os pai, somente pra andá de namoro e otras coisa ma's c'aquele bode sujo, asqueroso e feio que era um anjo e ficô demonho. Si ele ficô demonho, é proque praticô munta mardade, mardade de tudo quanto é culidade que inzeste neste mundo, lá im riba no céu. Daí a rezão do Nosso Sinhôri tê currido cum ele de lá do céu c'a suvandiia dele toda, aqui pra terra. Vancês que são bruxa, se entregaro de corpo e arma pros capricho vile deles sem um pingo de vregonha que seja. Si eu não tivesse tão cansada, eu ia mandá dá uma boa surra em cada uma de vancês c'a vara do marmelero assada no fogo, pr'adespôs passá sáli de cuzinha por riba das lanhadura.

Esse rumedo, so Remuado, é um santo curadô de máli de sem-vregonhice das muieres bruxa. Bem, os mo trabaio ispirituáli 'tão feito. Agora o sinhôri faça o que quisé c'a sua bruxa, que eu vô sortá as otra que ainda não apareceu dono à pricura delas.

A bruxaria é um problema mítico muito estranho para os humanos, que adoram vivê-lo fantasiosamente em seus pensamentos irrequietos.



Cavalo vapor aéreo (1961)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 24,7 x 51,9 cm

Reumatismo bruxólico

[1965]

Geralmente, no sítio, longe do turbilhão tenebroso chamado cidade e outros nomes galegos, o pessoal, nos domingos à tarde, costuma sentar-se nos bancos e nos portais da casa da venda, em cuja reunião se fala de roça, pescaria, moças fugidas, festas e até se contam muitas estórias da tradição das coisas da vida do povo do passado.

São estórias que vêm passando de boca em boca, guardadas no baú do pensamento humano, como relíquias dos dias de antanho, vividos pelos seus ancestrais. É o mundo e o céu mítico que tanto os homens pensam em viver realmente pelo pensamento humano, que o desejam e querem, mesmo que seja depois desta vida passageira, incerta e atormentada.

O reumatismo é uma espécie de doença óssea que deforma a estrutura do boneco de argila chamado de homem pelos homens e até eles mesmos acham que descendem do macaco, porém não reedificam a pelaria e a cola comprida dele.

Os doutores do sítio, chamados erroneamente de curandeiros, tratam o reumatismo como eles o conhecem, a longo ou médio prazo, com cataplasmas, chás de cordão-de-são-francisco, chás de chapéu-de-couro e muitos banhos três vezes por dia, em nível de experiência curandeirista.

Um dos chás mais importantes que se usam é feito de um pedaço de fita vermelha da bandeira do Divino Espírito Santo.

Usam também fazer fricções na pele com banha de porco doméstico, gambá, carneiro, jacaré, galinha e outros.

Há uns anos transatos, aqui nesta Ilha dos casos e descasos comuns, raros e raríssimos, surgiu, através da fé popular, uma menina que se intitulava vidente ou beata ou, mesmo, santa, que era angelicamente exímia curandeira de reumatismo ou *rubatismo*, na linguagem popular.

Eu a conheci com o chamador de Manuela. Só receitava banha de porco-espinho, que, coitados, sofreram um dos maiores combates mortíferos de toda a sua história animalesca. Não havia banha de porco-espinho que chegasse para a turma reumática besuntar o couro.

Acredito que os empresários dela não cobravam nada pelas famosas consultas espinhosas ou espinhentas, mas aceitavam o que se lhes quisesse dar como adjutório financeiro, maneira muito inteligente de explorar o incauto cliente mítico. Só se pagava a consulta a contento, porque a banha espinhosa tinha o seu preço especial.

Coisas da Ilha nos dias morridos, manifestações híbridas de religião e magia simpática, esperançosa.

E sobre o tal reumatismo de sangue, bursite, resfriado, amores, inveja e olho-grande, escutei de um ilhéu a seguinte narrativa:

“Eu cunheci, lá na minha banda, Rio das Capivara do Pantano do Súli, um home que era o macota do lugári e que sofria horrivelmente de rubatismo, por toda banda do corpo. Era uma dó o sofrimento daquele pobre home, quas’o dia intero. Ele era um home munto bão, tinha um coração tão grande, quási memo do tamanho da Iia. Os dotôri da cidade não saíu da casa dele, mo’de ele trabaiá de cabo inleitoráli pra eles ganhá as inleição por toda banda onde ele cabalava.

Ele pissuía um cavalo lunanco (animal defeituoso que tem uma anca mais alta que a outra) qui era o transporte que usava pra tudo o que era perciso de trabaiu, proque não inzistia otro modo de se viajá bem, a não sê im riba do lombo do cavalo.

Poco sabia lê e iscrevê, mas os dotôri da cidade tinha uma grande estimação por ele, mo'd'os esforço que ele fazia pra eles ganhá as inleição. O chamado dele era Quiliano das Paca, mas toda gente cunhecia como so Beré. Quando ele vinha à Vila do Desterro, a quarqué negoço, tinha um costume de ir nos bordéli ali da Toca, mo'de drumi c'as muié vagabunda. De tanto se mitê c'aquelas farpela do mundo das sem-vregonha, acabô ficando sem-vregonha tombém.

Muntas vez eu iscutê da boca dos mais veio que aquele home da cidade qui pricuravo a casa dele atrás de voto io butá ele a perdê.

O veio Pedro Corchão fala sempre pra nós ansim: “Eu não m'agrado desses dotôri da cidade, que ando por aqui a mo'de caçá voto de inleição. Eles, mos fio, são uns farsante que ando aí pinducando. Eles quere é s'arrumá bem nas costa dos tolo e adespôs dári o fora daqui. Tudo isso que vancês osviro eles primitê é balela e das gorda qui nem porco macau. Eu não ponho nenhuma fé neles nem nas táli de promessa que fazero pra vancês. O Quiliano vai aprendê as barda deles de pregá petas pros otro sem a menor sem-ceremonha que seje. Ele vai é acabá ficando malivisto pelo povo daqui pro mo'daqueles discardo do tibinga.”

Mo Deus, inté paricia qu'o home 'tava falando c'a boca dos diabo dos otro mundo.

Um dia, o Quiliano foi à Vila do Desterro e drumiu c'uma muié rampera lá da Toca, que fica ali bem abaxo do Hospitáli da Caridade. S'apaxonô por ela e levô a mondronga pra casa, pra mo'de servi de muié dele. O povo do lugári, quando sabero da nutiça, se arredaro de ire na casa dele, só com vregonha de encontrá c'aquela muié da vida da sem-vregonhice. Ele ficô munto desprezado inté pelos parente ma's chegado, que ficaro com munta quizila da bisca que ele arranjà lá na vila, jogada no mundo da perdição.

A táli bisca da perdição não dava munta trela pra ele e vivia empandorgada na cerca do quintáli, de oio no fio de Mané Quintino, mo'de butá o rapaz a perdê.

Quando 'tava já fazendo uns dois mês que ele tinha butado a táli china em casa – china: mulher de vida fácil –, passô a sinti no corpo todo uma duença munto istranha por via de que só atacava de noite. Pelo jeito que ele recramava, dava um parecê que era duença da rua butada pela sujeita que 'tava morando com ele.

Foi pra vila à pricura de recurso mo' de tomá rumedo de butica arreceitado pelos dotore que uso fazê esse trabaio. Quáli nada, os remedo não acertavo c'a duença mo' de curá. Consurtó muntos benzedô e benzedera, que tombém não acertaro cum nada.

Ele recramava que se deitava bom sem sinti nada e, quando se acordava mo' de ir os pés – defecar – o vertê água – urinar –, sentia-se a mo' de entrevado das duas perna e munto quemôri nos canto da boca.

Um dia ele recramô munto pra uma ermã casada, que morava lá pros lado da Lagoinha de Leste, os padecimento que 'tava sintindo e que não tinha achado cura pra eles. Ela antão aconseio que ele fosse lá pras banda do Ruberão [Ribeirão] pricurá um curador munto famoso, chamado de tio Adão, que ele curava aquele máli todo.

– Sim, minha ermã, eu vô aceitá a tua proposta e vô à pricura do táli Adão.

E foi.

– Mo fio – falô o tio Adão –, a duença qui tu 'tás sofrendo é butada pela tua muié, que te faz de cavalo quando entra no fado das bruxa e viaja muntada im riba de ti inté um poco ente d'o galo preto cantá.

(O cantá do galo preto é firmeza, é certeza e, por isso, as bruxa dexo o fado um poco ente d'elles cantá, pra mo' de não sê apanhada pelas pessoa que ando à cata delas, divido os máli que pratico a mando do farrico – o demonho.) S'ô mo fio quisé aceitá o mo conseio, eu pissuo um rumedo que é tiro certo no pudê que o demonho dá pra ela judiá c'as criatura feita por Deus à sua mesma simiança e bondade.

– Sim, sinhôri, eu aceito de munto boa mente.

– Antão, aqui tu tens este vidro com unto sem sáli e este freio de butá na boca dos cavalo. O unto sem sáli é pra tu passás no corpo, e o freio é pra mo’de tu butás na boca da tua muié quando fô a casião. Tu, ente de te deitá, bota a tamanca do pé esquerdo emborcada debaxo da cama, que é pra mo’de não drumis e tomás o pudê dela quando te persegui. Fica bem acordado c’os oio no padre e na reza dele, pra mo’de apanhás a tua muié quando ela chegá por riba de ti e gritá: “Toma freio, meu cavalo!” Tu, que já ’tás c’o corpo untado, responde logo: “Tu é que vás tomá freio, minha égua!” Ela vai se transformá numa égua e tu trata logo de montá e saí por aí a passeá inté esperá que o galo preto cante. Nesse inzato momento, tu vás reconhecê ela e tombém ficá sabendo que toda a tua duença era emanada do que ela praticava como gineta farrista, por aí, muntada im riba do teu lombo junto c’os otro home, inquanto tu eras o cavalo de montaria deles.

O Quiliano prestô bem atenção no que o curandero expricô pra ele e ficô de oio vivo e pé ligero. Deitô-se, fingiu que ’tava drumindo e ficô de sobreaviso. De repente, a Calista – chamadô da muié dele – veio e gritô com toda sustança pros osvido dele: “Toma freio, meu cavalo!”

Ele, ma’s que dipressa, arrespondeu: “Tu é que vás tomá freio, minha égua, proque a minha tamanca esquerda ’tá emborcada e a pele do meu corpo ’tá untada.” Pulô im riba dela, a égua, e saíro por aí. Ela dava pinote pros lado, pra riba, pra frente e pra trás, de tudo quanto era jeito, mas ele ficô firme na reda inté osvi o galo preto cantá. ’Tavo, sabe onde? im riba da Ponte do Vinagre. Todos dôs ’tavo em pelo qui nem na hora que nascero. Aí ele arrecunheceu que era a muié da vida que ele tirô do caminho do máli, mas ela não arrecunheceu.

A Calista dexô de sê égua e vortô pras farra da Toca, e o Quiliano vortô pra casa, com saúde, mo’de cuntinuí a sê cabo inleitoráli dos dotôri do sertão e da cidade.

A Toca já foi destruída, e a Calista tombém, mas os cabo inleitoráli ’tão todos vivinho pel’áí, qui nem o jogo do bicho, nas suas fortaleza.



Bruxa galinha choca (1962)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 23,4 x 32,2 cm

Três bruxas viraram galinhas brancas

[1965]

Esta Ilha já foi verdadeira e autêntica rainha de beleza natural, até que as bruxas, que nasceram, se criaram e viveram dos seus encantos, tiveram o orgulho bruxólico de serem, também elas, belas na sua feiura fadólica.

Se nasceram, criaram-se e viveram num ambiente só de beleza, é muito lógico que a tendência do feio era hibridar-se com o belo, onde a tendência para o anomalismo parecia ser mais acentuada.

É muito comum – ou foi – tecer comentários com relação a mulheres conhecidas popularmente como esposas bruxólicas do anjo decaído, a quem a natureza favorecia com a faculdade soberana de se transformarem em éguas, galinhas, vacas, porcas e outros animais, conforme as suas necessidades fadólicas.

Também se metamorfoseavam em misses beleza ou feiura, rainhas, condessas, princesas e outros bichos peçonhentos.

As ordens para tais transformações bruxólicas, elas as recebiam da sua chefe, que se comunicava com o anjo Lúcifer, através do secretariado particular, instalado nos subsolos dos céus, com vários gabinetes mantidos sobre as costas desta velha carcaça e maluca bola irregular, apelidada de Terra.

Os secretários luciféricos viviam instalados nababescamente aqui nesta caduca Terra, em gabinetes verdadeiramente suntuosos, servidos por uma criadação de categoria inferneira, reconhecidamente especializada.

As bebidas e alimentos que eles usavam eram transportados por animais aéreos monstruosos desde os armazéns e supermercados dos porões dos infernos e aqui guardados nos enormes estabelecimentos especialmente construídos para estas finalidades pela riqueza da força natural do pensamento humano.

Tapetes, cortinas, mobiliários, utensílios de cozinha e mesas, tudo era de primeira grandeza, construídos e fabricados pela grande força do pensamento do homem de argila crua.

A esses gabinetes ministeriais diabólicos imaginários, só tinham acesso as bruxas-chefes de grupos bruxólicos comunitários e somente quando portadoras de cartões rubros de fogaréu, enviados dos subsolos dos céus pelo Lúcifer, endereçados a elas para tratar de assuntos a longo e médio prazo.

As bruxas outras eram escolhidas como boas secretárias e secretárias boas, para trabalharem junto dos excelentíssimos ministros inferneiros dos negócios internacionais, dos ministros da marinha, do exército, da aeronáutica – o último ministério rubro que se foi – e outros tantos, com que já perdi o contato imaginário.

Como sabemos, Lúcifer tem poderes limitados para governar o mundo de modo como acha conveniente, para favorecer os negócios e leis do seu reino plantado no subsolo do céu.

Nosso Senhor Deus permitiu que tal ministério funcionasse para que a preguiça cultural espiritual não viesse a ser cultivada no espírito do homem de argila crua, objeto de sua criação.

O homem tem que combater o mal durante toda a sua vida, para não cair nas armadilhas inferneiras, que lhe são preparadas para demovê-lo do reino do bem.

Viver a ilusão do mundo místico dos seres sobrenaturais é ser feliz em pensamento e em humanidade.

– So Franculino, eu gostê de osvi a vossa estória, mas eu peço licença a vosmecê mo’de contá a minha, que ’tá quas’saindo da boca pra rua.

No meu lugári morava um casáli de gente que pissuío quatro fios piqueno. O ma’s veinho ’tava berando os sete ano ou talvez ma’s um poco. O dono da casa da famiia trabaiava na roça de inxada na mão, pra mo’de dá conta do alumento qu’os fio dele percisavo, mo’de s’alumentá todos os dia. O chamado dele era Polino [Paulino] dos Brejo. Era um home munto arto de estatura e magro qui nem pau de virá tripa de fato de boi. Não tinha ninhum pitafe, nem de fumá e nem de bebê cachaça pelas venda de secos e moiado das redondeza. Afináli, que só vivia pro trabaio da roça e pra boa vivença da sua famiia. O pai dele murreu quando ele já ’tava garrando os dezanove ano de idade, mas a mãi continua viva, morando c’as duas fia que ainda ’tão sorteronas. Qué dizê qu’o povo falô munto máli delas. Chegô intê a comentar qu’as três são bruxa munto malifazejas da vivença dos cristão. Quondo elas vão na casa d’argum vizinho, eles trato logo de butá um punhado de sáli no fogo, viro a bassora de perna pra riba, a panela de três pé de boca pra baxo, rezo o Creio em Deus de trás pra frente, somente pra se vê livre da presença delas na sua casa. A veia se enleia bem num xale grande, que chega intê a cubri os oio da cara, de tão maliçosa e samoca que é pros seus simiiante. As duas fia, sinhô, são duas moça de modos munto istranho. ’Tão sempre fazendo iscarne das otras pessoa quando ’tão cunversando. Boto tudo quanto é apilido e mau pitafe por riba das costa de todo mundo que conhece. Nunca tivero namorado nem falo em se casá. A veia quási não visita o fio, pro mo’de que não gosta nada da cara da nora. As duas ando sempre às turras e se odeio de vredade.

Entrando no assunto, certo dia a criança mais moça, que já ’tava com um ano de idade, aduiceu. O Polino levô ela no boticaro na Vila Capitáli, pra mo’d’ele vê quáli era a duença e arreceitá rumedo de butica. A criança tomô os remedo todo que

ele arreceitô, mas não teve nenhuma miora. Foi daí qu'as pessoa do lugári tomaro conhecimento da duença dela e começaro antão a visitá ela. Quási todas as pessoa incasquetaro nos miolo da cabeça qu'aquela duença é trabaio marvado das bruxa canaia do capeta e aconseiaro o Polino mo'de pricurá uma muiê curandera desses máli de tentação.

Uma prima dele, que visitô a criança infremada, falô que no Sertão do Piri morava uma muiê curandera que não arrespeitava bruxa de nenhuma culidade que não descobrisse quem era a discarada sanhosa. O palpíte foi munto bem aceito pelo Polino, que logo tratô de arrumá uma condução pra ir cunversá com a táli benzedera. De lá de sua casa, ela saludô a criança e fez o pai vê que, quando chegasse em casa, ele iria encontrá as bruxa em traje de galinha, beliscando o infremado. Foi dito e acuntecido.

Tarde da noite, quando ele chegô da viagem e foi oiá o finho, deparô com três galinha branca de bico munto cumprido beliscando o infremado. Lembrô-se de uma veia bengala que 'tava im riba do paióli da farinha pra mo'de dá umas lambada por riba das costa delas. Só cunsiguiu batê im riba das costa d'uma, que fugiu junto c'as otra e se metero dentro da caixa do berado da casa. Ele abriu a porta da casa e pricurô elas pra dá má's lambada, mas não encontrô nenhuma. Vortô pra mo'de vê a criança e encontrô o corpo dela crivado de biliscão feito por bico muito pontudo, de galinha indemoniada. Ele ficô possesso e tresjurô que ia se vingá daquelas bruxa matrera e sem-vregonha mulas sem cabeça. Arrumô nova condução e, de minhẽ cedo, partiu pra casa da benzedera na esperança de que ela lhe declarasse o nome delas e onde moravo.

– Sinhá dona Chandoca – nome da benzedeira –, tudo acunteceu ansim memo como a sinhora me falô. Na noite daquele dia que 'tive aqui consurtando a sinhá dona, quando chegê em casa e fui oiá o meu finho infremo, incontrê três galinha branca apoiada im riba do berço, biliscando o corpinho dele. Apanhê uma bengala veia que 'tava im riba do paióli da farinha, pra

mo'd'acertá as três, mas só acertê batê numa, e as otra, junto c'aquela que dê a lambada, fugiro e se mitero na caxa do berado da casa e fugiro.

– O sinhôri, so Polino, 'tá c'a rezão toda. Foi ansim memo qu'adivinhê no meu pensá adespôs da santa binzidura. Mas me adescurpe, sinhôri, eu não vô dizê o nome delas, pro mo'de que eu já sê da vossa intenção: é a de matá as bruxa que 'tavo intisicando o vosso fio. Eu fiz a minha chamada exorcista, e elas istivero aqui na minha frente se perdoando e xingando a sina fadólica que a Terra deu pra elas como presente diabólico. Elas nunca ma's vão chupá o sangue inocente do vosso fio nem de ma's ninguém, proque eu quebrê, c'as santa palavra que saíro da minha boca pro mundo, o encanto fadólico delas pra toda vida. Uma delas, a veia, 'tá c'o congote das costa todo machucado da lambada que vossa mecê deu im riba dela com munta força de vingança. Ela 'tá tratando o congote machucado com farinha de mandioca e sáli feito cataprasma. Quando o sinhô encontrá, no seu caminho do trabaio, uma muiê veia de congote embruiado em pano, bispe bem, que ela é a bruxa que ganhô em cheio a vossa lambada dada c'a bengala.

O Polino saiu munto pensativo da casa da benzedera, mas com fé de, na certa, encontrá a muiê pisada qu'ela falô.

No dia seguinte, ele botô os boi na canga do carro e se dirigiu pra roça, mo'de apanhá uma carrada de lenha seca pro gasto da cozinha da casa. Quando ele ia passando de aguiada no ombro, deu c'a mão dele dibaxo dos cafizero c'o congote todo embruiado em faixa de pano branco – isto o meu difunto pai sempre contava pra nós como fé de vredade dos antigo. O hõmi, sinhôri, quando avistô a mão naquele istado que a benzedera informô, abandonô o carro de boi no meio do caminho e caiu de aguiada im riba dela intê ela dizê: “Chega, mo fio, 'tás vingado.” As duas ermã dele currero mo'd'acudi a mão, e ele tombém mandô aguiada im riba delas intê elas dizê: “Chega, mo ermão, já 'tás vingado.”



A bruxa e o saci-pererê (1974)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 57,7 x 74,6 cm

Madame bruxólica e o saci-pererê

[1975]

O moço Bento Leandro, da Maria Macária, era filho de famílias descendentes de colonos açorianos, que, a partir do ano de 1748, passaram a colonizar as terras selvagens da Ilha de Santa Catarina, a antiga Desterro do Dias Velho. Homem pobre, de pai desconhecido, porém muito trabalhador, com o suor que derramou de sol nascente a sol poente, durante muitos anos no trabalho árduo de lavrador, conseguiu amealhar algum dinheiro e usá-lo na compra de bens de raiz. Era um homem robusto, de boa aparência física e muito cobiçado pelas moças que o conheciam. Assim conseguiu arranjar várias namoradas, porém, entre elas, havia uma muito feia, exibida e metida a arrotar prosa de gente rica da cidade, vício que o atraiu para levá-la ao matrimônio.

A Maria Macária não via nada com bons olhos de amizade o namoro do filho com a tal bisca prosa, a Irineia das Dores. Ganhar uma namorada daquele jeito ou uma nora era, para a Maria Macária, um presente de valor mesquinho e inútil. A danada da Irineia tinha uns parentes cá pras bandas da cidade que eram que nem ela, metidos a arrogantes e importantes, mas que, no fundo da razão, não passavam de uns pobres-diabos que escaparam da roça através do auxílio de um chefe político, garimpeiro de votos para políticos estrábicos e primo segundo do tio dela.

A Irineia, cada vez que vinha na cidade, aparecia no sítio onde morava desfilando as modas jovens que copiava, até bem mal, de mulheres vaidosas, embonecadas e retorcidas. Ora aparecia com um vestido tão curto, que a bainha lhe alcançava a cintura; ora aparecia com um vestido tão comprido, que chegava a varrer os ciscos por onde ela passava; vez por outra, usava uma calça de brim zuarte completamente desbotada, que até parecia filho de urubu quando está começando a empenar.

As tais modas que ela exibia lá nos caminhos do Morro do Rapa, onde morava, escandalizavam as mulheres antigas, que até se persignavam, traçando uma cruz de sino-saimão por debaixo do céu escuro da boca e rezando o “Credo em cruz, Virgem Maria!” quando ela passava, retorcendo-se sinuosamente que nem a serpente que iludiu a nossa coitada mãe Eva, lá em riba dos geométricos canteiros floridos dos famosos e discutidos jardins do Éden.

O Bento Leandro era um homem simples, de costumes roceiros, o que não valia orgulho ou qualquer pretensão cidadina, mas que também não queria opor qualquer tomada de justiça contra as extravagâncias da sua exótica e arrogante namorada. Até que ele a apreciava muito, principalmente quando ela se apresentava bem ensacada dentro de uma calça de brim descorado, exibindo o seu par de nádegas calípiagianamente avantajadas aos olhos esbugalhados da população da comunidade dela. E, engolindo um a um os feitiços bruxólicos que ela copiava na cidade e exibia a ele, combinou casamento e casaram-se, mesmo a contragosto da mãe dele, que, por fim, desejava ver o Lúcifer com a família genealógica dele completa, mas nunca a Irineia *Feiticeira*, como ela a apelidou.

Depois de casados, o Bento Leandro tratou de montar uma bodega de secos e molhados numa casa de duas portas de frente, de madeira, perto da Praia da Lagoinha do Norte. Na frente da casa da bodega mandou colocar um banco de madeira, para a freguesia sentar-se nas horas de descanso e montar bate-papos alimentados a mata-bicho. Ali os pescadores comentavam o resultado de suas

pescarias durante a noite, o preço custoso pago pelo material de confecção de aparelhos de pesca, o comportamento dos candidatos políticos que imploravam os votos deles para poderem se eleger e até, à boca pequena, nos calcanhares dos ouvidos, o comportamento duvidoso da Irineia. Quando ela se achava presente ao bate-papo e acontecia que alguém do bando trazia notícia de atividades desenvolvidas por mulheres bruxas na comunidade, ela se irritava e chegava até a destratar o fofoqueiro com palavras a partir de baixa temperatura até zero grau e, às vezes, até ameaçava castigar com pragas violentas quem a contrariasse. Esses caminhos tortuosos, que ela trilhava em muitas ocasiões, acusavam, em suas curvas sinuosas, a presença de sangue bruxólico correndo rio abaixo no corpo inteiro dela. As conversas em torno do caso de desconfiança com relação à Irineia Bruxa foram morando de boca em boca e causaram no bestunto da comunidade um horror generalizado de expectativa futura. Certa tarde muito bonita, entre dia e noite, ela estava toda refestelada num dos bancos conversando, quando, de repente, passou pela praia um gato preto meio pintado de vermelho que chamou a atenção de todas as pessoas que se achavam na companhia dela, as quais até, por sinal, viram, no trasgo, algum mau presságio. Num repente, sem dizer palavra, a Irineia levantou-se do banco, usou o caminho da praia e desapareceu no espaço sideral, deixando atrás de si um enorme rastilho de fogo e fumaça, assim que nem avião a jato, montada em riba do gato. Perante o espetáculo sinistro, todos os presentes se entreolharam, sem um naco de coragem para comentários quaisquer. O coitado do Bento Leandro, quando recebeu a notícia da aventura da mulher aviadora bruxólica, desmaiou atrás do balcão da bodega. Foi atendido pelo curandeiro benzedor, muito famoso naquela localidade, o Romão da Olinda, que havia chegado no exato momento do desfecho bruxólico. O Romão imediatamente atendeu o Leandro com as santas palavras da benzedura que Nosso Senhor deixou numa certa ocasião quando esteve vistoriando a Terra. Queimou algodão virgem, encanou a

fumaça pelos vazados do nariz do Leandro, deu-lhe chá de arruda de boca abaixo, amarrou nele uma fita de medida do São Bão [Senhor Bom] Jesus de Iguape, que a Macária havia trazido de lá quando de uma viagem que ela tinha levado a efeito a pé até Iguape, “mo’de pagá primessa ao famoso santo milagroso”.

O caso é que onde há fumaça, há também presença de fogo. Certamente foi o que aconteceu em volta dos fatos. A conversa daquela tarde, em que houve a passagem do gato preto, girou exclusivamente em torno da presença de discos voadores e de um tal de cavalo changueiro que criou asas naturalmente e andou voando lá por riba dos espaços siderais dos céus brusquenses, na presença extasiante dos olhos derrubadores de matas dos seus próprios donos.

O velho Mané Fostino é que foi o pivô vivo de todas aquelas quizílias, que tanto entristeceram o povo do lugar. Na véspera dos acontecimentos, ele havia estado na capital, onde, em conversa com uns conhecidos num dos restaurantes do Mercado Público, ficou sabendo da presença de discos voadores que “ando por aí por riba dos céus”, espiando as pessoas descuidadas que vão aos pés no mato e também do famoso cavalo voador do município de Brusque, que se desencilhou espiritualmente da correama de uma carroça de puxar toras de madeira para uma serraria do seu Joaquim Cesário e se meteu a gostosão pra riba do povo brusquense e dos seus próprios donos.

O Disidero da Sotera, naquelas horas do desenrolar dos acontecimentos, tinha ido aos pés pra mo’de satisfazer suas necessidades fisiológicas atrás de uns pés de fedegoso brabo. Num repente, quando ele se lembrou de apanhar uns galhos e plantas para fazer uma limpeza no descarregador, olhou pra riba pro céu e deparou com um quadro estarrecedor: uma mulher monstruosa com uma vassoura atravessada na cabeça, montada em riba de um saci-pererê, segurando-o com firmeza, numa disparada tão vertiginosa pelos espaços siderais, que até deixou tarouco da cabeça o coitado.

Embora muito perturbado, conseguiu observar que o cachimbo do saci voava na frente dele a trilhões de quilômetros por fração de segundo. O Disidero ficou muito assustado e nervoso com o que vira, tratou de puxar a calça e a ceroula pra riba pra cintura, saiu correndo a se abotoar pelo caminho, levando fresquinha da silva a respeitável notícia pras pessoas que se achavam fora e dentro da casa do Bento Leandro, acalanhadas pelo peso descomunal dos acontecimentos.

Quando as pessoas já estavam com o pensamento bem mergulhado no turbilhão das águas toldadas dos fatos – um pouco mais da meia-noite –, a Irineia surgiu, num abrir e fechar d’olhos, em carne e osso, na presença de todos os circunstantes. Ela havia perdido o poder fadórico, porque se atrasou no cumprimento de sua viagem espacial bruxólica pelos céus catarinenses à procura de discos voadores espaciais para aprisioná-los. Entretida pela gostosa aventura, esqueceu-se do canto do galo preto e, mais ou menos lá pelas bandas do Passa Vinte, no continente, foi surpreendida por ele, que anulou o poder fadórico. Na presença de todos, confessou que era bruxa há muitos anos e que, naquela noite de acontecimentos vários e extravagantes, ela havia perdido o novelo do fado por desobediência às ordens dadas pela sua chefe, que morava nas redondezas da comunidade dela. E confessou: “Fui influenciada pelas conversas que ouvi aqui na frente da minha casa com relação às atividades de espionagens dos discos voadores e das proezas do cavalo brusquense.” E continuou narrando: “No alto de nossa conversa, sentados aqui por riba destes bancos, eu notei que lá pela praia estava passando um saci-pererê, coisa raríssima aqui pelas bandas desta Ilha. Corri à praia, metamorfoseei-me numa autêntica bruxa que se preza e que respeita os poderes emanados dos reinos do anjo Lúcifer, montei no saci, soltei o cachimbo dele na frente a toda a velocidade possível e dei ordens para que ele o perseguisse. Viajei bruxolicamente, e tudo o que encontrei ocupando os espaços siderais catarinenses em matéria de discos voadores é digno do mais alto poder científico que a humanidade alcançou até os dias de hoje.

Encontrei balaios, samburás, tipitins, jacás, serões, chapéus de prensa de engenho de fabricar farinha de mandioca, fusos de prensa, antolhos de usar nos olhos dos bois atrelados à canga das almanjarras dos engenhos, peneiras, gaiolas para prender passarinhos, gamelas de madeira, alguidares, pratos, painéis, caçarolas, potes, boiões, bilhas, pratos de balanças mal aferidas, meios alqueires, pilão de chumbar café, baús de folha de flandres etc.

Todos estavam tripulados com velas acesas, bentas na Sexta-feira Santa, e avançando a velocidades incríveis. Esses discos voadores metamorfoseados que encontrei movimentam-se a velocidades tamanhas que escapam à avaliação da percepção do agudo pensamento humano. Mas eu confesso pra vocês que o que mais me surpreendeu nesta pesquisa aos discos voadores foi a audácia do cavalo voador brusquense do seu Joaquim Cesário e de seu filho Pedro Lourenço. O garanhão estava equipado com asas que mediam a envergadura mais de sete metros por banda. Não estava pilotado por nenhuma mulher bruxa em atividade fadórica, mas apenas pela força poderosíssima madeireira do pensamento admirável dos seus donos, que o comandavam espiritualmente de dentro da serraria através do barulho ensurdecido do movimento dos motores. É um cavalo dócil, manso, sem nenhuma tendência vampiresca – embora seja garanhão. Rege-se no ar com movimentos graciosos, arverissa sobre a copada de qualquer árvore, apedriça sobre qualquer pedra, aterrissa sobre qualquer terra, atetissa sobre qualquer teto de casa, amerissa sobre qualquer mar e, também, recolhe-se dentro do pensamento de quem o aceita como fantástico, inédito e absoluto; verdadeiramente falando, é o único cavalo voador sem comando bruxólico. Perdi a minha sina bruxólica que tanto prezei, mas tive o prazer de desmascarar os discos voadores metamorfoseados que infestam os céus dos nossos pensamentos assustados e as proezas do cavalo brusquense.”

Assim, a Irineia terminou de contar as suas histórias fantásticas bruxólicas. Porém, lá ao longe, duas mulheres idosas comentavam o desenrolar dos acontecimentos com muito

espanto: uma advertia a outra com os seguintes episódios que podiam vir a acontecer e aconteceram.

– É, minha fia – falava a Noca –, os antigos diziam que, um dia, os homens haverão de bispá esses gafanhotos que comem as nossa lavoras, pra mo’de fazê deles modelos de apareios pra voá por riba de nós. ’Ta’í e, na vredade, acunteceu.

– Pois é, muié – falou a Jovença –, nessa hora me ocorreu um pensamento que me parece munto estranho, mas pode acontecer.

– Quáli é ele, minha santa?

– Tu já visse aqueles predo alto de cem metros de altura pra riba das ruas da cidade?

– Já, minha santa, já vi e inté me deu susto.

– Não te assustes, minha fia, se um dia os home colocá um par de asas neles e eles saí por aí voando por riba de nós, das nossas casa baixa e inté poisá onde quisé.

– É, minha fia, ’temo vendo cosa memo que parece qu’o fim do mundo já chegô.

– Pois antão, muié de Deus, basta ver o caso da muié do Bento Leandro, pra gente sabê memo que ’temo é com as pranta dos pé bem em riba das barba da cara do fim deste mundo.

– É, ela fantasiou-se de bruxa, apanhou o saci-pererê, fez uma montaria dele e saiu por este mundo de Deus à pricura dos disco voadô, mo’de caçá eles. Os antigo não mentiam, minha fia, só falavam da boca pra fora a vredade.

– É inzato, minha fia, é munto inzato, ’tás cheia de carrada de rezão.

É, minha Ilha de Santa Catarina de Alexandria, até um coitado de saci-pererê que imigrou, por acaso, lá dos pampas famosos do Rio Grande do Sul para cá, foi usado por uma de tuas famosas mulheres bruxas como veículo espacial de incomparável grandeza de supervelocidade para caçar os famosos discos voadores metamorfoseados que dançam o balé da opinião do espírito humano dentro de salões culturais de dúvidas e afirmações.



Bruxa-chefe (1960)

Técnica: nanquim sobre papel

Dimensões: 46,7 x 33,9 cm

Velha bruxa-chefe

[1975]

Cada bruxa-chefe do bando de uma comunidade recebe ordens diretas das mãos rubras do ex-anjo Lúcifer para transmiti-las às suas subordinadas através de um vidro de unto sem sal e de um novelo bruxólico que elas só passam a outra bruxa através de uma eleição bruxólica quando sentem os passos indesejáveis da madame Morte perto do fim dos dias de sua vida aqui na Terra.

Elas presidem às reuniões semanais bruxólicas nas sextas-feiras após o Ángelus – às 18 horas – dentro de grutas de pedras, debaixo e por riba de frondosas figueiras, dentro de casas mal-assombradas, desocupadas e, também, dentro dos ranchos de pescaria e de estrebarias, com todas as filiadas do seu bando comunitário.

Diz a secular madame Estória que elas são tão ousadas nas suas atitudes demoníacas, que os pescadores não podem esquecer suas camisas e ceroulas dentro dos ranchos, “pro mo’de que” elas as crivam de nós indesatáveis, somente para ouvi-los xingarem-nas.

Nas reuniões bruxólicas semanais que elas também realizam em encruzilhadas e caminhos tortuosos, tratam com suas filiadas, entre muitos problemas bruxólicos, dos principais, que são: técnicas físicas corpóreas que a ciência cabocla popular lhes garante para a metamorfose; defesas ágeis e prontas

contra as benzedeadas, suas benzeduras e ardilosas armadilhas para apanhá-las; e, além de tudo, a correção absoluta para pronunciarem as palavras do encanto no exato momento do pedido de metamorfose.

E continua a madame Estória: não se deve plantar figueiras perto de casa, “pro mo’de que”, se elas levam suas raízes para debaixo dos alicerces, provocam atrasamento na vida física e monetária das pessoas que moram nela.

Também não se deve passar por riba de raízes de figueira, que dá azar, “pro mo’de que” as copadas delas são os lugares preferidos por mulheres bruxas para dançarem seus bailes luciferianos em chamas ardentes, após as jornadas bruxólicas que encetam dentro da noite em verdadeiras orgias fadóricas nas suas comunidades no além-mar e no além- espaço sideral.

Nos congressos bruxólicos realizados nos salões rubros inferneiros, que são presididos, satanicamente, pelo ex-anjo Lúcifer, só comparecem as velhas bruxas-chefes de bandos comunitários. As leis são ditadas para elas cumprirem com rigor prioritário absoluto e no prazo marcado.

Qualquer descuido dos deveres bruxólicos impostos pelo chefe capeta, a infratora não tem direito a nenhuma defesa judicial inferneira e imediatamente é conduzida para os porões dos fornos dos infernos pelos soldados demoníacos e incinerada imediatamente para os séculos sem fim estóricos.

As chefes de bando com suas filiadas não residem com boitatás, lobisomens, sacis, curupiras, caiporas e outros.

Desde o princípio dos séculos históricos, elas sempre gozaram dos mesmos direitos da metamorfose deles, garantidos pelas leis reais absolutas do rei Satã e da rainha Satoa. A imaginação popular ilhoa afirmava existir no Morro do Pau da Bandeira, do Antão, da Cruz do início do século e, hoje, da Televisão, um túnel que tinha sua entrada lá no morro citado e alcançava a antiga ermida de Nossa Senhora do Desterro.

Como dizem atualmente, está ele abandonado: esta velha bruxa metamorfoseou-se em urubu, apossou-se de tal túnel imaginário e foi lá residir.

Acredito até que ela já requereu usucapião bruxólico do túnel, para tornar-se sua legítima dona e ali levar a efeito as suas famosas reuniões com suas filiadas nas sextas-feiras, sem passarem pelo perigo de serem televisionadas ou entrevistadas pelos repórteres que trabalham lá com relação às suas atividades em pejeas futebolísticas espaciais bruxólicas.

1

O poder da bruxaria
É muito bem controlado
Pelas leis de Satanás
Que o conserva bem vigiado.

2

Ele tem que obedecer
Às leis do reino do mal,
Que não quer vê-las burladas:
Devem é sempre triunfar.

3

As megeras bruxas-chefes
Só se entendem com o diabo,
Que as dirige para o mal,
No cumprimento do fado.

4

O mal veio morar na Terra
Em termos de maldição,
Semeado pela mamãe Eva
Aceito pelo papai Adão.

5

Quem enganou nossa mãe Eva
Foi uma bruxa sacana,
Que 'tava de olho no Adão
Porque o tinha por bacana.

6

Esta velha bruxa-chefe
Assiste a televisão,
Pois ela é dona do túnel
Que 'tá lá naquele chão.

7

A credice popular
É uma riqueza espantosa,
Que estamos desperdiçando
Pra bons incestos de prosa.

8

Ora veja esta bruxinha
Em urubu fantasiada:
Parece a mais linda misse
Que a Nova Iorque foi levada.

9

Ilha das velhas faceiras
E, também, das moças prosas:
As bruxas dos teus recantos
São lindas que nem as rosas.



GLOSSÁRIO

Quase 50% do texto das 24 narrativas escritas por Franklin Cascaes entre 1946 e 1975 consta de diálogos entre falantes açoriano-catarinenses pouco ou nada escolarizados da Ilha de Santa Catarina e da faixa litorânea fronteira a ela, bem como de relatos feitos por esses falantes.

Muitos termos de sua linguagem popular e regional apresentam diferenças em relação aos da variedade culta da língua portuguesa. Outros, devido à sua baixa frequência, sua antiguidade e, sobretudo, à inviabilização da consulta aos textos originais de Franklin Cascaes, revestem-se de significado semântico difícil de precisar, fato que se reflete no teor dos verbetes.

Doutro lado, as explanações de Franklin Cascaes estão vazadas em linguagem técnica, na qual são abundantes os neologismos e os termos resultantes de empréstimos tomados a outros idiomas, como o latim, o grego, o árabe e línguas africanas e indígenas brasileiras.

O autor deste glossário propôs-se incluir nele todos os vocábulos potencialmente estranhos ao leitor do ensino médio completo, bem como dar ao glossário caráter didático. Nessa tarefa, esbarrou, cá e lá, com dificuldades: na seleção e apresentação dos termos, no estabelecimento da forma ortográfica original deles, na classificação da sua categoria gramatical e na determinação dos seus semas e étimo.

Os verbetes vêm seguidos, bem ou mal, da expressão de sua categoria gramatical, significado semântico ocorrente no texto, uma ou mais abonações e, em geral, de seu étimo. O teor

dos verbetes verteu de pesquisa do texto, de consulta a alguns falantes antigos e, sobretudo, do uso do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* e do *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*,⁴ bem como dos dicionários do falar regional catarinense de Fernando Alexandre e Isaque de Borba Corrêa, citados acima (p. 8, nota 2). Aquelas abonações iniciadas por letra minúscula são fragmentos de frase. O número acrescido a elas indica a narrativa de sua ocorrência. O uso do acento gráfico em vogais de palavras latinas tem apenas o objetivo de indicar-lhes a sílaba tônica. Para referir as línguas de origem dos termos, adotaram-se estas abreviações: *ár.*, árabe; *esp.*, espanhol; *fr.*, francês; *gr.*, grego; *hebr.*, hebraico; *hol.*, holandês; *ital.*, italiano; *lat.*, latim.

⁴ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Abeona *s.f.* Deusa que os romanos invocavam na partida para viagens. *Viajou para o Báratro, na barca de Caronte, comandado pela Abeona* (3). Do lat. *Abeona*, cognato de *ab-ire* ‘ir-se embora, partir’.

acabriolado *adj.* Diz-se de alguém que pula feito cabra; instigado, sobressaltado, confuso. *Romualdo já estava meio acabriolado de tanto ouvir coisas que são parte dos outros mundos* (20).

acalcanhar *v.t.d.* Pisar com calcanhar; calcar. *Fig.* Espezinhar, oprimir, humilhar. *peessoas que se achavam acalcanhadas pelo peso descomunal dos acontecimentos* (23).

acarcanhar por **acalcanhar** *v.t.d.* Pisar com calcanhar; calcar. *’Tô meia ataroucada da cabeça na frente desse turbilhão de dúvidas que o senhor ’tá me acarcanhando* (13).

acarditá e **acreditá** por **acreditar** *v.t.i.* Crer. *Primo, vossa mecê acardita memo de vredade naquelas estória?* (2); *Si tu acarditares, ’tá certo e, si não acarditares, é a mema cosa* (5); *Acreditato memo que foi proque as muieres deles pregaro os botão dela bem pregado* (14).

achavascado *adj.* Com aspecto rústico ou grosseiro; feito ou finalizado toscamente, sem habilidade ou cuidado. *A Isadora regressava sempre muito tarde para casa, acompanhada de desculpas defeituosas que nem o seu procedimento achavascado* (20). De *a-* + *chavasco* + *-ar*.

achincalhar *v.t.d.* Ridicularizar, chacotear; humilhar, aviltar. *Apressou-se em diagnosticar, com precisão meio achincalhante, a doença* (18). Talvez de *a-* + *chinquillo* (jogo com vaias e chacotas) + *-ar*.

acoivarar por **coivarar** *v.t.d.* Numa roça queimada, empilhar os troncos e galhos não queimados de todo. *derrubou um pedaço da mata virgem, queimou-a e acoivou o terreno “pra mo’de” plantar rama de mandioca* (3). De *coivara* + *-ar*.

aguiiada por **aguilhada** *s.f.* Bastão provido de ferrão numa das extremidades. *uma surra de aguiiada de chamá boi na frente do carro inté lanhá as carne dele* (4). Do lat. *aculeáta* ‘bastão provido de aguilhão’, der. de *acúleus*, *i* ‘aguilhão, ferrão’.

aguiião por **aguilhão** *s.m.* Ponta de ferro da aguilhada; ferrão. *reio na tua bunda e aguiião nos teus pé* (3). Do lat. **aquíleo*, *aquileónis*, de *acúleus*, *i* ‘aguilhão’.

aguilhada *s.f.* Vara com ponta aguda, usada para tanger bois. *com uma aguilhada muito comprida sobre o ombro* (17). Do lat. *aculeata*, de *acúleus*, *i* ‘aguilhão, acúleo’.

alguidar *s.m.* Vaso de barro, metal, material plástico etc., cuja borda tem diâmetro maior do que o fundo, para uso em tarefas domésticas. *Afiou as ferramentas cirúrgicas num alguidar com água e sabão* (18). Do ár. *al-gidár* ‘escudela grande’.

alipotente *adj.* Que tem asas poderosas. *concubinas alipotentes* (6). Do lat. *ala* > *ali* ‘asa’ + *potente*.

almajarra e **almanjarra** *s.f.* Nos engenhos de propulsão animal, haste comprida da qual uma extremidade é embutida no pião e a outra, encurvada para baixo, termina em canga; trave, barrote. *Lançou mão de dois canzis da canga da almajarra do pião grande do engenho de farinha* (12). Do ár. *al-majarr* ‘viga, trave, barrote’.

alqueire *s.m.* 1. Antiga medida de capacidade usada sobretudo para cereais, de volume variável (em Lisboa 13,8 litros). *A mandioca produziu trezentos alqueire de farinha* (4). 2. Recipiente quadrado, utilizado para medir um alqueire de cereais. *A megera bruxa Canda tomou o meio alqueire – feito armadilha –, enfiou-o no busto* (12). 3. Área de terreno para um alqueire de sementeira. Do ár. *al-káil*.

altívago *adj.* Que vaga no espaço, nas alturas. *vida altívaga quimérica* (6). Do lat. *altívagus* ‘que vaga no alto’.

alumentá por **alimentar** *v.t.ind.* Nutrir; sustentar. *em favôri dos máli que o anjo Luciféli alumenta contra as alma das criatura* (2).

aluminação *s.f.* Cerimônia na qual se homenageia um santo com velas, luzes e fogos. *Pelas festas de São João, um colega de trabalho dele convidou-o para ir assistir a uma aluminação do santo citado* (19).

amiudar *v.int.* Cantar (o galo) a intervalos curtos ao romper do dia. *Os galos brancos e os amarelos já cantaram e os pretos amiudaram* (9). De *amiúde* + *-ar*.

anágua *s.f.* Saia que as mulheres usam sob o vestido; saia de baixo. *Vestiu uma anágua muito engomada, uma saia de baeta de lã vermelha* (1). Do taino, que originou o crioulo haitiano, 'saia de algodão que ia até os joelhos', pelo esp. *en nagua*.

andejo *adj.* e *s.m.* Que ou o que anda muito (diz-se de pessoa ou animal); andeiro; rueiro. *notícia andeja* (14).

ângelus *s.m.* Anjo, anunciador, mensageiro. Do lat. *ángelus*, *i* < do gr. *ángelos* 'anunciador'.

antanho *adv.* No ano que se passou; em épocas passadas; outrora. *nos tempos memoráveis de antanho* (10). Do esp. *antaño*, do lat. *ante annum* 'um ano antes'.

antão por **então** *interj.* Em tal caso, nessa situação. *Antão, o sinhôri não acha isso uma grande cosa sê anumiado inspetôri de quarterão?* (1). Do lat. *in + tunc* 'naquele momento'.

anumear e **anumiá** por **nomear** *v.t.d.* Nomear, indicar o nome de. *O demonho anumeia a bruxa mági veia pra mo'de sê chefe do bando delas* (1); *Inté primitero anumiá o mo nome pra mo'de eu sê o inspetôri do quarterão* (1). De *a-* + *nome* + *-ar*.

aparadeira *s.f.* Pessoa que apara ou sustenta uma criança ao nascer. *O bebê deixou-se cair nas mãos calejadas da sinhá Delonça, uma preta parteira aparadeira* (14). Talvez de *aparado* + *-eira*.

aparvaiado por **aparvalhado** *adj.* Que se aparvalhou; que é ou age como parvo, idiota. *Tá me achando com cara de aparvaiado* (1). Do lat. *parvus* 'pequeno, tolo'.

ardentia *s.f.* Brilho, fosforescência; calor intenso, canícula, ardência. *O Sol fez-se representar pelas ardentias marinhas* (8). De *ardente* + *-ia*.

arrenegado *adj.* Que (ar)renegou; irritado, zangado. *As pessoa deve escoiê o dia pra prantá aio quando 'tivé arrenegada* (4).

arresurtado por **resultado** *s.m.* Ato ou efeito de resultar; consequência, efeito. *Mági não tivero nenhum arresurtado* (4).

arrollo por **rolo** /ô/ *s.m.* Transação comercial em que entram dinheiro e outros valores de natureza vária, estimados globalmente; confusão. *Tô ficando meio sorongo da cabeça, só por via de osvi tanto arrollo que os home da cidade prantaro na sabença dos miolo da vossa cabeça* (1).

arrufo *s.m.* Ato ou efeito de arrufar(-se); amuo; ressentimento passageiro entre pessoas que se querem bem. *ele não tem culpa dos arrufos malcriados de vocês* (14).

arverissar por **arvorissar** *v.int. Neol.* Pousar (as aves) em copas de árvores. *O cavalo voador brusquense arverissa sobre a copada de qualquer árvore, apedrissa sobre qualquer pedra, aterrissa sobre qualquer chão, atetissa sobre qualquer teto de casa, amerissa sobre qualquer mar* (23). De *árvore* + *-issar*, neologismo por analogia a *aterrissar*.

atarocado por **ataroucado** *adj.* Apalermado, atoleimado, idiotizado, confuso. *O mo avô ficô c'o juízo da cabeça meio atarocado*. De *a-* + *tarouco* + *-ar*.

atetissar *v.int. Neol.* Pousar sobre um teto. *atetissa sobre qualquer teto de casa, amerissa sobre qualquer mar* (23). De *a-* + *terra* + *-issar*, por analogia a *aterrissar*.

- baeta** /ê/ s.f. Tecido felpudo de lã. *Vestiu uma saia de baeta de lã vermelha* (13). Do fr. *bayette*, do lat. *badius* ‘baio, castanho’.
- balda** s.f. Vez; defeito ou hábito arraigado; mania, veneta. *Ela seria um bom partido se não fossem as baldas ruins que a acompanham* (20). Do ár. *batil* ‘inútil, vão’.
- bálie** por **baile** s.m. Ato ou efeito de bailar; dança. *Não dançava nos bálies que se fazia no lugári* (12). Regressivo de *bailar*.
- bandaio** por **bandalho** s.m. Indivíduo que anda esfarrapado, maltrapilho, sem dignidade, honra ou decoro; patife. *O bandaio teve a petulância de dizê inté qui este povo daqui são uma cambada de matuto* (4). De *bando* + *-alho*.
- báratro** s.m. Abismo, despenhadeiro, voragem. *Fig.* O inferno, o lugar dos mortos. *É bem possível que o Zeferino tenha viajado para o Báratro* (3). Do gr. *báratheron* pelo lat. *báratherum* ‘golfo, abismo’.
- barrela** s.f. Caldo coado de cinzas vegetais ou de soda, usado para clarear roupa; coada, lixívia. *Tem uma sortura que se parece com água de barrela que escorre da tina de lavá ropa* (12). De *barra* + *-ela*, dimin. de *barra*, ou de *barro* + *-ela*.
- bestunto** s.m. Cabeça; capacidade mental limitada, inteligência curta. *no bestunto da minha cabeça* (2). De *besta* + *-unto*.
- biacu** por **baiacu** s.m. Designação popular de espécies de peixes teleosteos que podem inflar a barriga. *As pranta viraro a incuiê qui nem biacu que perde o inchume* (4). Do tupi *uambaiakúii*.
- bisca** s.f. *Uso pejorativo.* Pessoa leviana ou de má conduta; prostituta, meretriz. *Os parente ficaro com munta quizila da bisca que ele arranjo lá na vila, jogada no mundo da perdição* (1). Do ital. *bisca*, de *biscazza* ‘local de jogos de azar’.

- bispar** *v.t.d.* Avistar ao longe; entrever, lobrigar; observar ou espiar atentamente. *Só pra mó' de bispá tudo o que se passa na rua* (5). De *bispo* (gr. *episkopos* 'supervisor') + *-ar*.
- bodoso** /ô/ *adj.* Bras. Imundo, fedorento. *peessoas que caem nas unhas bodosas das bruxas* (20). De *bode* + *-oso*.
- bofes** *s.m.pl.* A fressura dos animais. *Fig. Gênio, caráter, índole. Causou grande descontentamento entre os homens, que não o viram com bons bofes* (15).
- boitatá** *s.m.* Bras. *Pop.* Fogo-fátuo. *Folcl.* Mito indígena simbolizado por uma cobra de fogo ou de luz com dois grandes olhos, ou por um touro que lança fogo pelas ventas; cobra de fogo; bicho-papão. *Este cipó deve sê é parente dos boitatá das mata* (3). Do tupi *mbaeta'ta*, de *mba'ê* 'coisa' + *ta'tá* 'fogo'.
- borralho** *s.m.* Brasido coberto de cinzas; cinzas quentes; borralha. *Sobre todos os portais espalharam cinza do borralho* (3). De *borra* 'parte grosseira e espessa da lâ' + *-alho*.
- botica** *s.f.* Estabelecimento onde se preparam e vendem medicamentos; farmácia. *Apesar dos remédios fortes da botica que eles receitavam, a doença andava quilometricamente* (13). Do gr. *apothéke* 'depósito, bodega'.
- brebe** por **breve** *s.m.* Bras. Escapulário que contém uma oração; bentinho; amuleto. *Apreparo brebe pra botá no piscoço das criança piquena e tombém de gente feita* (2). Do lat. *brevis*, e 'curto, pequeno, breve'.
- bruaca** *s.m.* Bras. *Uso pejorativo.* Mulher idosa e feia; mulher maldosa, faladeira, geralmente idosa. *aquelas bruacas descaradas e sem-vergonha bruxas* (6).
- brusquense** *adj.* 2 g. De, ou pertencente ou relativo a Brusque, município a 80 km ao norte de Florianópolis, no qual, segundo notícia divulgada pela imprensa, por volta de 1975, dois lenhadores teriam presenciado a metamorfose de seu

cavalo em cavalo alado. *Ficou sabendo do famoso cavalo voador do município de Brusque, que se desencilhou espiritualmente da correia de uma carroça de puxar toras de madeira e se meteu a gostosão pra riba do povo brusquense e dos seus próprios donos* (23).

bruxa *s.f.* Mulher que tem fama de se utilizar de supostas forças sobrenaturais para causar malefícios, perscrutar o futuro e fazer sortilégios; feiticeira. *proezas fadóricas das famosas bruxas da Ilha de Nossa Senhora do Desterro* (3). Orig. obscura.

bruxólico *adj.* Próprio de bruxo ou de bruxa, ou relativo a eles. *bando bruxólico recém-formado* (1); *encantamento bruxólico selenita* (8). De *bruxo* + *l* + *-ico*, do sufixo latino *-icus*.

bursite *s.f. Patol.* Processo inflamatório de bolsa, geralmente sinovial. *sobre o tal reumatismo de sangue, bursite, resfriado* (21). Do lat. *bursa* ‘bolsa’ + *-ite*, expressivo de processo inflamatório.

butica por **botica** *s.f.* Lugar onde se vendiam remédios e afins; farmácia. *Fui à pricura de uma butica pra mo’de consurtá um buticaro de lá* (5). Do gr. *apothéke* ‘depósito’ pelo lat. *apotheca*.

buziguim por **borzeguim** *s.m.* Botina cujo cano é fechado com cordões. *sapato buziguim vistido com polaina* (14). Do neerlandês *broseken* ‘sapatinho’, pelo fr. *broseguin*.

cabalar *v.int.* Fazer cabala (‘intriga’); aliciar (eleitores) ou obter (votos) por meios ardilosos. *por toda banda onde ele cabalava* (21). Do lat. medieval *cabbala*, do hebr. *qabbalah* ‘tradição recebida’.

cabriolar *v.int.* Dar cabriolas, isto é, saltar como cabra; fazer movimentos bruscos; percorrer trajetória sinuosa. *Romualdo já estava meio acabriolado de tanto ouvir coisas que são parte dos outros mundos* (20). Do fr. *cabrioler* ‘dar cambalhotas’ e este do italiano *capriolare*, do lat. *capra* ‘cabra’.

cachinante *adj.* Que faz rir às gargalhadas; que escarnece; que faz cachinar. *inleção bruxólica, fadórica, cachinante e esconjurante* (1). Do lat. *cachinnare* ‘rir; mofar, estrondear’.

caipora *s.m. e f.* Ente fantástico da mitologia tupi, difundida na crença popular, talvez derivada da crença no curupira, do qual seria variante e que é associada às matas e aos animais de caça. *Fig.* Diz-se de ou pessoa que causa azar a outra, ou que é azarada, infeliz ou mal sucedida. *As chefes de bando não residem com boitatás, lobisomens, sacis, curupiras, caiporas e outros* (24). Do tupi *kaa'pora* ‘habitante do mató’.

calipigiano *adj.* Portador de calipígio, isto é, de belas nádegas. *exibindo o seu par de nádegas calipigianamente avantajadas aos olhos esbugalhados da população* (23). Do gr. *kallípugos* ‘de belas nádegas’ + *-io* + *-ano*.

camariia por **camarilha** *s.f.* Grupo de pessoas com objetivos comuns; bando, quadrilha, súcia, corja. *Os home que dirigio o loprano tinho que sê da mema camariia dele* (4). Do esp. *camarilla*.

Caminho de Santiago *loc.m.* O Caminho de Santiago de Compostela é uma rede de rotas de peregrinação percorridas pelos peregrinos cristãos desde o século IX, que se estende por toda a Península Ibérica até a capital da Galiza, no extremo oeste do Reino da Espanha, onde acreditam encontrar-se o túmulo do Apóstolo homônimo. À noite, a Via Láctea lhes indica o rumo do santuário de Santiago. Como Saturno integra essa constelação, pode-se supor que, na narrativa 6, o Caminho de Santiago esteja sendo usado pela Via Láctea. *O homem vê as bruxas roubando pedras preciosas dos famosos anéis de Saturno, depois de tê-lo embriagado sexualmente dentro do Caminho de Santiago* (6).

candongueiro por **candongueiro** *adj. e s.m.* Diz-se de ou pessoa que faz candonga, isto é, trapaça, intriga, mexerico. *Essa*

caterva de muieres discarada, essas candonguera (5). Do banto *candong* + *-eiro*.

canguero por **cangueroiro** *adj.* Que usa ou pode suportar canga; indivíduo submisso ou subjugado. *derramando o suôri o dia intero qui nem um canguero dos otro* (5). De *canga* + *-eiro*.

cápila por **cápsula** *s.f.* Pequeno invólucro de comprimidos farmacológicos. *uma porção de cápila* (5). Do lat. *cápsula*, de *capsa* ‘caixa, cofre’ + *-ula* ‘pequena’.

capiongo *adj.* Bras. Macambúzio, tristonho, deprimido. *quatro matuto inguinorante e capiongo* (4; cf. 12). Do banto.

capueragem por **capoeiragem** *s.f.* Bras. Sistema de luta das capoeiras, isto é, jogo atlético, constituído por um sistema de ataque e defesa, de caráter individual e origem folclórica genuinamente brasileira. *pra ver qual das duas [a Lua ou a Terra] é a melhor da capueragem* (18). De *capoeira* + *-agem*.

cardear por **encordoar** *v.t.d.* Bras. Sul. Seguir um atrás de outro, na marcha, formando filas. *é pra mo’de, quando a gente fô fazê a prantação, cardeá as rama benta picada c’as otra que ficô em casa* (4). De *em-* + *cordão* + *-ar*, com desnasalação.

Caronte *s.m.* Na mitologia grega, barqueiro que transporta as sombras dos mortos para os lugares inferiores, os infernos, através do rio Aqueronte. *É bem possível que o Zeferino tenha viajado para o Báratro, na barca de Caronte* (3).

carrinhos *s.m.pl.* Bras. Dentes maxilares. *Os parentes já estavam com os aros das rodas dos carrinhos maxilares gastos pelo bate-boca* (5). De *carro* + suf. dim. *-inho*.

casalhar *v.t.d.* e *v.int.* Dar risadas; cachinar. *o som das cascalhantes gargalhadas* (6); *deboche cascalhante* (8). De *cascalho* + *-ar*; variante de *caquinar*, do lat. *cachinnare* ‘cachinar’ (José Pedro Machado).

cataplasma *s. 2 g. Farmac.* Papa medicamentosa feita de farinhas, polpas ou pó de raízes e folhas que se aplica sobre alguma parte do corpo dolorida ou inflamada. *Usavam [...] aplicações em forma de cataplasmas ou de sinapismo de seivas* (4). Do gr. *katáplasma*, pelo lat. *cataplasma* ‘emplastro’.

cataprasma por **cataplasma** *s. 2 g. Ela ’tá tratando o congote machucado com farinha de mandioca e sáli feito cataprasma* (22).

catrefa por **caterva** *s.f.* Grupo de vadios, desordeiros; malta, súcia, corja. *uma catrefa de mulheres nuas* (9). Do lat. *caterva* ‘multidão, bando, chusma’.

caturra *s.f. e adj. 2 g.* Que ou aquele que é motivo de chacota, ou é agarrado a ideias e hábitos ultrapassados, ou tem o hábito de contradizer e questionar. *SC. Pessoa ou animal sarnento, que tem parte com o diabo. andava às turras e caturras com as mulheres bruxas* (18). Origem obscura.

catuto *s.m. SC.* Cabaça de porongo usada como boia nos aparelhos de pesca; cortado ao meio, é usado como utensílio doméstico ou para tirar água nos pequenos barcos. *O catuto e o leme da canoa estavam metamorfoseados* (10). Origem desconhecida.

chamado *s.m.* Nome. *O chamado dele era Quiliano das Paca* (21).

chamadô por **chamador** *s.m.* Denominador, nome. *A Calista – chamadô da muié dele – veio e gritô* (21).

chamador *s.m.* 1. Denominador, nome. *Ele simpatizou muito com uma [moça] que usava o chamador de Maria* (19). 2. Que ou aquele que segue à frente de tropa, orientando a marcha; ponteiro. *Policarpo pôs-se de chamador na frente dos bois, enquanto que o Cipriano se pôs de gajeiro atrás do carro* (5).

changuero *s.m. Bras. Sul.* Cavalos de corridas de pouca importância; parreheiro medíocre. Do esp. platino *changuero*.

chuchar *v.t.d.* Chupar, sugar. *As vossas criança 'tão munto chuchada* (5). Da onomatopeia *chuch*, que imita a sucção.

companha por **campanha** *s.f.* Campo de grande extensão; planície. Do lat. *compánia* 'campos, planície'.

conjurar *v.t.d.* Provocar, conclamar, invocar, intentar em comum. *As bruxas conjuram o efeito psicológico da lei mágica do encanto* (6). Do lat. *coniuráre*, de *cum* + *ius* + *-are*, 'jurar junto, conspirar'.

corimbático por **curubático** *adj. SC.* Próprio de mulher feia e velha ou relativo a ela. *As bruxas costuram o barrete com a linha do mexerico sorrateiro e corimbático* (15). De *curumba*.

correama por **correame** *s.m.* Conjunto de correias. *O cavalo desencilhou espiritualmente da correama de uma carroça de puxar toras* (23). De *correia* + *-ame*.

cotoco /ô/ *adj. Bras.* Gasto, corroído, residual, coto, pitoco, curto. *enxada meio cotoca* (3). Talvez cruzamento de *coto* e *toco*.

covar por **cavar** *v.t.d.* Fazer covas. *Vamo cová terra [pra] mo' de prantá* (3).

cristéli por **cristel** *s.m.* Injeção de água ou de um líquido medicamentoso, no reto, por meio de seringa ou aparelho análogo. Lavagem, chá de bico. *pra aprindê a dá rumedo de boca abaxo, cristéli, esfregação* (6). Do gr. *klustêr* 'seringa'.

croseña por **querosene** *s.m.* Líquido resultante da destilação do petróleo. *Peguê uma garrafa de comprá croseña* (4).

croste /ó/ por **colostro** /ô/ *s.m.* Líquido amarelado secretado pelas glândulas mamárias, alguns dias antes e depois do parto, rico em anticorpos. *O leite ainda 'tá munto novo – tá em croste – e faz male pros intestino da criança* (14). Do lat. *colóstrum* 'primeiro leite dos mamíferos'.

cureca *s.f.* Peça íntima de tecido leve do vestuário masculino, a qual teria dado às personagens da narrativa aparência

de mulher velha e feia. *Sabes o que é qui os home tão usando lá na cidade, por debaxo das carça, em vez de cerola? O fio da Ludovica chama o apelido daquilo de cureca* (4). Cruzamento de *curuca* e *cuecas*.

curuba por **curumba** *s.f. Bras. Uso pejorativo.* Mulher velha e feia; *curuca. Agora, sua desavregonhada, sua mula sem cabeça, sua curuba do diabo, eu quero te vê nuazinha sem fado* (13). Do tupi ‘sarna’. Êtimo: vocábulo expressivo (Antenor Nascentes).

curupira *s.m. Bras.* Ente fantástico que, segundo a crendice popular, habita as matas e é um índio cujos pés apresentam o calcanhar para diante e os dedos para trás. *As chefes de bando não residem com suas filiadas, nem com boitatás, lobisomens, sacis, curupiras, caiporas e outros* (24). Do tupi *kuru’pir* ‘o coberto de pústulas’.

darrés *s.m.* Dez réis. *Um home jornalero tá cobrando um darrés por dia* (6). De *dez réis* > *derréis* > *darréis* > *darrés*.

demonho por **demônio** *s.m.* Cada uma das entidades sobrenaturais de natureza maléfica presentes na tradição judeu-cristã; diabo, Lúcifer. *lá nas Iia dos Açôri [...], o povo acardita qu’o demonho, adespôs de arrebanhá um bando de muieres bruxa pra mo’de pirsigui a vivença das pessoa de um lugá, ele anumeia a mági veia pra mo’de sê chefe do bando delas* (1).

dengoso /ô/ *adj.* Com dengues, afetado, requebrado; faceiro, feiticeiro; manhoso, astuto; efeminado. *num desafio espacial à estrela-d’alva meio dengosa* (18). De *dengo* + *-oso*.

derriça *s.f.* Grupo de mulheres bruxas dadas a namorar e flertar, por oposição ao das gangana, de mulheres bruxas velhas, entre os quais existem situações de inveja, disputa e conflito. *o grupo das gangana, muié veia, e o otro grupo das derriça, do namoro* (1). Regressivo de *derriçar* (*des-* + *riço* + *-ar*) ‘desemaranhar’.

descolado *adj.* Que revela desembaraço e iniciativa (diz-se de pessoa); esperto, habilidoso; serviçal. *A Leocada era mãe descolada e tinha um irmão que havia ido embora pelos aí à procura de encontrar um meio de ganhar o pão de cada dia com menos penúria* (19). De *des-* + *cola* + *-ar*.

desencilhar *v.t.d.* Retirar do animal a cilha, os arreios. *O cavalo se desencilhou espiritualmente da correama* (23). De *des-* + *en-* + *cilha* + *-ar*.

desquarado *adj.* Que perdeu a cor, descorado; pálido. *A fia anda meia desquarada* (17). De *descolar* < *des-* + *cor* + *-ar*.

empresar por **apresar** *v.t.d.* Tomar como presa, aprisionar. *ajudá a pricurá criança [pra] mo'de empresá elas inté dá a sipertura* (1). De *em-* + *presa* + *-ar*.

encarneirar *v.int. e v.pron.* Encrespar-se (o mar), formando pequenas ondas cujas cristas espumosas se assemelham a um rebanho de carneiros. *ondas bravias encarneiradas do mar* (1). De *en-* + *carneiro* + *-ar*.

enliçar *v.t.d.* Fig. Passar liço ('fio de arame') por; tecer ao tear; tramar, urdir enredar, prender, enlear. *Colocou a isca do casamento na armadilha que havia enliçado na urdideira do seu pensamento* (14). De *em-* + *liço* + *-ar*.

enredia *s.f.* Ato ou efeito de enredar; enredamento; dúvida, confusão. *Eu guardê um pudê de enredia no casco da minha cabeça* (2). Regressivo de *enrediar* por *enredear*.

ensarilhar *v.t.d.* Dispor armas em sarilho, isto é, haste com braços em cruz, que serve para apoiar armas. *Ensarilhou as armas do não aceitamento* (14).

ente por **antes** *prep.* Em tempo ou lugar anterior. *munto ente d'o povo das Iia dos Açôri vim pra cá morá* (2); *mas ente d'ela se assentá na mesa* (5). Do lat. *ante*, com *s* paragógico por influência de advérbios como *depois*, *mais*, *menos*.

entisicar *v.t.d.* Tornar tísico, isto é, padecente de tuberculose pulmonar; importunar. *As bruxa 'tavo intisicando o vosso fio* (18). De *en-* + *tísico* + *-ar*.

enxúndia *s.f.* Gordura do porco e de aves; banha, unto. *Fizero fricção na barriga da Melana com banha de enxúndia de galinha* (12). Do lat. *axúngia*, de *axis* 'eixo' + *úngia* 'unção'.

erosizar *v.t.i.* Pousar (o avião) em solo do asteroide Eros; erosissar. *Trataram imediatamente de erosizar num campo esverdeado* (8). De *Eros* + *-izar*.

erva-de-bicho *s.f.* Nome de ervas da família das poligonáceas, usadas como estimulantes, diuréticas, anti-helmínticas e no tratamento da gonorreia, hemorroida, úlcera e erisipela. *que fosse arranjar [...] folhas de pessegueiro, erva-de-bicho e um pouco de mostarda* (3).

escalar *v.t.d.* Limpar, estripar, fazer lanhos ou cortes e salgar (peixe). *peixe escalado* (6).

esguelhudo *adj.* Muito esguelhado, enviesado, oblíquo. *Sob os olhares esguelhudos do seu compadre* (3). De *esguelha* + sufixo *-udo* 'provido ou cheio de', como em *beijudo*, *barrigudo*.

espinhela /é/ *s.f.* Designação vulgar do apêndice cartilágneo do esterno; espinha. *Eu senti um calafrio que pircorreu a espinhela do meu corpo de arto a baxo* (14). De *espinha* + *-ela*.

estamo por **estômago** *s.m.* Viscera na qual se faz uma parte da digestão. *Ele sofre do estamo* (3). De *estômago* > *estâmago* > *estamgo* > *estamo*.

Estige *s.m.* Na mitologia clássica antiga, águas mágicas fluíam para o interior da Terra, formando o lago Estige, pelo qual o barqueiro Caronte transportava as almas dos mortos. Nessas regiões inferiores ou infernais (Báratro), era Hades quem imperava (e, para o Gênesis, tinha grande poder o ex-anjo Lúcifer). *É bem possível que o Zeferino tenha viajado para o Báratro, na barca de Caronte, pela lagoa Estige, comandado*

pela Abeona, na direção do rio Letes, lá nos confins infernais dos poderes quase ilimitados do gostosão ex-anjo Lúcifer (3).

estória *s.f.* Bras. Narrativa de cunho popular e tradicional, destituída do caráter científico da história. *A madame Estória [...] vive, dentro dos agudos escaninhos do intrincado pensamento humano, vidas fantásticas* (2). Do ing. *story* ‘narrativa, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir’, do anglo-francês *estorie*, do fr. *estoire* e do lat. *história*.

estrambólico *adj.* Estranho, excêntrico, bizarro. *este mundo estrambólico* (17). De *estrambótico*, substituído -t- por -l-; de *estramboto*, do it. *strambotto* + -ico.

estrapolia e **estripulia** por **estrepolia** *s.f.* Bras. Fam. Bulha, travessura, tropelia; embrulhada, desordem, conflito. *estrapolias que as mulheres bruxas sabem urdir com muita precisão diabólica* (19). De *estrepolia* com troca das vogais intermédias.

estremelico por **tremelique** *s.m.* Ato ou efeito de tremelicar, isto é, de tremer repetidamente. *A Terra sofre estremelicos vulcânicos com enjoos sambísticos e vômitos seculares* (13). Regressivo de estremelicar.

fada *s.f.* Entidade fantástica do sexo feminino à qual se atribui poder sobrenatural e influência no destino das pessoas. Do lat. *fata* ‘deusa do destino, Parca’.

fado *s.m.* Destino talhado por poder sobrenatural, ao qual não se pode fugir; vaticínio, decreto do destino; estado de encantamento, de magia. *podê da petulância do fado das bruxa* (5). Do lat. *fatum* ‘destino talhado por poder sobrenatural’.

fadólico *adj.* Relativo ao fado. *O encanto fadólico delas pra toda vida* (1). *As bruxas haviam perdido o estado fadólico* (20). De *fado* + -l- + -ico.

fadórico *adj.* Relativo ao fado, ao destino. *As bruxas perderam o estado fadórico* (11). De *fado* + *-r-* + *-ico*.

fandango *s.m.* Música, dança e canto espanhóis de origem árabe, em compasso ternário, acompanhados de guitarra ibérica, castanholas e sapateada. *Ele viu, dentro de sua tarrafa, uma caterva de mulheres nuas, dançando fandango bruxólico* (5). Do esp. *fandango*.

fandanguear *v.int.* Dançar o fandango; fandangar. *as coisas que fandangavam, cachimbavam, uivavam, latiam, lancinavam, gargalhavam* (17). De *fandango* + *-ear*.

fantasmagórico *adj.* Referente a fantasmagoria ou a fantasma; que não tem realidade, que é ilusório, imaginário. *Vieram para este mundo fantasmagórico da bruxaria* (10). De *fantasmagoria* + *-ico*.

fáripa por **farpa** *s.f.* Pequena lasca de madeira que, por acidente, se introduz na pele ou na carne de homem ou animal. *pra mo' de penteá os cabelo da cabeça, que intê parece fáripa* (12). Regressivo de *farpar*.

farpela *s.f.* Roupa gasta, farrapo; barbela. *Fig. Prostituta, meretriz. De tanto se mitê c'aquelas farpela do mundo das sem-vregonha, acabô ficando sem-vregonha tombém* (21). De *farpa* + *suf. dim. -ela*.

farromero por **farromeiro** *adj. e s.m.* Bras. Sul. Fanfarrão, bravateiro. *Sonhá c'as primessa capenga qu'aqueles farromero vinhero fazê aqui no nosso lugári* (1). De *farroma* 'fanfarrice, bazófia' + *-eiro*.

fato *s.m.* Bras. Intestinos de qualquer animal. *home magro qui nem pau de virá tripa de fato de boi* (22). Origem controversa.

ficto *adj.* Fictício, fingido, irreal, imaginário. *seus quentes ministros espaciais fictos* (8). Do lat. *fictus* 'fingido'.

figo por **fígado** *s.m.* Glândula volumosa anexa ao tubo digestivo que realiza sínteses e transformações de diversas substâncias, como a bile. *As mulheres bruxas sabe que fumá fagi mal pros figo* (2). Do lat. (*jécur*) *ficatum* ‘fígado de ave farto de figos’.

fralda *s.f.* A parte inferior da camisa e, por extensão, de qualquer peça do vestuário feminino ou masculino. *Pediu que os pescadores dessem um nó na fralda das camisas* (10). De *faldra*, e esta de *falda* ‘dobra’.

fretenir *v. int.* Estridular, cantar (a cigarra). *As cigarras oferecem concertos musicais, com seus hinos divinais, extraídos de seus fretenires naturais* (14). Do lat. *fritinnire* ‘gorgear, chilrear’.

gaiuta *s.f.* Armação metálica ou de madeira, geralmente em forma de telhado, envidraçada, com que se cobrem as escotilhas destinadas à entrada de ar e luz para o interior da embarcação. *Colocou uma tramela na porta da gaiuta da lancha* (9). Do fr. *cahute*.

gajeiro *s.m.* Pessoa que, caminhando atrás do carro de bois, tange-os com uma vara. *se pôs de gajeiro atrás do carro* (17). Talvez do it. *gaggio* ‘gávea, verga’ + *-eiro*.

galego *adj.* e *s.m.* Relativo à Galiza e a quem nela nasceu ou à língua românica nela falada, gêmea do Português. *Bras.* Indivíduo nascido em Portugal, especialmente o de mais baixo nível cultural. Grosseiro, rude. *no sítio, longe do turbilhão tenebroso da cidade e chamado de nomes galegos, o pessoal, nos domingos, costuma sentar-se nos bancos e nos portais da casa da venda, em cuja reunião se fala de roça, pescaria, moças fugidas* (21).

gangana *s.f.* *Bras.* Grupo das mulheres bruxas velhas, por oposição ao das derriça, dado ao namoro, entre os quais existem situações de inveja, disputa e conflito. *o grupo das*

gangana, muié veia, e o otro grupo das derriça, do namoro (1).
Do quimbundo *ngana* ‘senhora’, com reduplicação.

garanhão *s.m.* Cavallo destinado à reprodução. *O garanhão estava equipado com asas que mediam a envergadura mais de sete metros por banda* (23). Origem controversa.

garrar por **agarrar** *v.* 1. Começar a, meter-se a, entregar-se a; insistir em. *garrou pra pensar na moça* (14); *os dôs inocente garraro num berrero tão arto que dava memo dó de se osvi* (5).
2. Pegar, agarrar. *garrê aquilo tudo* (14). De *a-* + *garra* + *-ar*.

gatiado por **gateado** *adj. Bras.* Diz-se do cavallo de pelo amarelo-avermelhado e/ou de olhos amarelo-esverdeados, como os de gato. *uma pareia de cavallo gatiado* (4). De *gato* + *-ado*.

gervão *s.m. Bras.* Designação comum às lagartas de insetos lepidópteros de corpo desprovido de cerdas urticantes. Mandorová. *As furmiga-carregadera, cafanhoto, gervão e otros mági* (4). Do gr. pelo lat. *hierabótane* ‘verbena, gervão’.

gineta /ê/ *s.f.* Mulher que monta cavallo de corridas; forma popular do feminino de *ginete*. *Tu vás reconhecê [...] que toda a tua duença era emanada do que ela praticava como gineta farrista, muntada im riba do teu lombo junto c’os otro homem, inquanto tu eras o cavallo de montaria deles* (21).

ginga *s.f.* Movimento; balanço. *Foi Deus quem fêgi a Terra carregada de ginga cá embaxo dele* (3). Regressivo de *gingar*.

gola *s.f.* Parte da roupa que cinge o pesçoço. **Dar a gola** *SC.* Enganar, trair (no namoro ou casamento). *Policarpo tinha dado uma gola na bruxa* (17). *Devido à gola dada por ele, ela procurou vingar-se* (17).

grelar *v.t.d. Bras.* Olhar com atenção; fitar, observar; espiar; observar; namorar. *uma trempe formada por três velhas de olho grelado no comportamento das filhas* (15).

guinilha *s.m.* Bras. Cavalo de marcha miúda e sacudida. *Montou num guinilha e partiu* (6).

hematófago *adj.* Que se alimenta de sangue; que suga sangue. *Vida hematófaga* (6). Do gr. *hemato-* ‘de sangue’ + *-fago* ‘comer’.

hexáptero *adj.* De seis asas. *Enviaram seus secretários particulares, os hexápteros, ao Caminho de Santiago* (8). Do grego *hexa* ‘seis’ + *pterón* ‘asa’.

hidroprotocarbono *s.m.* Composto químico formado de *hidro* ‘água’ + *proto* ‘primeiro, primitivo’ + *carbono*. *Gostam de colocar a vida dos entes hidroprotocarbonados acima das nuvens enrugadas da poeira humana* (3).

hipóptero *adj.* Diz-se de cavalo alado. *As bruxas transformam os cavalos em monstros hipópteros* (6). Do gr. *hípos* ‘cavalo’ + *pterón* ‘asa’.

hora do Ángelus *loc.s.* Denominação dada pelos católicos às horas 6, 12 e 18, que, desde o século XV, foi acompanhada por toque do sino, donde o nome alternativo *Hora do Toque das Ave-Marias*. Essa devoção lembra-lhes o momento da anunciação, feita pelo anjo Gabriel a Maria, da concepção de Jesus Cristo, acreditada como livre do pecado original. O nome deriva do relato bíblico (Lucas, 1:26) – *Ángelus Dómini nuntiávit Maríæ* – que é intercalado pela prece da Ave Maria e seguido de súplicas.

incesto *s.m.* Relação sexual entre parentes, por **excerto** *s.m.* Fragmento, extrato, trecho de texto. *A credence popular é uma riqueza espantosa, que estamos desperdiçando pra bons incestos de prosa* (24). Do lat. *excerptum* ‘extraído, separado’.

infando *adj.* Indigno de se dizer; abominável; horrível; cruel; nefando. *infando império do mal* (14). Do lat. *in-* + *fandus*, de *fari* ‘falar’.

inferneiro *adj.* Infernal; demoníaco, diabólico. *pra prestarem obediência ao seu chefe inferneiro, o foguista, fegoso e gostoso ex-anjo Lúcifer* (2). De *inferno* + *-eiro*.

infremado por **enfermado** *particípio* de *enfermar*, tornar(-se) doente; fazer ficar ou cair doente. *s.m.* Enfermo. *ele iria encontrá as bruxa em traje de galinha, beliscando o infremado* (22). Do lat. *in-* + *firmitus* ‘enfraquecido’.

in loco *loc. adv. lat.* No (próprio) lugar. De *in* ‘em’ + *locus* ‘lugar’.

intendente *s.* 2 g. Pessoa que dirige ou administra alguma coisa; representante do poder executivo municipal numa vila ou distrito. *Esses dotore de falação da Vila Capitáli às vez varo por aqui à pricura de voto de enleção, com intendente Fridulino* (14).

intisicar por **entisicar** *v.t.d.* Fazer ficar ou ficar tísico, fraco, magro. *bruxa que ’tavo intisicando o vosso fio* (22). De *en-* + *tísico* + *-ar*.

invitá por **evitar** *v.t.d.* Impedir. *Pra invitá qu’o gervão entrasse na roça [...] a gente cavava valas em vorta da roça* (4). Do lat. *evitare* ‘esquivar, tornar-se’.

inzonero por **inzoneiro** *adj.* *Bras. Pop.* Mexeriqueiro, intrigante, mentiroso; sonso, manhoso. *Veia inzonera* (5). De *inzona* ‘embuste, intriga’ + *-eiro*.

ir aos pés *loc. Bras.* Ir satisfazer às necessidades fisiológicas (outrora no quintal, ocultado pelos pés de fruteiras). *Tinha ido aos pés pra mo’de satisfazer suas necessidades fisiológicas atrás de uns pés de fedegoso brabo* (23); *c’as vergonha de ir aos pés no mato* (14).

isgreja por **igreja** *s.f.* Templo cristão; conjunto dos fiéis. *pra mo’de o padre binzê as rama lá na isgreja?* (4); *fêgi um pudê de primessa pro santo das isgreja* (5). (Ver p. 13)

jacá *s.m.* Bras. Cesto trançado de taquara ou cipó usado no transporte de cargas, sobretudo preso ao lombo de animais. *Encontrei balaios, samburás, tipitins, jacás, serões* (23). Do tupi *aya'ka* 'cesto feito de taquara'.

junsante por **jusante** *s.f.* Vazante da maré, baixa-mar por oposição a *montante*. *Aguardava a junsante da maré* (2). Do fr. *jusant* 'maré baixa'.

lanhadura *s.f.* Ato ou efeito de lanhar, isto é, de dar golpes ou cortes em; ferimento; maus-tratos. *Eu ia mandá dá uma boa surra em cada uma de vancês, pr'adespôs passá sáli de cozinha por riba das lanhadura* (20). De *lanha* + *-d-* + *-ura*.

lenga-lenga *s.f.* Conversa, narrativa ou peça de oratória enfadonha e monótona. *Após ter escutado a lenga-lenga entre o Damião e o Pé de Marreco, interveio na discussão* (10). Vocábulo expressivo.

lépido *adj.* Gracioso, jovial; ligeiro, ágil. *Correu lépido* (15). Do lat. *lépidus* 'gracioso, ágil'.

Letes *s.m.* Na mitologia grega, um dos cinco rios da região dos mortos, nas profundezas da Terra, nos infernos. As almas, bebendo de suas águas, se esqueciam das vidas pregressas. *Na direção do rio Letes* (3).

Libitina *s.f.* Na mitologia latina, deusa dos mortos e dos funerais ou a própria morte. *Ela mandou a Libitina servir-lhe a taça do despejo com o néctar da morte* (3). Do lat. *Libitina*, de *libet* 'apraz'.

liço *s.m.* Cada um dos fios de arame suspensos entre dois liçaróis do tear, por onde passam os fios da tecelagem. *os liços do tear cerebrino* (14). Do lat. *lícium* 'liço, fio'.

limbo *s.m.* Conceito que, na antiga tradição católica, exprimia o estado das almas que, não tendo cometido pecado mortal, estariam na periferia (não na presença) de Deus, por não

terem sido remidas do pecado original pelo sacramento do batismo. *na presença dos enfermero purgatoriano ou limboriano* (3). Do lat. *limbum* 'orla, borda, periferia'.

limboriano *adj.* Referente ao limbo.

loprano por **aeroplano** *s.m.* Avião pequeno. *apareceu um apareio voadô chamado loprano, guiado por dôs home* (4). Do fr. *aéroplane* 'planador aéreo'.

Luciféli por **Lúcifer** *s.m.* Segundo a bíblia vulgata (Ezequiel, 28), nome dado ao anjo portador de luz que se rebelou contra Deus e, com isso, se transformou em diabo, termo grego que significa divisor. *As fiada presto juramento pra veia bruxa que ganha o mando na inleção e vai guardá obediência fiéli pro so chefe Luciféli* (1); *O garotão anjo Lúcifer comprou ingresso* (15). Do lat. *lux, lucis* 'luz' + *ferre* 'levar, trazer, produzir'.

lunanco *adj. Bras.* Que tem o quadril desarticulado e, em consequência, apresenta depressão na lateral da anca (diz-se de animal). *um cavalo lunanco* (21). Do esp. *lunanco*.

macota *s.m. Bras.* Homem que possui influência e prestígio, de ordem política ou econômica, em uma região. *um home que era o macota do lugári* (21). Do quimbundo *ma'kota* 'o maioral'.

madame *s.f.* Mulher adulta, casada ou solteira; dama, senhora. Do fr. *madame* 'minha dama', do lat. *mea dômina*.

mafarrico *s.m.* Fazedor do mal; diabo, demônio; indivíduo sem caráter; canalha, patife. *Inté parece cosa mandada pelo mafarrico, [pra] mo'de judiá c'a gente daqui* (1); *Carro que anda sem boi só pode sê empurrado pelo mafarrico* (1). Origem obscura.

mági por **mas** *conj. adversativa.* Porém. *Elas não trabaio, mági veve botando pitafe nas cosa dos outro* (4). Do advérbio lat. *magis* 'mais'.

maiado por **malhado** *adj.* Que tem malhas ou manchas; manchado, pintado. *Vim inté aqui foi só pra mo' de vê se trocava a vaca maiada da minha muié por uma otra que 'teje dando leite* (14). De *malha* + *-ado*, do lat. *mácula* 'mancha'.

malacara *adj.* e s. 2 g. *Bras.* Que ou o que apresenta listras ou malhas brancas na cara ou testa branca (diz-se de gado equino). *Cavalo malacara* (4). Talvez do esp. *malacara* 'cara má'.

malineza *s.f.* Maldade. *já traz a sina e a malineza no sangue, pra sê bruxa* (2). De *malino* < lat. *malignus* + *-eza*.

malino por **maligno** *adj.* Relativo à *malineza*, isto é, à maldade. *s.m.* Diabo. *O viço é a provocação que vem do reino do malino* (2). Do lat. *malignus* 'de má índole'.

manar por **emanar** *v.t.i.* Proceder de, ter origem em. *As muié feticera arreceito rumedo de tudo quonto é culidade de erva que curo as duença manada lá de riba do arto* (2). Do lat. *emanare* 'fluir de; proceder de'.

mandraca *s.f. Bras.* Intervenção ou trabalho de bruxo; bruxaria, feitiçaria, mandinga, feitiço. *Isso não é cosa dessa Terra não, sinhôri. Isso é mandraca* (1). Origem obscura.

mandraga por **mandraca** *s.f. Bras.* Bruxaria. *baterias exorcistas, justamente as que dão o tiro mais certo no alvo das mandragas* (15). Origem controversa.

manzela por **mazela** *s.f.* Falha moral, mácula na reputação; estigma, labéu. *A gente pricura sondá as manzela e todas as mais cosas da vida da moça* (14). Do lat. vulgar *macella* por *mácula*, 'mancha'.

maranduba *s.f. Bras.* Narrativa fantasiosa, inverossímil; mentira, patranha. *Os miolo da minha cabeça 'tão quas'estorando de tanta maranduba* (1). Do tupi *mora'nduwa* 'notícia, novidade', p.ext., 'enredo, intriga'.

marosca /ô/ s.f. Manobra ardilosa; trapaça, tramaioia. *Tosca marosca* (3). Origem obscura.

mata-bicho s.m. *Pop.* Bebida alcoólica, principalmente cachaça. *Montar bate-papos alimentados a mata-bicho* (23).

Matárius s.m. Suposto nome do lugar do Egito onde a família de Jesus se teria refugiado para fugir à sanha do rei Herodes (Mateus, 2:13). Se o topônimo tem fundamento histórico-geográfico, poderia relacionar-se à localidade que hoje se chama *Ras Matarma*, junto à foz do Nilo. *A Virgem Maria, tendo fugido para dentro dos sertões inóspitos do Egito [...] recolheu-se a um lugarejo por muitos anos conhecido por Matárius* (2).

matutá por **matutar** v.t.d. Meditar, ruminar, cismar. *matutá o assunto* (4). De *matuto* ‘caipira, roceiro’ + -ar.

megeira s.f. Mulher de temperamento furioso, raivoso, rancoroso, cobiçoso e ciumento, perverso, desnaturado, vingativo; mulher que faz bruxarias, feiticeira. *As megeiras estavam preparando uma cilada para derrotá-lo* (17). Adj. Próprio de megeira. *bruxa megeira e suja* (12). Do gr. *Mégaira* pelo lat. *Megaera*.

merinó s.m. *Bras.* Tecido feito com lã de merinos, isto é, de uma raça de carneiros de lã muito fina. *Vestiu uma saia de merinó* (13). Do esp. *merino*.

mesura s.f. Careta; gesto de cortesia, cumprimento, reverência. *Fez umas medidas com uns galhos de alecrim molhado em água benta sobre o corpo esquelético da criança* (6). Do lat. *mensura* ‘medida’.

mindinho adj. Dedo mínimo. *As bruxa chupo as galinha no dedo mindinho* (4). Talvez de *miudinho*.

Miramar s.m. Em Florianópolis, nome de um trapiche com um pavilhão anexo, junto à Praça XV de Novembro, projetado

em 1925, inaugurado em 28/09/1928 e demolido em 24/10/1974, com entrada de 20 m no mar, usado para embarque e desembarque de passageiros do trajeto ilha-continente. Ele e a Ponte Hercílio Luz foram percebidos como símbolos de modernidade da capital. Do lat. *míror* ‘admirar’ + *mare* ‘mar’.

mirífico *adj.* Maravilhoso, fantástico. *A crença popular investe de poderes espirituais e ilusórios essas vidas miríficas extraterrenas* (8). Do lat. *miríficu* ‘que faz admirar’.

misaravo e miserave por **miserável** *adj.* Desgraçado, infeliz. *com o misaravo anjo Luciféli* (2). Do lat. *miserábilis* ‘digno de compaixão’.

misura por **mesura** *s.f.* *Veve xingando elas de um pudê de muntas otras misura* (4).

miudar por **amiudar** *v.int.* Cantar (o galo) mais amiúde, à medida que vem rompendo o dia. *Os galo começaram a miudá* (5). De *amiúde* ‘a miúdo’, do lat. *minutum* ‘diminuído’ + *-ar*.

mo’ por **modo** **1. A mo’de que** *loc. conj. integrante.* Que. [*Penso*] *a mo’de que ele se chama porçobejo* (5). **2. (Pra) mo’de** *loc. conj. final.* A fim de, para. *ajudá a pricurá criança mo’de empresá elas inté dá a sipertura* (1); *Estava sentado debaixo de um ipê, fazendo uma gaiola de cana-do-reino “pra mo’de vendê pro Chico da Venda”* (5). **3. Pro mo’ de que** *loc. conj. causal.* Porque. *Ele vai arreceitá rumedo de butica pro mo’de que ele não tem cunhecimento desta duença* (11); *É uma urdidura muito difícil de disenlear pro mo’de que se trata de um caso de bruxa espiritual muito ativa* (13). **4. Pro mo’de** *loc. prep.* Por causa de. *castigá ela cá embaxo pro mo’da disobidiença* (12); *as cosa que ’tavo se passando pra mo’de a táli nutiça das binzidura dos padre* (4); *Cumecê a senti a quebra do encanto pro mo’de as praga deles* (14). **5. Pra mo’de** *loc. prep.* Para. *Dá inté pra mo’de mitê medo no home mági corajoso que inzeste* (4); *’Tô com um eito*

de mandioca nova pra mo' de capiná sem farta (6). Resultado de metaplasmo por simplificação (haplogogia) na locução *modo de*.

mondronga por **mondonga** *s.m.* Mulher que lava os mondongos (tripa) ou de aparência suja. *S'apaxonô por ela e levô a mondronga pra casa pra mo' de servi de muié dele*. (21).

monjolo /ô/ *s.m.* Engenho rudimentar, acionado à água, usado para pilar milho e descascar café. *Deolindo possuía [...] até um monjolo pra mo' de moer milho* (1). Do quimbundo *mansilu* > *mansulo* 'espécie de almofariz'.

morcilha *s.f.* Morcela, chouriço. *Ganhava uma morcilha* (19); *Sempre ganhava uma morcilha* (19). Do esp. *morcilla* 'tripa de porco, carneiro ou outro animal recheada com sangue condimentado'.

mortalha *s.f.* Pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de pessoa que será sepultada; pequena tira de papel ou de palha em que se embrulha o fumo do cigarro. *Gostava muito de fumar cigarros papa-terra feitos com fumo forte e envolto numa mortalha da palha de espiga de milho bem alisada* (20). Do lat. *mortuália* 'invólucro de um morto'.

mula sem cabeça *s.f.* Bras. Conforme credice popular, concubina de padre, que, metamorfoseada em mula, sai, certas noites, cumprindo o seu fadário, a correr desabaladamente, ao fúnebre tilintar de cadeias que arrasta, amedrontando os supersticiosos. *O sinhôri, mági o vosso fio, tivero munta sorte de tê se escapado das unhas daquelas piranha mula sem cabeça do tinhoso* (2); *Muié de padre é mula sem cabeça* (14).

nubívago *adj.* Que vive ou vaga nas nuvens ou por entre elas; nefelibata. *vida nubívaga* (6). Do lat. *nubívagus*.

Noelo por **Noé** *s.m.* Herói bíblico que, por ser justo, se salvou do dilúvio mediante edificação de uma arca (Gênesis, 6:14-22). *Pra mo' de castigá os home mau, o Nosso Sinhôri mandô o Noelo*

fazê uma barca munto grande e enchê ela c'os animáli e pranta da Terra (1); Já osviu falá na táli barca de Noelo que encaiô im riba dum morro, lá na otra banda da Terra? (1). Do lat. Nôemus.

nuéli por **nuelo** *adj.* Implume; recém-nascido; nu em pelo; diz-se de ave recém-nascida. *bem moiadinho qui nem pinto nuéli (14).* De *nu* + *-elo*, do lat. *nudellus* 'nuzinho'.

osvido por **ouvido** *s.m.* *Osvi pelos buraco adentro destes dôs osvido qu'a terra há de cumê (1); tistimunha de osvido (1).* Talvez da locução nominal *os ouvidos* > *osvidos*. (Ver *isgreja*, p. 13)

osvir por **ouvir** *v.t.d.* Escutar. *Isso tudo qu'ô tô le contando osvi pelos buraco adentro destes dôs osvido (1).* (Ver *osvido* e *isgreja*)

oxa /ô/ por **poxa** ou **puxa** *interj.* *Bras. Pop.* Traduz alegria, espanto, surpresa, impaciência, desapontamento, zanga etc. *Que veia farsa, aquela minha tia, oxa homes de Deus! (10).* Do subst. *puta*, tomada de empréstimo ao esp. *pucha* 'eufemismo por *puta*'.

paióli por **paiol** *s.m.* Despensa, armário ou caixa em que a família guarda as provisões alimentares para uso doméstico. *Lembrô-se de uma veia bengala que 'tava im riba do paióli da farinha pra mo' de dá umas lambada por riba das costa delas (22).*

pajelança *s.f.* Conjunto de ações realizadas por um pajé; bruxaria; benzedura; arte de curar. *A velha resolveu parar com a pajelança (20).* De *pajé*.

palamenta *s.f.* Conjunto de objetos pertencentes ao aparelho e serviço de embarcação miúda, tais como remos, mastros, velas, croque etc. *jogando ao mar toda a palamenta de pesca que estava na canoa (11).* Do it. *palamento* 'conjunto de remos de uma embarcação', derivdo de *pala* 'pá'.

pamparra *s.f.* e *adj.* 2 g. *Bras.* Excelente; grande; gostoso, apetitoso; suculento. **Às pamparras** *Bras. Gír.* Em grande quantidade ou intensidade. *Não gostava de ouvir falar nas*

proezas que as mulheres bruxas esparramam por aí pelas comunidades, às pamparras (15).

pampero por **pampeiro** *s.m.* Vento forte originário dos pampas da Argentina, que alcança o Rio Grande do Sul. *chamá um pampero de vento súli (14).*

pão por Deus *loc.s.m.* Pedido, escrito dentro do desenho ou da moldura de um coração humano, de um donativo (comida, roupas, correspondência amorosa etc.), por amor a Deus, feito por alguém a outra pessoa, segundo costume registrado em Portugal, continental e açoriano, e que ainda subsiste nos açoriano-catarinenses nativos. *A tia sabia fazer coração de pão por Deus muito bem feito (19).*

papa-terra *adj.* Diz-se daquele cigarro cujo fumo é picado e envolto em palha de milho, a qual se chama mortalha. *Gostava muito de fumar cigarros papa-terra feitos com fumo forte, picado a facão, esfarelado entre os dedos e envolto numa mortalha da palha de espiga de milho bem alisada (20).*

pedilúvio *s.m.* Banho dos pés com fins terapêuticos. *Deu-lhes um pedilúvio com água (3).* Do latim *pés, pedis* ‘pé’ + *-lúvium*, de *lúere* ‘banhar, lavar’.

persignar *v.pron.* Benzer-se, fazendo, com o dedo polegar, três sinais em cruz (na testa, boca e peito). *Persignou-se quando terminou o trabalho espiritual (10).* Do lat. *per-* + *signáre* ‘registrar’.

peteleca por **petéquia** *s.f.* Pequena mancha. *Arreparô as peteleca na cara delas? (5); A binzidera arreparô bem as peteleca que ’tavo por riba das pele dos corpo deles (5).*

petéquia *s.f.* Cada uma das pequenas manchas vermelhas ou purpúreas, que evoluem para azuis ou amarelas, não salientes, que surgem na pele ou em membranas mucosas, devido às hemorragias intradérmicas ou submucosas. *faces*

crivadas de autênticas petéquias ilhoas fadóricas (3). Do it. *petecchia*, do lat. *impertigo*.

pé trocado *loc.adj.* Diz-se de uma espécie de (tecido) riscado cujas listras, uma larga e outra estreita, se sucedem aos pares. *apanhou uma calça de riscado pé trocado* (4).

pialo por **pealo** *s.m.* Bras. Laço que se atira ao cavalo ou a outro animal, quando vai em disparada; pealação. **Num pialo** Num galope, em pouco tempo, num zás-trás. “*Num pialo*”, *os pais viram a criancinha definhar-se* (6). Do esp. platino *peal*.

pila por **pílula** *s.f.* Pastilhas de substâncias medicamentosas. *O farmacêutico examinou a criança e arreceitou umas pila branca redonda* (18). Do lat. *pílula* ‘pequeno corpo redondo’, dim. de *pila* ‘bola’.

pilão *s.m.* Nome comum a várias ferramentas utilizadas para bater, triturar, calcar, em especial a usada para triturar cereais. *Pilão de chumbar café* (23). Talvez do fr. *pilon* ‘descascador, moedor’.

pilão de malandro *loc.s.m.* Tronco de madeira de uns dois metros, do qual uma das extremidades contém uma cava transversal, para socar grãos, e a outra é usada para o socador ficar sentado enquanto soca. *Dedela mascava rapé feito com folhas de fumo-brabo, torrado na frigideira de torrar café e pilado num pilão de malandro* (11).

pindocar, pinducar e pindungar por **pindongar** *v.int.* Tagarelar, fofocar, fuxicar, papaguear. *Eles são uns farsante que ando aí pinducando* (4). *Uma muié que não viva pindungando na casa dos vizinho* (19). *V.t.d.* *As muié fico pindongando mixirio nas rua* (5). De *pindonga* + *-ar*. Cf. *pingar* e *pinponguear*.

pinguéli por **pinguela** *s.f.* Espécie de ponte tosca feita de paus. *A velha morava lá perto do pinguéli do morro do caminho que vai para a Praia Braba* (4). Cf. *pinguelo*, SC, ‘pau, pênis’.

pitafe por **epitáfio** *s.m.* Qualificação pejorativa, defeito, vício. *Veve botando pitafe nas cosa dos otro* (4); *todos os pitafe salvage que a bruxa carregava cunsigo* (20). Do lat. *epitáphyum* ‘inscrição tumular’, do gr. *epitáphyon*.

piteira *s.f.* Planta da família das agaviáceas; gravatá-açu; aguardente de figo. *A benzedeira preparou uma barrela com folhas de trombeta, piteira e cinzas de borrarho para clarear a roupa lavada* (18). De *pita* + *-eira*.

pitiúme por **pitiú** ou **pitium** *s.m.* *Bras.* Cheiro forte, característico do peixe, de maresia. *As moça têm pitiúme de massa azeda* (4). Origem incerta.

pôgi por **pois** *conj.* Porque. *Troquê três santo de quadro – pôgi santo num se compra, a gente tem que trocá ele pelo dinheiro* (15). Do lat. *post* ‘depois’.

polaina *s.f.* Peças do vestuário que recobrem a parte inferior das pernas e a parte superior dos pés e que têm a finalidade de protegê-las. *sapato buziguim vistido com polaina* (14). Do fr. *polaine*.

pombeiro *s.m.* *Bras.* Vendedor ambulante de pombos, galinhas etc. *arrumava sua vida trabalhando de pombeiro* (15).

pomberá por **pombeirar** *v.int.* *Bras.* Trabalhar como pombeiro. *V.t.d.* Observar às ocultas, espionar, espreitar. *arresorvi largá a mão da lavora e saí pel’ái a pomberá* (4). De *pombeiro* + *-ar*.

puê por **poder** *s.m.* Grande quantidade; grande número. *As muiê feticera [...] faze um puê de bem* (2); *fazê casa de tijolo pra um puê de gente daqui* (1). Do lat. *potére*.

quas’ por **quase** *adv.* Pouco menos. *os miolo da minha cabeça tão quas’estorando de tanta maranduba* (1). Do lat. *quasi* ‘como se’.

que nem *loc.conj.* Como, à maneira de. *derramando o suôri o dia intero qui nem um canguero dos otro* (5).

quiméria *s.f.* Universo imaginário das quimeras, isto é, monstros mitológicos com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. *Desapareceu no espaço sideral das alturas incomensuráveis da quiméria* (7). Talvez de *quimera* + *-ia*, por influência de topônimos como *Libéria* e *Sibéria*.

quizília variante de **quizila** ou **quezila** *s.f.* Encrenca, aborrecimento. *O velho foi o pivô vivo de todas aquelas quizílias, que tanto entristeceram o povo* (23). Repugnância; antipatia, rejeição. *Ele tem munta quizila das muires que viero pra mo' de sê bruxa* (15). Do quimbundo *kijila* 'preceito'.

rasga-mortaia por **rasga-mortalha** *s.f.* *Bras.* Narceja; espécie de coruja; ave da família dos escolopácideos. *O rasga-mortaia passô por riba do teiado da minha casa* (6); *A presença de grandes morcegos voando [...] em rasgos de rasga-mortalha* (3).

remolho /ô/ *s.m. Informal.* Doença que obriga a ficar de cama. *Zeferino [desmaiado e sem fala] se encontrava esticado em riba de uma esteira, bem de remolho* (3).

resta por **réstia** *s.f.* Espécie de corda ou trançado formado por hastes, palhas etc. *Coieu uma resta que pesô sete quilos* (4). Do lat. *restis* 'corda, rama'.

restingão *s.m. Bras.* Caminho extenso e orlado de matas. *ganhou o restingão na direção da Praia Comprida* (14). De *restinga* + *-ão*.

riba *s.f. Pop.* Margem alta de rio, ribanceira. **1. Im riba de loc.prep.** Em cima de. **2. Por riba de loc.prep.** Por cima de. Do lat. *ripa* 'margem, ribeira'.

rusga *s.f.* Polêmica; questão, confusão; pequena briga entre duas pessoas. *presença viva das rusgas que ele sempre manteve ativa contra os poderes das leis quiméricas* (15). Origem obscura.

sabino *adj.* Diz-se de equídeo de pelo branco mesclado de vermelho e preto. *Montou seu cavalo Sabino* (14). Do esp. platino *sabino*.

sabujo *s.m.* Cão de caça grossa. *Fig.* Homem servil, bajulador, tanso. *Se eu achá que o meu fio é parecido com aquele sabujo, cara de boi sonso, eu darê um jeito pra mo' de sumi ele* (14). Do baixo lat. *segúsiu*.

saci-pererê *s.m.* *Bras.* Uma das mais populares entidades fantásticas do Brasil, negrinho de uma só perna, com cachimbo e barrete vermelho (fonte, este último, de seus poderes mágicos), e que, consoante a crença popular, persegue os viajantes ou lhes arma ciladas pelo caminho. *uma mulher monstruosa com uma vassoura atravessada na cabeça, montada em riba de um saci-pererê* (23). Do tupi.

saludar *v.t.d.* Orar em favor de alguém; exorcizar; benzer. *Lá de sua casa, a benzedera saludô a criança* (22). *A oração que sinhá Chica havia saludado* (18). Do esp. *saludar*, do lat. *salutare*.

samburá *s.m.* Cesto feito de cipó ou de taquara. *Encontrei balaios, samburás, tipitins* (23). Do tupi *samburá* 'espécie de cesto'.

samoco por **samouco** *adj.* Diz-se de pessoa que disfarça o mal que faz, que não fala por estar amuada; carrancuda; circunspecta. *A veia se enleia bem num xale grande, que chega intê a cubri os oio da cara, de tão maliçosa e samoca que é pros seus simiiante* (22).

santarrar *v.pron.* Fingir santidade. *Santarrrou-se e coroou com um Creio em Deus Pai rezado de trás pra frente* (10). De *santarrão* 'depreciativo de santo' + *-ar*.

Santiago por **São Tiago** *s.m.* Forma portuguesa de Jacó, um dos 12 apóstolos, chamado Maior, irmão de São João (Mateus, 4:21), que se supõe ter pregado na Espanha e que foi martirizado sob Herodes Agripa I (Atos, 12:2). *depois de tê-lo embriagado sexualmente dentro do Caminho de Santiago* (6).

Satanás *s.m.* Na bíblia ocorre no sentido de: adversário, acusador, anjo decaído, príncipe dos ímpios, tentador, malfeitor, embusteiro, sedutor; busca a escravidão, o pecado e a morte.

Hai dôs partido no mundo pros home escoliê: o do bem, que é de Deus, e o do máli, que é do Satanás (2). Do hebr. satã, pelo lat. sátanas.

Satoa *s.f. Neol.* Forma feminina de *satã* ‘diabo, demônio’, talvez a exemplo de *pavão – pavoá. O rei Satã e a rainha Satoa (24).*

selenita *adj.* 2 g. Relativo ou pertencente à Lua. *Areia selenita (6).* Do gr. *selenítes* ‘relativo à Lua’.

serão por **selão** *s.m.* Balaio de cipó e bambu, usado, aos pares, para transportar cargas em cavalos. *Cargueiros equipados com serões tecidos de taquaruçu (16).* De *selão*, de *sela* + *-ão* ‘sela grande’.

sestroso *adj.* Que tem sestros; manhoso, ranhoso; esperto, vivo, sagaz. *A Lua já vinha se libertando de trás da curvatura da Terra, bancando a sestrosa (18).* De *sestro* + *-oso*.

signo de salomão *s.m.* Símbolo em forma de estrela formada por dois triângulos sobrepostos, iguais, tendo um a ponta para cima e outro para baixo, utilizado pelo judaísmo e por seus adeptos; signo ou selo de salomão; signo-salomão, estrela de davi. *Traçou nas areias da praia, com uma faca de ponta aguda, uma cruz do signo de salomão (10).*

silvado *s.m.* Moita ou tapume de silvas ou de outras plantas congêneres. *por riba do silvado (19).*

simpático *adj.* Diz-se da parte do sistema nervoso vegetativo que põe o corpo em estado de alerta e o prepara para a ação. *atuação da vontade inspiradora do vago simpático (17).* De *simpatia* + *-ico*, pelo fr. *sympathique*.

sinapismo *s.m.* Cataplasma de mostarda, farinha e vinagre; emplastro. *Usavam, e ainda usam, aplicações em forma de cataplasmas ou de sinapismo de seivas (4).* Do gr. *sinapismós* ‘aplicação de sinapismos’, pelo lat. *sinapismus* ‘mostarda’.

sino-saimão equivalente a **signo-saimão, signo-salomão, signo de salomão** *s.m.* Estrela de davi, isto é, estrela de seis pontas. *Jurô de pé cruzado, discaço, im riba da cruz de sino-saimão* (1).

soca /ó/ *s.f.* Bras. Espiga de milho. *Os pés de miiio dero de sete soca pra riba* (4). Do tupi ‘renovo, pimpolho’.

sorongo *adj.* Bras. Tolo; atônito, tonto. *Tô ficando meio sorongo da cabeça* (1). Origem controversa; talvez do esp. *zorongo*.

sortilejo por **sortilégio** *s.m.* Ato de magia praticado por feiticeiro; feitiço, malefício, bruxaria. *Eu já cortê o sortilejo dessas farsante discarada mula sem cabeça* (5). Do lat. *sortilégium* ‘adivinhação’.

sortura por **soltura** *s.f. Pop.* Diarreia; evacuação frequente de fezes amolecidas ou líquidas; fluxo de ventre. *Tem uma sortura que intê se parece com água de barrela* (12).

sumanta *s.f.* Grande quantidade de pessoas ou coisas; magote. *Os pilotos foram recebidos por uma sumanta de mulheres bruxas* (8). Do esp. platino *sumanta*.

surungo por **sorongo** *adj.* Bras. Tolo; perturbado, tonto. *Dançava surungamente* (3).

sustança por **substância** *s.f.* O que tem propriedades de força, vigor, resistência; o que é necessário à vida; o que alimenta. *As prantinha, quando botaro o oio de dentro das cova pra fora, foi memo pra mo’de crescê com sustança* (4). Do lat. *sub + stântia*.

suvandiia por **sevandilha** *s. f.* Chusma, bando de maltrapilhos, vadios, extraviados. *Apariceu uma suvandiia munto grande de muires bruxa* (2). Talvez do basco *sevandilia* ‘lagartixa’.

taboa *s.f.* Bras. Designação comum a ervas do gênero *Typha*, da família das tifáceas, com flores em espigas cilíndricas, que vegetam em brejos e margens de rios; tabua. *cesta de folhas de taboa* (3). Origem obscura.

taiar por **talhar** *v.t.d.* Dar ou fazer talho(s) em; cortar. *Casamento e mortaia, minha rica prima, é só no céu que se taia* (14). Do lat. *taleare* ‘cortar’.

taroco e **tarouco** *adj.* Idiota, apatetado, zonzos. *deixou taroco da cabeça o coitado* (23). Origem obscura.

taxante *adj.* Que não admite contestação; taxativo. *diagnóstico bruxólico taxante da benzedeira* (13). Do lat. *taxare* ‘arguir, avaliar’.

terno de reis *loc.m.* Festejos em homenagem aos Reis Magos (Mateus, 2:1), durante os quais um grupo de foliões, batendo de porta em porta e cantando versos ao som de (três) instrumentos, pede donativos. *Foram acompanhar um terno de reis que andava alegrando a comunidade com seus cânticos natalinos* (4).

tibinga *s.m.* Bras. Demônio, diabo. *Ele vai é acabá ficando malivisto pelo povo daqui pro mo’daqueles disarado do tibinga* (21). Origem obscura.

tinioso *s.m.* Que tem ou apresenta tinha; diabo. *disputá o novelo do mando qu’o tinioso entregô pra ela* (1). De *tinha* + *-oso*.

tipitim por **tipiti** *s.m.* Bras. Cesto cilíndrico de palha no qual se põe a mandioca que se vai espremer. *Encontrei balaios, samburás, tipitins, jacas* (23). Do tupi *tepi’ti*.

tipioia /ó/ *s.f.* Lenço ou tira de pano que se prende ao pescoço para descansar braço ou mão doente. *Ela apareceu com o braço esquerdo amparado numa tipioia* (20). Origem obscura.

tosco /ô/ *adj.* Não lapidado, bronco, rude. *tosca marosca* (3). Do lat. *tuscus* ‘vil’.

trabuzana *s.f.* Tempestade, tormenta; rolo, briga; confusão. *Me conta logo essas trabuzana do Diabo, minha santa!* (12). Origem obscura.

transato /za/ *adj.* Que passou; anterior; pretérito. *Há uns anos transatos* (21). Do lat. *transactum*, de *trans* + *ágere* ‘ultrapassar’.

trasgo *s.m.* Demônio caseiro que supostamente derruba objetos, móveis, louças, vidros, faz ruídos e outras diabruras; diabrete, duende. *As pessoas viram, no trasgo, algum mau presságio* (23). Origem obscura.

trempe *s.f.* Conjunto de três pessoas reunidas para o mesmo objetivo ou por interesse comum. *Encontrava-se uma trempe formada por três velhas* (15). Do lat. *tripes* ‘tripé’.

trempeiro *adj.* Pertencente ou relativo a uma trempe. *Afirmam as comadres trempeiras que o peixe morre pela boca* (15).

trempo por **trempe** *s.f.* Aro de ferro com três pés usado para apoiar painéis sobre fogo; tripé. *aquecendo-se ao pé do fogo de fogão de trempo de ferro* (9).

tresantonte por **trasantontem**, de **transanteontem** *adv.* O dia que precedeu o de anteontem; três dias atrás. *Já temo a mandioca cortada desde tresantonte* (3). Do lat. *trans-* > *tras-* > *tres-* ‘além de, para lá de; depois de’ + *ontem*.

tresjurar *v.t.d.* Jurar por várias vezes (neste caso de etimologia popular, por três vezes), para significar verdade incontestável. *Ele ficou possesso e tresjurô que ia se vingá* (22).

tresjuro *s.m.* Ato de jurar por várias vezes. *A resposta veio afirmativa com juros e tresjuros, isto é, como verdade verdadeira* (3).

trombeteira *s.f.* *Bras.* Designação de dois arbustos ornamentais da família das solanáceas. *estava preparando uma barrela com folhas de trombeta* (18).

tugir *v.int.* Falar baixinho; dar sinal de si. *Não tugia nem mugia* (3). Origem obscura.

tureba s.m. Pop. Indivíduo valentão. *Vô exorcizá esse tureba que andô brigando a facção com as cosa espirituáli dos otro praneta* (3). Talvez palavra expressiva.

turra s.f. Desavença; cabeçada; ataque. **Andar às turras (e caturras)** loc.adv. Em briga, em colisão, em conflito. *A Chica do Zé Jacá há muito que andava às turras e caturras com as mulheres bruxas da Ilha* (18). Origem onomatopaica.

ultra prep. Partidário de ideias muito avançadas ou radicais; extremista. *Ligaram os aparelhos linguarudos da falação e os dos captadores “ultra tu soubeste?”* (5). Do lat. *ultra* ‘para além de, mais longe’.

umbrático adj. Sem luz, escuro, sombrio, umbroso. *As bruxas recebem automaticamente o seu efeito umbrático* (6). Do lat. *umbraticus* ‘obumbrado’.

undívago adj. Que anda ou navega nas ondas. *O homem vê as bruxas metamorfoseadas em ninfas undívagas* (6). Do lat. *undívagus*.

urdideira s.f. Nos teares manuais, o conjunto de duas peças paralelas e verticais, munidas, em geral, de pregos de madeira ou de ganchos de ferro, destinados a dispor os fios da urdidura. *Colocou a isca do casamento na armadilha que havia enlizado na urdideira do seu pensamento* (14). De *urdir* + *-deiro*.

varar v.intr. Passar certo tempo fazendo algo. *esses dotore de falação às vez varo por aqui à pricura de voto de enleção* (14). Do lat. *varare* ‘transpor rio’.

vau s.m. Local raso de um rio, mar, lagoa, por onde se pode passar a pé ou a cavalo. *uma pescaria de tarrafa a vau na pancada da maré* (12). Do lat. *vadus* ‘lugar onde se pode passar a pé’, correlato de *vádere* ‘caminhar, avançar’.

voga *s.f.* Ato de deslocar-se sobre a água impelido com o auxílio de remos. **Remo de voga** *loc.m.* Remo que se usa com apoio da remadeira ou nos toletes e que tem a função de fazer a embarcação avançar. *um monstro bruxólico que manejava o remo de voga* (9).

zabanero por **zabaneiro** ou **zavaneiro** *adj.* Despudorado; desavergonhado. *essas bruxa zabanera nunca mági vão botá as mão suja de veneno por riba do corpo daqueles dôs inocente* (5). Origem obscura.

zarioio por **zarolho** /ô/ *adj. Bras.* Que não tem um olho, ou é cego de um olho; estrábico, vesgo. *cavalo zarolho* (11); *muié zarioia* (14). Forma arbitrária, com base em *olho*.

zuarite *s.m.* Tecido de algodão azul, preto ou vermelho; mescla de algodão encorpado, rústico, com fios brancos e azuis; azulão. *Usava uma calça de brim zuarite* (23). Talvez do hol. *Zwaard* 'preto'.



ANEXO A

Transcrição do texto de Franklin Joaquim Cascaes, datado de 24 de junho de 1981, dia em que assinou o termo de doação do seu acervo à Universidade Federal de Santa Catarina

Nesta hora desejo estender os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que me auxiliaram culturalmente para o êxito do trabalho que ora passo, em doação, ao poder da Universidade Federal de Santa Catarina, pedindo que o acervo seja amparado em abrigo adequado para a finalidade a que ele se destina, que é a tarefa de educar.

Os meus agradecimentos: aos saudosos amigos e colaboradores professor doutor Oswaldo Rodrigues Cabral, desembargador Henrique da Silva Fontes, dom Joaquim Domingues de Oliveira, dom Felício de Vasconcellos, monsenhor Frederico Hobold, padre doutor Itamar Luiz da Costa, jornalistas Martinho Callado Júnior e Jairo Callado; ao ex-governador Jorge Lacerda; ao major Orion Prates, major Idelfonso Juvenal; aos jornalistas Rubens de Arruda Ramos e Adolfo Ziguelli; ao desembargador Érico Torres; à professora Cora Batalha da Silveira; ao almirante Carlos Carneiro; aos meus ex-professores Manoel Lamin, Arquimino Silva, Alexandre Godin, Manoel Marin Portela; à minha querida esposa Elizabeth Pavan Cascaes e a tantos outros, de saudosa memória.

Meus agradecimentos também: aos jornalistas João Frainer, Doralécio Soares, Nazareno Coelho, Acy Cabral Teive, Dakir Polidoro, Rui Diniz Neto; aos professores Silvio Coelho dos Santos, Nilton Severo da Costa, Alroíno Balthazar Eble, Anamaria Beck, Luiz Carlos Halfpap, Walter Fernando Piazza,

Nereu do Valle Pereira, Murilo Pirajá Martins, Hamilton Savi; ao funcionário e secretário do Museu de Antropologia Pedro Geraldo Batista; ao ex-reitor Roberto Mündell de Lacerda; ao ex-governador Antônio Carlos Konder Reis; ao ex-reitor Caspar Erich Stemmer; ao magnífico reitor professor doutor Ernani Bayer; aos professores Edmundo Acácio Moreira e George Agostinho da Silva; ao ex-prefeito Esperidião Amin Helou Filho; ao amigo Luiz Paulo Peixoto; ao meu irmão Romeu Cascaes; à Câmara de Vereadores de Florianópolis; aos professores Plínio de Freitas, Alice Luz, Benta Francisca Domingues, Olga Brasil; à Fundação Catarinense de Cultura; aos pescadores e agricultores da Ilha de Santa Catarina, que foram os meus mestres; aos turistas nacionais e estrangeiros; aos estudantes, professores em geral e aos funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina; aos radialistas da Rádio Santa Catarina, Rádio Guarujá, Diário da Manhã e Rádio A Verdade; aos jornais *A Gazeta*, *O Estado*, *Jornal de Santa Catarina* e *Correio do Povo* de Porto Alegre; às emissoras TV Cultura, TV Eldorado e TV Catarinense; ao museólogo Gelci José Coelho, que hoje é o meu braço direito para a continuação desta obra que levamos a bom termo. Os meus sinceros agradecimentos ao povo que representa, nesta obra, o grande valor cultural e espiritual desta Nação.

A todos, meu muito obrigado.

ANEXO B

Mapa das povoações da Ilha de Santa Catarina



• • •

Este livro foi editorado em Chaparral Pro. Títulos em TheSans.
Miolo em papel *offset* 90g; capa em cartão supremo 250g. Impresso
na Gráfica e Editora Copiart em sistema de impressão *offset*.

Repertório:

obras que ajudarão o leitor a compor uma biblioteca essencial.



9 788532 806079